



# +2001 RESPOSTAS

PARA O SEU ENRIQUECIMENTO ESPIRITUAL E CULTURAL

**DE ABRAÃO  
ALMEIDA**



# + 201

## RESPOSTAS

PARA O SEU ENRIQUECIMENTO ESPIRITUAL E CULTURAL

**ABRAÃO  
DE ALMEIDA**

**+201**  
**RESPOSTAS**

PARA O SEU ENRIQUECIMENTO ESPIRITUAL E CULTURAL

1ª Edição



Rio de Janeiro  
2014

Todos os direitos reservados. Copyright © 2014 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Verônica Araujo

Capa: Jonas Lemos

Projeto gráfico e editoração: Fagner Machado CDD: 220.6 - Bíblia – Crítica e interpretação

ISBN: 978-85-263-1152-7

eISBN: 978-85-263-1277-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site:

<http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição - Fevereiro de 2014

Tiragem: 3.000 exemplares

# PREFÁCIO

## Ao livro 201 Respostas

Vivemos em dias difíceis, quando convivem extremismos em questões menores e indefinições em doutrinas fundamentais. Há tanta gente criando ideias e doutrinas estranhas extravagantes, quando, ao mesmo tempo, doutrinas centrais da fé perdem seu lugar de destaque em muitos círculos eclesiais. A verdade é que o ambiente evangélico do mundo contemporâneo, e não só o brasileiro, sofre pela necessidade urgente de líderes preparados, firmes na fé, sensatos, moderados e sábios.

Na minha experiência transdenominacional, posso dizer com tranquilidade que um dos raros exemplos de experiência, humildade, persistência, espiritualidade e dedicação acadêmica é o Pr. Abraão de Almeida, servo de Deus que tanto tem abençoado as Assembleias de Deus bem como todo o universo denominacional da Igreja de Cristo. Com o privilégio de conhecê-lo já há quinze anos, afirmo que cresce meu respeito e admiração por esse grande amigo.

A obra *201 Respostas* representa o resumo de uma pesquisa sobre os assuntos mais relevantes da vida cristã e do mundo contemporâneo. Os temas são fundamentais e absolutamente necessários. Merecem destaque os temas como família, homossexualismo, suicídio e religiões, seitas e ocultismo entre todos os que são abordados na obra. Com certeza, muitas das dúvidas e incertezas do leitor serão contempladas nas *201 Respostas*, para que a vida pessoal do leitor seja edificada e o torne preparado para auxiliar a outros.

Escrever para ensinar não é nada fácil. Há certos temas que exigem erudição e pesquisa técnica detalhada: É o caso de filosofia e teologia. Já outros temas só podem ser de fato discutidos por quem tem experiência na área. Ninguém quer ser operado por um cirurgião que apenas leu muito, mas nunca fez uma só cirurgia. Além disso, quanto mais delicado for um tema, mais se exigirá do autor uma abordagem cuidadosa e equilibrada, que não poderá deixar de lado “o tato” e a maneira especial de lidar com as palavras.

A arte de escrever pastoral e teologicamente é como saber temperar uma comida bem saborosa. Quem é simplesmente técnico conhece apenas o valor nutritivo dos alimentos. O cozinheiro comum, sem experiência, domina a qualidade e o tamanho dos ingredientes, bem como a sequência do preparo do prato a ser servido. O mestre, porém, é diferente. Ele sabe o ponto exato de tudo, conhece segredos que ninguém sabe, e o seu elemento diferencial está na arte de preparar um prato de sabor intraduzível, o que se confirma no momento da refeição.

Convidamos a todos que venham depressa. Com as *201 Respostas* prontas, anunciamos que os ingredientes estão diante de todos. Os assuntos aqui tratados são absolutamente necessários. Há proteína e vitamina de sobra. O mais importante, porém, é que o preparo foi meticulosamente feito pelo mestre Abraão de Almeida. Com o *menu* em minhas mãos, sou apenas o garçom.

Diante de tudo que já foi descrito e avaliado, só nos resta dizer o seguinte: Bom Apetite.

*Luiz Sayão* Teólogo, linguista, tradutor da Bíblia, hebraísta.

# SUMÁRIO

Prefácio ao Livro *201 Respostas*

Introdução

1. O Livro dos Livros
2. Profecias
3. Bíblia & Ciência
4. História
5. Religiões, Seitas e Ocultismo
6. Defesa da Fé
7. Doutrinas Bíblicas
8. Filosofia
9. Tipologia
10. Homossexualismo
11. Suicídio
12. Família
13. Testemunhos
14. Temas Diversos

BIBLIOGRAFIA

# INTRODUÇÃO

**A**o longo de décadas no ministério pastoral e de ensino tenho sido confrontado com perguntas feitas principalmente por jovens crentes, em geral os mais desafiados a justificarem de muitas formas a sua fé em Deus e nas Escrituras Sagradas.

As dúvidas se justificam pelo atual clima de insegurança e incerteza da época em que vivemos, caracterizada, por um lado, pelo espantoso avanço da ciência nas mais diferentes áreas do conhecimento humano, e por outro, pela ousada capacidade de grupos religiosos e ideológicos radicais em promover atos terroristas de grande impacto até mesmo no coração de potências mundiais, como Nova York, Washington, Madri e Londres, sem mencionar o conturbado Oriente Médio.

Mas, mesmo pondo de lado o contexto sociocultural de nossos dias, em geral quem não tem dúvidas? Já dizia Rui que “quem não é curioso nada sabe”.

Este livro tem o propósito de ser uma resposta às questões levantadas por muitos. *Foi ou não Samuel quem apareceu a Saul em En-Dor? Como está o prestígio da Bíblia nesta era nuclear? É o homossexualismo um pecado ou uma doença? Por que é tão alto o índice de suicídios em ricas nações do primeiro mundo?*

Questões como essas são seguidas por outras, como: *Que tipo de influência exercem os pensadores antigos e modernos no comportamento social de hoje? Que profecias ainda devem ser cumpridas antes do arrebatamento da igreja? O que vêm a ser o pós-milenismo e o pré-milenismo? Passará a igreja pela grande tribulação? Qual dos líderes religiosos de nosso tempo será o Anticristo? Por que o número da besta está se tornando tão popular em nosso tempo? Que poder de destruição possuem as armas nucleares?*

E claro que não tenho todas as respostas, mas posso ajudar. Por isso apresento neste livro duzentas e uma respostas a diferentes perguntas, muitas delas feitas por mim mesmo em minha caminhada de fé. Assim como fui

ajudado pelas respostas que encontrei, creio que os meus leitores igualmente serão ajudados pelas respostas que apresento aqui.

Saliento, porém, que pelo fato de eu haver limitado ao mínimo o espaço destinado a cada resposta, esta obra não substitui, de modo algum, os meus livros que circulam no mercado editorial. Nesses livros as respostas que aqui apresento são muito mais amplas. Eis alguns desses títulos: *Manual da Profecia Bíblica; Israel, Gogue e o Anticristo; O Tabernáculo e a Igreja; Há uma Luz no Caminho; Teu é o Reino; A Reforma Protestante; O Sábado, a Lei e a Graça; História da Igreja Cristã; Teologia Contemporânea; Apologia da Fé Cristã* e outros.

Muitas das respostas que aqui apresento, entretanto, não fazem parte de nenhum de meus livros que ainda circulam ou já estão esgotados. São elas o fruto do meu ministério mais recente no campo do ensino teológico no Brasil, nos Estados Unidos, na Europa e em outras partes do mundo.

*Abraão de Almeida*

# CAPÍTULO 1 O LIVRO DOS LIVROS

## Em que sentido a Lei é santa?

Caro leitor, a palavra *torah*, como característica da Lei propriamente dita, ocorre mais de 500 vezes no Antigo Testamento, significando ensino, instrução. Sua autoridade e santidade é indiscutível em virtude da sua emanção superior, ou seja, do próprio Deus, como nesta passagem: “Vindo pois Moisés, e contando ao povo todas as palavras do Senhor, e todos os estatutos, então o povo respondeu a uma voz, e disseram: Todas as palavras que o Senhor tem falado, faremos” (Êx 24.3).

Pelo fato de originar-se em Deus, a Lei reveste-se de santidade e graça, assim como Deus é santo e misericordioso. A Bíblia enfatiza a bondade divina e revela que a Lei não deixa de ser uma graça do alto, mas também afirma que todo homem é pecador e que ninguém conseguiu cumprir a Lei.

Nos tempos do Antigo Testamento não se conhecia nenhuma divisão entre leis profanas e religiosas, ou entre mandamentos morais e cerimoniais. A *torah* era um todo, abarcando toda a vida da nação e de cada indivíduo. Para isso alternam-se os tratamentos vós e tu, declarando como válidos e verdadeiros todos os preceitos nela contidos tanto para o povo como para o indivíduo.

Por outro lado, a Lei, como a primeira divisão das Escrituras, ou seja, o Pentateuco, é predominantemente negativa. De suas 613 ordenanças, 365 são proibições, segundo revelam os rabinos israelitas. É o caso do decálogo, onde oito dos Dez Mandamentos são iniciados por um “não”.

A unidade da Lei aparece no Novo Testamento de forma eloquente, mesmo quando se faz alusão à divisão tripartite das Escrituras hebraicas: “na lei de Moisés, nos profetas, e nos Salmos”, onde “Lei” são os cinco primeiros livros bíblicos, escritos por Moisés. Em outras passagens, “Lei” e “Lei e profetas” referem-se a todo o Antigo Testamento, como sendo a máxima expressão da imperativa vontade divina para o seu povo, Israel.

**Em se tratando especialmente do Pentateuco, é flagrante a impossibilidade de se distinguir duas leis — uma moral e outra cerimonial, uma cumprida por Cristo e outra a ser cumprida por nós — sem torcer violentamente todo o ensino neotestamentário, e sem trair o princípio divino da justificação pela fé, como ele nos é apresentado em toda a Bíblia. Jesus e os escritores do Novo Testamento citam passagens de todo o Pentateuco, além de outros livros do Antigo Testamento, designando-os de “Lei”.**

**O apóstolo Paulo ensina que “as mulheres estejam... sujeitas, como também ordena a Lei”, e aponta Gênesis. Aos romanos, escreve: “Se a Lei não dissesse: não cobiçarás...”, referindo-se a Êxodo e Deuteronômio. Jesus, ao ser interrogado acerca do grande mandamento da lei, citou Levítico e Deuteronômio.**

**Portanto, segundo o Senhor Jesus e o apóstolo Paulo, todos os livros do Pentateuco são “Lei”, não fazendo eles nenhuma distinção entre mandamentos cerimoniais e morais. Também não fazem, nem Jesus nem os apóstolos, quaisquer alusões ao decálogo como sendo a parte mais importante da Lei. Se existe alguma alusão, é a que fez Jesus a Levítico e Deuteronômio pelo fato de conterem estes livros o maior de todos os mandamentos.**

## **A guarda do sábado semanal é ou não é obrigatória hoje?**

Meu prezado leitor, como integrante da Lei, o sábado foi cumprido por Cristo, que o cravou na cruz, conforme afirma a Escritura: “Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz.

Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo” (Cl 2.14-16).

Os sábados, inclusive o semanal, como é evidente, não pertence à nova dispensação, não foi ordenado nem por Jesus nem pelos apóstolos, pois era apenas um sinal entre Deus e Israel, conforme Ezequiel 20.10-12.

Acusado pelos judeus de violação do sábado, Jesus afirmou que o “sábado foi feito por causa do homem”, e que ele até do sábado é Senhor”. Assim, por um lado Jesus defende o princípio moral do quarto mandamento do decálogo, que é a necessidade humana de se descansar um dia em cada sete, valendo para esse fim qualquer deles; e, por outro lado, ao condenar o cerimonialismo que cercava o guarda do sábado, revela sua autoridade divina sobre esse sétimo dia para cumpri-lo, aboli-lo ou mudá-lo.

O autor da Carta aos Hebreus escreveu que os israelitas não puderam entrar no repouso de Deus por causa da sua incredulidade. E conclui: “Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus”. O sábado da lei, como sombra das coisas vindouras, prefigurava o descanso espiritual que encontramos, pela fé, em Cristo, que disse: “Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso”.

O pastor Ricardo Pitrowski, na obra *O Sabatismo à luz da Palavra de Deus*, relaciona testemunhos comprobatórios de que a instituição do domingo, como dia de descanso, não partiu do Papa.

Acerca do concílio de Laodiceia, realizado em 364, local e data apontados pelo sabbatismo como sendo os da mudança da guarda do sábado para a guarda do domingo, afirma a mencionada obra que o bispo de Roma não esteve presente nem foi representado. Apenas 32 pastores (ou bispos) da Ásia Menor

compareceram àquela reunião, cujo objetivo não foi outro senão disciplinar pequenas questões locais.

É importante salientar aqui que nesse tempo o bispo de Roma ainda não possuía nenhuma autoridade sobre outras igrejas, e mesmo uns duzentos anos mais tarde sua influência ainda era nula no Oriente. E mais: Laodiceia não é Roma, não fica na Europa e não é cidade latina!

Portanto, fazer do papa ou do papado a primeira besta e da guarda do domingo o seu sinal, é torcer violentamente tanto os fatos históricos como os ensinamentos claros das Escrituras Sagradas.

## Quando devemos tomar as palavras da Bíblia em sentido literal ou em sentido figurado?

Meu caro leitor, as palavras que se quer compreender devem ser entendidas levando-se em conta o sentido do contexto, isto é, os versículos, ou versos, que vêm antes e os que vêm depois delas.

Às vezes sucede que não basta o conjunto de uma frase para determinar o verdadeiro significado de certas palavras. Portanto, e em tal caso, devemos começar mais acima a leitura e continuá-la até mais abaixo, para levar em conta o que precede e segue a expressão que nos parece obscura. Exemplos: Diz o apóstolo Paulo: “Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo” (Ef 3.4). O que significa a palavra *mistério*? Pelos versículos anteriores e posteriores, verificamos que *mistério* se aplica aqui à participação dos gentios nos benefícios do evangelho. Encontra-se a mesma palavra em sentido diferente em outras passagens, sendo necessário, em cada caso, o contexto para determinar o significado exato.

Às vezes uma palavra obscura é aclarada no contexto por um sinônimo, ou ainda por uma palavra oposta. Assim, a palavra *aliança*, em Gênesis 9.17, se explica pelo vocábulo *promessa* que aparece no final do mesmo versículo. Assim também encontram explicação as palavras difíceis *enraizados e edificados* pela expressão *firmados na fé* que vem logo em seguida às mesmas.

“O salário do pecado é a morte”, diz o apóstolo Paulo. O sentido profundo dessa expressão faz ressaltar de uma maneira vívida a expressão oposta que a segue: “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna”. Outro tanto sucede em relação à fé, quando João diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”, pintando ao vivo a palavra *crer* pela expressão oposta: “o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”.

Às vezes, uma palavra que expressa uma ideia geral e absoluta deve ser tomada em sentido restritivo, segundo determine alguma circunstância especial do contexto, ou melhor, o conjunto das declarações das Escrituras em assuntos de doutrina. Quando Davi, por exemplo, exclama: “Julga-me Senhor, conforme a minha justiça”, o contexto nos mostra que Davi só proclama sua justiça em oposição às calúnias que Cuxe, o benjamita, levantara contra ele (Sl 7.8).

Falando do cego de nascimento, disse Jesus: “Nem ele nem seus pais pecaram”. De modo nenhum afirma Jesus que os pais do cego não haviam

pecado, pois há no contexto uma circunstância que limita o sentido da frase. O cego não sofria daquele mal em consequência de seus próprios pecados ou dos pecados de seus pais, como erroneamente supunham os discípulos (Jo 9.3).

Chamando Jesus ao vinho *sangue da aliança*, compreendemos pelo contexto que a palavra *sangue* deve ser tomada em sentido figurado, desde o momento que Jesus, no dito contexto, volta a chamar ao vinho de *fruto da videira*, embora o tivesse abençoado. Daí vemos, além disso, que não vem de Jesus o ensino da transformação do vinho em sangue verdadeiro de Cristo, como pretendem os que fazem caso omissivo do contexto, deturpando as Escrituras para sua própria perdição (Mt 26.27,29).

## **É importante saber o desígnio do livro bíblico para entender o significado de algumas palavras da Bíblia?**

Prezado leitor, percebe-se o objetivo ou desígnio de um livro ou passagem lendo e estudando o texto com atenção repetidas vezes. É preciso levar em conta a ocasião em que foi escrito e a que grupo de pessoas foi dirigido. Em outros casos o desígnio do livro ou passagem está expresso no próprio texto. Exemplos: o objetivo de toda a Bíblia está em Romanos 15.4 e 2 Timóteo 3.16,17. O dos Evangelhos está em João 20.31 e 2 Pedro 3.2, e os de Provérbios em 1.1,4.

Saber o desígnio ajuda a esclarecer textos que parecem contraditórios e ainda aprofunda o conhecimento de passagens que já são claras em si mesmas. Exemplos:

É evidente que as cartas aos Gálatas e aos Colossenses foram escritas na ocasião dos erros que, com grande dano, os judaizantes ou “falsos mestres” procuravam implantar nas igrejas apostólicas. Por conseguinte, estas cartas têm por desígnio expor com toda clareza a salvação pela morte expiatória de Cristo, contrariamente aos ensinamentos dos judaizantes, que pregavam as obras, a observância de dias e cerimônias judaicas, a disciplina do corpo e a falsa filosofia.

A cada passo encontraremos luz no estudo destas cartas para a melhor compreensão de passagens, mesmo sendo claras em si mesmas, se temos esse desígnio sempre presente. Leremos ao mesmo tempo com mais entendimento, por exemplo, os Salmos 3, 18, 34 e 51, levando em conta em que ocasião foram escritos, coisas que constam em seu respectivo cabeçalho. Outro tanto dizemos dos Salmos 120 até 134, intitulados “Cânticos de peregrinação”, se tivermos em mente que foram escritos para serem cantados pelos judeus em suas viagens anuais a Jerusalém.

Eis aqui a luz que oferece o desígnio para a explicação de um ponto obscuro, desígnio adquirido tendo em conta a condição de uma pessoa à qual se dirigiu Jesus. Quando um príncipe cegado pela justiça própria perguntou-lhe que bem deveria fazer para obter a vida eterna, Jesus lhe respondeu: “Guarda os mandamentos”. Porventura Jesus queria ensinar-lhe com esta resposta que a salvação se obtinha mediante a observância de mandamentos da Lei? Certamente que não, pois as Escrituras em toda a parte ensinam que a

vida eterna se adquire unicamente pela fé no Salvador.

Como explicar, pois, que Jesus lhe desse tal resposta? Tudo fica claro e desaparece qualquer dúvida, se observarmos o desígnio com que Jesus fala. Seu objetivo foi valer-se da mesma Lei e do mandamento novo de “vender tudo o que possuía“ para tirar o pobre cego de sua ilusão e levá-lo ao conhecimento de suas faltas para com a Lei divina e a um conseqüente arrependimento.

Jesus conseguiu o seu intento fazendo o moço compreender que não passava de um pobre idólatra de suas riquezas, pois nem mesmo o primeiro mandamento da Lei, de amar a Deus sobre todas as coisas, inclusive a riqueza, ele havia cumprido.

## **Como podemos eliminar algumas aparentes contradições da Bíblia, como a que existe entre Paulo e Tiago acerca da justificação?**

Meu caro leitor, considerando o desígnio da passagem bíblica, desaparecem as aparentes contradições. Paulo diz que o homem é justificado pela fé sem as obras, e Tiago afirma que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé. Como eliminar tal aparente contradição? Levando em conta o desígnio diferente que levam as cartas de um e de outro, Romanos 3.28 e Tiago 2.24.

Paulo combate e refuta o erro dos que confiavam nas obras da Lei Mosaica como meio da justificação, rechaçando a fé em Cristo. Tiago, por sua vez, combate o erro de alguns desordenados que se contentavam com uma fé imaginária, descuidando e rechaçando as boas obras. Daí que Paulo trata da *justificação do homem diante de Deus*, enquanto Tiago se ocupa da *justificação da fé diante dos homens*. Em outras palavras, Tiago procurou esclarecer que a fé salvadora se demonstra mediante boas obras.

O ato de ser justificado o homem criminoso à vista de Deus realiza-se tão somente pela fé no sacrifício de Cristo pelo pecado e sem as obras da Lei; porém, o ser justificado à vista do mundo, ou da igreja, realiza-se mediante obras palpáveis e “não somente pela fé”, que é invisível. “Mostre-me a sua fé sem obras”, desafia Tiago. Tal a exigência, também, das cartas de Paulo. Vemos, pois, que as pessoas são justificadas diante de Deus mediante a fé, e a nossa fé é justificada diante dos homens mediante as obras. Assim, concordam perfeitamente os dois apóstolos.

Outra aparente contradição, que também aclara o desígnio dos escritos correspondentes, encontramos nas cartas de Paulo. Ao dirigir-se aos gálatas ele se opõe à observância dos dias de festas judaicas, e na dirigida ao romanos não faz uma oposição definitiva a tal observância. Por quê? Simplesmente porque o objetivo geral da carta aos gálatas era resistir às doutrinas dos falsos mestres que haviam desviado aqueles crentes.

Esses mestres lhes haviam ensinado que, para a salvação, além de certa fé no cristianismo era preciso guardar práticas judaicas do Antigo Testamento, as quais em realidade atacam o fundamento da justificação pela fé, tornando nulo o sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

Muito diferente é o objetivo do apóstolo em Romanos 15.1-13. O texto procura estabelecer a paz perturbada entre um grupo de irmãos *fracos*,

convertidos do judaísmo, que criticavam os crentes mais firmes, e estes, por sua vez, desprezavam os fracos. Estes irmãos débeis, que se haviam imposto não comer carne nem beber vinho e que guardavam as festas judaicas, não se encontravam no grave perigo dos gálatas.

Assim é que o apóstolo menciona que uns consideram todos os dias iguais, enquanto outros observam certo dia com preferência a outro, afirmando que estes o fazem assim para o Senhor, sem opor-se direta e definitivamente a isso. É evidente que o apóstolo induz os fracos a avançar em seu critério, até ao ponto de abandonar a observância das festas judaicas.

## **É a Bíblia insuficiente em termos de fé?**

Caro leitor, muitos grupos heréticos surgiram por causa da crença de que a Bíblia não é a completa revelação de Deus. A característica básica desses grupos é juntar à Bíblia a sua própria literatura, que geralmente passa a ter valor igual e até superior à própria Palavra de Deus, como é o caso das obras de Ellen White, de Russel e de Joseph Smith.

Por que os reformadores do século dezesseis, saídos de dentro do catolicismo romano, afirmaram os princípios de somente a fé, somente a graça, somente a Escritura? Porque perceberam o quanto o romanismo se havia afastado da Bíblia e assimilado muitas doutrinas pagãs.

A partir do momento em que se admite a Bíblia como insuficiente em questões de fé e prática, admite-se também a falta de autoridade dela. Esta é outra fonte de heresias.

No caso do catolicismo romano, a autoridade oscilou das Escrituras para a igreja, da igreja para o concílio, e deste para o papa, que foi considerado infalível em 1870. Mas esse tipo de erro ocorre também a nível de pequenos grupos, como foi o caso de Jim Jones, que levou ao suicídio 913 de seus seguidores, em 1978, e de David Koresh, que teve fim parecido com o suicídio de 80 seguidores. Em ambos os casos, a autoridade final era o líder.

Modernamente, algumas comunidades cristãs estão admitindo novas revelações supostamente divinas. Um membro de uma dessas igrejas, ao saber que eu fazia parte de uma comissão tradutora da Bíblia, me perguntou se haveria nessa nova tradução muitas novas revelações! Para ele, a revelação contida na Bíblia já está ultrapassada.

O gnosticismo (do grego “gnose”, que significa conhecimento, ciência), é outro exemplo de juntar algo mais à Bíblia, que neste caso é a filosofia. O apóstolo Paulo preocupou-se com a presença de gnósticos na igreja de Colossos (Cl 1.9-23), e o apóstolo João referiu-se a eles em sua Primeira Carta: “E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo” (1 Jo 4.3).

Dizendo-se possuidores de um profundo conhecimento espiritual, os gnósticos reduziram o cristianismo a um sistema filosófico ao basearem suas pretensões numa interpretação perversa de 1 Coríntios 2.6-8: “Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos

a sabedoria de Deus, em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória”.

Os gnósticos opunham-se à simplicidade da fé crista. Consideravam-se pensadores profundos e tentavam explicar, mediante as suas filosofias, os mistérios da criação e o problema do mal. Para eles havia três tipos de pessoas: os instruídos, ou espirituais, que eram eles mesmos; os cristãos comuns, em quem se equilibram matéria e espírito, e, finalmente, os pagãos, ou materiais, nos quais o espírito é subjugado pela matéria.

## Quais e o que são os chamados livros históricos da Bíblia?

Meu caro leitor, os hebreus denominavam de *primeiros profetas* os livros Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, considerando-os, porém, como quatro. Eles contrastam esses livros com os *últimos profetas*, que eram Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze Profetas Menores, também considerados como quatro livros.

Os termos *primeiros* e *últimos* não se referem necessariamente à sua cronologia histórica, mas ao primeiro e segundo grupo de livros. Os primeiros fornecem o cenário histórico aos últimos.

A designação desses livros históricos como “profetas” enfatiza o fato de que apresentam uma história religiosa ou com um objetivo religioso. Os primeiros profetas são históricos; os últimos, exortativos.

É interessante observar que Jesus, na parábola dos lavradores maus, que vem a ser a história resumida de Israel, menciona que o proprietário da vinha enviou seus servos em dois grupos, os primeiros e os últimos. Afirma a Bíblia que “os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que ele falava a seu respeito” (Mt 21.45).

A denominação de *históricos* classifica em geral os doze livros de Josué a Ester. Diferem dos livros de Moisés, os quais também são históricos quanto à ênfase fundamental.

O Pentateuco traça a história redentora desde a criação até a morte de Moisés, mas dá destaque à aliança e aos alicerces legislativos de Israel. Os livros históricos, por outro lado, dramatizam o movimento histórico da nação durante toda a sua história na Palestina. Embora contenham temas religiosos e interlúdios exortativos (vários ciclos de juízes e profetas), a investida maior é no desenvolvimento histórico de Israel.

*Sua autoria.* Todos os doze livros históricos são anônimos, em contraste com os últimos profetas, todos identificados. Foram visivelmente escritos ou compilados por vários indivíduos que possuíam o dom profético.

Quatro desses são geralmente considerados como tendo como autores principais: Josué, Samuel, Jeremias e Esdras. Este último com o auxílio editorial do sumo sacerdote Eleazar, além dos profetas Natã e Gade.

É evidente que Jeremias foi auxiliado na compilação de Reis pelo seu secretário, Baruque. Na maioria dos casos, foram aproveitados nesses livros vários documentos e crônicas, usados sob a orientação do Espírito Santo pelos

autores ou compiladores.

*Movimento histórico.* Estes livros registram a história de Israel desde a ocupação da Palestina sob a liderança de Josué, passando pelas apostasias que levaram o povo a ser expulso pelos assírios e babilônios, até a restauração parcial pelos persas. O período cobre cerca de 1000 anos, de 1405 até 425 a.C.

Estes livros dão a estrutura histórica ao restante do Antigo Testamento até a época de Neemias e Malaquias. Vão de Moisés, o legislador, até Esdras, mestre da lei. As palavras finais de Moisés em Deuteronômio 28—30 constituem uma introdução excelente aos livros históricos. Ou, digamos, os livros demonstram exatamente o que Moisés disse naqueles capítulos sobre o que seria feito pelo Senhor no caso de serem ou não obedientes.

## O que é a hermenêutica?

Meu caro leitor, a hermenêutica é uma das ciências que o pregador deve conhecer de primeira mão. O dicionário comum a define como sendo a “arte de interpretar textos”. A hermenêutica bíblica, porém, é parte da teologia exegética, ou seja, a que trata da reta inteligência e interpretação das Escrituras bíblicas. O termo vem do grego: *hermenevein*, que significa interpretar.

A importância dessa ferramenta está no fato de que, como o próprio apóstolo Pedro admite, a Bíblia contém “certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras para a sua própria destruição”.

Esses ignorantes, pretensos doutos, sempre se têm constituído em heresiarcas ou falsos, desde os falsos profetas da antiguidade até os papistas, russelitas, sabatistas e outros, da era cristã. Qualquer pregador que ignora esta importante ciência da hermenêutica se encontrará muitas vezes perplexo, e poderá facilmente cair no erro de Balaão e na contradição de Coré.

A arma principal do soldado de Cristo é a Escritura, mas se desconhece seu valor e ignora seu uso legítimo, que tipo de soldado será?

A Bíblia testifica de si mesma como sendo “divinamente inspirada, útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. A Escritura tem por objetivo fazer o homem “sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15,16).

Por isso a Bíblia fala com simplicidade e clareza. De fato, ao lermos o Novo Testamento, encontramos em cada uma de suas páginas grandes princípios e deveres cristãos expressos em linguagem simples e clara, evidente e palpável. A espiritualidade e santidade de Deus são enfatizadas em cada texto, ao mesmo tempo que a espiritualidade e o fervor demandam a adoração.

A Palavra de Deus nos apresenta tanto a queda e corrupção do homem — com a sua conseqüente necessidade de arrependimento e conversão — quanto também a remissão dos pecados e a salvação em Cristo Jesus, tudo pelos méritos dele. A mesma Bíblia que fala da vida eterna pela fé em Jesus, também fala da morte eterna dos que não creem no Salvador.

A cada passo da Bíblia aparecem os deveres cristãos em todas as circunstâncias da vida e as promessas de ajuda do Espírito de Deus no

combate à corrupção e ao pecado. Tais verdades brilham como a luz do dia, de sorte que nem o leitor mais superficial e indiferente deixará de notá-las.

Quando Deus inspirou homens santos para que a Bíblia fosse escrita, a linguagem utilizada foi a mais simples e acessível aos povos daquela época, de acordo com seus costumes milenares, os quais, ao longo dos séculos, sofreram profundas modificações. Como em outros países tais costumes nunca existiriam, nada mais natural, pois, que contenham as Escrituras pontos obscuros, palavras e passagens que requerem estudo e cuidadosa interpretação.

Assim, considerando ainda que a Bíblia foi escrita em países distantes e diferentes do nosso, em diferentes épocas, há centenas e até milhares de anos, necessitamos da hermenêutica para interpretar corretamente a sua mensagem.

## **Em que sentido a Bíblia é explicada pela própria Bíblia?**

A Bíblia, caro leitor, não é de “particular interpretação”; ela é a sua própria intérprete. É esta a regra fundamental de interpretação da Palavra de Deus.

O primeiro a interpretar a Palavra de Deus foi o diabo, no Éden, dando-lhe um sentido que ela não tinha, deturpando astutamente a verdade. Infelizmente obteve o seu intento, para desgraça da humanidade. Mais tarde, no deserto da Judeia, o mesmo inimigo novamente mudou o sentido da Palavra escrita, truncando-a, isto é, citando a parte que lhe convinha e omitindo a outra. Desta vez foi derrotado pelo Cristo, para felicidade da raça humana.

Imitadores conscientes e inconscientes têm surgido para perpetuar este procedimento diabólico, enganando a humanidade com falsas interpretações das Escrituras.

Por ignorar ou mesmo violar esse princípio de que a Bíblia é interpretada por ela mesma é que muitos têm incorrido em funestos erros. Fixando-se em palavras e versículos arrancados de seu contexto, e não permitindo à Escritura explicar-se a si mesma, encontraram os judeus aparente apoio nela para rejeitar a Cristo.

Procedendo de maneira semelhante, alguns encontram aparente apoio na Bíblia para o erro do papado e das matanças a ele relacionadas, para não falar da Inquisição e outros erros do mesmo estilo. Da mesma maneira os espíritas acham aparente apoio na Bíblia para a sua errônea doutrina da reencarnação; os comunistas, para a sua doutrina da repartição dos bens; os russelitas, os sabatistas, os mórmons, etc., para seus erros blasfemos.

Os comunistas, por exemplo, com sua ideologia baseada no ódio e nunca no amor, são totalmente opostos aos princípios cristãos. Enquanto o cristão diz: “o que é meu é teu”, o comunista diz: “o que é teu é meu”.

Os sabatistas, por sua vez, torcendo a Bíblia, tentam provar que os cristãos precisam guardar os Dez Mandamentos, afirmando que estes são a lei moral de Deus, ao passo que os demais mandamentos do Antigo Testamento são a lei cerimonial, que Jesus cumpriu na cruz. Em meu livro *O Sábado, a Lei e a Graça* analiso e refuto terminantemente tais argumentos.

Devido a abusos desse tipo, diz-se que na Bíblia se prova o que se quer. A má vontade, a incredulidade, a preguiça no estudo, o apego a ideias falsas e mundanas, e a ignorância das regras de interpretação, permitem que se prove na Bíblia qualquer erro. No entanto, a Bíblia jamais aprovará nenhum dos

erros que os homens inventam.

A Bíblia possui autoridade divina, e como tal deve ser respeitada e reverenciada. Não deve ser lida com ideias preconcebidas, como que buscando nela apoio. Deve-se deixar que ela fale livremente, liberando sua mensagem.

Assim, não é estranho que nos eminentes escritores da antiguidade se encontrem afirmações como estas: As Escrituras são seu melhor intérprete. Compreenderás a Palavra de Deus melhor que de outro modo, comparando uma parte com a outra, “comparando o espiritual com o espiritual” (1 Co 2.13). Isso equivale a usar a Escritura de tal modo que venha a ser ela seu próprio intérprete. Esta é a regra das regras.

## **As palavras da Bíblia devem ser tomadas, tanto quanto possível, em seu sentido usual e comum?**

Os escritores das Sagradas Escrituras escreveram, naturalmente, com o objetivo de serem compreendidos. Por isso valeram-se de palavras conhecidas e as usaram no sentido que elas geralmente tinham. Averiguar e determinar qual seja este sentido usual e ordinário deve constituir, portanto, o primeiro cuidado na interpretação das Escrituras.

Esta regra é extremamente natural e simples, porém da maior importância, pois, ignorando-a ou violando-a, muitas partes da Escritura não teriam outro sentido senão aquele que queira conceder-lhe o capricho humano.

Por exemplo, houve quem imaginasse que as ovelhas e os bois mencionados no Salmo 8 seriam os crentes, enquanto as aves e os peixes seriam os incrédulos; concluía-se, em consequência, que todos os homens, não obstante seu livre arbítrio, estariam submetidos ao poder de Cristo.

Se tivesse sido levado em conta o sentido usual e comum das palavras, não teriam caído em semelhante erro. Em meu livro *Lições da História que não podemos esquecer*, editado pela Editora Vida, relaciono grande número de inovações doutrinárias que ao longo dos séculos foram aceitas pelo catolicismo romano como tendo apoio na Bíblia.

Portanto, deve-se ter sempre em mente que o sentido usual e comum não equivale sempre ao sentido literal. Em outras palavras, o dever de tomar as palavras e frases em seu sentido comum e natural não significa que sempre devem ser tomadas assim ao “pé da letra”.

Como se sabe, cada idioma tem suas expressões próprias e peculiares, e tão singulares que, se traduzidas literalmente, perdem a sua força ou ficam completamente sem o seu sentido real e verdadeiro. Esta circunstância aplica-se mais à linguagem das Escrituras do que a qualquer outro livro, pois a Bíblia está cheia de tais expressões próprias e peculiares.

Os escritores sagrados não se dirigem a certa classe de pessoas privilegiadas, mas ao povo em geral; portanto, não se servem de uma linguagem científica ou técnica, mas figurada e popular. Precisamos ter isso tudo em mente para podermos determinar qual seja o verdadeiro sentido usual e comum das palavras e frases bíblicas.

Exemplo: “Porque toda carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra” (Gn 6.12, ARC).

Tomando aqui as palavras *carne* e *caminho* em sentido literal, o texto perde

o significado por completo, mas, se forem tomadas em sentido comum, como figuras, isto é, carne no sentido de *pessoa*, e caminho no sentido de *costumes, modo de proceder ou religião*, já não tem somente mero significado, mas um significado terminante, dizendo-nos que toda a pessoa havia corrompido seus costumes. A NYI traduziu *carne* por humanidade e *caminho* por conduta. O texto ficou muito mais claro!

O apóstolo Paulo nos declara a mesma verdade, não em figura, ao afirmar: “*Ado há quem faça o bem*” (Rm 3.12).

## No estudo da Bíblia, devemos tomar as palavras sempre em seu sentido literal?

Há uma regra da hermenêutica segundo a qual devemos dar às palavras da Bíblia o sentido que adquirem no contexto da frase. Na linguagem bíblica, como em outra qualquer, há palavras que variam muito em seu significado, segundo o sentido da frase ou argumento em que ocorrem. Importa, pois, averiguar e determinar sempre qual é o pensamento especial que o escritor se propõe a expressar, e assim, tomando por guia este pensamento, podemos determinar o sentido correto da palavra que apresenta dificuldade.

Nos exemplos que oferecemos a seguir veremos como varia, numa frase ou num texto ou num versículo, o significado de algumas palavras muito importantes, acentuando assim a importância desta regra.

A palavra *fé*, por exemplo, ordinariamente significa confiança; mas também tem outras acepções. Lemos, por exemplo: “Agora prega a fé que outrora procurava destruir” (Gl 1.23). Do conjunto desta frase vimos claramente que *fé*, aqui, significa crença, ou seja, a *doutrina do evangelho*.

“Mas aquele que tem dúvidas, é condenado, se comer, porque o que faz não provém de *fé*; e tudo que não provém de fé e pecado” (Rm 14.23). Pelo conjunto do versículo verifica-se que a palavra *fé* aqui ocorre no sentido de *convicção* do dever cristão para com os irmãos.

As palavras *salvação* e *salvar* são usadas frequentemente no sentido de *salvação do pecado* e de suas conseqüências. Têm, porém, outros significados. Lemos que “Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele” (At 7.25).

Guiados pelo conjunto do versículo, compreendemos que aqui ocorre a palavra *salvar* no sentido de *liberdade temporal*, isto é, a libertação do jugo do faraó, o que é bem diferente do significado comum da palavra, que é *salvar do pecado*.

“Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande *salvação*?” (Hb 2.3). Considerando o conjunto de palavras, o termo *salvação* aqui quer dizer *toda a revelação do evangelho*.

O significado comum da palavra *graça* é favor; porém é usada também em outros sentidos. Lemos, por exemplo: “Pela *graça* vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus” (Ef 2.8). Pelo conjunto destes versículos se vê claramente que *graça* significa a pura *misericórdia e bondade de Deus* manifestadas aos crentes sem mérito nenhum em si mesmos.

“Falando ousadamente no Senhor, o qual *confirmava a palavra da sua graça*” (At 14.3). Aqui, *graça* significa *a pregação do evangelho*.

“E vos darei coração de carne” (Ez 36.26), isto é, uma disposição *terna e dócil*. Por outro lado, um coração de *pedra* quer dizer indisposição para acolher a Palavra de Deus, e resistência a ela.

Com estes exemplos observa-se o quanto é importante atentar para o sentido da palavra considerada dentro do conjunto de palavras no meio em que está inserida.

## O que significa interpretar a Bíblia dentro de seu próprio contexto?

Significa, caro leitor, que as palavras que se quer compreender devem ser entendidas levando-se em conta o sentido do contexto, isto é, os versículos que vêm antes e os que vêm depois delas.

Às vezes sucede que não basta o conjunto de uma frase para determinar o verdadeiro significado de certas palavras. Portanto, e em tal caso, devemos começar mais acima a leitura e continuá-la até mais abaixo, para levar em conta o que precede e segue a expressão que nos parece obscura.

Achamos no contexto expressões, versículos ou exemplos que nos esclarecem e definem o significado da palavra obscura.

Ao dizer Paulo: “quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo” (Ef 3.4), ficamos indecisos com respeito ao verdadeiro significado da palavra *mistério*. Porém, pelos versículos anteriores e posteriores, verificamos que *mistério* se aplica aqui à participação dos gentios nos benefícios do evangelho.

Encontra-se a mesma palavra em sentido diferente em outras passagens, sendo necessário, em cada caso, o contexto para determinar o significado exato. Esse vocábulo é também usado noutra sentido, determinando o contexto a sua correta interpretação.

As vezes encontra-se uma palavra obscura aclarada no contexto por sinônimo, ou ainda por palavra oposta e contrária à obscura. Assim que, por exemplo, a palavra *aliança* (Gn 3.17) se explica pelo vocábulo *promessa* que aparece no final do mesmo versículo. Assim também encontram explicação as palavras difíceis *radicados e edificados* pela expressão *confirmados na fé* que vem logo em seguida às mesmas (Cl 2.7).

“O salário do pecado é a morte”, diz o apóstolo Paulo. O sentido profundo dessa expressão faz ressaltar de uma maneira vivida a expressão oposta que a segue: “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna” (Rm 6.23).

Outro tanto sucede em relação à fé, quando João diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”, pintando ao vivo a palavra *crer* pela expressão oposta: “o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36).

Às vezes, uma palavra que expressa uma ideia geral e absoluta deve ser tomada em sentido restritivo, segundo determine alguma circunstância especial do contexto, ou melhor, o conjunto das declarações das Escrituras em assuntos

de doutrina.

Quando Davi, por exemplo, exclama: “Julga-me Senhor, segundo a minha retidão, e segundo a integridade que há em mim”, o contexto nos faz compreender que Davi só proclama sua retidão e integridade em oposição às calúnias que Cuxe, o benjamita, levantara contra ele (Sl 7.8).

Tratando-se do administrador infiel, temos indicada sua conduta como digna de imitação, porém, pelo contexto vemos limitado o exemplo à *prudência* do administrador, com exclusão total de seu procedimento desonesto (Lc 16.1-13).

## **Até que ponto devemos levar em conta o objetivo do livro ou passagem a fim de compreendermos palavras ou expressões obscuras?**

O objetivo ou desígnio de um livro ou passagem se adquire, sobretudo, lendo e estudando o texto com atenção e repetidas vezes, tendo em mente a ocasião em que foi escrito e a que grupo pessoas foi dirigido. Em outros casos consta o desígnio do livro ou passagem em si mesmo, como por exemplo, o de toda a Bíblia está em Romanos 15.4; 2 Timóteo 3.16,17; e o dos Evangelhos em João 20.31; 2 Pedro 3.2; e os de Provérbios 1.1,4.

O desígnio alcançado pelo estudo diligente nos oferece auxílio admirável para a explicação de pontos obscuros, para o esclarecimento de textos que parecem contraditórios e produzir um conhecimento mais profundo de passagens que já são claras em si mesmas. Exemplos:

É evidente que as cartas aos Gálatas e aos Colossenses foram escritas na ocasião dos erros que, com grande dano, os judaizantes ou “falsos mestres” procuravam implantar nas igrejas apostólicas. Por conseguinte, estas cartas têm por desígnio expor com toda clareza a salvação pela morte expiatória de Cristo, contrariamente aos ensinamentos dos judaizantes, que pregavam as obras, a observância de dias e cerimônias judaicas, a disciplina do corpo e a falsa filosofia.

A cada passo encontraremos luz no estudo destas cartas para a melhor compreensão de passagens, mesmo sendo claras em si mesmas, se temos esse desígnio sempre presente. Leremos ao mesmo tempo com mais entendimento, por exemplo, os Salmos 3, 18, 34 e 51, levando em conta em que ocasião foram escritos, coisas que constam em seu respectivo encabeçamento.

Outro tanto dizemos dos Salmos 120 até 134, intitulados “Cânticos dos degraus”, se tivermos em mente que foram escritos para serem cantados pelos judeus em suas viagens anuais a Jerusalém.

Eis aqui a luz que oferece o desígnio para a explicação de um ponto obscuro, desígnio adquirido tendo em conta a condição de uma pessoa à qual se dirigiu Jesus. Quando um príncipe cego pela justiça própria perguntou-lhe que bem deveria fazer para obter a vida eterna (Mt 19.16; Lc 18.18), Jesus lhe respondeu: “Guarda os mandamentos”.

Porventura Jesus queria ensinar-lhe com esta resposta que a salvação se obtinha mediante a observância do Decálogo? Certamente que não, desde o

momento que Jesus mesmo e as Escrituras em todas as partes ensinam que a vida eterna se adquire unicamente pela fé no Salvador.

Como explicar, pois, que Jesus lhe desse tal resposta? Tudo fica claro e desaparece qualquer dúvida, se observarmos qual o desígnio com que Jesus fala. Pois, evidentemente, seu objetivo foi valer-se da mesma lei e do mandamento novo de “vender tudo o que possuía“ para tirar o pobre cego de sua ilusão e levá-lo ao conhecimento de suas faltas para com a lei divina e à conseqüente humilhação.

Isso Jesus também conseguiu, fazendo-o compreender que não passava de um pobre idólatra de suas riquezas, que nem mesmo o primeiro mandamento da lei: Amar a Deus sobre todas as coisas — inclusive a riqueza — ele havia cumprido.

## **Como entender a aparente contradição entre Paulo e Tiago no que diz respeito à fé e obras?**

Considerando o desígnio dos escritos de Paulo e Tiago, desaparecem as aparentes contradições. Quando Paulo disse que o homem é justificado pela fé sem as obras, enquanto Tiago afirma que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé, desaparece a aparente contradição desde que levemos em conta o desígnio diferente que levam as cartas de um e de outro (Rm 3.28; Tg 2.24).

Paulo combate e refuta o erro dos que confiavam nas obras da lei mosaica como meio da justificação, rechaçando a fé em Cristo. Tiago, por sua vez, combate o erro de alguns desordenados que se contentavam com uma fé imaginária, descuidando e rechaçando as boas obras. Daí que Paulo trata da justificação pessoal diante de Deus, enquanto Tiago se ocupa da justificação pelas obras diante dos homens. Em outras palavras, Tiago procurou esclarecer que a fé salvadora se demonstra mediante boas obras.

O ato de ser justificado o homem criminoso à vista de Deus, realiza-se tão somente pela fé no sacrifício de Cristo pelo pecado e sem as obras da lei; porém o ser justificado (declarado sem culpa) à vista do mundo, ou da igreja, realiza-se mediante obras palpáveis e “não somente pela fé”, que é invisível.

“Mostra-me a tua fé pelas tuas obras”, desafia Tiago. Tal a exigência, também, das cartas de Paulo. Vemos, pois, que as pessoas são justificadas diante de Deus mediante a fé, porém, nossa fé é justificada diante dos homens mediante as obras. Daí compreendermos que concordam perfeitamente as doutrinas dos apóstolos.

Outro caso de aparente contradição, que também aclara o desígnio dos escritos correspondentes, encontramos nas cartas de Paulo. Ao dirigir-se aos Gálatas (4.10,11), ele se opõe à observância dos dias de festas judaicas, e na dirigida ao Romanos (14.5,6) não faz uma oposição definitiva a tal observância. Por quê? Simplesmente porque o objetivo geral da carta aos Gálatas era de resistir às doutrinas dos falsos mestres que haviam desviado os gálatas.

Esses mestres lhes haviam ensinado que, para a salvação além de certa fé no cristianismo, era preciso guardar as práticas judaicas do Antigo Testamento, com o que na realidade atacam o fundamento da justificação pela fé, tornando nulo o sacrifício de Jesus Cristo na cruz.

Do grande perigo em que haviam ido parar, queixa-se amargamente o

apóstolo, e nada há de estranho em que se opusesse com firmeza a essas observâncias judaicas que obscureciam o glorioso Salvador e ameaçavam arruinar o trabalho apostólico entre eles.

Muito diferente é o caso que o apóstolo trata em sua carta aos Romanos (15.1-13). A passagem em que isso ocorre tem por objetivo estabelecer a paz perturbada entre um grupo de irmãos *fracos* convertidos do judaísmo que criticavam os crentes mais firmes, os quais, por sua vez, desprezavam os fracos. Estes irmãos débeis, que se haviam imposto não comer carne nem beber vinho e que guardavam as festas judaicas, não se encontravam no grave perigo dos gálatas.

## **O que são as passagens paralelas e como usá-las com proveito no estudo da Bíblia?**

Caro leitor, passagens paralelas são aquelas que fazem referência uma à outra; que têm entre si alguma relação, ou tratam de um modo ou de outro de um mesmo assunto “explicando coisas espirituais pelas espirituais” (1 Co 2.13). Apelar para tais paralelos é importante porque esclarece determinadas passagens obscuras e também fornece conhecimentos bíblicos corretos quanto a doutrinas e práticas cristãs.

Para que uma doutrina seja bíblica, ela precisa resumir e expressar em si mesma tudo o que estabelece a Bíblia e tudo que esta excetua em suas diferentes partes em relação à doutrina considerada. Se isto fosse sempre observado, muitos erros seriam evitados.

Convém observar que há paralelos de palavras, paralelos de ideias e paralelos de ensinamentos gerais. Vamos considerar aqui os paralelos de palavras.

Quando um conjunto da frase ou o contexto não bastam para explicar uma palavra duvidosa, procura-se adquirir o seu verdadeiro significado consultando outros textos em que aquela palavra ocorre.

Por exemplo, Paulo declara em Gálatas 6.17: “Trago no corpo as marcas de Jesus”. Que marcas eram essas? Nem o conjunto da frase nem o contexto as explicam. Consultando, pois, as passagens paralelas, encontramos em 2 Coríntios 4.10, em primeiro lugar, que Paulo usou a expressão “levando sempre no corpo o morrer de Jesus” ao referir-se à cruel perseguição que continuamente Cristo padecia.

O texto nos indica que essas marcas se relacionam com a perseguição que Paulo sofria, à semelhança de Jesus.

O texto fica ainda mais claro quando lemos 2 Coríntios 11.23, 25, onde o apóstolo afirma que sofreu cinco quarentenas de açoites, e três vezes foi surrado com varas. Tais suplícios eram tão cruéis que, se não deixavam o paciente morto, causavam marcas no corpo que duravam a vida toda.

Assim, aprendemos que as marcas que Paulo trazia no corpo não eram chagas ou sinais da cruz milagrosa, ou artificialmente produzidas, como alguns pretendem que seja, mas dos suplícios que ele sofria por causa do evangelho.

Em Gálatas 3.27 diz o apóstolo acerca dos batizados: “de Cristo vos revestistes”. Em que consiste o estar revestido de Cristo? Pelas passagens paralelas de Romanos 13.13,14 e Colossenses 3.12,14, tudo se esclarece.

O estar revestido de Cristo consiste, por um lado, em ter deixado as

práticas carnais, como luxúria, dissoluções, contendas e ciúmes, e em adotar como vestido decoroso a prática de uma vida nova. O batismo era um sinal de haverem morrido para as práticas mundanas e de haverem ressuscitado em novidade de vida, com sua correspondente prática nova.

Assim é que, consultando os paralelos, aprendemos que o estar revestido de Cristo não consiste em haver adotado esta ou aquela túnica ou vestido *sagrado*, mas em adornos espirituais ou morais próprios do cristianismo simples, santo e puro (1 Pe 3.3-6).

## CAPÍTULO 2

### PROFECIAS

#### **A profecia de Isaías 7.14, do nascimento virginal de Jesus, era uma profecia de cumprimento duplo?**

Caro leitor, essa profecia é a primeira das “profecias do Emanuel”, nas quais a vinda do Messias é detalhada. Apesar de a profecia ter sido muito debatida, o Novo Testamento declara a concepção e o nascimento virginal do Messias tanto gramatical quanto contextualmente em Mateus 1.23.

A palavra usada no Novo Testamento, “virgem”, pode ter outro significado. Mas, como na profecia foi prometido a Acaz um “sinal”, várias tentativas têm sido feitas para relacionar o nascimento virginal ao cumprimento no tempo de Acaz.

Alguns eruditos acham que a profecia foi cumprida no nascimento do filho de Isaías (8.3) ou de Acaz. Alguns acham que são duas profecias com dois cumprimentos diferentes: num futuro próximo e num futuro distante.

A fim de se examinar essa profecia adequadamente, devemos ter em mente diversos fatores referentes à gramática e ao contexto:

O contexto requer um cumprimento próximo: um sinal à “casa de Davi”, presumivelmente a Acaz, por ele ter recusado a libertação oferecida por Deus.

O termo “virgem” não se refere a uma mulher casada em quaisquer das referências do Antigo Testamento (Gn 24.43), nem a Septuaginta traduz esse termo como tal.

Como a profecia não foi apresentada como um “protótipo”, mas como uma predição específica, seu duplo cumprimento exigiria que houvesse um genuíno nascimento virginal, tanto no cumprimento próximo quanto no distante. Supondo que a esposa de Isaías fosse virgem na ocasião da profecia, isso não faria dela uma “virgem com filho” ao conceber.

Nenhuma criança, além do Messias, foi jamais chamada de “Emanuel” em

qualquer dos testamentos. O nome quer dizer “Deus conosco”, o que só poderia ser dito com referência ao próprio Messias.

Foi dito a Isaías que conduzisse consigo o seu filho chamado “Um-Resto-Volverá”, ao levar a mensagem a Acaz, porque o seu nome era um “sinal” ou mensagem para Israel. Esse nome significava que um julgamento deixaria poucos sobreviventes, e que haveria um pequeno retorno.

O julgamento devia acontecer antes do “menino” ter a idade de 12 anos, ou seja, apto a recusar o mal e escolher o bem. As pessoas comendo “manteiga e mel” são identificadas no versículo 22 como os sobreviventes.

Essas considerações sugerem que foram dadas duas profecias em 7.14-16, uma predizendo o nascimento virginal do Emanuel, conforme observado em 9.6, e outra predizendo que o rei da Assíria derrotaria o reino do norte antes de Um-Resto-Volverá, filho de Isaías, chegar à idade da responsabilidade.

Mas, por ter Acaz rejeitado a libertação oferecida por Deus, ele e o povo de Judá também sofreriam o julgamento dos assírios, que quase devastariam também Judá (7.16-25). Isso explica a necessidade de haver um sinal para Acaz como um cumprimento próximo, e também preserva o cumprimento único do nascimento virginal que, obviamente, seria de um rei.

O texto de Isaías 9.6 refere-se ao nascimento de Jesus e ao dom do Filho. O menino nos nasceu, mas o filho, o Emanuel, não nasceu. Ele nos foi dado.

## Como se cumpriram as profecias relacionadas com as cidades de Sidon e Ascalom?

Caro leitor, o mesmo profeta Ezequiel, depois de prever o trágico destino de Tiro, volta-se para Sidom e diz: “Estou contra você, Sidom, e manifestarei a minha glória dentro de você. Todos saberão que eu sou o SENHOR, quando eu castigá-la e mostrar-me santo em seu meio. Enviarei uma peste sobre você e farei sangue correr em suas ruas. Os mortos cairão, derrubados pela espada que virá de todos os lados contra você. E todos saberão que eu sou o SENHOR” (28.22,23).

Era Sidom a mais antiga das cidades fenícias, razão pela qual os fenícios são conhecidos na Bíblia por sidônios. Ela estava em decadência na ocasião da profecia, ao passo que sua poderosa rival Tiro, distante apenas 48 quilômetros, encontrava-se no apogeu de seu poderio. Todavia, apesar de suas fragilidades, Sidom continua existindo até o presente, tendo hoje cerca de dez mil habitantes. Foi tomada e destruída por Artaxerxes Ochus, rei da Pérsia, em 351 a.C., e desde então tem sido muitas vezes destruída e reedificada. Talvez nenhuma outra cidade, nem mesmo Jerusalém, tenha tido tantos e tão grandes sofrimentos.

Se Ezequiel simplesmente procurasse adivinhar o fim dessas duas cidades, seguindo a lógica humana adotada pelos “profetas” modernos, ele poderia ter previsto a completa extinção de Sidom, mas nunca a de Tiro.

Volvamos agora a nossa atenção para mais uma antiga cidade, cujo fim atesta a infalibilidade da profecia bíblica: “Ascalom ficará deserta... e não será habitada” (Sf 2.4; Zc 9.5).

Esta cidade, fundada 1800 anos antes de Cristo, gozava de grande prestígio nos dias apostólicos. Como berço natal de Herodes o Grande, foi por este adornada com belos edifícios e tornou-se, durante o império romano, um notável centro de cultura helênica.

Em 636 d.C. foi tomada pelos árabes e durante as cruzadas era lugar estratégico para quem se dirigia ao sudoeste da Palestina. Balduíno III, em 1153, apoderou-se dela depois de seis meses de cerco e de sangrentas batalhas. Um historiador comenta essa conquista: “A cidade de Ascalom erguia-se em círculo à beira-mar e tinha do lado da terra muralhas e torres inexpugnáveis; todos os habitantes estavam exercitados na arte da guerra, e o Egito, que tinha grande interesse na conservação daquela praça, para lá mandava, quatro vezes por ano, víveres, armas e soldados... “No final do

cerco, os sitiados, vendo as muralhas caídas e sem esperanças de socorro, começaram a gritar: ‘Homens de Ascalom... voltemos ao Egito e deixemos aos inimigos uma cidade que Deus feriu com sua maldição’.” (Joseph-François Michaud, *História das Cruzadas*, Editora das Américas, São Paulo.) Ascalom ainda foi ocupada e reparada pelos franceses, mas em 1270 o sultão Bibars destruiu-lhe as fortificações e obstruiu-lhe o porto com pedras. Desde então, por mais de setecentos anos, ela tem estado em completa ruína, sem um só habitante, atestando a infalibilidade da Palavra de Deus.

## Como se cumpriram as profecias acerca da Assíria e de Nínive?

Mostrando ao mundo a universalidade do seu amor, Deus enviou Jonas à grande cidade de Nínive, tão vasta que, para atravessá-la a pé, necessitava-se de três dias. Isto ocorreu por volta do ano 800 a.C. Todavia, menos de um século depois, em 745 a.C., tiranos implacáveis começaram a fazer da Assíria a mais sanguinária potência do antigo Oriente. Crimes os mais bárbaros e suplícios de requinte insuperáveis eram usados rotineiramente por esse povo que só pensava em dominar, escravizar e exterminar.

Foi em decorrência dessa desenfreada e arrogante febre de conquistas e opressões que Naum, cerca de 630 a.C., durante o reinado de Josias, vaticinou contra a capital assíria: “Ai da cidade sanguinária, repleta de fraudes e cheia de roubos, sempre fazendo as suas vítimas!... Cavaleiros atacando, espadas reluzentes e lanças cintilantes! Muitos mortos, montanhas de cadáveres, corpos sem conta, gente tropeçando por cima deles!... Você também ficará embriagada; irá esconder-se, tentando proteger-se do inimigo.”

“Ó rei da Assíria, os seus pastores dormem; os seus nobres adormecem. O seu povo está espalhado pelos montes e não há ninguém para reuni-lo. Não há cura para a sua chaga; a sua ferida é imortal. Quem ouve notícias a seu respeito bate palmas pela sua queda, pois, quem não sofreu por sua crueldade sem limites?” (Na 3.1,3,11,18,19).

Tais profecias referem-se mais precisamente à capital dos assírios, mas Isaías, em vários capítulos de seu livro, fala de toda a nação (10.5,25).

E interessante observar que essas predições datam de uma época em que o reino assírio estava no auge do seu poder, sob a administração do invencível Assurbanipal, que começou a reinar em 668 a.C. Bisneto do experiente guerreiro Sargão, neto do poderoso Senaqueribe e filho do famoso Asaradon, Assurbanipal conseguiu ampliar ainda mais o seu já vastíssimo império, principalmente após a conquista da riquíssima cidade egípcia de Tebas (Nô-Amom, conforme Naum 3.8), em 663 a.C.

Porém, com a morte de Assurbanipal em 626 a.C., o império começou a se enfraquecer rapidamente, enquanto surgia um novo poder constituído de neobabilônios e medos, os quais conseguiram tomar a poderosa Assur em 614. Dois anos mais tarde, depois de uma grande batalha, a cidade de Nínive foi tomada, destruída e queimada, cumprindo-se também, rigorosamente, as palavras de Sofonias, proferidas uns vinte anos antes (Sf 2.13). Conhecido

arqueólogo, referindo-se à famosa capital assíria, afirmou: “Nínive, que durante séculos, com expedições de conquista e ocupação, com torturas, terror e deportações em massa, só causara sangue e lágrimas através do mundo antigo, Nínive estava destruída e queimada. O Fértil Crescente respirou aliviado. Os povos torturados encheram-se de júbilo... e renasceu a esperança”.

Apenas dois séculos mais tarde, em 401 a.C., quando Xenofonte passou com os seus milhares sobre as ruínas da capital assíria, havia desaparecido até mesmo a memória e o nome de Nínive. A palavra dos profetas foi cabalmente cumprida.

## Como têm sido cumpridas as profecias acerca do Egito?

Antigo berço de uma das mais notáveis civilizações do passado, cuja história remonta a vários milênios antes de Cristo, o Egito é objeto de candentes vaticínios bíblicos que chegam mesmo a impressionar pela clareza meridiana de sua linguagem, sobejamente enriquecida de detalhes hoje postos à prova pelos historiadores.

“Eu os trarei de volta do cativeiro e os farei voltar ao alto Egito, à terra dos seus antepassados. Ali serão um reino humilde. Será o mais humilde dos reinos, e nunca mais se exaltará sobre as outras nações. Eu o farei tão fraco que nunca mais dominará sobre as nações” (Ez 29.14,15). “Assim diz o SENHOR: Os aliados do Egito cairão, e a sua orgulhosa força fracassará. Desde Migdol até Sevene eles cairão à espada. Palavra do Soberano, o SENHOR. Serão arrasados no meio de terras devastadas, e as suas cidades jazarão no meio de cidades em ruínas...

“Eu sequei os regatos do Nilo e venderei a terra a homens maus; pela mão de estrangeiros deixarei arrasada a terra e tudo o que nela há. Eu, o SENHOR, falei. Assim diz o Soberano, o SENHOR: Destruirei os ídolos e darei fim às imagens que há em Mênfis. Não haverá mais príncipe no Egito, e espalharei medo por toda a terra” (Ez 30.6,7,12,13).

Estas são algumas das muitas profecias acerca do Egito, enunciadas entre 750 e 590 a.C., exatamente numa época áurea desse país, quando o progresso se fazia presente em todas as atividades da vida nacional. A famosa dinastia de Psamético, iniciada em 663 a.C., manteve animadas relações comerciais e culturais com os países da Ásia.

A indústria desenvolveu-se. Grandes projetos de irrigação agrícola foram executados, com a construção de enormes reservatórios e a abertura de um canal ligando o Nilo ao Mar Vermelho. Afirmam-se que o sábio grego Pitágoras tenha aprendido geometria com os sacerdotes de Ísis, pois no Egito esse ramo da Matemática servia de fundamento à agrimensura, tão necessária em virtude das cheias periódicas.

Entretanto, passou-se a fase notável e o Egito começou a ser dilacerado por lutas intestinas, até que foi invadido pelos persas e derrotado em Pelusa. Oliveira Lima descreve assim esse declínio:

“No ano 525 a.C. dava-se o massacre de Mênfis pelas forças de Cambises e ficava o Egito reduzido por dois séculos a satrapia persa. Desta sujeição,

agitada por violentas insurreições, se libertaria ao esfacelar-se o império de Alexandre que lhe valeu a fundação de Alexandria (330 a.C.), foco brilhantíssimo de cultura cosmopolita. Sede então de uma nova monarquia, a dos Ptolomeus, cuja dinastia findou com Cleópatra, passou à província romana sob Augusto, pertencendo durante quatro séculos ao Império do Ocidente e em seguida, durante quase três, ao Império do Oriente.

“No século VII da era cristã foi que começou para o Egito o período muçulmano. Invadido pelos árabes, que fundaram a cidade do Cairo, passou em 1571 para o poder dos turcos, de cuja soberania transitou para o protetorado britânico”. (Oliveira Lima, *História da Civilização*, 1919, Companhia. Editora Nacional, São Paulo.)

## CAPÍTULO 3

# BÍBLIA & CIÊNCIA

### **Seria a Bíblia, também, um livro científico?**

A Bíblia é, essencialmente, um livro religioso, que fala ao homem acerca da sua necessidade de Deus, e fala de Deus como de um Pai amoroso que ama e cuida de seus filhos. É este o importantíssimo papel que a Bíblia desempenha entre os homens.

Contudo, para que ela alcançasse plenamente seus nobres objetivos, aprouve a Deus inserir nela informações rigorosamente exatas sobre Geografia, Astronomia, Medicina e demais ciências.

Acima de tudo, a Bíblia não contém um só dos inúmeros erros científicos em voga nos longos séculos de sua redação. Vejamos alguns:

Naquela época distante, muitos supunham ser a Terra em forma de um disco, circundado por águas. Os gregos criam que o seu deus Atlas a sustentava. Para outros povos, ela estava equilibrada nas costas de um elefante, que estava em pé sobre uma tartaruga a nadar num mar universal! Essas teorias não dão a menor explicação sobre quem sustentava o deus Atlas ou o mar universal.

Quanto aos egípcios, alguns achavam que ela era apoiada sobre cinco colunas e outros admitiam que nosso planeta havia sido chocado de um grande ovo cósmico, que possuía asas e voava. Os fatos científicos aceitos no Egito ao tempo de Moisés, segundo recentes descobertas arqueológicas, explicam que enquanto aquele enorme ovo voava, completou-se dentro da casca o processo de mitose e este mundo surgiu!

Era esta a última novidade ensinada no Egito nos dias de Moisés, o grande legislador dos hebreus que fora educado em todas as ciências egípcias. Todavia, onde está, nos escritos mosaicos, a teoria de que a Terra apoiava-se em cinco colunas ou de que fora chocada de um enorme ovo voador? Em vez destas “coqueluches científicas”, temos na Bíblia esta sublime revelação: “No princípio Deus criou os céus e a terra”.

Tales de Mileto, cognominado o “Pai da Ciência” e que viveu uns cem anos

depois do profeta Isaías, não conhecia a forma da Terra. Para ele esta tinha o formato de um pires. Anaximandro, contemporâneo de Tales, ensinava que a Terra era cilíndrica, com base igual a um terço da sua altura e que se mantinha imóvel no centro do universo em virtude de uma igual pressão de ar por todos os lados.

E dentre os grandes sábios do passado, ninguém sobrepujou Pitágoras no conhecimento do Universo. Depois da Bíblia foi ele o primeiro a declarar que a Terra era redonda. Concordou, em parte, com Anaximandro quanto ao apoio da Terra e foi mais além, declarando que ela não estava parada.

Tal verdade científica ia demasiadamente além da sua época, pois foi o melhor sistema que se conheceu até Copérnico. Assim, muitos séculos antes de Copérnico já os pitagóricos tinham posto em dúvida a situação preferencial da Terra, enquanto Aristarco de Samos afirmava, no terceiro século a.C., que a Terra era muito menor que o Sol e se movia em redor dele.

Entretanto, uns duzentos anos antes de Pitágoras, o profeta Isaías registrou que Deus “é o que está assentado sobre o globo da terra”, e quanto ao apoio do nosso planeta, disse Jó treze séculos antes de Anaximandro e Pitágoras: “Deus... suspende a terra sobre o nada”. (Is 40.22; Jó 26.7.)

## **Como os antigos sábios concebiam a forma e a sustentação da Terra?**

Naquela época distante, caro leitor, sem os recursos da tecnologia moderna, muitos sábios supunham ser a Terra em forma de um disco, circundado por águas. Acreditavam que se uma pessoa avançasse mar adentro poderia de repente chegar ao fim desse disco e desaparecer num abismo desconhecido.

Os gregos criam que o seu deus Atlas sustentava o nosso planeta. Para outros povos, ela estava equilibrada nas costas de um elefante, que estava em pé sobre uma tartaruga a nadar num mar universal! Essas teorias não dão a menor explicação sobre quem sustentava o deus Atlas ou o mar universal.

Quanto aos egípcios, alguns achavam que ela era apoiada sobre cinco colunas, e outros admitiam que nosso planeta havia sido chocado de um grande ovo cósmico, que possuía asas e voava. Os fatos científicos aceitos no Egito, ao tempo de Moisés, segundo recentes descobertas arqueológicas, explicam que enquanto aquele enorme ovo voava, completou-se dentro da casca o processo de mitose e este mundo surgiu!

Era esta a última novidade ensinada no Egito nos dias de Moisés, o grande legislador dos hebreus que fora educado em todas as ciências egípcias (At 7.22). Todavia, onde está, nos escritos mosaicos, a teoria de que a Terra apoiava-se em cinco colunas ou de que fora chocada de um enorme ovo voador?

Em vez destas "coqueluches científicas" da época, temos na Bíblia esta sublime revelação: "No princípio Deus criou os céus e a terra".

Tales de Mileto, cognominado o "Pai da Ciência", e que viveu uns cem anos depois do profeta Isaías, não conhecia a forma da Terra. Para ele esta tinha o formato de um pires. Anaximandro, contemporâneo de Tales, ensinava que a Terra era cilíndrica, com base igual a um terço da sua altura e que se mantinha imóvel no centro do universo em virtude de uma igual pressão de ar por todos os lados.

E dentre os grandes sábios do passado, ninguém sobrepujou Pitágoras no conhecimento do Universo. Depois da Bíblia, foi ele o primeiro a declarar que a Terra era redonda. Concordeu, em parte, com Anaximandro quanto ao apoio da Terra e foi mais além, declarando que ela não estava parada.

Alexandre o Grande, no quarto século a.C., parece ter aprendido de Aristóteles, seu mestre, que a terra era redonda, pois em uma carta dirigida a Dario I, assim fala da bola que o rei persa lhe enviara: "A bola indica que a

superfície da terra e a circunferência do globo obedecerão ao lugar-tenentes”.

Tal verdade científica ia demasiadamente além da sua época, pois foi o melhor sistema que se conheceu até Copérnico. Já que os pitagóricos tinham posto em dúvida a situação preferencial da Terra, enquanto Aristarco de Samos afirmava, no terceiro século a.C., que a Terra era muito menor que o Sol e se movia em redor dele.

Entretanto, uns duzentos anos antes de Pitágoras, o profeta Isaías registrou que Deus “é o que está assentado sobre o globo da terra” (40.22). Em outras traduções encontramos termos equivalentes a globo, como “redondeza”, “esfera”, etc..

Quanto ao apoio do nosso planeta, disse Jó treze séculos antes de Anaximandro e Pitágoras: “Deus... suspende a terra sobre o nada” (Jó 26.7).

## O que são as estrelas?

Cada uma das estrelas que você vê à noite no céu, é, na verdade, uma violenta bola giratória de gás luminoso e quente. Os gases de uma estrela são comprimidos pela gravidade. A fim de melhor compreendermos as estrelas, temos de destacar alguns interessantes aspectos.

Em primeiro lugar, as estrelas conseguem sua energia “queimando” gases. Não é como queimar carvão, mas uma reação mais eficiente chamada fusão nuclear. É muito importante a quantidade de gás que uma estrela contém, pois este a influencia quanto à gravidade, à temperatura, à pressão, à densidade e ao tamanho.

Em segundo lugar, as estrelas vivem em galáxias; cada galáxia contém muitos tipos diferentes de estrelas. Os astrônomos só entenderam a verdadeira natureza das estrelas no século vinte. Até então, estavam mais preocupados com a posição delas.

Em terceiro lugar, quanto ao espectro das estrelas, os astrônomos usam equipamentos especiais para colher e então separar a sua luz em um espectro em que há linhas de absorção. Cada estrela forma um espectro diferente. A astrônoma norte-americana Annie Jump Cannon ordenou o espectro de milhares de estrelas em diferentes tipos. Cada tipo recebe uma letra do alfabeto. Os principais tipos são O, B, A, F, G, K, M, onde cada tipo de estrela é mais frio que o anterior.

Em quarto lugar, as estrelas que se encontram na chamada sequência principal possuem uma cor que dá uma ideia da temperatura em sua superfície. As azuis são quentes, as vermelhas são frias. Se a temperatura da estrela é colocada em um gráfico contra a magnitude absoluta, quanto mais quente ela for, mais ela brilhará.

Todas as estrelas na sequência principal estão em um período estável de sua vida. O brilho é o resultado da fusão de hidrogênio em seus centros. Quando o hidrogênio se consome, a estrela sai da sequência principal. Estrelas com maior massa sairão mais depressa do que estrelas com massa menor.

Em quinto lugar, algumas estrelas variam de brilho, razão por que são chamadas de variáveis. As chamadas Lyre RR mudam em menos de um dia. As Cefeidas gastam mais de 100 dias. As Mira podem levar dois anos para completar um ciclo. As Cefeidas mudam seu brilho porque mudam fisicamente de tamanho e temperatura. Elas liberam mais luz ao se expandir, e menos ao se contrair. Uma estrela não será sempre igual, e é normal que passe por um

período de instabilidade durante sua vida.

Em sexto lugar, há também as estrelas anãs brancas. Se a massa da estrela for 1,4 inferior à massa do Sol, o carbono não passará por reações nucleares. Sem fonte de energia, a estrela passa a esfriar lentamente, transforma-se em um objeto de pouca luminosidade, ou seja: uma anã branca.

Finalmente, em sétimo lugar, temos as estrelas supernovas. Se a massa estelar for 1,4 superior à massa do Sol, as reações nucleares prosseguirão do carbono para o oxigênio, neônio, magnésio, até chegar ao ferro. Nesse ponto, dependendo de sua massa, a estrela pode explodir, transformando-se em uma supernova, e reiniciar as reações nucleares em seu interior, ou implodir, transformando-se num buraco negro.

## **Que diz a Bíblia acerca da grandeza do universo?**

Comecemos, caro leitor, com o nosso planeta Terra. A ideia de que o nosso planeta era o maior de todos os astros e o centro dos movimentos celestes prevaleceu por muitos séculos. E quanto mais nos afastamos no tempo, mais generalizada encontramos essa teoria.

Todavia, é surpreendente a declaração do patriarca Jó, registrada uns dezoito séculos antes de Cristo, de que o nosso sistema planetário, ou melhor, aquilo que se pode ver a olho nu, são “...apenas a borda de suas obras! Um suave sussurro é o que ouvimos dele...”, ou seja, apenas uma pequenina parte das suas obras (Jó 26.14).

Tal antecipação da ciência não pode ser obra de um homem que tenha vivido em época tão remota, há mais de trinta séculos antes do invento da luneta. Somos persuadidos a aceitar a única explicação plausível de que “mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21).

Vejam agora a opinião da astronomia moderna acerca da Terra em relação ao Universo, salientando inicialmente que, em virtude das dificuldades encontradas para o registro das distâncias que separam os astros, adotou-se um novo padrão de medida, o ano-luz, que é igual a 9.460.800.000.000 Km, correspondente à distância percorrida pela luz durante um ano, a uma velocidade constante de trezentos mil quilômetros por segundo.

E servindo-se dessa unidade astronômica que se pode medir a Via Láctea, a galáxia onde nos encontramos, que caberia numa circunferência tão grande que para cruzá-la a luz precisaria de cem mil anos!

Distância inconcebível, quando sabemos que essa mesma luz precisa de apenas oito minutos e quinze segundos para cobrir os cento e cinquenta milhões de quilômetros que nos separam do Sol, e de apenas um segundo para dar sete voltas e meia em torno da terra!

Contudo, as distâncias entre os astros de nossa galáxia significam muito pouco quando comparadas à dos cinco objetos flamejantes focalizados pelo Observatório de Monte Wilson. Dois deles estão distantes da Terra cerca de dez bilhões de anos-luz, ou seja, 95 seguidos de 24 zeros.

A luminosidade de cada um desses gigantes do infinito pode ofuscar o brilho de até cem galáxias iguais à Via Láctea, que se compõe de uns duzentos bilhões de astros, com uns trezentos e cinquenta milhões de sistemas solares!

Quanto ao tamanho desses fenomenais corpos celestes, alguns deles alcançariam a inconcebível dimensão de um bilhão de sóis iguais ao nosso, o

qual, por sua vez, é um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra!

Mesmo em relação às galáxias — que são imensos sistemas de estrelas, poeira cósmica e gases — há ainda muito por revelar.

Em 1987, um grupo de astrônomos da Universidade de Michigan, Estados Unidos, confirmou a descoberta da maior galáxia conhecida até hoje, uma gigantesca espiral, treze vezes maior do que a Via Láctea, e que foi denominada de Markarian 348. Esta galáxia, localizada na direção da constelação de Andrômeda, está a 300 milhões de anos-luz da Terra e tem uma forma estranha, composta por estrelas e gases, emitindo uma enorme quantidade de energia.

## **Como entender a grandeza do universo, a diferença entre astronomia e astrologia, e a notícia de que o telescópio Hubble, em 1996, teria fotografado a Jerusalém celestial?**

Meu caro leitor, no dia 26 de março de 1996, o telescópio espacial Hubble realmente enviou à Terra incríveis imagens do que parecia ser uma gigantesca cidade espacial localizada a bilhões de anos-luz da Terra. Tão impressionantes são essas imagens que alguns cientistas da NASA chegaram de fato a comentar que o Hubble havia fotografado “o lugar onde Deus vive”, e o papa João Paulo II requisitou cópias de tais fotos. (Weekly World News, Lantana, Flórida [Vol. 17, número 31], edição de 30 de abril de 1996.)

Quanto à grandeza do universo, a Astronomia reconhece humildemente estar muito longe de ver o fim do Universo. Através de potentes telescópios, como os de Monte Palomar e Monte Wilson, nos Estados Unidos — o primeiro deles com uma lente de duzentas polegadas, capaz de fotografar objetos a dezenas de bilhões de anos-luz — os astrônomos só conseguem ver *gotas d'água* no imensurável oceano do Infinito.

Segundo as revelações do Hubble, há no Universo pelo menos cem bilhões de galáxias! O profeta Jeremias, que escreveu seus livros entre 627 a 586 a.C., registrou uma verdade hoje inegável pelos astrônomos: “Como não se pode contar o exército do céu nem medir a areia do mar...” (Jr 33.22).

O profeta fazia referência à grandiosidade do Universo, comparado, respeitando-se as devidas proporções, aos incontáveis grãos de areia de todos os vastos oceanos!

A tão assombrosa imensidão do Universo torna absolutamente impossível a sua representação em miniatura, mesmo na menor escala. Tomando como exemplo apenas um cantinho da Via Láctea, reduzamos a Terra a uma ínfima esfera de um milímetro de diâmetro, equivalente a uma cabecinha de alfinete. Onde colocaríamos a estrela Próxima, a que está mais perto de nós? Ela ficaria a uns trinta quilômetros de distância!

Imaginem onde teríamos de colocar os corpos celestes mais distantes!

Finalmente, acerca da diferença fundamental entre astrologia e astronomia, a primeira não é uma ciência, ao passo que a segunda é a ciência mais antiga da humanidade. A Astronomia começou a existir no momento em que o ser humano percebeu a diferença entre as estrelas e os planetas e começou a

registrar as observações das posições desses corpos, exercitando assim a astrometria.

Posteriormente, não se contentando em apenas observar e registrar as posições dos astros, o ser humano começou a preocupar-se em explicar o porquê dos movimentos planetários.

Já a Astrologia nasceu na Antiguidade, a partir da crença de que, se certas configurações celestes determinavam a época de chuva e seca, a época de plantio e colheita, então essas configurações seriam também capazes de influenciar a vida de cada pessoa.

Shakespeare, referindo-se à astrologia, disse ser esta a “admirável desculpa do homem devasso — responsabilizar uma estrela por sua devassidão”.

## **Quais seriam as diferenças básicas entre criacionismo e evolucionismo?**

Caro leitor, tendo em vista a limitação de nosso espaço, analisaremos apenas algumas observações com a finalidade de questionar conceitos do modelo evolucionista e de demonstrar a credibilidade científica dos conceitos criacionistas.

O ensino ministrado atualmente nas escolas, adotado com base naquilo que é mais aceito hoje pela comunidade científica, tem valorizado em demasia os conceitos evolucionistas, sem levar em conta os questionamentos a essa teoria.

Verifica-se também que o modelo criacionista não tem sequer sido citado em vários livros didáticos.

Em relação ao surgimento do Universo e da Vida, o modelo criacionista defende a criação súbita de tipos de vida complexos e diversificados, com lacunas sistemáticas entre tipos diferentes e variações genéticas entre esses. Já o modelo evolucionista admite uma evolução gradual do Universo e o aparecimento gradual dos tipos de vida, através de longos períodos. Surgiram tipos complexos de vida advindos de tipos mais simples; e estes surgiram a partir da matéria não viva.

O criacionismo discorda das formas mais complexas virem das mais simples e da transmutação entre espécies, mas não contesta evolução restrita que ocorre devido à variabilidade genética ou a formação de espécies ou subespécies entre os tipos originais.

A Primeira Lei da Termodinâmica afirma que toda a matéria e energia do universo é constante.

A Segunda Lei da Termodinâmica afirma que energia e matéria tendem sempre a mudar do estado ordenado para estados mais simples. Com base nessas Leis (leis possuem valor maior que teoria, pois são inquestionáveis), o Universo não poderia ter-se criado a si mesmo ou existido há muito tempo. Se fosse assim, já teria se deteriorado. Portanto, o universo físico e a energia foram criados.

Se a Segunda Lei da Termodinâmica diz que os sistemas ordenados tendem para a desordem, a menos que haja um mecanismo de conversão (fotossíntese), então torna-se impossível moléculas simples e proteínas complexas terem dado origem a seres vivos. Os experimentos de laboratório sobre a origem da vida mostram resultados que dependem de condições de laboratório, artificiais e muito improváveis.

Há lacunas no registro fóssil entre organismos unicelulares e invertebrados, entre invertebrados e vertebrados, entre peixes e anfíbios e répteis, entre répteis e aves e entre mamíferos inferiores e primatas. São tais lacunas os chamados elos perdidos.

Mutações e seleção natural são insuficientes para terem produzido o aparecimento de formas atuais de vida a partir de um simples organismo primordial. Atualmente pode-se verificar que as mutações são quase sempre prejudiciais dentro do ambiente natural de um organismo. Para evoluir, os organismos teriam que sofrer uma infinidade de mutações benéficas.

## O que ensina a Bíblia sobre agricultura?

Caro leitor, o Senhor determinou em Deuteronômio 22.9 o seguinte: “Não plante dois tipos de semente em sua vinha; se o fizer, tanto a semente que plantar como o fruto da vinha estarão contaminados”.

O propósito desse mandamento era o de evitar a mistura varietal. A variedade nativa está adaptada ao ambiente (resistência a pragas, doenças, características de solo e clima etc.) e o comportamento de uma variedade introduzida será diferente, podendo ser introduzidas plantas com comportamento indesejável quanto a período de maturação dos frutos, resistência a pragas e doenças, sabor e formato dos frutos *etc.*

Até hoje, em regiões com tradição em determinada cultura, existem as variedades melhoradas pelos produtores, que estão adaptadas à região. Muitas vezes não são as mais produtivas, mas permitem o cultivo com menor investimento em insumos que as variedades modernas.

Um grande cuidado nos campos de produção de sementes de grãos é o controle da pureza física das sementes. Assim, na produção de semente de soja não pode existir a “corda de viola”. Para o arroz, é proibida a presença do “arroz vermelho”.

Essa dificuldade é citada na parábola do joio e do trigo (Mt 13.27-30). Uma grande lição espiritual é tirada daqui. Trata-se da necessidade do cristão manter a sua natureza espiritual intacta, sem contaminar com a semente do mundanismo.

Na parábola do semeador, em Mateus 13.3-8, uma boa variedade é semeada, e para expressar todo o seu potencial genético são necessários outros fatores: solo profundo, ausência de ervas daninhas, luminosidade não excessiva, e níveis adequados de umidade do solo.

Os termos a cem, sessenta e trinta por um expressam diferentes produtividades. Os símbolos são claros: A semente semeada é a Palavra de Deus anunciada; os solos diferentes são o nosso coração — características pessoais que nos levam a atitudes espirituais positivas ou negativas.

A vegetação de cerrado se caracteriza por plantas de porte baixo e com caule retorcido, mas o solo dos cerrados é profundo e tem características físicas favoráveis à penetração das raízes.

Nesse caso, as plantas se desenvolvem pouco devido aos elementos alumínio, ferro e manganês, que em níveis elevados são tóxicos para a maioria das plantas. Por isso, é necessário a incorporação de doses corretas de

calcário, que inativa quimicamente os elementos tóxicos e fornece os nutrientes cálcio e magnésio.

Não adianta ótimos níveis de adubo químico, ótimo preparo do solo, ótima irrigação, se esse problema básico não for resolvido.

Da mesma forma, o nosso coração é como um solo onde germinou a semente do evangelho. Cada solo tem suas características particulares e exige um preparo específico para permitir a produtividade máxima. A estratégia correta é minimizar os pontos fracos e aproveitar ao máximo as qualidades.

## CAPÍTULO 4 HISTÓRIA

### **Qual é a história de Damasco, que foi a cidade natal do mordomo de Abraão?**

Meu caro leitor, a “pérola do leste”, como é conhecida Damasco, é considerada a mais antiga cidade do mundo, possuidora de uma história contínua que começa na época de Uz, neto de Noé, e chega aos nossos dias.

Durante esses longos séculos, Damasco sempre tem sido a “cidade mais importante da Síria”, e a metrópole dos povos do deserto. Sua longa existência se deve ao fato de estar localizada em uma planície de 24 mil hectares e a 689 metros acima do nível do mar. É um dos oásis mais férteis do mundo.

A cidade e a planície circundante devem sua vida e prosperidade aos famosos rios Farfar e Abana, de reputação bíblica (2 Rs 5.12). O Abana, conhecido atualmente como Barada, bifurca-se em forma de leque em sete tranquilos braços, que, por sua vez, se subdividem em muitos riachos, os quais abastecem os lares, jardins, hortos e as vinhas de umas 400 mil pessoas de Damasco e seus arredores. Esses riachos em seguida se submergem nas areias do deserto, a uns 29 quilômetros na direção leste.

O Farfar, hoje conhecido como Ava, nasce nas colinas ao pé do monte Hermom, e flui por uns onze quilômetros até o sul de Damasco, onde rega o campo de hortos circundantes. Nessa cidade ainda existem as ruínas de muros e portas muito antigos, alguns dos quais datam da época romana.

Em dois lugares distintos de Damasco é apontada uma janela ladrilhada como aquela através da qual Paulo foi “descido num grande cesto” (2 Co 11.33). A rua chamada Direita começa na porta oriental e corre em direção oeste até atingir o centro da cidade. A casa de Ananias, conforme pode ser vista hoje, é uma capela baixa, semelhante a uma caverna, a cinco ou seis metros abaixo do nível da rua.

A rua atual já não é o amplo passeio público de quilômetro e meio de

comprimento e quase trinta metros de largura, ao longo da qual “rangiam os carros de guerra romanos”. Todavia, é bastante reta, e em seu extremo ocidental está uma cena admirável e variada de um comércio bastante animado.

A grande Mesquita, que quanto ao caráter sagrado só pode ser superada pelas mesquitas de Meca, Medina e Jerusalém, é o edifício mais antigo e venerado de Damasco. Representa três períodos da história, e as três religiões que a possuíram: o paganismo, o cristianismo e o islamismo.

Os maciços alicerces e as colunas exteriores pertencem a um templo grego ou romano. Na opinião de alguns, é provável que este seja o lugar do templo de Rimom, onde Naamã depositou “uma carga de terra que duas mulas possam transportar”, e ergueu seu próprio altar (2 Rs 5.17,18).

Sob o domínio dos romanos, o templo de Rimom foi dedicado a Júpiter. Depois que Constantino converteu-se ao cristianismo no século quarto, o templo foi reconstruído e transformado em uma imensa igreja que Teodósio dedicou a João Batista. Quando os muçulmanos capturaram Damasco em 634 d.C., a edificação foi remodelada e convertida em uma suntuosa mesquita. O edifício sofreu três incêndios, sendo, porém, restaurado em todas as três ocasiões.

## **Como era o pano de fundo político e filosófico da Renascença, de onde brotou a Reforma Protestante?**

Meu caro leitor, no pano de fundo do pensamento renascentista se destacam algumas figuras de vulto, começando com Nicolau de Cusa e terminando com Giordano Bruno. É uma nova concepção filosófica do mundo e da vida, ainda não bem claramente esboçada, de que seus próprios autores, às vezes, não têm clara consciência. É uma época de transição, em que novo e velho se entrecruzam mutuamente.

A maior conquista do pensamento da Renascença está na história humana e na ciência natural. Daí derivam, em seguida, a ciência política e a técnica científica, que tiveram o seu grande início. É o fruto do vivo interesse e da penetrante observação da experiência e do concretismo, quase desconhecidos do pensamento clássico e medieval.

A expressão clássica da nova ciência política é Nicolau Machiavelli, que não era filósofo, mas teórico da técnica política, embora seu pensamento esteja alicerçado na metafísica do humanismo e do imanentismo renascentista. Galileu Galilei é a maior expressão da ciência nova. Ele também não foi filósofo, mas teórico e técnico da renovada ciência da natureza, mesmo que tenha vaidades e faça afirmações de alcance metafísico.

Embora a Renascença seja de caráter imanentista e humanista, e não se harmonize com o catolicismo romano da época, o cristianismo não esteve ausente dela, e muito menos da vida transcendente e ascética. O verdadeiro cristianismo da Renascença pode ser representado pelo protestantismo, e, em especial, pelo protestantismo luterano.

Apesar de tantos de seus aspectos exteriores estarem em oposição com o espírito renascentista, o protestantismo exprime, no fundo, o mesmo ideal imanentista e individualista da Renascença. Assim, podemos considerar a Reforma Protestante como sendo a religião da época nova, e, em seguida, da Contra-Reforma católica como natural reação, ou melhor, como desenvolvimento lógico do cristianismo católico perante as duas novas tendências de pensamento e de vida.

Os ensinamentos da Reforma baseiam-se na Bíblia Sagrada e vão de encontro a diversos dogmas fundamentais do catolicismo. A Contra-Reforma é o movimento de reação e de renovação contra a Reforma e a Renascença.

Culmina no Concílio de Trento (1546-1563), e tem como sua maior expressão a Ordem dos Jesuítas da Companhia de Jesus, fundada em 1534.

Do ponto de vista filosófico, a Contra-Reforma tem como característica fundamental a valorização do concretismo moderno, mas subordinado a uma reafirmação profunda e vigorosa da transcendência e do ascetismo.

Da Itália, berço do humanismo e da Renascença, o renascentismo propagou-se por toda a Europa civilizada, que, aliás, estava preparada para receber estas novas formas de pensamento e de vida. Nas grandes nações europeias o humanismo e o renascimento se interessam especialmente pelos problemas religiosos, que, entretanto, não despertaram na Itália demasiado interesse possivelmente em virtude da intolerância do catolicismo romano.

## O que é a igreja?

Uma das definições da igreja na Bíblia é a que está em 1 Timóteo 3.15: “igreja do Deus vivo, coluna e firmeza da verdade”. Esta definição pode ser ampliada pelas palavras que a própria Bíblia usa para descrever essa instituição e os seus membros, e também pelas ilustrações que dela temos em todo o Novo Testamento.

A palavra grega, *ekklesia*, significa uma assembleia de pessoas chamadas para fora, tanto em sentido local como geral. Como aparece no citado texto de 1 Timóteo, a referência é a toda a igreja, presente tanto no tempo como no espaço, ao passo que em Atos 13.1, por exemplo, o termo restringe-se a apenas uma cidade.

Em relação aos seus membros, a Bíblia usa termos como irmãos, crentes, santos, eleitos, discípulos, cristãos, e os do Caminho. Estas palavras qualificam a igreja como:

1. Um povo que constitui uma nova sociedade ou irmandade espiritual, na qual são abolidas todas as divisões que separam a raça humana. Entre irmãos, desaparecem as barreiras raciais, culturais, sociais, econômicas, e de sexo. Afirmam a Escritura que na igreja não há grego nem judeu, escravo ou livre, *etc.* mas Cristo é tudo em todos (Cl 3.11).
2. Um povo que crê na pessoa do Senhor Jesus Cristo como o Filho Unigênito de Deus, e que, portanto, crê também em tudo o que ele ensinou e realizou.
3. Um povo separado do mundo e dedicado a servir a Deus.
4. Um povo eleito ou escolhido para exercer aqui na terra um trabalho importante, que é o de proclamar o evangelho a toda a criatura, trabalho que terá uma recompensa, pois esse povo escolhido tem um destino glorioso.
5. Um povo que, como discípulos, ou aprendizes, está sempre se preparando para melhor servir ao Senhor, sujeitando-se aos ministros colocados na igreja pelo próprio Cristo com o propósito de edificar o seu povo.
6. Um povo que tem como supremo modelo de palavra e conduta a pessoa bendita de Cristo, e que por isso tem sido chamado de cristão.
7. Finalmente, um povo que tem uma maneira especial de viver, diferente daquela que o mundo adota, e que por isso é chamado de o povo do Caminho.

Quanto às ilustrações que a Bíblia usa para a igreja, desejo destacar aqui as

principais, que são: o corpo de Cristo, a videira e seus ramos, o templo de Deus, e a noiva de Cristo. Há também, em 1 Pedro 2, expressões que indicam o caráter da igreja, como “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido... povo de Deus” que agora alcançou misericórdia. Esperamos, mais adiante, salientar algumas dessas figuras.

Numa definição menos abrangente, podemos encontrar nas diferentes denominações atuais mais alguns característicos da igreja, que pode ser renovada ou pentecostal (por causa da sua ênfase na doutrina do Espírito Santo), batista (que enfatiza o batismo nas águas), metodista (que possui métodos), presbiteriana, congregacional, episcopal, *etc.* (por causa da sua forma de governo), e assim por diante.

## Pode a igreja ser perfeita aqui na terra?

Desde o seu nascimento, há dois milênios, a igreja tem sido o mais eficiente instrumento de reerguimento social, cultural, moral e espiritual da raça humana, com os seus hospitais, orfanatos, escolas, asilos e templos. Nesse sentido, nada pode rivalizar com ela.

Para destacar apenas um desses aspectos, por influência da igreja – e da mensagem que ela prega — Beethoven, Mozart, Bach, Hidn e tantos outros produziram belíssimas páginas musicais que o mundo todo tanto aprecia. Bach, por exemplo, colocava sempre no topo da sua composição a frase “Para a glória de Deus”. Alguém fez uma observação penetrante ao perguntar por que comunistas e ateus não produzem sinfonias!

Mas apesar de Jesus ter afirmado que edificaria a sua igreja e que as portas do inferno não prevaleceriam contra ela, permanece o fato da sua imperfeição, enquanto igreja militante. Essa imperfeição está predita tipologicamente nas Escrituras. Quando Deus orientou a Moisés acerca da celebração da festa do Pentecoste, disse que o povo deveria oferecer ao Senhor dois pães levedados (Lv 23.17).

Por que o fermento está presente justamente na festa que prefigura o nascimento da igreja, se esse elemento aponta sempre para a impureza e a corrupção?

A resposta é que a igreja no seu aspecto local e denominacional está sujeita à impureza, à apostasia e à corrupção. Quantos movimentos não surgiram fortes, bíblicos, e depois foram aos poucos se afastando da verdade, se desviando da sã doutrina, e se corrompendo?

Em relação à religião, disse André Suarès, que a vida desta é a heresia, e acrescenta: “É a fé que faz os heréticos. Numa religião morta já não há heresias.” (Paulo Rónai, *Dicionário Universal de Citações*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 434).

A luz deste conceito de Suarès, o ecumenismo do Conselho Mundial de Igrejas já nasceu moribundo, pois embora afirme crer “em Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras, e, que, portanto, procura cumprir a sua vocação para glória de um Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”, na prática nega completamente tal confissão de fé.

Para deixarmos aqui um só exemplo, durante a assembleia dessa organização, realizada em Nova Delhi, em 1961, a bênção para um dos cultos foi: “Cristo, nosso verdadeiro Deus, pela intercessão de sua puríssima Mãe,

sempre virgem Maria; de nosso Pai entre os santos, João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla; dos santos mártires Paramonus, Filoumenes e Faidre, a quem é dedicado este dia, e de todos os santos, terá misericórdia de nós e nos salvará, pois ele é bom e ama a humanidade. Amém.”

As heresias datam das origens do cristianismo, e suas causas podem ser (a) o desconhecimento da Bíblia, (b) a crença de que a Bíblia somente é insuficiente para a nossa fé, e (c) a rebelião consciente contra a verdade por causa de interesses escusos. Esta última atitude foi a que adotaram Balaão, Abner, Jeroboão e diversos outros.

# CAPÍTULO 5

## RELIGIÕES, SEITAS E OCULTISMO

### Como definir a religião?

Meu prezado leitor, “religião” é uma palavra de definição muito difícil. Certa definição talvez seja apropriada para o cristianismo, mas não para o budismo; outra definição talvez satisfaça o hinduísmo, mas não o islamismo.

Uma definição ampla seria que a religião é a fé num deus ou deuses, com a respectiva adoração. Trata-se da conduta que obedece a mandamentos divinos, conforme registros sagrados aceitos.

Etimologicamente falando, a palavra religião vem do latim *religare*, que significa “amarrar, atar firmemente”. Tem conexões com *lig*, no sentido de “ligar” ou com *leg*, no sentido de “catar, colher ou observar”. Assim chegamos à ideia de comprometer-se a obedecer as exigências de uma mensagem divina.

Alguns critérios são necessários para que um sistema seja chamado de “religião” do ponto de vista teísta.

Em primeiro lugar, a obediência. Uma religião tem certas exigências que os seguidores devem obedecer na sua prática. “Reconhece todos os deveres como mandamentos divinos”.

Em segundo lugar, a confiança. Uma religião requer que seus membros expressem confiança em uma deidade, crendo que essa deidade satisfará as necessidades da vida. Diz a Bíblia: “É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam”.

Em terceiro lugar, a dependência. Uma religião requer que seus adeptos dependam da deidade para satisfazer alguma necessidade emocional, espiritual ou física. “A essência da religião é um sentimento total”.

Em quarto lugar, a reverência. Os seguidores de uma religião consideram a deidade com reverência e respeito. A religião é, portanto, um relacionamento entre eles e a deidade.

Em quinto lugar, a transcendência. A religião dirige seus seguidores a um poder que vai além daquilo que é humano e natural. A religião é aquilo “que,

independentemente do bom-senso e do raciocínio, capacita o homem a apreender o infinito”.

Num sentido material, vários detalhes são típicos de um sistema religioso, como, por exemplo, objetos sagrados e pessoas consagradas, além de outros.

Algumas pessoas consideram montanhas, pedras, árvores, fontes de água e coisas semelhantes como coisas sagradas. Alguns destes objetos podem ser guardados dentro de recintos ou prédios sagrados, como templos ou santuários. Outras pessoas empregam móveis e vestimentas especiais no culto. Pode haver escritos sagrados. Os hindus têm o Bhagavad Gita; os Siques, seu Granth; os cristãos, a sua Bíblia e os muçulmanos, o Corão. Todos estes são consagrados por seu valor religioso, e têm relevância especial.

Todas as religiões têm pessoas consagradas, como ministros, sacerdotes, profetas, médiuns ou guardiões dos lugares e dos objetos sagrados. Geralmente, têm treinamento especial e podem proferir orações ou oferecer sacrifícios em favor dos adoradores. No cristianismo, alguns recebem uma chamada celestial especial, e são revestidos pelo Espírito de Deus, como no caso de Isaías.

## Como os animistas veem o pecado, e o que fazem com ele?

Meu caro leitor, o pecado, para nós, é a violação das leis conhecidas. Mas, quais são as leis dos animistas? É difícil saber com certeza, porque os animistas, em muitas partes do mundo, não possuíam a arte da escrita. Por isso, a única lei deles era uma lei oral, transmitida pelos anciãos do clã.

As leis possivelmente se desenvolveram a partir do raciocínio baseado na causa e no efeito. Suponhamos que algum infortúnio desabe sobre uma aldeia, como uma seca, um incêndio ou uma enfermidade. Os animistas diriam: “É a ira dos espíritos”. Para eles uma calamidade significa que a natureza está fora de equilíbrio. Alguém, portanto, tinha pecado. É necessário achar o culpado, para ser feita a propiciação.

A partir daí, podemos reconstituir algumas das leis orais dos animistas:

**Número 1:** As tradições e os costumes da comunidade tinham que ser sustentadas. Havia pouco conteúdo ético na lei oral. Por exemplo, a lei oral não dizia: “Não cobiçarás”. A inveja, o ciúme, o ódio e o orgulho eram condenados somente quando causavam desequilíbrio na natureza ou na tradição.

**Número 2:** A linhagem do clã deve continuar. Para terem garantia do cumprimento dessa lei, as famílias desejavam muitos filhos. Se algum deles morresse, sobraria um número suficiente para preservar o nome da família.

**Número 3:** O bem-estar humano tinha a primazia. A vontade dos homens era considerada mais importante do que a de Deus. O animista, frequentemente, procurava meios de controlar o poder supremo. Para impor sua própria vontade, até mesmo ralhava com Deus e ameaçava os espíritos.

**Número 4:** Os espíritos dos ancestrais devem ser mantidos num estado de felicidade. Um bom espírito talvez seja um ancestral amável. O espírito mau poderia ser um ancestral maligno ou um inimigo. Tinha que ser aplacado por meio de sacrifício

Alguns povos primitivos até mesmo ofereciam sacrifícios humanos aos seus deuses. Cada objeto oferecido tinha que estar sem mancha nem mácula. O sacrifício era oferecido num lugar especial e conforme determinado padrão. Trata-se de outra praxe que o cristão pode usar como ponte para demonstrar

ao animista o sacrifício perfeito de Jesus na cruz!

Ora, o que acontece às pessoas que se apartam da adoração ao Deus verdadeiro? Adoram o sacrifício. Veja Romanos 1.23. Entre os deuses do Egito antigo havia a vaca. Quando os filhos de Israel viraram as costas para Deus no Sinai, fizeram uma imagem de ouro que representava um bezerro.

O animista continua reverenciando esse mesmo tipo de substituto, embora talvez não tenha consciência do seu significado. Certa vez, alguém mostrou a um escritor um pequeno santuário dedicado aos espíritos dos ancestrais. Lá dentro, havia um montinho de barro com a cabeça e os chifres de uma vaca no ápice. O escritor perguntou qual o significado da imagem, e recebeu a resposta: “A vaca é um símbolo de fertilidade para o povo e as safras. Mas Deus está tão longe que preferimos oferecer sacrifícios aos ancestrais e invocá-los para nos ajudar”.

## Que diferença há entre deidade, deísmo e teísmo?

Meu caro leitor, a deidade é parte vital de uma religião. Mas o que é uma deidade? Os dicionários a definem como “um ser supremo, ou Deus, que é exaltado ou reverenciado por ser supremamente bom ou poderoso”. Uma deidade tem várias características.

Uma deidade é sobrenatural, embora tenha semelhanças com a humanidade.

Uma deidade é invisível, embora talvez se revele ocasionalmente de maneira material. Os seguidores de uma deidade podem fazer uma imagem e atribuir a ela o poder de uma deidade.

Uma deidade é soberana; isto é: ela tem domínio sobre o mundo, o bem-estar humano e o destino das pessoas.

Uma deidade corresponde aos atos religiosos dos seres humanos.

Uma deidade é adorada ou reverenciada, e desperta emoções como reverente temor, confiança, obediência e submissão.

Uma deidade tem os elementos da personalidade: o intelecto, a emoção e a vontade. Ou seja: uma deidade pensa, tem sentimentos e age como os seres humanos.

Consideremos agora o deísmo. O deísmo é diferente de deidade. Deidade refere-se a um ser supremo, o objeto da máxima adoração por uma pessoa. Deísmo, no entanto, não é um ser, mas uma crença. Os deístas, ou seja, as pessoas que seguem o deísmo, acreditam que Deus não se envolve com o mundo de modo pessoal. Afirmam que Ele criou o mundo e colocou em andamento as leis que o governam. Depois, retirou-se e deixou o mundo a girar sozinho. Podemos comparar o Deus em quem o deísta acredita com o homem que dá corda no relógio, deixando-o na prateleira para funcionar.

Já o teísmo, por outro lado, é a crença de que o homem pode entrar em estreito relacionamento com Deus. O teísta diz que Deus está envolvido com os assuntos do homem e do seu mundo. Tanto o judaísmo quanto o cristianismo são religiões teísticas. As duas praticam o monoteísmo, a crença num só Deus.

O oposto do monoteísmo é o politeísmo, que vem a ser a crença em muitos deuses. Os hindus são politeístas. Os católicos também o são, apesar de afirmarem o contrário. O panteísmo é a crença de que todas as coisas são partes de um ser ulterior. Há ainda o panenteísmo, que vai além do panteísmo, ao afirmar que Deus está presente em todas as coisas e que todas as coisas estão em Deus. O panteísmo e o panenteísmo estão presentes principalmente no movimento da Nova Era, que cunhou a expressão *mãe terra*.

Concluindo esta resposta, devo dizer que a primeira religião foi um relacionamento pessoal entre Deus e o homem. Havia diálogo entre Deus e Adão, e a bênção de Deus repousava sobre o jardim. “E Deus os abençoou”.

Conforme Gênesis 3.8, o costume de Deus era andar e falar com Adão no frescor da tarde. Mas surgiram, no entanto, problemas naquelas condições ideais. Adão e Eva caíram no pecado, e o pecado entrou no mundo inteiro através deles.

## Como se originou o animismo?

Prezado leitor, muitas pessoas têm feito esta mesma pergunta. Há pelo menos, três teorias básicas a respeito da origem dessa crença.

A primeira teoria, chamada de evolução, está ligada a Edward B. Tylor, que publicou uma obra em 1871, intitulada *Cultura Primitiva*, na qual afirma que o animismo é o fundamento de todas as religiões.

Baseando sua teoria em relatos a respeito de tribos remotas que não tinham nenhuma religião, Tylor achava que a religião se envolvia desde aquele estado pré-religioso para as formas mais avançadas. Havia, porém, falhas. Na realidade, nunca foi achada nenhuma tribo sem uma centelha de religião, e não se levou em conta o relato bíblico da criação.

A segunda teoria é denominada de *mana*, que vem a ser uma força misteriosa e pavorosa que habitava toda a criação. A palavra *mana* provém das ilhas da Melanésia, no Sul do Pacífico. Os animistas creem que o *mana* leva o homem e a natureza a agirem de determinadas maneiras que não são nem boa nem má, e não são pessoas. As pessoas podem falar com espíritos, mas não com o *mana*. Mesmo assim, almas ou espíritos podem ser *mana* operante.

O *mana* é conhecido pelos seus efeitos. A correnteza mais veloz, o trovão mais estrondoso, a madeira que queima melhor, o pai de mais filhos, todos eles, segundo se diz, têm mais *mana*. As árvores que crescem mais altas, os animais mais ferozes, os pássaros que voam mais alto, todos eles têm *mana* maior. E à medida que as pessoas comem dessas coisas superiores, elas recebem mais *mana*. Acreditam que o *mana* sempre está presente nelas. Somente quando a pessoa deixa de respirar é que o *mana* vai embora, e a pessoa morre.

O poder para destruir também faz parte do *mana*. Para evitarem o infortúnio ou a doença proveniente do *mana* destrutivo, os melanésios usam tabus. Trata-se de proibições. Por exemplo, um casamento entre irmão e irmã é tabu, porque pode ter efeitos danosos.

A terceira teoria está ligada à Bíblia. Esta nos informa que a primeira religião era monoteísta, mas que se corrompeu a partir da Queda. Após o Dilúvio, a moralidade das crenças e práticas dos descendentes de Noé se rebaixou ao ponto de o animismo e o monoteísmo seguirem caminhos diferentes. O apóstolo Paulo afirma, em sua carta aos Romanos, que a glória da adoração ao criador foi transformada na adoração às suas criaturas. É isto

que é animismo.

Ao pensarmos no homem pré-literário, poderíamos ser tentados a acreditar que a vida dele era bem simples. A verdade é bem oposta: Era muito complexa a sua vida. Até os mais primitivos, como os aborígenes australianos, têm cerimônias muito complicadas.

Os pajés na África passam muitos anos estudando a vida das plantas e aprendendo a ouvir mensagens dos espíritos. Para realizar uma cura, o ritual que cumprem é bastante prolongado. Ele joga ossos, sacode cabaças, e repete as fórmulas. Há tanta complexidade como no caso do médico moderno para receitar à altura da necessidade do paciente.

## O que vem a ser o ocultismo?

A palavra *ocultismo*, caro ouvinte, vem do latim e significa oculto, secreto e misterioso. A Bíblia proíbe práticas ocultistas, declarando que elas recorrem ao poder satânico.

A Bíblia descreve diversas dimensões ou esferas diferentes de realidade como o céu, o inferno e o universo visível. Mas ainda outra dimensão exige a nossa atenção. O apóstolo Paulo fala dessa dimensão como o reino do “príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência” (Ef 2.2). Declara ele que o cristão se encontra envolvido em combate espiritual contra as forças que dominam esse reino.

Nas palavras de Paulo, “a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef 6.12).

O apóstolo não poupa esforços a fim de nos advertir contra as “ciladas do diabo”, ecoando as palavras de Moisés aos israelitas no Antigo Testamento. Moisés comunicou o extremo desagrado de Deus em relação aos habitantes da terra de Canaã, que praticavam abominações e eram, na realidade, adoradores de Satanás.

Esse verdadeiro glossário do ocultismo advertia Israel de ira iminente se a nação seguisse os passos dos habitantes da terra de Canaã, terra que Deus havia escolhido para dar ao seu povo.

O ocultismo poderia ser chamado de fé substituta encontrada em toda a história das religiões do mundo — inclusive a dos próprios hebreus, conforme visto em seu livro esotérico e ocultista, *Cabala*. A Bíblia fala repetidamente contra todas as práticas ocultistas, dando atenção especial aos astrólogos e aos que eram chamados de “encantadores” ou “magos”, conforme registrado no livro de Daniel.

Não resta dúvida de que o julgamento de Deus veio sobre Israel por ter a nação deixado de obedecer aos seus mandamentos com relação ao ocultismo. O rei Manassés violou todas as proibições contra o ocultismo, causando o exílio dos judeus, que eventualmente os levou ao arrependimento e à restauração.

A seita Nova Era é um reavivamento desse ocultismo antigo. Ela está historicamente ligada às práticas religiosas da Suméria, da Índia, da Caldeia, da Babilônia e da Pérsia. O termo “Movimento Nova Era”, ou “Seita Nova Era”, é um título novo, mas o ocultismo não tem nada de novo.

O ocultismo deriva a crença na divindade inerente ao homem de sua crença na divindade de todas as coisas. Assim, a separação entre a raça humana e Deus, que é óbvia para a igreja cristã, é tratada de maneira diferente pelo movimento Nova Era. Enquanto o cristianismo histórico acredita que o homem foi separado de Deus por transgredir a sua lei, o movimento Nova Era acredita que o homem está separado de Deus *apenas* em seu próprio consciente. Ele é vítima de falso senso de identidade separada que o cega à sua unidade essencial com Deus.

## O que é a Conexão Teosófica?

Caro leitor, para todos os fins práticos, a seita Nova Era pode ser equiparada ao transplante da filosofia hindu através da Sociedade Teosófica fundada por Helena Blavatsky, em fins do século dezanove, nos EUA. Madame Blavatsky, como era conhecida, promovia sessões espíritas e a filosofia básica hinduísta ao mesmo tempo que manifestava um antagonismo distinto ao cristianismo bíblico.

Marilyn Ferguson, em seu livro *A Conspiração Aquariana*, observa que a “Era de Aquário” ocupa um lugar central na arena do pensamento da Nova Era, e quando unido à ênfase de seitas como Ciência Cristã, Novo Pensamento, a Escola Unida de Cristianismo, Rosa Cruz, e Ciência da Mente, ou Ciência Religiosa, torna-se um veículo poderoso para o pensamento da Nova Era.

O movimento Nova Era presume um processo evolucionário. O mundo está à espera de mais reveladores da verdade (*avatares*), como Buda, Maomé, Confúcio, Zoroastro, Moisés, Krishna, e finalmente alguém designado como Senhor Maitreia, uma encarnação do Buda, o Iluminado. O Senhor Jesus Cristo é relegado ao papel de um semideus ou “um de muitos caminhos igualmente bons”.

Um vulto tremendamente significativo na história do desenvolvimento do pensamento da Nova Era é Alice Bailey, que esteve envolvida com Madame Blavatsky na Sociedade Teosófica. Ela escreveu mais de 20 livros, supostamente influenciada por um guia espiritual que se comunicava com ela por telepatia. Por mais importantes que sejam os escritos de Alice Bailey, obviamente não podem ser tidos como guias infalíveis da evolução da Nova Era.

Mas a Sociedade Teosófica de fato alimentou o movimento emergente da Nova Era, e, através das atividades de Madame Blavatsky e Annie Besant, a sociedade planejou o aparecimento do Senhor Maitreia na pessoa do protegido da Sra. Besant, Krishnamurti. Este, entretanto, declinou a honra da unção de Besant devido em grande parte à morte do irmão e sua subsequente desilusão com as alegações da teosofia. E assim a busca e a espera continuaram.

Em 1982, jornais por todo o mundo — Brasil inclusive — exibiram anúncios de página inteira que declaravam audaciosamente: “O mundo já sofreu o bastante... fome, injustiça e guerra. Há uma resposta ao nosso apelo

de socorro, um mestre mundial para toda a humanidade. O CRISTO ESTÁ AQUI AGORA.”

Esse anúncio foi patrocinado pela Fundação Tara, sob a liderança de Benjamim Creme, e fazia perguntas interessantes como *Quem é o Cristo?*, *O que Ele está dizendo?* e *Quando o Veremos?*

O anúncio concluía com um apelo à paz: “Sem repartir não pode haver justiça, sem justiça não pode haver paz, sem paz não pode haver futuro”.

Três outros grupos da Nova Era juntaram-se à Fundação Tara, mas o anúncio nebuloso inevitavelmente fracassou. O “cristo” de quem a Fundação Tara falava não era o Cristo da revelação bíblica, mas um guru indiano que foi para a Inglaterra, na tentativa de cumprir Apocalipse 1.7, e que agora reside em Londres. Creme declarou que esse cristo teria um encontro com a imprensa, mas a conferência foi depois postergada.

## O que é e o que pretende a Conspiração Aquariana?

A chamada conspiração aquariana, meu caro leitor, é o audacioso projeto de entronizar no governo do mundo nada menos que um “avatar”, ou seja, uma nova encarnação de Buda, como já tentaram em 1982 com o “cristo” Maitreia, mediante caríssimos anúncios de página inteira nos principais jornais do mundo.

A Conspiração Aquariana de fato existe, e muitas pessoas dentro do movimento geral da Nova Era acreditam que podem apressar a vinda da era de paz trabalhando juntas para influenciar acontecimentos na vida política, econômica, educacional e religiosa da cultura ocidental. Seu alvo é promover o desenvolvimento de uma sociedade mundial unida.

Entretanto, nem todos os envolvidos no ocultismo moderno fazem parte dessa conspiração. Pelo fato de muitas seitas ligadas à Nova Era serem exclusivistas, é difícil imaginá-las trabalhando para entronizar qualquer governante no mundo que não os seus próprios líderes. Tampouco encontramos evidência de algum indivíduo específico ter sido escolhido para ocupar o lugar de governante mundial.

Mas a ascensão do movimento ocultista nas últimas décadas deveria constituir séria advertência à igreja cristã de que não podemos repousar sobre os lauréis de evangelismo e atividades missionárias pioneiros do passado. A antiga máxima é verdadeira: “O preço da liberdade é a eterna vigilância”.

A revista *Time* declarou anos atrás, em artigo do Dr. John Weldon e John Ankerberg, que “uma estranha mistura de espiritualidade e superstição está varrendo a nação [USA], que se reflete no renovado interesse pelo mundo do ocultismo.” *Time* mostrou que a Bantam Books, uma das maiores publicadoras de livros tipo brochura nos Estados Unidos, “diz que seus títulos da Nova Era aumentaram dez vezes na última década. O número de livrarias da Nova Era dobrou nos últimos cinco anos, chegando a cerca de 2.500... e revistas recém-lançadas com nomes como *Nova Era*, *Corpo, Mente & Espírito*, e *Boletim Cérebro-Mente*” emergiram na cena religiosa.

Segundo o referido artigo, “mais de 3.000 publicadoras de livros e periódicos ocultistas”, juntamente com as vendas de seus livros, transformaram o interesse desse movimento em um “negócio de um bilhão de dólares por ano”.

Desapareceu das principais lojas de música da Flórida a seção intitulada

“música clássica”. Essa música está agora na seção classificada de “Nova Era”! Eu pergunto: O que tem a ver Bach, Beethoven, Mozart, Hydn e outros, na sua maioria evangélicos, com o moderno movimento de Nova Era? A resposta é: Eles não tinham absolutamente nada do ocultismo da Nova Era, mas estão assim classificados porque *Nova Era* vende!

Mas o ocultismo não é importante hoje somente porque tem um balancete multibilionário de dólares. Ele é considerado importante porque atinge milhões de pessoas que ficam deslumbradas com Shirley MacLaine e outras celebridades, todas dizendo que o seu conceito de realidade e verdade religiosa funciona.

MacLaine patrocinou seminários que levantaram milhões de dólares para a construção do centro de exposição da Nova Era, em Baca, no estado de Colorado, entre 1989-1990.

## O que significa a deificação do ser humano no movimento Nova Era?

Caro leitor, o ocultismo já penetrou o tecido social de muitos países, especialmente o dos EUA, através do sistema educacional e de legislaturas estaduais e federais. Chegou-se a dizer que Nancy Reagan passou a consultar um astrólogo depois que uma tentativa de assassinato de seu marido confirmou a advertência de um astrólogo sobre perigo iminente.

A falecida Jane Roberts canalizou uma entidade desencarnada chamada Seth, e este tinha o seguinte conceito de Deus: “Ele não é um indivíduo, mas uma energia gestalt... uma pirâmide psíquica de consciência inter-relacionada, sempre em expansão, que cria, simultânea e instantaneamente, universos e indivíduos aos quais são dados — mediante o dom da perspectiva pessoal — duração, compreensão psíquica, inteligência e validade eterna”. (Citado por Walter Martin em *Como Entender a Nova Era*, Editora Vida.)

Meu caro leitor, como a maioria dos erros modernos são apenas antigas heresias em nova roupagem, talhadas para a época em que vivemos, creio que a melhor maneira de combater os erros do ocultismo é nos servindo da autoridade teológica dos apóstolos, dos pais da Igreja e dos reformadores.

Para os adeptos da Nova Era, o Deus trino da Bíblia não pode ser descrito apropriadamente em termos pessoais. Ele é visto como um campo impessoal de energia cuja única verdadeira estrutura pessoal é a soma de suas partes.

O cristianismo, bem como o judaísmo, abominam essa concepção hindu, afirmando um monoteísmo inabalável — uma divindade pessoal, benevolente e amorosa, que é imanente dentro de sua criação, e contudo a transcende em infinidade por ser o seu criador.

As maiores autoridades sobre a natureza e identidade de Deus são seu Filho e sua Palavra. Jesus Cristo é o Verbo vivo de Deus, e a Bíblia é a Palavra escrita de Deus. Ambos testificam que a mais elevada de todas as verdades é a unidade da divindade. Este é o grande mandamento: “Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4; Mc 12.29).

Desta maneira, se alguma pessoa alega conhecer a natureza de Deus de um modo diferente do de Jesus, essa pessoa considera-se superior a Cristo. Pois os gurus e avatares do ocultismo alegam exatamente isso. Nossa resposta é mostrar a superioridade da vida e da influência de Jesus Cristo sobre este mundo. O nosso Deus é um ser pessoal que se revela como Criador do universo, e o conceito bíblico da criação é cientificamente preferível a todas

as versões dadas pelos ocultistas, as quais falham em todos os critérios científicos.

Em Êxodo, Moisés encontrou a Deus na experiência da sarça ardente, e Deus identificou-se como um ser pessoal, dizendo: “Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó... Eu Sou o que Sou”. Moisés insistiu: “Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi?’ Disse Deus a Moisés: “Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês” (Êx 3.6,14, NVI).

Pelo fato de Deus ter dito: “Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração” (v.15), os estudiosos judeus traduziram apropriadamente o nome de Deus como “o Eterno”.

## Qual o conceito do ocultismo da Nova Era acerca da pessoa de Jesus Cristo?

Meu caro leitor, em relação a Jesus Cristo, o ensinamento ocultista, embora variado, está de pleno acordo neste ponto: Nenhum adepto do ocultismo aceita Jesus Cristo como o unigênito Filho de Deus sacrificado por seu amoroso Pai a fim de salvar a humanidade dos resultados de seus pecados.

Assim, o ataque dos ocultistas à pessoa de Jesus Cristo concentra-se na reivindicação singular de Cristo de ser divino. O Senhor Jesus de fato é proclamado no Novo Testamento como “o unigênito Filho de Deus” em virtude do termo grego *monogeneses*. Ele não reparte seu trono com Krishna, Buda, Maomé, Zoroastro ou qualquer outro da infinda variedade de gurus e deuses do paganismo.

Como Salvador do mundo, o Filho de Deus levou os nossos pecados em seu próprio corpo sobre a cruz, conforme 1 Pedro 2.24, e seus milagrosos poderes jamais foram duplicados. Ele é singular entre os filhos dos homens.

Respondendo aos que lhe desafiaram a identidade e autoridade durante seu ministério terreno, o Senhor Jesus declarou: “Mas se as realizo, mesmo que não creiam em mim, creiam nas obras, para que possam saber e entender que o Pai está em mim, e eu no Pai” (Jo 10.38, NVI).

Ele deixa que os fatos falem por si mesmos. Aos inquiridores enviados por João Batista, Cristo enumerou as obras milagrosas que havia feito, a fim de eliminar a dúvida de João (Mt 11.4,5).

Os comprovados milagres operados por Jesus o proclamam, ainda hoje, como o Verbo de Deus encarnado. O Dr. Walter Martin afirma que os ocultistas buscarão, em vão, qualquer guru em sua história que tenha alimentado 5.000 pessoas com cinco pãezinhos e dois peixes, que em frente de inúmeras testemunhas curou enfermos, purificou leprosos, ressuscitou mortos, abriu os olhos de cegos e os ouvidos de surdos, expeliu demônios, e demonstrou o amor de Deus aos pobres de tantas maneiras maravilhosas. E quantos deles, algum dia, caminhou sobre a água?

Os ocultistas são extremamente antipáticos a temas como o Cristo histórico e a revelação bíblica. O motivo é que Jesus, por ser o Filho unigênito de Deus, simplesmente desafia todos os pontos de vista ocultistas e humilha todas as suas obras. O Novo Testamento testifica que Ele recebeu a adoração de homens (Jo 20.28), que é o nosso grande Deus e Salvador (Tt 2.13), que conquistou a própria morte (Mt 28.1), e com a vinda do seu Espírito, no

Pentecoste, iluminou o mundo como uma tocha inflamada. Essa chama se espalhou até aos confins da terra e resplandece até hoje.

O homem de Nazaré não foi apenas uma pessoa extraordinariamente boa, um profeta ou sábio habitado pelo Cristo ou pela Consciência Cósmica, como proclama a Nova Era de aquário. Jesus

Cristo é o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores, Criador de todas as eras, o mesmo ontem, hoje, e para sempre (Hb 1.1-3; 13.8), e permanece sendo o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por Ele (Jo 14.6).

## Como a filosofia da Nova Era vê o problema do mal neste mundo?

Caro leitor, os ocultistas têm posição muito definida ante o problema da existência do mal, e por que Deus permite que Satanás e os poderes demoníacos tenham qualquer controle neste mundo? Para eles, Lúcifer é uma grande e poderosa consciência planetária, e não aquele ser vil que procura arrastar o homem pelo caminho do pecado. Chegam mesmo a dizer que o homem é o seu próprio Satanás, assim como o homem é a sua própria salvação.

Pelo fato de verem em Lúcifer uma “consciência planetária”, os ocultistas reconhecem a história bíblica da origem do mal, e talvez, inconscientemente, adotem as descrições bíblicas de Satanás. Mas Satanás, de acordo com a Nova Era, é a força que enche todo o universo e o sustenta, por ser uma com o universo. A esse respeito Benjamim Creme escreveu: “Naturalmente, sim, as forças do mal fazem parte de Deus. Elas não são separadas de Deus. Tudo é Deus”. (Cit. por W. Martin, em *Como Entender a Nova Era*, Editora Vida.)

A Bíblia, porém, descreve Satanás como “o deus deste século” (2 Co 4.4), ou, nas palavras de Jesus, “o príncipe deste mundo”. Ele é rotulado de “homicida desde o princípio” e “inimigo do seu Autor” (Jo 8.44; Is 14.13,14). Seus títulos de “filho da alvorada” e “querubim guardião” nos diz que ele caiu de um lugar de grande glória e poder. Após sua expulsão do céu, ele assumiu o título de “príncipe do poder do ar” (Ef 2.2).

Mediante o seu grande poder e pretensa bondade, Satanás entrou no Éden, incorporou-se na serpente e enganou Eva, torcendo violentamente a palavra que Deus disse aos nossos primeiros pais. Não fosse pela infinita graça divina, esse “querubim desempregado”, como alguém o chamou, teria destruído a criação que Deus havia projetado à sua própria imagem e semelhança.

O Novo Testamento ensina que o Senhor Jesus Cristo é a semente da mulher que derrotará finalmente o Diabo e o lançará no lago de fogo, e revela as atividades de um Satanás pessoal, e não a criação vazia do pensamento ocultista. Foi essa entidade pessoal que tentou o Senhor Jesus Cristo e resistiu-lhe durante os anos de seu ministério terreno.

E claro, na Bíblia, que a igreja recebeu do Senhor Jesus poder sobre esses demônios, e que devemos nos armar para a batalha espiritual contra o príncipe das trevas. Este se adorna como um anjo de luz a fim de, se possível, enganar

até mesmo os escolhidos de Deus. No ocultismo da Nova Era, os “seres superiores” são chamados de avatares, ou mensageiros divinos, ou mesmo espíritos de mortos, ao passo que na Bíblia eles são, na realidade, anjos caídos, controlados diretamente por Satanás e inimigos declarados da igreja.

Os ocultistas empregam cartas tarô, cristais, tábuas ouija, médiuns e canalizadores, astrólogos e adivinhos à procura dos poderes de Lúcifer, o “deus deste século”. Além disso, conforme o ensino de alguns grupos da Nova Era, praticam eles a projeção astral, que significa deixar seu corpo físico durante o sono e viajar a outras esferas de realidade. Esse expediente coloca a alma em perigo, pois entra naquela dimensão de trevas espirituais governadas por Satanás, o inimigo de toda a justiça (Ef 6.11,12).

## O que foi o Movimento Pugwash?

Caro leitor, as origens desse movimento remontam ao ano de 1954, quando Bertrand Russell denunciou, em um manifesto, a terrível ameaça de um conflito nuclear de âmbito mundial. O conhecido filósofo inglês concluía assim o seu ardoroso apelo: “Dirigimo-nos a vós, como seres humanos a outros seres humanos. Lembrai-vos de nossa humanidade e esquecei o resto. Se puderdes fazê-lo, o caminho de um novo paraíso está aberto. Se não, é a morte universal.” Einstein, dois dias antes de morrer, firmou esse documento.

O manifesto foi ainda assinado por outros cientistas, quase todos Prêmio Nobel. Estes, em número de 22, se reuniram pela primeira vez em julho de 1957 na Ilha Pugwash, cedida aos defensores da paz pelo milionário canadense Cyrus Eaton. Naquela ocasião, os cientistas declararam: “É necessário suprimir a guerra ou preparar-se para a catástrofe. As experiências atômicas já provocam mutações, causam câncer e leucemia. O progresso científico e técnico é irreversível. A humanidade agora só pode unir-se...”.

Do antigo documento de Russell originou-se o Movimento Pugwash, que tem reunido pacifistas de várias partes do mundo. Numa conferência em 1966, o ganhador do prêmio Nobel da Paz, Philip Noel-Baker, descreveu os resultados de uma única bomba de dez megatons, caso fosse lançada sobre Londres: “A explosão a dois quilômetros acima de Trafalgar Square aniquilaria Londres. O centro da cidade ficaria reduzido a pó. Por baixo, subiria um pilar de fogo com dois quilômetros de altura e quarenta de largura. Em redor, roncaria um furacão. Os reservatórios, os encanamentos de gás e os postos de gasolina, explodiriam. O ar dos abrigos subterrâneos seria aspirado e substituído pelo óxido de carbono, mortalmente tóxico. Num raio de 80Km, toda a população ficaria cega.”

Se o mundo acordou sobressaltado no dia 6 de agosto de 1945, com o aniquilamento repentino de Hiroshima e com a consciência terrível de que o homem finalmente descobrira o maior segredo da natureza — a impressionante energia contida no minúsculo átomo — a situação hoje é muitas vezes pior. Da bomba atômica os Estados Unidos chegaram à de hidrogênio em 1952. A antiga União Soviética explodiu sua bomba “A” em 1949 e a “H” em 1957. A França lançou a “A” em 1960. A China detonou a “A” em 1964 e a “H” em 1967. Em resumo, de 1945 a 1997 cerca de duas mil explosões nucleares foram registradas nos mais diversos testes em vários pontos do Globo. A que fim pode nos levar a corrida armamentista?

O profeta Daniel fala de “tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação”, e Jesus afirma: “Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo” (Dn 12.1; Mt 24.22).

Por mais pavorosas que tenham sido as guerras da história, nenhuma logrou sequer ameaçar de extermínio a população da terra. Nem mesmo os dois grandes conflitos mundiais do século XX. Por isso muitos escarneciam das citadas palavras bíblicas, considerando-as até mesmo uma prova da impossibilidade da inspiração da Escritura Sagrada. Mas a ciência da guerra desenvolveu-se a tal ponto que hoje poucos duvidam de que possa ocorrer uma espécie de suicídio mundial.

## CAPÍTULO 6 DEFESA DA FÉ

### **Como foi o despertamento missionário dos últimos séculos?**

O despertamento missionário protestante, surgido a partir do final do século dezoito, marcou a expansão do protestantismo em todo o mundo. Uma das mais antigas organizações destinadas a levar o evangelho a outras nações foi a Sociedade Missionária Batista de Rettering, Inglaterra, organizada em 1792 por influência de Guilherme Carey, que partiu, no ano seguinte, para a Índia.

Em 1795 surgia, em Londres, a Sociedade Missionária de Londres, que entre outros ilustres missionários, enviou David Livingstone à África. Em 1821 surgiram a Sociedade Missionária Evangélica de Basileia e a Sociedade Missionária Danesa. Em 1824 nasceram a Sociedade Missionária de Berlim e a Sociedade Missionária de Paris. Mais tarde, em 1865, Hudson Taylor fundou a Missão do Interior da China, que se tornou um dos maiores empreendimentos destinados a levar o evangelho a milhões de chineses.

Da Inglaterra e Escócia partiram os primeiros missionários à América Latina, na primeira metade do século dezenove. Eram principalmente batistas, presbiterianos, congregacionais e metodistas. A história das missões latino-americanas está repleta de abnegação e heroísmo, principalmente em virtude das tremendas perseguições movidas pelo catolicismo romano de origem espanhola e portuguesa, fortemente intolerante.

Mais tarde, já no início do século vinte, nova onda missionária se levanta, agora liderada pelos Estados Unidos da América do Norte, levando a todo o mundo a mensagem do evangelho. Na última década do século vinte havia cerca de 85 mil missionários evangélicos em todo o mundo, dos quais cerca de 50 mil procedentes dos Estados Unidos.

Para combater o racionalismo do século dezoito, Deus levantou os morávios, que haviam sido influenciados pelo pietismo, e depois o movimento

metodista na Inglaterra.

Em 1722, Zinzendorf convidou muitos protestantes desterrados de Boêmia e Morávia para que se estabelecessem em suas propriedades na Saxônia, onde ele organizou a “fraternidade renovada”. Chegou a interessar-se muito pela evangelização do mundo, mas seu maior objetivo era especialmente o desenvolvimento de uma fraternidade internacional constituída de verdadeiros crentes de diferentes confissões religiosas. Ele não queria iniciar uma nova denominação. A sua própria colônia permaneceu dentro da igreja luterana. Não tardaram em surgir outras fraternidades na Holanda, Dinamarca, Inglaterra, América do Norte e em outras partes da Alemanha. (Howard F. Vos, *Breve Historia de la Iglesia Cristiana* [Breve História da Igreja Cristã], Chicago, Editorial Moody, 1965, p. 117.) Por sua vez, sob influência dos morávios surgiram os metodistas com a sua ênfase na santidade. Graças ao dinamismo dos irmãos Wesley, o metodismo se espalhou pelo mundo como um novo alento de vida em meio ao formalismo morto em que jaziam as grandes denominações reformadas. Os enormes templos metodistas espalhados pela Europa e Américas atestam o frutífero trabalho desenvolvido pelos discípulos de Carlos e João Wesley.

## O que é a homilética?

A palavra *homilética* deriva do grego *homiletike*, que significa “o ensino em tom familiar”.

Temos ainda no grego clássico *homilos*, que significa “multidão ou assembleia do povo”, e o verbo *homileo* que significa “conversar”. Desse verbo adaptou-se o termo *homília* ou *homília*, que significa “prática sobre coisas de religião, e discurso que afeta moral exagerada”. Essa palavra tem sido aplicada principalmente a certos escritos dos papas católicos.

Foi a partir da raiz *homiletike* que se passou a entender a forma de pregação dos apóstolos no primeiro século do cristianismo.

Como nos tempos apostólicos não havia uma forma definida de pregação, as homílias surgiram com o propósito de ajudar a igreja a expandir-se. A liturgia do culto era simples a fim de não perderam a direção do Espírito Santo, e a pregação era informal, doméstica, familiar, didática e expositiva, pois as reuniões ocorriam nos lares. Não havia templos.

Essas pregações baseavam-se no Antigo Testamento, especialmente nos textos proféticos acerca do esperado Messias, e eram concluídas com exortações aos cristãos para que fortalecessem a fé naquilo que haviam ouvido.

Como os cristãos eram acusados de formarem grupos de sedição contra o império romano, as pregações eram geralmente secretas. Somente no quarto século, depois dos editos de Constantino a favor dos cristãos, estes puderam deixar os subterrâneos de Roma e outros esconderijos, e cultuar a Deus livremente. Então as homílias caseiras tornaram-se públicas, e a simplicidade deu lugar à retórica dos gregos e romanos.

Com o crescimento da fé cristã em todo o mundo, a pregação tornou-se o principal meio de comunicação do evangelho por parte da igreja, e com a necessidade de aprimoramento da pregação, surgiu a *homilética*.

Portanto, a homilética é uma ciência que estabelece regras básicas para a preparação de discursos. Ela aplica os princípios da oratória, da eloquência e da retórica para que haja no sermão clareza de ideias, lógica nos pensamentos, melhor inter-relação dos pontos expostos com o tema central, e facilidade para calcular o tempo.

Falando da homilética, escreveu Hoppin que ela “é a ciência que ensina os princípios fundamentais dos discursos em público, que proclamam o ensino da verdade divina em reuniões regulares para o exercício do culto”.

Para Waltensir Leocádio da Silva, a homilética “soma um complicado sistema de preparação, que se caracteriza pela harmonia entre o terreno e o celestial, o humano e o divino, o transitório e o eterno, o racional e sobrenatural, em que Deus fala ao homem por meio de homem, fala do desconhecido usando o conhecido, fala ao homem na linguagem do homem”.

Assim, cada pregador deve ter em mente o significado e a importância dos três elementos-chave da homilética já citados: oratória, eloquência e retórica.

## **Que tipo de perigo representou para a igreja a chamada teologia da libertação?**

Caro leitor, o inimigo da sã doutrina tem lançado sucessivos assaltos contra as igrejas evangélicas em geral. Muitos desses assaltos ocorrem sob nomes sugestivos, como é o caso da teologia da libertação, e mais recentemente da teologia da prosperidade. E quem pode negar que o evangelho que pregamos não é, em seu verdadeiro sentido, um evangelho de libertação e de prosperidade?

Vitimados pois tais ataques sutis, alguns segmentos evangélicos, tanto denominacionais como pentecostais, outrora fervorosos na fé e firmes baluartes da sã doutrina, estão hoje inertes e até assumindo ares de heresias.

Para poder resistir aos avassaladores ataques desses últimos tempos, e não ficar desorientado, é necessário estar edificado sobre Jesus Cristo! Ele é a Pedra viva, eleita e preciosa, como afirma a Bíblia (1 Pe 2.6).

A Igreja de Cristo é constituída exclusivamente de novas criaturas. E esse novo nascimento é um milagre operado pelo próprio Deus. “Darei a eles um coração não dividido e porei um novo espírito dentro deles; retirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne” (Ez 11.19).

Ao homem é impossível transformar-se a si mesmo ou ser transformado por outro homem. Somente em Cristo ele pode ser uma “nova criação”. E somente na condição de nova criação, vivendo em novidade de vida, pertence ela à Igreja resgatada, santificada pelo Espírito Santo e que combate as postestades das trevas usando armas espirituais.

A missão da igreja é anunciar o evangelho e não pregar ideologias políticas. O evangelho, “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”, se encarregará, por si mesmo, de melhorar o indivíduo e, conseqüentemente, a sociedade. A injustiça social é consequência do pecado arraigado no coração humano. Não basta condenar o pecado. É preciso, antes, anunciar ao pecador o remédio contra o pecado, que é o sangue de Jesus.

Somente um arrependimento sincero através da aceitação plena da verdade evangélica introduzirá o pecador numa nova maneira de viver, não mais segundo o curso deste mundo, mas segundo a graça divina. O fruto do Espírito Santo no crente é “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5.22,23).

A mensagem libertadora da Teologia da Libertação não leva em conta os fundamentos bíblicos da verdadeira liberdade, conforme ensinou Jesus: “Se

vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará"... Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres" (Jo 8.31,32, 36).

Finalmente, a verdadeira Igreja de Cristo não se conforma com este mundo, não usa armas mundanas para reformar a sociedade, não busca implantar aqui na terra o seu paraíso. A transcendência da esperança cristã cristaliza-se nessas passagens: "Neste mundo vocês terão aflições"; "O mundo todo está sob o poder do Maligno"; "O meu reino não é deste mundo"; "Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão".

## **Estaria o Conselho Mundial de Igrejas defendendo o estabelecimento de um governo mundial na terra?**

Caro leitor, vamos destacar aqui dois pronunciamentos. O primeiro, de Kenneth Kaunda, então presidente de Zâmbia e membro da Igreja Unida. Durante a IV Assembleia Geral do CMI, cujo tema principal foi a justiça social, disse ele:

“O mundo está numa encruzilhada e os membros da comunidade internacional perderam sua rota e seus objetivos. Estamos chegando ao fim do otimismo. Não tem sido a década da impaciência, mas a do desapontamento e desilusão para as novas nações independentes...”

“Desenvolvimento é uma causa ética, bem como social e econômica. É um problema para a consciência cristã. Para que o objetivo seja alcançado, é necessário uma pressão moral e política sobre os líderes. O serviço de Deus vai muito além da caridade e das atividades sacerdotais. Ele atinge o completo desenvolvimento do homem: desenvolvimento que abrange o total humanismo... que abrange a justiça, com a qual a Igreja está grandemente comprometida e que pode somente ser alcançada e realizada no contexto global da vida...”

“É agora o tempo para ações positivas para salvar a humanidade da destruição e criar condições sob as quais a unidade do mundo possa ser sentida em termos práticos”. (Discurso pronunciado em Upsala, Suécia, em julho de 1968. A nota foi também referida no jornal *O Estado de São Paulo*, edição de 7 de julho de 1978.)

O segundo pronunciamento é de Frederick Nolde, diretor da Comissão de Igrejas sobre Questões Internacionais do CMI:

“Chega-se a duvidar da sanidade mental quando se ouve a afirmação de que os testes de armas nucleares de muitos megatons promoverão a segurança... Uma guerra preventiva, ou guerra chamada justa, é um convite à destruição mútua... A defesa contra a agressão, muito frequentemente, pode ser uma máscara para ocultar a agressão.

“Movimentos de libertação que envolvem forças militares ou a ameaça de usá-las, infelizmente, tendem a tornar-se movimentos escravizadores. Toda ação militar deve ser feita estritamente de acordo com a carta e o espírito da Carta das Nações Unidas, pela qual, na situação contemporânea, a conduta

das nações deve ser governada”. (Discurso proferido durante a Terceira Assembleia geral do CMI, realizada em Nova Delhi, Índia, em 1961.)

Os discursos acima mostram claramente o objetivo do CMI, de implantar no mundo um governo internacional. À luz da Palavra de Deus, tal objetivo reveste-se de significativa importância, pois as profecias bíblicas falam claramente de um governo mundial nos últimos tempos.

Muitos outros pronunciamentos oficiais do CMI deixam bem claro que as providências estão sendo tomadas nesse sentido político. O mesmo orador disse ainda que “as igrejas deveriam exortar os governos a se desincumbirem da totalidade de suas responsabilidades... As nações precisam anular progressivamente aqueles aspectos de soberania... a verdadeira comunidade internacional é requerida no mundo de hoje”.

## **Ao dizer: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja”, Jesus constitui a Pedro como fundamento da igreja, estabelecendo o primado de Pedro e dos papas, como pretendem os papistas?**

Caro leitor, note-se primeiro que Cristo não disse: "Sobre ti, Pedro". Nada melhor que os paralelos das palavras de Cristo e de Pedro, respectivamente, para determinar este assunto, ou seja, o significado deste texto.

Pois bem, em Mateus 21.42-44 vemos Jesus mesmo como a pedra fundamental, ou a "pedra angular", profetizada e tipificada no Antigo Testamento. Em conformidade com essa ideia, Pedro mesmo declara que Cristo é a pedra que vive, a principal pedra angular que, rejeitada pelos judeus em Sião, foi feita a principal pedra angular (1 Pe 2.4,8).

Paulo confirma e aclara a mesma ideia, dizendo aos membros da igreja de Éfeso (Ef 2.20) que são "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo Cristo Jesus, a pedra angular, no qual o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor".

Deste fundamento da igreja, posto pela pregação de Paulo, "como prudente construtor" entre os coríntios, disse o apóstolo: "porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Coríntios 3.10,11). Analisando este e outros paralelos, chegamos à conclusão de que Cristo, no texto considerado, não constitui a Pedro como fundamento de sua igreja.

O modo de proceder, tratando-se deste tipo de paralelos, é pois o de esclarecer as passagens obscuras mediante paralelos mais claros: quando se tratar de expressões figurativas, estas devem ser aclaradas mediante textos paralelos próprios e sem figura. Já as ideias sumariamente expressas (resumidas), serão aclaradas através de paralelos mais extensos e explícitos. Vejamos a seguir um bom exemplo.

Acentua-se muito o amor aos crentes (1 Pe 4.8), "porque o amor cobre multidão de pecados". Como explicar este texto obscuro? Pelo contexto, e comparando-o com 1 Coríntios 13 e Colossenses 1.4 vemos que a palavra amor é usada aqui no sentido de amor fraternal. Porém, em que sentido cobre o amor fraternal muitos pecados? Em Romanos 4.8 e Salmo 32.1 vemos o pecado perdoado sob a figura de "pecado coberto", "sepultado no esquecimento".

Em Provérbios 10.12, citado por Pedro, vemos que o amor fraternal cobre muitos pecados no sentido de perdoar as ofensas recebidas dos irmãos, sepultando-os no esquecimento, contrário ao ódio que desperta rixas e aviva o pecado. Não se trata aqui de merecer o perdão dos próprios pecados mediante obras de caridade, nem de encobrir pecados próprios e alheios mediante dissimulações e escusas, como erroneamente pretendem alguns.

O que é de valor para Cristo é a nova criação (Gl 6.15). Que significa esta expressão figurada? Consultando o seu paralelo (2 Co 5.17), verificamos que a *nova criação* é a pessoa que "está em Cristo", para a qual "as coisas antigas já passaram" e "todas se fizeram novas". A nova criatura, portanto, é a pessoa que tem fé em Deus e observa os mandamentos de Deus (Gl 6.6; 1 Co 7.19).

## Quem foram os gnósticos?

O apóstolo Paulo preocupou-se com a presença de gnósticos na igreja de Colossos (Cl 1.9-23), e o apóstolo João referiu-se a eles em sua Primeira Carta: "E todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo" (1 Jo 4.3).

Dizendo-se possuidores de um profundo conhecimento espiritual, os gnósticos reduziram o Cristianismo a um sistema filosófico ao basearem suas pretensões numa interpretação perversa de 1 Coríntios 2.6-8:

Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem a nada; mas falamos a sabedoria de Deus, em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória.

"Gnosticismo" vem da palavra grega "gnose", conhecimento. Os gnósticos se opunham à simplicidade da fé cristã. Consideravam-se pensadores profundos e tentavam explicar os mistérios da criação e o problema do mal. Para eles havia três tipos de pessoas: os instruídos, ou espirituais, que eram eles mesmos; os cristãos comuns, em quem se equilibram matéria e espírito, e, finalmente, os pagãos, ou materiais, nos quais o espírito é subjugado pela matéria.

Aplicada ao cristianismo, essa heresia ensinava que Jesus, ao ser batizado, recebeu um eon, ou seja, uma entidade superior, que fez dele um enviado de Deus, capaz de levar os homens à verdadeira "gnose", o evangelho da redenção. Segundo eles, o mundo foi criado pelo último "eon", ou demônio que arrebatou uma centelha da plenitude divina, com a qual deu vida à matéria.

Alguns gnósticos foram: Valentim, egípcio, pregou em Roma entre 135 e 160. Retirou-se para Chipre, onde fundou uma seita. Carpóates, contemporâneo de Valentim, ordenou que seu filho Epifânio, que faleceu ainda moço e cheio de vícios, fosse honrado como um deus em sua seita. Era indiferente às desordens sensuais. Márcio, da mesma época, rompeu com a igreja cristã e fundou uma seita. Afirma-se que ele opunha o Antigo Testamento ao Novo, chamando aquele de "obra do Deus justo", e ao Novo de "obra do Deus bom".

Os gnósticos, na verdade, nunca deixaram de existir. Eles estão presentes

hoje em diversas sociedades secretas, em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde realizam sessões e divulgam suas doutrinas. Uma página de autoria do "Venerável Mestre de Mistérios Maiores", Gancha Cuichini, afirma:

"Aprendemos a cumprir a vontade do Pai, tanto no céu como na terra. Para isso, a procriação em nós verifica-se por obra e graça do Espírito Santo, ou seja, de Nosso Senhor Jeová, o qual nos dirige e numa de nossas uniões de magia sexual, permite a fecundação de nossa esposa ou sacerdotisa por obra e graça do Espírito Santo, através da ação de um só gene. Desta forma, o parto será sem dor e esse filho da luz será um novo bem-aventurado para a glória do Pai."

## O que é a chamada Teologia Radical?

Como um dos principais proponentes do ateísmo cristão, Thomas J. J. Altizer fundamenta-se em estudos de religiões comparadas do Oriente e do Ocidente a fim de defender o regresso ao cristianismo primitivo. Sua teologia radical sofreu grande influência de Nietzsche, Hegel e William Blake.

Do primeiro, Altizer adotou o motivo da morte de Deus; do segundo, a dialética para relacionar o sagrado com o profano; de Blake, ele usa as percepções místicas para determinar o significado da morte de Deus. No seu método dialético de unir o sagrado ao secular, Altizer argumenta que se devem negar todas as formas anteriores de espírito para que novas formas de manifestações do sagrado possam aparecer.

O cristão radical, no conceito de Altizer, é o único capaz de falar sobre a morte de Deus de maneira significativa, porque somente ele vê que o Deus transcendente se tomou totalmente presente em todas as mãos e rostos humanos. Assim, o Deus da tradição judaico-cristã está realmente morto e não apenas escondido ou ausente.

Para Altizer, a morte de Deus oferece ao homem a sua única entrada nos tempos modernos. Tal acontecimento deve ser saudado como um ato redentor capaz de dar ocasião à emergência de uma nova humanidade. Assim, o cristão de hoje é chamado a proclamar a "Boa Nova" da morte de Deus.

Combinando interpretações mística e dialética do cristianismo, Altizer afirma que o homem moderno só possui duas opções: ou a rejeição do cristianismo na sua totalidade ou a adoção de um tipo de ateísmo cristão.

Acerca de pessoa de Jesus, Altizer afirma que Nietzsche, Hegel e Blake descobriram a verdadeira significação do nome dele, ao rejeitarem a tradição judaico-cristã de um Deus totalmente outro. Para esses homens, Jesus representa um processo universal de redenção da humanidade.

De acordo com Altizer, a fé hoje deve ser totalmente secular, razão pela qual o verdadeiro cristianismo, para chegar ao sagrado, tem de entrar pelo caminho da secularidade. Assim, a autêntica manifestação da fé só pode ocorrer num ser automaticamente humano. Altizer afirma: "Agora o Espírito só pode existir e ser real de um modo kenótico ou encarnado que é o oposto exato do ser original. Hegel e o cristão radical ensinam que, finalmente, o Espírito é este movimento eterno de geração absoluta.

"Além do que Hegel chamou de o processo de negatividade absoluta, não há outro caminho para aprender a realidade ontológica da encarnação e, a não ser

que se saiba que a encarnação realiza uma negação absoluta do ser primordial, ou essencial de Deus, não pode haver conhecimento de que Deus é amor.

"Uma proclamação cristã do amor de Deus é uma proclamação de que Deus negou a si próprio ao tomar-se carne, o seu Verbo é agora o oposto ou a diversidade intrínseca do seu ser primordial e o próprio Deus deixou de existir no seu modo original como Espírito transcendente ou desencarnado: Deus é Jesus." (Charles Bent, *O Movimento da Morte de Deus*, Lisboa, Moraes Editores, 1968, p. 296, 297.)

## Como Altizer explica a teologia da morte de Deus?

Para o teólogo Thomas J. J. Altizer, a morte de Deus cria uma nova humanidade, onde Jesus está profundamente encarnado, perdendo todo o vestígio do seu aspecto anterior. Para ele, o mesmo Deus outrora real e que se manifesta como o Criador, deixou de existir no seu modo transcendente e transformou-se no Cristo Kenótico.

Dentre as muitas afirmativas de Altizer acerca da morte de Deus, destacamos as seguintes: A teologia cristã deve negar todas as formas passadas do verbo, se quiser permanecer alerta a novas manifestações do Espírito.

O cristão radical concebe Deus como um processo progressivo de autonegação ou autoaniquilamento.

Tanto a teologia natural como a revelada recusam a realidade completa de Deus.

O homem moderno percebe a importância da morte de Deus e compreende que ela lhe proporciona uma nova libertação.

Apesar da escuridão presente, o cristão radical confia em que aparecerão no mundo novas e mais significativas manifestações do Espírito.

O cristão radical não apenas abraça a realidade da morte de Deus, mas deseja mesmo a morte de Deus, para experimentar seu efeito libertador. "Confessar a morte de Deus é falar de um acontecimento real e verdadeiro, não talvez de um acontecimento que ocorresse num momento dado do tempo ou da história, mas apesar desta reserva, um acontecimento que realmente teve lugar tanto num sentido cósmico como num sentido histórico".

Deus morre até ao ponto de ficar imerso no mundo.

Em uma análise crítica da teologia de Altizer, observamos que esse teólogo não define claramente a morte de Deus. É uma pessoa ou um processo que morre?

De acordo com a análise que esse teólogo faz da atual crise religiosa, o homem é obrigado a escolher entre rejeição completa e final do cristianismo radical, entre a descrença total e o teísmo ateu.

Eis outros pontos fracos da sua teologia:

O homem não pode alcançar o sagrado pela enérgica afirmação do profano.

A autêntica fé cristã não pode assumir uma atitude de ataque contra Deus.

A afirmação de Altizer de que Deus "totalmente outro" era uma divindade opressora choca-se profundamente com o ensino bíblico e com afirmações do

próprio Jesus.

Hegel, Nietzsche e Blake não estão, de maneira alguma, qualificados para falar sobre o verdadeiro significado do cristianismo.

O Jesus referido por Altizer não corresponde ao Jesus das Escrituras. É totalmente outro.

## CAPÍTULO 7 DOCTRINAS BÍBLICAS

### **Quais os principais símbolos do Espírito Santo na Bíblia?**

Meu caro leitor, acerca da natureza e operação do Espírito Santo, Deus achou por bem ilustrar com símbolos o que de outra maneira nunca poderíamos saber, devido à pobreza da linguagem humana. Eis alguns desses símbolos:

Em primeiro lugar, temos o fogo (Is 4.4; Mt 3.11; Lc 3.16), que ilustra limpeza, purificação, intrepidez ardente e zelo produzidos pela unção do Espírito. O Espírito é comparado ao fogo porque o fogo aquece, ilumina, espalha-se e purifica (Jr 20.9).

Em segundo lugar temos o vento (Ez 37.7-10; Jo 3.8; At 2.2), que simboliza a obra regeneradora do Espírito e é indicativo da sua misteriosa operação independente, penetrante, vivificante e purificadora.

Em terceiro lugar, temos a água (Êx 17.6; Ez 36.25-27; 47.1; Jo 3.5; 4.14; 7.38,39). O Espírito é fonte de água viva porque Ele é um verdadeiro rio de vida — inundando nossa alma e limpando a poeira do pecado.

O poder do Espírito opera no reino espiritual como a água o faz na ordem material. A água purifica, refresca, sacia a sede e torna frutífero o estéril. Ela afasta a sujeira e restaura a limpeza. É símbolo da graça divina, que não somente purifica a alma mas também lhe acrescenta a beleza divina. A água é indispensável na vida física; o Espírito Santo é indispensável na vida espiritual.

Em quarto lugar, temos o selo (Ef 1.13; 2 Tm 2.19), que exprime posse e segurança. A impressão de um selo relaciona o objeto selado com o seu possuidor. É a garantia de que algo lhe pertence. Os crentes são propriedade de Deus, e sabe-se que o são pelo Espírito que neles habita.

Em Éfeso, nos tempos de Paulo, um negociante ia ao porto selecionar certa madeira, e então a marcava com seu selo — sinal de reconhecimento

da possessão. Mais tarde mandava seu servo com o selo, e ele trazia a madeira que tivesse a marca correspondente (2 Tm 2.19).

A ideia de segurança também está inclusa. O Espírito inspira um sentimento de segurança e certeza no coração do crente (Rm 8.16). Ele é o penhor ou as primícias da nossa herança celestial, uma garantia da glória vindoura. Devemos cuidar em não destruir a impressão do selo (Ef 4.30).

Em quinto lugar temos o azeite, talvez o mais comum e mais conhecido símbolo do Espírito. Quando se usava o azeite no ritual do Antigo Testamento, falava-se de utilidade, frutificação, beleza, vida e transformação. Geralmente era usado como alimento, para iluminação, lubrificação, cura, e alívio da pele. Da mesma maneira, na ordem espiritual o Espírito fortalece, ilumina, liberta, cura e alivia a alma.

Em sexto e último lugar temos a pomba, que significa brandura, doçura, amabilidade, inocência, suavidade, paz, pureza e paciência. Também significa sacrifício, como no caso da unção de Cristo após o batismo no Jordão.

Entre os sírios, a pomba é emblema dos poderes vivificantes da natureza. Uma tradição judaica traduz assim Gênesis 1.2: "O Espírito de Deus como pomba pousava sobre as águas". Cristo falou da pomba como a encarnação da simplicidade, uma das mais belas características dos seus discípulos.

## Que papel exerceu o Espírito Santo na vida e ministério de Jesus?

Caro leitor, temos, em o Novo Testamento, o cumprimento da promessa de que Deus derramaria do seu Espírito sobre toda a humanidade, que pelo seu Espírito escreveria suas leis no coração de seu povo. Isso ocorreria nos dias do Messias. Assim, verificamos que o Espírito Santo é descrito como operando sobre Jesus, dentro dEle, e por meio dEle.

Os títulos *Espírito de Cristo* e *Espírito de Jesus Cristo* indicam uma relação entre Cristo e o Espírito Santo da qual não participam os seus discípulos. Por exemplo, não nos atreveríamos a falar do *Espírito de Paulo*.

Do princípio ao fim de sua vida terrena, o Senhor Jesus esteve intimamente ligado à Terceira Pessoa da Trindade. Tão íntimo era esse relacionamento que Paulo descreve a Cristo como "um Espírito vivificante". O significado não é que Jesus é o Espírito, mas que Ele dá o Espírito, e através do mesmo exerce a onipresença. O Espírito é mencionado em conexão com as seguintes crises e aspectos do ministério de Cristo: Em primeiro lugar, no nascimento de Jesus. O Espírito Santo é descrito como o agente na milagrosa concepção de Jesus Cristo (Mt 1.20; Lc 1.35). O Espírito Santo desceu sobre Maria, o poder do Altíssimo a cobriu com sua sombra, e aquEle que dela nasceu foi chamado santo, Filho de Deus.

João Batista foi cheio do Espírito desde o ventre de sua mãe, mas Jesus foi concebido pelo poder do Espírito no ventre, e por essa razão recebeu nomes e títulos que não podiam ser conferidos a João. Deus, operando pelo Espírito, é o Pai da natureza humana de Jesus, no sentido de que sua origem proveniente da substância da virgem mãe foi um ato divino.

Em segundo lugar, no batismo. Com o passar dos anos, ocorreu na vida de Jesus uma nova relação com o Espírito. Aquele que havia sido concebido pelo Espírito e que era cômico da morada do Espírito divino em sua pessoa, foi ungido com o Espírito. Assim como o Espírito desceu sobre Maria na concepção, assim também no batismo Ele desceu sobre o Filho, unguindo-o como profeta, sacerdote e rei. A primeira operação santificou sua humanidade; a segunda consagrou sua vida.

Em terceiro lugar, no ministério. Logo depois de ser batizado, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto (Mc 1.12) para ser tentado por Satanás. Ali Ele venceu as sugestões do príncipe deste mundo, que o tentavam a fazer a obra de Deus de maneira egoísta, vangloriosa e em espírito humano, e a usar

seu poder conforme o curso de ação da ordem natural.

Em quarto lugar, na morte e ressurreição. O Espírito deu a Jesus força para consumir sua obra na cruz, onde, "pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus" (Hb 9.14), e depois foi o agente vivificante na ressurreição de Cristo (Rm 1.4; 8.11). Alguns dias depois deste evento, Cristo apareceu a seus discípulos, soprou sobre eles, e disse: "Recebam o Espírito Santo" (Jo 20.22; At 1.2). Essas palavras, contudo, não podem significar o revestimento de poder, pois para receberem esse revestimento o Senhor, antes de sua ascensão, lhes ordenou que esperassem.

## O que significa o Espírito Santo convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo?

Caro leitor, em relação ao mundo perdido, o Espírito age como uma espécie de *promotor de Justiça*, convencendo os que rejeitam a Cristo da condenação divina. Convencer significa levar alguém ao conhecimento de verdades que de outra maneira seriam postas em dúvida ou rejeitadas, ou provar acusações feitas contra a conduta.

As pessoas não sabem o que é o pecado, a justiça e o juízo; portanto, precisam ser convencidas da verdade espiritual. Por exemplo, seria inútil discutir com uma pessoa que declarasse não ver beleza alguma numa rosa, pois sua incapacidade demonstraria falta de apreciação pelo belo.

Antes dessa pessoa ser convencida da beleza da flor, é necessário que seja despertado nela o sentido da beleza. Da mesma maneira, a mente e o espírito obscurecidos nada discernem das verdades espirituais antes de serem convencidas e despertadas pelo Espírito Santo. Este convence os homens das seguintes verdades: Em primeiro lugar, do pecado da incredulidade. Quando Pedro pregou, no dia de Pentecoste, ele nada disse acerca da vida licenciosa do povo, do seu mundanismo, ou de sua cobiça. O pecado de que culpou o povo e do qual teriam de se arrepender foi a crucificação do Senhor da glória, e o perigo do qual os avisou foi de se recusarem a crer em Jesus.

Portanto, descreve-se o pecado da incredulidade como pecado único, porque, nas palavras de um erudito, "onde esse permanece, todos os demais pecados surgem, e quando esse desaparece, todos os demais desaparecem". É o *pecado mater*, porque produz novos pecados, e por ser o pecado contra o remédio para o pecado.

Assim escreve Smeaton: "Por muito grande e perigosa que seja sua criminalidade, é inteiramente desconhecida até que seja descoberta pela influência do Espírito Santo, o Consolador. A consciência poderá convencer o homem dos pecados comuns, mas nunca do pecado da incredulidade. Jamais homem algum foi convencido da enormidade desse pecado, a não ser pelo próprio Espírito Santo".

Em segundo lugar, do pecado da injustiça. "Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais" (Jo 16.10). Jesus foi crucificado como malfeitor e impostor. Mas depois do dia de Pentecoste, o derramamento do Espírito e a realização de milagres em nome de Jesus convenceram a milhares de judeus que ele a quem haviam crucificado não somente era justo, mas era também

a única fonte e o único caminho da justiça.

Usando Pedro, o Espírito convenceu os judeus de que haviam crucificado o Senhor da Justiça, ao mesmo tempo que lhes assegurou que havia para eles perdão e salvação em Jesus (At 2.36-38).

Em terceiro lugar, o juízo sobre Satanás. "Do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado". Como se convencerão as pessoas na atualidade de que o crime será castigado? Pela descoberta do crime e seu subsequente castigo. Em outras palavras, pela demonstração da justiça.

## O que é a obra de regeneração?

Caro leitor, a obra criadora do Espírito sobre a alma ilustra-se pela obra criadora do Espírito de Deus no princípio sobre o corpo do homem. Deus tomou o pó da terra e formou um corpo. Ali jazia, inanimado e quieto, o corpo. Embora já estando no mundo, e rodeado por suas belezas, o corpo não reagia porque não tinha vida. Não via, não ouvia, não entendia. Então "Deus soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2.7). Imediatamente tomou conhecimento, vendo as belezas e ouvindo os sons do mundo ao seu redor.

Como sucedeu ao corpo, assim também sucede à alma. O homem está rodeado pelo mundo espiritual e por Deus, que não está longe de nenhum de nós. No entanto, o homem vive como se esse mundo de Deus não existisse, em razão de estar morto espiritualmente, não podendo reagir como devia. Mas quando o mesmo Senhor que vivificou o corpo vivifica a alma, a pessoa desperta para o mundo espiritual e começa a viver a vida espiritual.

Qualquer pessoa que tenha presenciado as reações de um verdadeiro convertido, conforme a experiência radical conhecida como Novo Nascimento, sabe que a regeneração não é meramente uma doutrina, mas uma realidade prática.

A regeneração é seguida da habitação. Deus está sempre presente em toda a parte. Nele vivem todos os homens; nEle se movem e têm seu ser. Mas a habitação interior significa que Deus está presente de uma maneira nova, relacionando-se pessoalmente com o indivíduo.

Essa união com Deus, que é chamada de *habitação* ou *morada*, é produzida realmente pela presença do Espírito Santo em nós. O ministério especial do Espírito Santo é o de habitar no coração dos homens. Essa experiência é geralmente conhecida como morada do Espírito Santo.

Na regeneração, o Espírito Santo efetua uma mudança radical na alma, concedendo-lhe novo princípio de vida. Mas isso não significa que os filhos de Deus sejam imediatamente perfeitos. Permanece a debilidade hereditária adquirida, e ainda falta vencer o mundo, a carne e o Diabo.

O Espírito não opera magicamente, mas de maneira vital e progressiva; a alma é renovada gradualmente. Deve a fé fortalecer-se por meio de muitas provas, e o amor deve fortificar-se para sobreviver à dificuldade e à tentação. As seduções do pecado precisam ser vencidas, e as tendências e os hábitos devem ser corrigidos. Daí a necessidade de poder.

"Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8).

A característica principal dessa promessa é poder para servir, e não a regeneração para a vida eterna. Sempre que lemos acerca do Espírito enchendo as pessoas, a referência nunca é a obra salvadora do Espírito, mas sempre ao poder para servir. As palavras de Jesus foram dirigidas a homens que já mantinham comunhão íntima com Ele. Eles foram enviados a pregar, armados de poder espiritual para esse propósito (Mt 10.1).

## Segundo a Bíblia, o que é pecado?

Caro leitor, pecado é desobediência. Ao colocar o homem no Éden, disse-lhe o Senhor Deus: "De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (Gn 2.16,17). O homem, porém, ao optar pela desobediência, sujeitou-se ao pecado e à morte, e desde então luta com suor e lágrimas para granjear o pão cotidiano. O pecado tornou a terra maldita, e esta passou a produzir espinhos e cardos. Desde então, todo homem é pecador por natureza, como membro da raça pecadora que descende do pecador original, Adão. Enquanto a criatura humana não resolver o problema do seu pecado perante Deus, ela está separada dEle.

As Escrituras Sagradas declaram que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, ou seja, espiritualmente justo, veraz, piedoso, misericordioso e santo. Porém, vencido pelo pecado, ele perdeu aquela imagem e semelhança divina, vindo a ser vendido ao Demônio. Assim, quanto ao espírito o homem, mediante a queda, se tornou injusto, mentiroso, cruel, ímpio e inimigo de Deus. O seu corpo, antes não sujeito ao sofrimento, tornou-se sensível à dor e sujeito a todo o tipo de enfermidades, assumindo posição ainda mais inferior do que a dos animais irracionais. O pecador é escravo do mundo através da moda e da opinião pública, é escravo da carne mediante sua natureza caída, e é escravo do Diabo por sujeitar-se às influências deste.

Mesmo depois de libertos por Cristo e feitos filhos de Deus, não nos livramos inteiramente do insidioso poder da queda. John Stott afirma que o pecado não é apenas um lapso lamentável de padrões convencionais, pois a sua essência é a hostilidade para com Deus, manifesta em rebeldia ativa contra ele. Para Stott, o pecado é "uma qualidade implicitamente agressiva — uma crueldade, um ferimento, um afastamento de Deus e do restante da humanidade, uma alienação parcial, ou um ato de rebelião...".

Cada pecado é a quebra do que Jesus chamou de o primeiro e grande mandamento. É a recusa ativa de reconhecer a Deus e obedecer-lhe como nosso Criador e Senhor, e a rejeição da nossa posição de dependência dEle que implica o fato de termos sido por ele criados. Mas fazemos ainda pior, teimando em proclamar a nossa autoindependência e a nossa autonomia como que reivindicando a posição que somente Deus pode ocupar.

Na Bíblia, portanto, pecado é algo interno, que além de ter sua origem na desobediência à vontade divina, é basicamente contra Deus e não contra o

homem. Quando a Escritura afirma que "todos pecaram" e que "o salário do pecado é a morte", quer dizer exatamente isso: que esse terrível mal é como chaga que contamina o ser humano dos pés à cabeça e o coloca sob a maldição eterna de Deus. O aspecto social do pecado não é outra coisa senão o exteriorizar do caráter depravado do coração ainda insubmisso a Cristo.

Emil Brunner resume esse pensamento muito bem, ao afirmar que o pecado "é desafio, arrogância, desejo de ser igual a Deus... Asserção da independência humana contra Deus... Constituição da razão autônoma, moralidade e cultura".

## O que vem a ser a nossa condição pecaminosa?

Meu caro leitor, o ser humano, com sua natureza corrompida pelo pecado de Adão, vivendo na triste condição de escravo do Diabo, do pecado e da morte, está condenado ao inferno. Diz a Bíblia que pela desobediência de um só homem todos pecaram, e que todo o que comete pecado é escravo do pecado. Sua razão corrompeu-se; ele passa a chamar mal ao bem, e bem ao mal, e considera as coisas falsas como verdadeiras e as verdadeiras como falsas. No Salmo 14 e verso 3 lemos que "não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer", e no Salmo 116.11, está escrito que "ninguém merece confiança".

Embora o pelagianismo e o iluminismo afirmem que *somos bons por natureza mas pervertíveis pelo ambiente*, e o semipelagianismo reconheça que *há em nós uma inclinação má que, embora não seja pecado, torna-se pecado quando consentimos com ela, e que por isso podemos cooperar na nossa salvação pelas nossas próprias forças*, a Bíblia Sagrada não permite nenhuma atenuação da profundidade do pecado, que leva o ser humano à perdição eterna.

A Bíblia ensina que o pecado enraizou-se na alma humana e manchou-a terrivelmente, como verdadeira lepra espiritual que se ramifica, amarrando e sufocando a alma. Como um déspota tirano, o pecado exige obediência cega dos seus escravos, porque atrás dele está o próprio Satanás. As obras do pecado são as mais horrendas que se podem imaginar: insegurança, doenças, inimizades, rixas, contendas, falta de paz e toda uma grande e negra lista.

O apóstolo João declara que o amor do mundo e o amor do Pai são incompatíveis. "Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (1 Jo 1.15-17).

Nesse contexto, *mundo* significa a raça humana sem Deus, incrédula e rebelde, sob a orientação do Diabo, que persegue a igreja ou procura subvertê-la mediante influências sutis.

A "cobiça da carne" significa os apetites malignos e desordenados da nossa baixa natureza animal, não redimida. A "cobiça dos olhos" quer dizer o meio pelo qual as coisas externas do mundo nos inflamam — o seu materialismo avarento e passageiro, o desejo exagerado de fama e beleza, de ajuntar tesouros na terra, que quase sempre acaba levando a pessoa a afastar-se de

Deus, a explorar o seu semelhante e a viver uma vida infeliz. A "ostentação dos bens" é a presunção arrogante, o pecado que causou a queda de Lúcifer. A "ostentação dos bens" forma o vínculo entre o mundo (que corresponde à cobiça dos olhos) e o diabo (a cobiça da carne).

À luz da Palavra de Deus, o pecador não regenerado e, portanto, desobediente à vontade divina, não pode desfrutar a pureza e a santidade, mas experimentar contínua degeneração física, moral e espiritual. Em vez de paz, conhece o desespero; em vez de felicidade, conhece a desgraça.

## Qual é o remédio contra o pecado?

Caro leitor, a Bíblia afirma que o etíope não pode mudar a sua pele nem o leopardo as suas manchas, numa clara referência à impossibilidade de o homem, por si mesmo, libertar-se dos seus pecados. Ele não consegue livrar-se dos seus vícios e muito menos das suas más inclinações. Pergunte a um fumante por que não deixa de fumar. Apesar de saber dos malefícios do fumo, ele continua fumando. Da mesma forma acontece com o alcoólatra.

Todavia, para combater o que chamam de "estruturas diabólicas", alguns teólogos liberais não recorrem ao poder de Deus, à Bíblia ou ao sangue de Jesus. Para eles, os pecadores não necessitam de nenhuma ajuda externa; tudo o de que carecem é deixarem os seus maus caminhos e praticarem a justiça.

Seria possível ao pecador, sem nenhuma ajuda externa, praticar a justiça? A Bíblia afirma com toda a ênfase que o único caminho que o pecador não regenerado conhece é o da injustiça, e que Jesus, anunciado no Antigo Testamento como "Senhor Justiça Nossa" (Jr 23.6), que "nunca fez injustiça" e em cuja boca "dolo algum se achou" (Is 53.9), é o único que pode guiar o homem "pelas veredas da justiça por amor do seu nome" (Sl 23.3).

Não se pode combater a injustiça social, que é uma consequência do pecado, sem primeiro combater o próprio pecado. O mal tem de ser removido pelas raízes. O apóstolo Paulo, escrevendo a cristãos que, mediante os recursos divinos, renegaram a impiedade e as paixões mundanas, exorta-os a que vivam neste presente século "sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.12), palavras que descrevem um relacionamento em primeiro lugar intimamente pessoal, depois social, e finalmente espiritual.

Em outras palavras, o perdão dos nossos pecados, ou seja, a nossa justificação pela fé em Cristo, leva-nos a depor as armas na guerra que mantínhamos contra Deus e contra nós próprios; então, depois de assim reconciliados com Deus e com a nossa própria personalidade integral, é que estamos em condições de manter relacionamento social legítimo e justo com os nossos semelhantes, o que vem a ser a prática da justiça. Finalmente, é só quando damos esses dois primeiros passos que chegamos ao terceiro — a vida de comunhão com Deus, que vem a ser o viver "piedosamente".

Os cristãos verdadeiros, libertos do pecado através do recebimento da salvação que Deus lhes preparou em Jesus, que é muito mais do que o Deus dos pobres da teologia liberacionista, conhecem por experiência própria as consequências do pecado arraigado no coração humano, e sabem que não

basta condenar o pecado. É necessário, antes, anunciar ao pecador o remédio contra o pecado, que é o sangue de Jesus derramado na cruz do Calvário numa morte expiatória e substitutiva.

Da parte do pecador, somente um arrependimento sincero através da aceitação plena da verdade evangélica poderá introduzi-lo num novo viver, não mais segundo o curso deste mundo, mas segundo a graça divina. O fruto do Espírito Santo no crente é: "Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22).

## Como entender a pessoa de Jesus como Deus e como homem?

De acordo com a História, um dos tópicos mais controvertidos entre os que afirmam seguir a Bíblia tem sido a natureza de Jesus e sua relação com o Pai. Nos primeiros cinco séculos após a encarnação de Cristo, os cristãos passaram pelas chamadas "controvérsias cristológicas": vários grupos defendiam visões completamente diferentes com respeito à natureza de Jesus Cristo e do ser divino.

Esse fato não deve nos espantar, pois Satanás deseja mais do que nunca introduzir entre os discípulos erros quanto à natureza de Deus. Tais erros são básicos e extremamente prejudiciais. Além disso, qualquer ser humano que tente compreender a natureza de Deus está lidando com um assunto muito mais profundo que ele mesmo, pois somos tentados a reduzir Deus às condições humanas e começar a analisá-lo de acordo com as nossas limitações.

Ainda hoje há acirradas controvérsias entre os supostos seguidores do Senhor Jesus no que diz respeito à natureza e ao conceito da divindade.

É importante começar qualquer estudo com a postura correta. Precisamos sempre estar dispostos a submeter os nossos conceitos ao significado imparcial dos textos bíblicos.

Consultar a Bíblia para tentar provar o que já decidimos ser a nossa crença é perigoso e muitas vezes leva a equívocos. Se as nossas concepções nos obrigam a torcer as Escrituras para que se encaixem ao que pensamos, então devemos abandonar os nossos conceitos.

Nem tudo na Bíblia nos parecerá sábio e razoável. A sabedoria de Deus não se sujeita à nossa avaliação. Por causa das nossas limitações, a sabedoria de Deus às vezes parece tola. Não é necessário que tudo tenha sentido para nós nem que tudo seja coerente, mas pela fé devemos nos submeter ao que a Palavra de Deus claramente afirma sem rodeios (estude 1 Co 1—2).

Vários grupos negam a absoluta divindade de Cristo. Os Testemunhas de Jeová, por exemplo, negam que Jesus seja Deus com "d" maiúsculo. Segundo eles, Ele é um deus, um arcanjo muito elevado, mas não é igual a Deus Pai.

Os teólogos modernos muitas vezes ensinam que Jesus era um grande homem, um mestre maravilhoso e um grande profeta, mas não Deus na verdade. Mas a Bíblia ensina que Jesus é Deus.

Há vários "poréns" que devem ser ligados a essa afirmação. Quando Jesus se fez carne, passou a ser humano. Participou da nossa natureza; submeteu-se à

experiência humana. Assim, experimentou a fome, a sede, o cansaço. Nas palavras de Paulo, Jesus, *"embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!"* (Fp 2.6-8, NVI).

É importante entendermos que, quando Jesus se fez homem, não deixou de ser Deus. Ele era Deus vivendo como homem. Mas restringiu-se à forma e a limitações muito diferentes da natureza de sua existência eterna.

## **Ao afirmarmos que Jesus é Deus, não estaríamos negando a sua verdadeira humanidade?**

Meu caro leitor, quando afirmamos que Jesus é Deus não estamos afirmando que Ele é o Pai. É bom salientar, desde já, que se acha revelada nas Escrituras uma nítida diferença entre o papel do Pai e o do Filho. Uma delas é que foi o Filho que se fez carne, não o Pai.

Mas, o que é mais fundamental, o Pai parece ser revelado na Palavra como o planejador e diretor, e o Filho, como o concretizador. O Filho submeteu-se à vontade do Pai. Nesse sentido, Jesus afirmou. "*O Pai é maior do que eu*" (Jo 14.28).

Aqui Jesus não se refere à sua natureza, mas ao seu ofício de Mediador. Sendo mandado pelo Pai, Jesus era inferior ao Pai. Por estas mesmas palavras Jesus dá a entender, de algum modo, uma igualdade divina, porque nenhum homem diria. "Deus é maior do que eu"!

Entendemos que, de acordo com as Escrituras, o marido deve ser o cabeça da esposa, e ela deve submeter-se ao marido. Mas isso não significa que o marido seja superior em essência; simplesmente tem um papel de autoridade. Tanto marido quanto mulher são plena e igualmente humanos. Da mesma forma, a liderança do Pai e a submissão do Filho não implicam diferença de natureza. Ambos são plena e igualmente divinos.

Outra citação usada pelos que negam a divindade de Cristo é a de Marcos 10.18, em que Jesus afirma. "Não há nenhum bom, senão Deus". Eis o dilema do unitarista. "Cristo é bom, logo Ele é Deus", ou, "Não há nenhum bom senão Deus. Cristo não é Deus; logo, ele não é bom".

Em vista das muitas passagens em que Cristo diz ser Deus, ou ele é Deus ou não é um homem bom. Assim, os que começam negando a suprema divindade de Cristo, acabam logicamente atacando a sua integridade moral.

Há ainda Marcos 13.32, em que Jesus afirma a sua ignorância do dia e hora da sua volta. Mas tal declaração de Jesus não prova nada contra a sua divindade, desde que pode ter sido uma parte de sua humilhação como mediador o ser isso oculto dele.

Também suas orações ao Pai não provam uma inferioridade em essência. Ele não poderia ser um perfeito exemplo para nós sem viver uma vida piedosa, e Ele não poderia mostrar a sua piedade sem oração, louvor e culto ao seu Pai Celestial.

A Bíblia deixa bem claro que Jesus é Deus. "*Porque um menino nos*

*nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9.6, NVI). O Filho que nos foi dado é o Emanuel, ou Deus Poderoso, que encarnou-se no menino que nos nasceu. O menino nasceu, mas o Filho, não. O Filho nos foi dado.*

Em João 1.1: *"No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus".* Aqui a Palavra é Jesus. Jesus não só estava com Deus, mas era Deus. Que seja Ele louvado para todo o sempre!

## O fato de Jesus ter aceitado adoração prova a sua divindade?

Se partirmos do princípio, meu prezado leitor, que somente Deus deve ser adorado, então Jesus era, de fato, Deus. Adorar a criatura é idolatria e é terminantemente proibido nas Escrituras (Rm 1.25). O próprio Jesus afirmou: *"Retire-se, Satanás! Pois está escrito: Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto"* (Mt 4.10).

Em nenhum lugar das Escrituras um homem justo aceitou ser adorado. Pedro recusou-se a permitir que Cornélio se curvasse diante dele. Paulo e Barnabé ficaram abismados quando o povo de Listra se preparou para adorá-los como deuses. Tomaram imediatamente uma atitude, como a que está em Atos 14.14,15. Os anjos são seres celestes superiores aos homens, mas nem mesmo eles aceitam ser adorados (Ap 19.10; 22.8,9).

É bem notável, então, que Jesus tenha aceitado a adoração do homem. Quando Jesus acalmou a tempestade, *"os que estavam no barco o adoraram, dizendo: "Verdadeiramente tu és o Filho de Deus"* (Mt 14.33). Jesus não os repreendeu por louvá-lo. O cego que Jesus curou em João 9 o adorou.

Várias vezes os discípulos adoraram a Jesus após a ressurreição, e Jesus jamais deu a entender que aquilo não era certo. Na realidade Ele ensinou de modo claro, *"Para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Aquele que não honra o Filho, também não honra o Pai que o enviou"* (Jo 5.23).

Nenhum homem justo e nenhum anjo do céu jamais pediu que os homens os honrassem da mesma forma que honram ao Pai. Se Jesus não fosse Deus, então João 5.23 seria uma das blasfêmias mais audaciosas que jamais foram proferidas por lábios humanos. Os cristãos primitivos adoravam a Jesus.

Repare na surpreendente semelhança da adoração oferecida ao Pai com a oferecida ao Filho. Falando do Pai, Pedro disse. *"A ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém"*. Mas, em referência ao Filho, João escreveu. *"A ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém"*. Deus ordenou que mesmo os anjos devem adorar ao Pai. *"E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz. E todos os anjos de Deus o adorem"* (Hb 1.6).

Todas as hostes celestes adoram a Jesus do mesmo modo que adoram o Pai. Os quatro seres viventes e os 24 anciãos "cantavam um cântico novo: Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus gente de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a

terra".

O texto prossegue. "Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!

*"Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: 'Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!' Os quatro seres vivos disseram: 'Amém', e os anciãos prostraram-se e o adoraram" (Ap 5.11-14, NVI).*

## Que diferença há entre fé e obras?

Meu prezado leitor, em geral os cristãos admitem que são justificados pela fé, mas nem todos acreditam que a fé basta para a justificação. As diferentes atitudes decorrem de uma falsa interpretação do que a respeito registraram os apóstolos Paulo e Tiago.

O primeiro concluiu que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei (Rm 3.28), e o segundo afirma que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente (Tg 2.24,26).

Analisando essa aparente divergência à luz do contexto bíblico, somos levados a rejeitar qualquer participação das obras da Lei no processo da justificação. Ao dizer que Abraão foi justificado pelas obras, Tiago está mostrando tão somente a relação das obras com a fé. Ele não está discutindo a questão da nossa justificação, mas afirmando que a fé salvadora é seguida por boas obras e que, onde faltam estas, a fé está morta.

Tiago não afirma, ao tratar do oferecimento de Isaque por Abraão, que este fora justificado por tal ato de obediência, uma vez que o patriarca já havia sido perdoado e aceito muito tempo antes. É o que afirma a Bíblia, que Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça. Quando ocorreu isso? Quando Isaque nem sequer havia nascido.

A respeito desta delicada questão, escreveu Wesley que, afirmando que a salvação é pela fé, queremos dizer que o perdão, como a salvação principia, é recebido por fé que produz obras; que a santidade, como salvação contínua, é a fé operada por amor, e que o céu, como salvação completa, é a recompensa desta fé.

Os reformadores enfatizaram a célebre afirmação de Habacuque: "Mas o justo pela sua fé viverá", e faziam questão de sublinhar que tal fé era uma *fides sola* e nunca uma *fides solitaria*. Isso porque as boas obras são uma evidência da fé salvadora.

O crente pratica boas obras, não para ser salvo, mas por estar salvo. Uma vez que sem a santificação ninguém verá o Senhor, aquele que é justificado glorifica a Deus realizando boas obras, que são, não apenas a consequência da fé bíblica, sem a qual ninguém pode agradar ao Senhor, mas também a parte visível, aos olhos do mundo, dessa mesma fé.

Ao concluir o seu tratado sobre o encontro de Deus, Agostinho escreveu:

"Como nos amastes, ó Pai bondoso! Não perdoastes ao vosso Filho Único! Entregaste-lo à morte por nós, ímpios pecadores! Como nos amastes! Foi por

nosso amor que Ele, não considerando como rapina o ser igual a vós, se fez por nós obediente até à morte e morte de cruz. Ele era o único entre os mortos que estava isento da morte, o único que tinha o poder de entregar a vida e de a reassumir de novo!, Foi, diante de vós, o nosso vencedor e vítima. Tornou-se vencedor porque foi vítima. Foi, diante de vós, o nosso sacerdote e sacrifício. De escravos fez-nos vossos filhos, servindo-nos apesar de ter nascido de vós...

"Atemorizado com os meus pecados e com o peso da minha miséria, tinha resolvido e meditado, em meu coração, o projeto de fugir para o ermo. Mas vós mo proibistes e me fortalecestes, dizendo: 'Cristo morreu por todos, para que os viventes não vivam para si, mas para aquele que morreu por eles'".

## O que significa apropriar-se da justiça de Cristo?

Caro leitor, muitas religiões apresentam meios antibíblicos para justificar a criatura humana. À luz da Palavra de Deus, afirmamos que essas religiões jamais conseguirão o seu intento. Aos homens não foi concedida por Deus autoridade alguma para justificar os seus semelhantes. É uma cena triste! Milhões e milhões, inteiramente enganados pelas falsas religiões, estão gastando o seu dinheiro, o seu tempo, até mesmo a sua saúde, sem obter o menor proveito espiritual.

Existe somente um meio de justificação, e é o que a santa Bíblia apresenta. Mas a Bíblia, antes de tratar da nossa justificação, trata da nossa verdadeira condição aos olhos de Deus: "Não há um justo, nem um sequer... todos estão debaixo do pecado... todos pecaram... e o salário do pecado é a morte".

Dessa lei divina nenhum ser humano está excluído. Todos pecaram e por isso todos precisam ser libertos do pecado, precisam ser perdoados. Nisto consiste a justificação: livramento da culpa. Tornados injustos pelo pecado, precisamos revestir-nos de justiça. Mas onde adquirir essa preciosa justiça?

Quando nossos primeiros pais pecaram, coseram para si ramos de figueira, fazendo aventais que pudessem cobrir os seus corpos. Deus, porém, substituiu essas inadequadas vestes por outras incomparavelmente melhores, ou seja, por peles de ovelhas. Nesse simples relato vemos esboçado em figura o plano divino da justificação, plano que tem origem em Deus, que quer e pode justificar o homem. Este não pode justificar-se a si mesmo, porque lhe faltam os meios necessários para tanto. Assim como Deus não aceitou as vestes preparadas por Adão e Eva, assim também não aceita as vestes da autojustificação, baseadas nas boas obras e sacrifícios tolos.

Jesus deixou este assunto bem claro quando contou a parábola das bodas reais, enfatizando que a única condição para ser admitido na festa era estar envergando a vestimenta de núpcias fornecida gratuitamente pelo rei para a ocasião, sem mérito algum da parte do convidado (Mt 22.1-14).

Como, pois, podemos ser salvos? Todos nós somos como o imundo, e todos os nossos atos de justiça como trapo da imundícia; todos nós caímos como a folha, e os nossos pecados como um vento nos arrebatam. Ninguém há que invoque o teu nome, que desperte, e te detenha; pois escondeste de nós o teu rosto, e nos consumistes por causa das nossas iniquidades" (Is 4.4-6; 64.5-7).

Ao afirmar que somente Deus pode *lavar e limpar* o homem, a Bíblia revela a condição imposta aos que desejam apropriar-se da justificação.

Biblicamente, a fé salvadora não consiste na observância de dogmas, ritos, cerimônias e mandamentos — mesmo dos Dez Mandamentos — mas no recebimento de Cristo como Senhor e Salvador pessoal, mediante a sua obra redentora na cruz do Calvário. Cristo, diz a Bíblia, foi ressuscitado para a nossa justificação.

Toda a justiça de Deus foi satisfeita em Cristo, que se fez maldição e pecado por nós. "Pois o que era impossível à lei, visto que estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne".

## Como podemos definir a palavra "igreja" no Novo Testamento?

A palavra *igreja* tem emprego variado tanto na Bíblia quanto em nosso dia a dia. O termo pode se referir ao edifício onde os crentes se reúnem para adoração e comunhão. Exemplo: "Nossa igreja fica no centro da cidade." Às vezes, a palavra se aplica a uma denominação. Por exemplo: "Em que igreja você foi criado?" Outras vezes a palavra faz alusão ao conjunto de crentes locais formando um só corpo, como: "Nossa igreja está levando dois ônibus para o Congresso da Mocidade".

A palavra *igreja*, como aparece em o Novo Testamento, é uma tradução do grego *ekklesia*, e quer dizer *chamado* ou *convocado*. Levando em consideração o grego do Novo Testamento, poderíamos chegar às seguintes conclusões da palavra: Referia-se às pessoas chamadas do mundo para o serviço do Senhor; referia-se a um tipo de pessoas especiais; significava pessoas que eram convocadas e reunidas para um propósito específico; significava pessoas que dirigiam seus negócios sob os princípios de igualdade e irmandade, e significava, finalmente, pessoas relacionadas unicamente com Deus.

O termo *ekklesia* é usado 115 vezes no Novo Testamento e, em 85 destas, refere-se a uma congregação local. O termo foi usado por Cristo (Mt 16.18) e por Paulo, para designar a igreja universal, a *igreja*, à qual todos os verdadeiros crentes em Cristo pertencem.

A palavra *ekklesia* é traduzida por *igreja* ou *assembleia* no Novo Testamento, e quer dizer *chamado* ou *convocado*. Sabemos que a igreja é composta de pessoas chamadas do mundo para constituírem um povo especial para Deus.

No concílio de Jerusalém, Tiago declarou que "...Deus, no princípio, voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome" (At 15.14). Deus sempre expressou seu propósito de ter para si um povo chamado, separado e santo (2 Co 6.17).

A igreja *visível* e a igreja *invisível*. Os eruditos bíblicos muitas vezes chamam a igreja universal de igreja invisível e, a congregação local de igreja visível. A verdadeira igreja tem expressão através da igreja visível, composta que é de seres humanos sujeitos a erros. A parábola do joio (Mt 13.24-30, 36-43) nos mostra que nem todos os membros da igreja visível são nascidos de novo e, assim sendo, não são membros da igreja universal.

Paulo frequentemente avisava a igreja primitiva dos lobos vorazes, isto é, dos falsos líderes entre eles (At 20.29,30 e 2 Co 11.12-15). Jesus ameaçou retirar de Éfeso o candeeiro, uma igreja visível, e vomitar uma outra igreja de sua boca (Ap 2.5; 3.16), por causa dos seus desvios.

Apesar das fraquezas de certas igrejas locais e visíveis, não podemos separá-las da igreja universal. A Bíblia nos ensina claramente haver uma interdependência entre as duas. Isto é notável, principalmente nas igrejas locais do primeiro século, que geralmente demonstravam todos os sinais de uma verdadeira igreja de Deus, como: louvor genuíno, união, fraternidade, espiritualidade, discipulado, testemunho, poder e serviço.

## Como será a volta de Cristo?

Há, em toda a Bíblia, mais de 1.800 referências ao retorno de Cristo, e no Novo Testamento esse glorioso assunto chega a ser o tema central de vários capítulos e até de livros inteiros.

A Escritura Sagrada revela que o retorno de Cristo ocorrerá em duas fases distintas: Primeira, o Arrebatamento, tanto dos crentes vivos, que serão transformados num abrir e fechar de olhos, como dos que morreram em Cristo, os quais serão ressuscitados ao soar da trombeta de Deus. Segunda, o aparecimento em glória, com sua Igreja.

O intervalo entre a vinda de Cristo para os santos e a vinda de Cristo com os santos, corresponde à 70ª semana profética de Daniel, que contém diversos eventos, como a manifestação e o governo do Anticristo, a Grande Tribulação, a batalha do Armagedom, e a conversão final dos judeus. Esse mesmo período é também denominado na Bíblia de "dia da vingança do nosso Deus", em oposição ao "ano aceitável do Senhor", ou seja, a presente dispensação da graça (Is 61.1,2).

Acerca do Arrebatamento, são muitas as referências bíblicas, das quais destacamos estas: "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver" (Jo 14.2,3). "Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável" (Ef 5.25-27).

O próprio Senhor Jesus profetizou acerca da sua vinda para reinar aqui na terra. "Imediatamente após a tribulação daqueles dias o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória" (Mt 24.29,30).

O apóstolo Paulo declara que a vinda do Senhor sobre as nuvens do céu será "com todos os seus santos" (1 Ts 3.13). Finalmente, quando Jesus era elevado aos céus, dois homens vestidos de branco apareceram e disseram aos discípulos: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos céus, voltará da mesma forma como o

viram subir" (At 1.11).

Amigo leitor, a Bíblia ensina que a salvação deve ser buscada enquanto aqui vivemos, pois quaisquer recursos posteriores, como missas, rezas, velas, promessas, de nada valerão. "Aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo" (Hb 9.27).

Para os que vivem a nova vida em Cristo Jesus, a morte já perdeu todo o seu pavor. Tendo Cristo entronizado no coração, o crente finda aqui os seus dias aguardando o soar da última trombeta, quando então receberá, na primeira ressurreição, um corpo incorruptível, semelhante ao do seu Salvador.

## Quem pode ser usado nos dons do Espírito?

Caro leitor, como as manifestações do poder de Deus têm sido muitas vezes evidentes em certos pastores e evangelistas, somos levados a supor que tais líderes são uma espécie de elite escolhida por Deus para ministrar os dons de Deus. Entretanto, o apóstolo Paulo afirma que "a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil" (1 Co 12.7). O Espírito Santo se manifesta através dos dons espirituais.

A igreja de Corinto era uma igreja pentecostal que falava em línguas. Portanto, quando ele diz que as manifestações dos dons são dadas a cada um, não quer dizer a cada pessoa em todo o mundo. Ele se refere aos crentes (1 Co 1.2; 2 Co 2.1). Se o apóstolo escreve para uma igreja cheia do Espírito, que falava em línguas (1 Co 14.18), fica claro que os dons espirituais são dados a todo o cristão cheio do Espírito.

Nos vv. 8-11 de 1 Coríntios 12, o apóstolo indica os nomes dos dons do Espírito, que não são apenas nove, pois os dons de curar estão no plural, e depois diz que "um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente, a cada um, como quer".

Não devemos desperdiçar o nosso tempo de oração pedindo a Deus para nos dar os dons do Espírito, está claro na Bíblia que Deus já nos deu, a cada um de nós, individualmente, os dons do Espírito. O que devemos fazer é estudar esses dons e saber quando podemos usá-los.

Os dons do Espírito são chamados assim porque pertencem ao Espírito Santo e são parte dele. Assim, se somos batizados no Espírito Santo, com a evidência de falar em línguas, o Espírito Santo habita dentro de nós. Os dons estão no Espírito Santo e o Espírito Santo está em nós. Portanto, os dons do Espírito estão em nós pelo fato de o Espírito Santo habitar em nós.

Alguns alegam que as manifestações sobrenaturais do Espírito Santo são apenas para pessoas super-espirituais. Creio que qualquer crente cheio do Espírito pode ser usado nas manifestações dos dons espirituais. Digo manifestações dos dons porque não creio que um só dom é dado a uma pessoa para ser usado toda a vida, pois isso limitaria o seu serviço para Deus e para a igreja. Cada crente cheio do Espírito tem os dons do Espírito habitando dentro dele, e o Espírito Santo o impelirá a usar o dom certo quando este for necessário.

O apóstolo Paulo nos admoesta a "busquem com dedicação os melhores dons" (1 Co 12.31). Mas quis seriam esses melhores dons? Qual é o melhor

dom do Espírito?

Creio que é o dom necessário no momento. Quando estamos perto de alguém que está doente, o melhor dom talvez não seja o de profetizar, mas o de curar. Quando estamos a adorar num culto onde houve uma mensagem em línguas, o melhor dom é o de interpretação de línguas. Quando somos confrontados com um problema para o qual não encontramos uma resposta, não precisamos de uma palavra de conhecimento, se já conhecemos o problema. O melhor dom será, provavelmente, uma palavra de sabedoria.

Devemos pedir a Deus para nos dar a unção do Espírito Santo para ministrarmos no dom que no momento for necessário.

## CAPÍTULO 8 FILOSOFIA

### Quem foram os sofistas?

Meu caro leitor, em virtude da vitória dos gregos sobre os persas, ao tempo de Alexandre, o Grande, Atenas assumiu o domínio sobre o Mar Egeu, e a democracia vitoriosa obteve grande progresso com a crescente importância das assembleias, dos tribunais, das discussões sobre a moral, a política, *etc.*

Tais circunstâncias levaram os gregos a uma maior preocupação com os problemas humanos, pois as instituições e as crenças do passado eram agora insuficientes para fazer face às novas perguntas que surgiam. Desenvolveu-se, assim, uma cultura de valor prático, preocupada com as coisas humanas. Uma cultura dialética, que não mais encontrava no âmbito das velhas concepções filosóficas, uma resposta às suas perguntas, o que levou os filósofos a penetrarem em um novo terreno: o homem.

A fase antropológica da filosofia substitui a fase cosmológica, dando origem ao surgimento de grande número de sábios, mestres, vagabundos, hábeis oradores e expositores de doutrinas, que contavam com o apoio da juventude que os acompanhava. Eram os sofistas.

Esses sábios eram muito admirados por todos os que lhes pagavam para que lhes ensinassem a arte de argumentar e de discutir. Não formavam propriamente uma corrente, pois havia entre eles todas as tendências. O que os caracterizava, porém, era a exaltação que davam ao homem como indivíduo.

Sendo a sofística mais uma atitude do espírito do que uma doutrina, seus adeptos eram, aparentemente, os continuadores e os discípulos dos sábios da geração precedente. O próprio nome *sofistas* (Gr. *Sophia*, *sabedoria*) não possuía em sua origem nenhum sentido pejorativo, mas esses "retóricos de má fé", como Platão os chamou, na realidade diferiam essencialmente dos verdadeiros filósofos, visto que não mais tomavam o

**objeto a ser conhecido como fim e regra de sua ciência, mas se concentravam nos interesses do sujeito que desejava o conhecimento do objeto.**

**Mestres ambulantes que ensinavam por dinheiro, enciclopedistas, conferencistas, jornalistas, e até mesmo super-homens ou diletantes, os sofistas eram tudo, menos sábios. Sem desejarem a verdade, eles queriam as vantagens da ciência enquanto esta significava para seus possuidores poder e dominação.**

**Assim, parecendo professores de virtude, os sofistas notabilizavam-se como racionalistas e sábios universais, dando explicações falsamente claras para todas as coisas, e pretendendo reformar tudo. Por tais razões se interessavam preferencialmente pelas coisas humanas, por serem as mais complexas e menos certas.**

**Procurando, por meios inteligentes, apenas o meio de demonstrar superioridade, os sofistas transformaram uma das mais dignas ciências na arte de negar e destruir pelo raciocínio. Com sua moral maleável, eram capazes de sustentar os prós e os contras com a mesma verossimilhança. Condenavam toda a lei imposta ao homem como uma convenção arbitrária, e a virtude que pregavam reduzia-se ou à arte do bom êxito ou ao desejo do poder.**

**Desta maneira, de todos os grandes projetos filosóficos da época precedente, os sofistas haviam conservado apenas o orgulho científico. Queriam ser grandes pela ciência, e acreditavam nela, mas não criam na verdade.**

## O que é a filosofia patrística?

A filosofia patrística, meu caro leitor, surgiu como um resultado da obra dos primeiros mestres, ou pais, da Igreja, durante a fase histórica que vai do século primeiro ao nono. Três períodos podem ser assinalados na evolução dessa filosofia: O período de formação, o período de apogeu e o período de transição.

No período de formação destaca-se a obra dos apologistas e polemistas na tarefa de difundir a doutrina cristã e de combater as heresias. Distinguem-se então os pais gregos, alexandrinos e africanos.

Como exceção dos mestres latinos, que condenaram a cultura greco-romana, a atividade principal dos primeiros pais da igreja teve como propósito conciliar a cultura pagã com os ensinamentos do cristianismo.

A mais famosa de todas as escolas patrísticas foi a de Alexandria, onde Clemente, Panteno e Orígenes tiveram atuação destacada.

No período de apogeu, os filósofos patrísticos procuram esclarecer o sentido autêntico das verdades reveladas, aproveitando, para isso, a derrota do paganismo. Agostinho, representante do período de apogeu, foi o maior filósofo da época patrística e uma das mais profundas e luminosas inteligências de todos os tempos.

Além de ser o maior expositor da teologia conservadora ocidental, Agostinho tem sido considerado também um verdadeiro psicólogo. Os estudiosos de Agostinho geralmente afirmam que a única coisa que ele poderia aprender da psicologia moderna seria a sua terminologia.

Na sua luta contra o paganismo, Agostinho procura defender o conceito de Deus e da alma, servindo-se dos recursos intelectuais disponíveis, como a filosofia helenístico-romana. Ele afirmou que não se pode pregar o evangelho sem as Sagradas Escrituras e sem uma fé viva nas verdades reveladas por Deus. Segundo esse filósofo, a regra a seguir é compreender para crer e crer para aprender.

A doutrina de Agostinho foi idealizada à luz da heresia pelagiana. Na opinião de Pelágio, em qualquer momento de sua vida o homem é completamente livre para escolher o bem e o mal, e não sofre qualquer efeito da queda de Adão. Agostinho refuta esse tipo de livre-arbítrio e afirma que o orgulho humano é a fonte do pecado original, isto é, a fraqueza ou incapacidade que herdou de não conseguir praticar o bem.

No pensamento agostiniano destacam-se os seguintes pontos: Adão não quis

aceitar a sua posição de criatura; o pecado de Adão foi passado aos seus descendentes de duas maneiras, ou sejam, na sua origem sexual, ou transmissão biológica, e na sua herança moral.

A teoria de Agostinho, que o levou à doutrina da predestinação, influenciou fortemente o calvinismo.

A tarefa dos filósofos patrísticos do período de transição foi, sobretudo, a conservação da cultura clássica no meio das guerras e convulsões que se produziram a partir da invasão dos bárbaros. Dentre os filósofos deste período destacaram-se Cassiodoro, São Isidoro de Sevilha, Beda e Boécio.

## Que tipo de filosofia existiu na Idade Média?

Na idade média, meu caro leitor, a cultura cristã se desdobra em quatro fases distintas: a apostólica, a patrística, a monástica e a escolástica. A falta de um bom discernimento de cada uma dessas fases tem produzido várias interpretações errôneas. Tais interpretações decorrem da confusão entre filosofia medieval e filosofia escolástica, entre filosofia escolástica e teologia; e entre filosofia escolástica e filosofia aristotélica.

Há quatro períodos na evolução da filosofia medieval: período de formação, período de apogeu, período de decadência, e período de transição.

No período de formação, a filosofia medieval se encontra muito longe das grandes sínteses do século XIII, por faltar-lhe equilíbrio e unidade. Vários tipos de escolas vamos encontrar nessa época: escolas paroquiais, abaciais, catedrais, palatinas e municipais. Entre as correntes não escolásticas deste período se destacam a escolástica dissidente, inspirada no neoplatonismo, a filosofia árabe e a filosofia hebraica.

O período de apogeu, no século XIII, constitui uma das fases mais brilhantes e gloriosas da história do pensamento. Nesse século, a escolástica atinge a plenitude da sua força e do seu esplendor. Divide-se em: escola franciscana; escola de Santo Alberto e Santo Tomás; e nova escola franciscana.

O termo "escolástica" significou, a princípio, o conjunto do saber, como era transmitido nas escolas clericais. O escolástico era o mestre das sete artes liberais, ou o chefe das escolas monásticas ou catedráticas. Mais tarde foi dado o mesmo nome aos que escolarmente se dedicavam à filosofia e à teologia.

Tais escolásticas já não se propunham, como os pais da Igreja, a compreender e formular a doutrina cristã com o auxílio da filosofia grega, mas sim fundamentar e ensinar a doutrina da igreja como sistema científico.

A vida espiritual na Idade Média se mantém numa atitude receptora frente à cultura antiga e se submete à autoridade dos pensadores clássicos; quer *ensinar a ciência e a filosofia*, e não investigar e filosofar por conta própria. Por isso, o método característico da escolástica é o silogismo, apropriado para expor e apresentar verdades já encontradas, mas não apropriado para a descoberta de novas ideias.

Outro caráter da escolástica é a sua preocupação em resolver as condições existentes entre as autoridades reconhecidas, com o propósito final de fazer ver que não existe conflito entre o saber e a fé, a filosofia e a teologia, a razão

e a revelação.

Considerada sociologicamente, a escolástica é um tipo de vida intelectual, um estilo de pensar e filosofar que se estende por mais de seis séculos. Constitui o ponto culminante da filosofia medieval e tem seus representantes em alguns dos mais destacados pensadores de todos os tempos.

Em síntese, a escolástica teve como objetivo demonstrar e ensinar as concordâncias da razão com a fé pelo método dedutivo-silogístico, que se propõe a eliminar as possíveis contradições das verdades transmitidas, em matéria de dogma, pelos filósofos e teólogos oficiais do catolicismo romano.

## Na Idade Média, o que foi o movimento filosófico chamado de os universais?

Caro leitor, o movimento escolástico da Idade Média só adquire seus claros perfis no século XII, com Santo Anselmo de Canterbury, que marca a passagem da imediação da fé à penetração racional. A fama desse pensador provém de sua célebre prova ontológica da existência de Deus, contida em seu escrito *Proslogium*.

O argumento ontológico é a tentativa de provar a existência de Deus, partindo de seu próprio conceito. Por Deus entendemos, segundo a definição, o mais perfeito, que, em geral possa ser pensado. Até o ateu possui esse conceito, mas o perfeito por excelência não pode existir apenas no intelecto, pois então deixaria de sê-lo, visto que existiria algo fora da consciência superior a ele. Por conseguinte, caímos numa contradição se não reconhecermos que Deus existe também fora de nós.

Esse argumento incorre num paralogismo, como já o fizera ver um contemporâneo de Anselmo, o monge Gaunilo. Existirá necessariamente, por exemplo, a ilha mais perfeita só pelo fato de se imaginá-la?

Quanto aos universais, a questão é esta: possui os significados gerais das palavras (os conceitos universais) realidade externa ou simplesmente são produtos da mente humana e, por isso, meros nomes? É Deus, por exemplo, uma realidade em si, ou mera generalização o nome das três pessoas divinas?

Santo Anselmo e os místicos tomaram um partido, e Roscelino toma outro partido. Os primeiros dizem que os universais são coisas (em latim — *res*) — daí chamar-se realismo sua doutrina; o segundo não lhes dá outro caráter que o de nomes (em latim — *nomina*), e desta doutrina deriva-se a corrente dos nominalistas.

Talvez a primeira concepção realista dos universais tenha sido formulada por João Scott Erigena, que no século nono assinala que os conceitos gerais são realidades originárias que criam de si o particular. Os universais não são só substâncias, mas são também, com relação às coisas singulares, mais originários, produtores determinantes: são substâncias reais e, para se dizer a verdade, tanto mais reais quanto mais gerais.

Essa doutrina se identifica assim como a antiga "teologia negativa", segundo a qual só se pode predicar de Deus o que não é. Mas o geral, por antonomásia, cria de si a totalidade das coisas, que, por conseguinte, não são outra coisa que sua manifestação, e que se conduzem com ele como os exemplares

particulares com o gênero: estão nEle e só existem com suas peculiares manifestações.

Assim se origina dessas suposições um panteísmo lógico: todas as coisas do mundo são "teofanias"; o mundo é Deus que se gera de si mesmo (Deus explicitus), que vai se desenvolvendo no particular. Deus e o mundo são um só e a mesma coisa. A mesma "natureza" (*physis*) é, como unidade criadora, Deus; como pluralidade criada, o mundo.

## **Dentro da perspectiva humanista, o que vem a ser o pecado?**

Meu caro leitor, dentro da perspectiva humanista de nossos dias, o pecado é algo externalizado, e se refere às estruturas sociais opressivas que necessitam ser removidas como causa única da pobreza e da injustiça.

O pecado, portanto, consistiria, fundamentalmente, na separação ou alienação de uma pessoa ou grupo de pessoas de sua verdadeira identidade. De acordo com a Teologia Negra, que segue a mesma linha liberacionista, o pecado do oprimido não é o de ele ser responsável pela sua própria escravidão, mas sim o de tentar "compreender" o escravizador e de "amá-lo" nos termos do oprimido.

Em nível mais profundo, essa libertação poderia ser aplicada ao entendimento da história, em que o homem seria visto assumindo responsabilidade consciente do seu próprio destino. Seria esse entendimento que proveria um contexto dinâmico e alargaria os horizontes das alterações sociais desejadas. Gustavo Gutierrez sugere que a conquista gradual da verdadeira liberdade leva à *criação de um novo homem* e de uma sociedade qualitativamente diferente.

Assim, o que antes Deus fazia — *a criação de um novo homem* — agora é o homem que faz, ou melhor, que pretende fazer, fechando os olhos à sua própria depravação total diante de um Deus santo. Esse humanismo idealista considera o ser humano capaz de regenerar-se a si próprio e de assumir todo o domínio da realidade da vida presente, e, portanto, de estabelecer uma sociedade justa sobre a terra, uma sociedade sem os pecados do ódio, da ganância e da injustiça.

Nessa perspectiva humanista, confunde-se até mesmo a redenção bíblica final, isto é, a transformação do nosso corpo em corpo glorioso com uma presente emancipação social e econômica. Um desses teólogos humanistas afirmou que "o que nós necessitamos é de vida antes da morte e não vida depois da morte", e que "precisamos ser livres da coação para o pecado na nossa vida coletiva".

Essa perspectiva humanista e renascentista, sem apoio bíblico, tem produzido pessoas alienadas de Deus porque não dependem dEle, e essas pessoas, pelo fato de rejeitarem a verdade divina revelada nas Escrituras e de não se submeterem ao senhorio do Senhor Jesus Cristo, assemelham-se a guias cegos, que não cairão sós no abismo.

Transformando a redenção bíblica em libertação política ou antropológica, os humanistas colocam o homem no lugar de Cristo, fazendo desse homem o seu próprio salvador e também o salvador da humanidade. Essa nova redenção humana — não dos seus pecados pessoais cometidos contra Deus e o próximo, mas das desigualdades sociais e opressões políticas — enquadra-se perfeitamente no novo conceito liberal e ecumênico da missão da Igreja.

Quando, ignorando a Bíblia, analisamos o ser humano partindo de pressuposições humanistas, materialistas, ateístas ou marxistas, é natural que busquemos as soluções para as crises humanas dos nossos tempos nas mesmas pressuposições. A teologia humanista dos movimentos de libertação política, por analisar a sociedade humana partindo de uma perspectiva socialista, só vê soluções que procedam dessa mesma perspectiva.

## Quem foi Aristóteles?

Caro leitor, Aristóteles (384 a 322 a.C.), célebre filósofo grego, nasceu na Macedônia e foi discípulo de Platão durante 20 anos. Tem sido considerado um dos maiores gênios da Antiguidade: abrangeu todas as ciências do seu tempo e criou outras. Após a morte de seus mestres, foi ele encarregado da educação do filho do rei Filipe da Macedônia, Alexandre, que se tornou mais tarde o famoso imperador dos gregos.

Depois de acompanhar Alexandre à Ásia, Aristóteles fixou residência em Atenas, em 334, onde fundou a famosa escola peripatética, onde mestres e alunos estudavam caminhando. Liceu era o nome pelo qual esta escola ficou conhecida, pois ficava junto ao templo de Apolo Lício.

A filosofia de Aristóteles mostra toda a natureza como um imenso esforço da matéria bruta para se elevar até ao ato puro, isto é, ao pensamento e à inteligência. Embora concorde com Platão quanto ao caráter universal da filosofia, rejeita o idealismo deste e faz da *realidade* o ponto de partida das suas especulações.

Para Aristóteles, a filosofia é a ciência de tudo o que existe e compreende três ordens de conhecimento: conhecimentos teóricos, que visam a pura especulação — física, matemática, metafísica; conhecimentos práticos, que têm por fim dirigir a ação — ética e política, e conhecimentos poéticos, que têm por fim dirigir a produção, isto é, as obras humanas — poética, retórica e as outras artes.

A verdadeira ciência do filósofo, segundo Aristóteles, é a metafísica, ou filosofia primeira, mais tarde chamada de ontologia, que objetiva o estudo do ser, seus princípios e causas últimas, independente das suas determinações sensíveis. O aristotelismo abrange a natureza de Deus (Metafísica), do homem (Ética) e do Estado (Política). Para Aristóteles, Deus não é o Criador, mas o primeiro e último motor do universo, ou seja, o motor não movido. Exceto Deus, toda e qualquer outra fonte de movimento no mundo, seja uma pessoa, uma coisa, um pensamento, é um motor movido. Assim, o arado move a terra, a mão move o arado, o cérebro a mão, o desejo de alimento move o cérebro, o instinto da vida move o desejo de alimento.

Portanto, para o famoso discípulo de Platão, a causa de todo o movimento é o resultado de outro movimento. O amo de todo o escravo é escravo de algum outro amo. O próprio tirano é escravo de sua ambição. Somente Deus não pode ser resultado de alguma ação, não pode ser escravo de amo algum. Ele é

a fonte de toda a ação, o amo de todos os amos, o instigador de todo o pensamento, primeiro e último Motor do Mundo.

A filosofia de Aristóteles caracterizou-se pelo realismo, pela objetividade e pelo método. Defendeu ele as teorias da realidade do indivíduo, das causas do ser, do ato e da potência, da matéria e da forma, da união da alma com o corpo, do conhecimento sensitivo e intelectual, da contemplação de Deus como fim último e felicidade suprema do homem, sendo a virtude ou bem-fazer o meio de alcançá-la.

Na Idade Média, foi o aristotelismo a filosofia dominante, que teve como principal propulsor o famoso Tomás de Aquino, considerado o Doutor Angélico do catolicismo.

## Quais os conceitos de ideia, na filosofia?

Segundo Michele Frederico Sciacca, tanto para o santo dos primeiros tempos, como para o "ateu" do século passado, de formação iluminista, negar as ideias como conhecimento em si, anteriores às coisas e objetos para julgá-las,

a) é negar irreparavelmente Deus: ou verdade que não deriva das coisas nem se põe a si mesma e então esta presença de algo imutável e necessário, iluminante e fecundo nos convence racionalmente de que Deus existe e é irracional dizer o contrário; b) ou se nega que há uma verdade de tal natureza e com ela se nega a presença de Deus e já não é possível pensar ou provar a existência do Ser transcendente, criador e providente.

Se tudo no homem é humano, produzido por ele e criado sem desenho, sinal, imagem ou vestígio divino, é impossível dar-lhe noção de Deus; o homem foi privado do quanto lhe é necessário para poder encontrá-lo e, à luz da razão, provar do Objeto que faz inteligente sua inteligência.

Deus haveria criado o homem não para ele, mas sim para o homem mesmo, não para que o homem o busque, o ame e o invoque, mas para que ele se perca na finitude e contingência sua e do mundo, coisa entre as coisas. Por isso Platão, o metafísico das ideias, é o pai da metafísica da verdade essencialmente teísta: Se existe a verdade, existe Deus; a verdade existe, logo Deus existe.

Desterrar as ideias como objeto imutável da mente é desterrar Deus do pensamento. Se a mente não conhece nada imutável e necessário, para ela não há nada inteligível ou verdadeiro: não há Deus.

Kant nega o saber intuitivo da inteligência e por isso deve negar que se possa demonstrar a existência de Deus. Limitado o homem à sua cosmicidade, ele é feito prisioneiro do conhecimento racional e privado de Deus, que não é problema da razão, se antes não foi problema da inteligência. Assim, fica destruída qualquer possibilidade de demonstrar Deus, porque foram destruídas as ideias.

Em síntese, Kant nega a onticidade da ideia e o saber intuitivo: a experiência sensível é limite da forma "a priori" e, por isso, o limite do homem é sua impossibilidade de transcender a experiência, isto é: "o cosmos", a "ciência".

Para Kant, o "a priori" tem sua adequação no mundo na ordem natural, como "o céu estrelado" e "a lei moral". Em consequência disso, o mundo é a

finalidade suprema do ser humano. Por isso Deus fica eliminado da ordem do pensamento e da ordem da realidade, e tampouco já se pode explicar como nascem da razão a existência de Deus e as ideias, elementos que não se justificam no sistema kantiano nem seguem como postulados da razão prática.

Locke é o primeiro sistemático e consciente destruidor da ideia no sentido do Idealismo objeto. Com efeito, como a palavra *ideia*, ele indica sensações, imagem, percepções, etc.; tudo o que é conteúdo da consciência. A ideia não é mais o objeto inteligível, imagem a priori do inteligível em si, mas sim a imagem do sensível: a alma conquista as ideias da experiência. Para Locke não existe a ideia como objeto da mente, pois tal ideia é apenas intuída pela mente, não produzida por ela, nem obtida na experiência.

## Como Hume e Kant encararam o problema da existência de Deus?

A fim de entender a existência de Deus os filósofos fazem uso da lógica, cujo principal objetivo é o estudo da inteligência sob o ponto de vista do seu uso no conhecimento. É a lógica que fornece ao filósofo os meios necessários para a investigação segura da verdade. Mas, para conseguirmos atingir a verdade, é preciso raciocinarmos com exatidão e partirmos de dados exatos, a fim de que o espírito não caia em contradição consigo mesmo ou com os objetos, afirmando-os diferentes do que, na realidade, o são.

Davi Hume (1711-1776), por exemplo, ao negar a objetividade da ideia, negou Deus, e então nada mais rege; nem o espírito, nem as coisas, nem a filosofia, nem a ciência. Neste sentido, o ultra-iluminista Hume, que desenvolve até o fundo o princípio ateu de que "o homem cria o homem e seu reino", é a crise do mito iluminista, enquanto representa a ratificação do real espiritual e corpóreo e de toda categoria do real.

A mãe de Hume fora, durante muitos anos, cristã professa. Deslumbrada, porém, com o talento do filho, acompanhou-o pelos meandros e labirintos do ceticismo, abandonando sua antiga fé. Passaram-se anos, e ela, como acontece a todos os viventes, aproximava-se das portas da eternidade. De seu leito de morte escreveu ao filho esta tristíssima carta: "Meu querido filho: esvaiu-se-me por completo a saúde. Para mim a vida extingue-se com muita rapidez. Só viverei um pouco mais. Está numa angústia atrocíssima a minha alma. A filosofia que me ensinaste não me ministra consolação alguma. Está estraçalhado de desespero o meu coração. Vem depressa, peço-te encarecidamente, para me confortares. Se não poderes vir, manda-me por carta quaisquer consolações que a filosofia possa oferecer aos mortais na hora derradeira deste mundo".

Emmanuel Kant se apercebeu da ruína do conhecimento objetivo e da metafísica como ciência, em consequência da negação da ideia; e também o percebeu Rosmini. Eis aqui dois problemas colocados por eles: a objetividade do conhecimento, e a restauração da metafísica como saber racional.

Kant vê claramente um aspecto do problema de Deus, que a prova cosmológica, como toda outra, no fundo depende da ontológica. Enquanto ele foi "platônico" (pré-crítico) considerou válida a prova ontológica; tornando-se "crítico", refutou-a porque, negadas as verdades primordiais dadas à mente e

admitindo somente o que é conhecido, estava-lhe vedada a possibilidade de demonstrar racionalmente a existência de Deus.

Ao reconhecer a importância primária da prova ontológica em relação à cosmológica, Kant percebe que o problema da existência de Deus se insere na vida do ente espiritual mais do que na do mundo físico.

A verdade é que, para Kant, a ideia é sempre forma "vazia", que espera receber conteúdo da experiência sensível; a restauração da metafísica resultava completamente impossível. A ideia permanece injustificada em seu sistema. Se Deus fosse somente uma ideia da razão, no sentido kantiano, seria um puro possível; mas se Deus é só um possível, Deus é impossível; e tudo o que é se torna automaticamente impossível e inexplicável.

## Que tipo de influência negativa o modernismo teológico trouxe ao cristianismo bíblico?

De Karl Barth, pai do novo modernismo teológico, e dos seus discípulos, o cristianismo bíblico sofreu a influência do pragmatismo, no qual a ação é superior ao pensamento e o valor prático é o critério da verdade, resultando, daí, a importância da "práxis". A ênfase passou da ortodoxia, que quer dizer doutrina correta, para a ortopráxis, cujo significado é prática correta.

Rudolf Bultmann está presente na teologia moderna com a reinterpretação da Escritura. Essa reinterpretação é feita não mediante os processos tradicionais de interpretação da Bíblia, mas através de hermenêutica particular que rejeita os fundamentos da fé cristã, como o valor da obra de Jesus no Calvário e a bem-aventurada esperança do seu retorno, que inaugurará novo relacionamento de Deus com os homens.

Na chamada desmitificação das Escrituras, a pessoa de Jesus é reduzida a mero homem, incapaz de motivar a lealdade dos próprios discípulos. É esse estranho Jesus que o teatro e o cinema modernos mostram em peças profanas e profanadoras como *Jesus Cristo Superstar* e *A Última Paixão de Cristo*. *O plano de redenção universalista, baseado no próprio homem, provém especialmente do ensino de A. Wolfhart Pannenberg e Jürgen Moltmann, fundadores da teologia da esperança. Essa corrente teológica, além de negar que as profecias sejam história pré-escrita, ensina que é dever de cada pessoa participar ativamente na sociedade a fim de apressar a chegada do futuro, que depende apenas do esforço humano e não de Deus.*

Orlando Costas, liberacionista moderado, depois de chamar os livros de Hal Lindsay (*A Agonia do Grande Planeta Terra* e outros) de "verdadeira obra-mestra da ficção teológica", afirma que "o Apocalipse não é um plano do futuro" e "sequer é um esboço das etapas da história". (*Compromiso y Mision*, Miami, EUA., Editorial Caribe, p. 141.) O pastor batista norte-americano Walter Rauschembush, falecido em 1918, também está presente na teologia moderna com a sua teologia social, conhecida ainda como *O Evangelho do Caminho de Jericó*, em virtude da ênfase que imprimiu na transformação da sociedade em o reino de Deus mediante a reconstituição das relações humanas.

Essa mesma ênfase determina hoje, na América Latina, os rumos dos cristãos progressistas, quer sejam católicos, quer protestantes, pelo fato de existirem nos dias atuais, do México à Argentina, condições sociais similares

às que existiram nos Estados Unidos há um século.

Outra influência modernista brota da ética de Dietrich Bonhoeffer, enforcado pelos nazistas por ter participado de uma fracassada tentativa de assassinar Hitler. Bonhoeffer afirma que o homem "pode viver bem sem Deus", que "dizer a verdade muda de significado de acordo com a situação em que nos encontramos", e que "mentir não é faltar com a verdade, pois se pode mentir dizendo toda a verdade".

A questão ética levantada por Bonhoeffer é a seguinte: "Quando um motorista dirige loucamente o seu caminhão atropelando as pessoas, devemos parar o caminhão ou cuidar dos feridos?"

## Em que sentido Deus morre no movimento da morte de Deus?

Os cabeças principais do Movimento da Morte de Deus foram Harvey Cox, Gabriel Vahanian, William Hamilton e Van Buren, nomes que aparecem amiúde na literatura liberacionista.

Segundo ensina esse movimento, o cristão radical concebe Deus como um processo progressivo de autonegação ou autoaniquilamento, e o homem moderno percebe a importância da morte de Deus e compreende que ela lhe proporciona uma nova libertação. Assim, o cristão radical não apenas abraça a realidade da morte de Deus, mas deseja mesmo a morte de Deus, a fim de experimentar o seu efeito libertador.

Aqueles que defendem a tese de que Deus está morto, confessam a morte de Deus como algo real e verdadeiro, mesmo que essa morte não tenha ocorrido num dado momento do tempo ou da história. Para eles, essa morte "realmente ocorreu tanto num sentido cósmico como num sentido histórico... Deus morre até ao ponto de ficar imerso no mundo".

Por força desses e de outros conceitos, Gutierrez afirma que o homem salvo é aquele que, mesmo sem ter clara consciência de Deus, se abre para esse Deus e para os outros homens, o que é válido, ademais, para cristãos e não cristãos, para todos os homens. Esse teólogo peruano afirma que "falar da presença da graça — aceita ou rejeitada — em todos os homens, implica, por outra parte, valorizar cristianamente as próprias raízes da ação humana. Impede falar com propriedade de um mundo profano". (Gustavo Gutierrez, *Teología de la Liberación. Perspectivas*, Salamanca: Ediciones Sigueme, 1972, p. 196.)

É interessante examinar a evolução dos conceitos de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja e da Salvação através de períodos históricos da igreja católica. Esses períodos são denominados cristandade, que começou em 313 com o imperador Constantino; nova cristandade, que teve início em 1814 no Congresso de Viena, unindo o trono ao altar, e a teologia da libertação, nascida em 1968.

Dentro dessas etapas históricas da igreja, Deus o Pai, considerado *o Eterno* na cristandade, tomou-se *Criador* na nova cristandade, e o *Deus dos pobres* na teologia da libertação. No mesmo esquema, a ênfase sobre Jesus Cristo passa de *Deus* para o *Ressuscitado*, e depois para o *Crucificado* (com as massas sofredoras), como o Deus dos pobres. A igreja, por sua vez, inicialmente

considerada *sociedade perfeita*, tomou-se sacramento de salvação, e na teologia da libertação é comunidade. A salvação, cuja ênfase era *salvar-se do mundo, passou a salvar-se no mundo, e agora, na teologia da libertação, significa salvar o mundo*.

Os teólogos católicos que apoiam o movimento liberacionista assinalam três períodos distintos na evolução do catolicismo, os quais são:

(a) Estágio religioso, ou mundo da transparência, à época do platonismo, em que se acentuava a causalidade exemplar; o terrenal é reflexo do celestial.

(b) Estágio filosófico, ou mundo da transcendência, à época do aristotelismo, quando se insistia na causalidade eficiente e na autonomia da criatura.

(c) Estágio científico, ou mundo da imanência, nossos dias atuais, quando é plena a autonomia mediante as emancipações religiosa, política e econômica.

## O que é a Lógica, na filosofia?

A Lógica tem sido definida como sendo a ciência das leis ideais do pensamento e a arte de aplicá-las à pesquisa e à demonstração da verdade. Para Caldas Aulete, Lógica é a parte da filosofia que estuda as leis do pensamento e expõe as regras que se deve observar na invenção e exposição da verdade. É raciocínio encadeado, ligação nas ideias, e coerência entre princípios e conclusões.

Segundo Aurélio, a Lógica, na tradição clássica aristotélico-to-mista, é o conjunto de estudos que visam a determinar os processos intelectuais que são condição geral do conhecimento verdadeiro.

A criação da Lógica é uma das maiores glórias de Aristóteles, cujo objetivo foi evitar os desregramentos lógicos e o subjetivismo do método filosófico de Sócrates e Platão. A filosofia de Aristóteles mostra-nos toda a natureza como imenso esforço da matéria bruta para se elevar até ao ato puro, isto é, ao pensamento e à inteligência.

No método aristotélico, a que Platão chamou dialético, parte-se de noções incertas, através da divisão dicotômica dos conceitos e de respostas positivas e negativas, chegar-se às conclusões. Cria determinadas regras lógicas que levam a conclusões necessariamente certas, à maneira quase de um cálculo. São as regras do silogismo.

Um silogismo é um conjunto de três proposições das quais a terceira (a conclusão) deriva necessariamente das outras duas. Se se afirma — o homem é um animal racional; Sócrates é um homem; logo, Sócrates é um animal racional — tem-se um raciocínio com o mesmo formalismo matemático de: se A e B e C é A, conclui-se que C é B, cancelando-se o termo comum A. No silogismo pode-se chegar à mesma conclusão cancelando-se o termo médio e afirmando os termos opostos.

A Lógica aristotélica exerceu no pensamento posterior grande influência. Renan referia-se à má educação do espírito que não se pautou direta ou indiretamente pela disciplina aristotélica. Houve, contudo, através dos tempos, uma supervalorização da sua lógica. Kant (1724-1804) considerava-a uma ciência acabada e perfeita. Hoje, depois da adoção do método matemático na Lógica, a grande contribuição de Aristóteles passou a ter mais o valor de um trabalho pioneiro.

A Lógica pode ser definida como a ciência das leis ideais do pensamento e a arte de aplicá-las à pesquisa e à demonstração da verdade. Divide-se em

Lógica Formal, que estabelece a forma das operações intelectuais; Lógica Material, que determina as regras impostas pela matéria dos objetos a conhecer, e finalmente em Lógica Crítica, que estuda a verdade e o erro.

As leis da Lógica têm sido adotadas por pensadores de todos os tempos. Apesar de resistidas por Bacon, Descartes e Stuart Mill, nota-se atualmente uma volta às leis aristotélicas.

Embora cada um de nós possa pensar com os recursos naturais da sua própria inteligência, o conhecimento e a aplicação das regras da lógica dão ao nosso pensamento maior segurança e penetração.

## Qual é o conceito de ideia na filosofia?

Segundo Michele F. Sciacca, tanto para o santo dos primeiros tempos, como para o "ateu" do século XIX, de formação iluminista, negar as ideias como conhecimento em si, anteriores às coisas e objetos para julgá-las, é negar irreparavelmente Deus.

Tais ideias, ao revelarem a presença de algo imutável e necessário, iluminante e fecundo, nos convence racionalmente de que Deus existe e é irracional dizer o contrário. Negar que há uma verdade de tal natureza, é negar a presença de Deus e admitir a impossibilidade de pensar nesse Ser transcendente, criador e providente, ou provar a existência dele.

Se tudo no homem é humano, produzido por ele e criado sem desenho, sinal, imagem ou vestígio divino, é impossível dar-lhe noção de Deus. O homem foi privado do quanto lhe é necessário para poder encontrar a Deus e, à luz da razão, provar do Objeto que faz inteligente a sua inteligência. Deus teria criado o homem não para ele, mas sim para o homem mesmo; não para que o homem o busque, o ame e o invoque, mas para que ele se perca na finitude e contingência sua e do mundo, coisa entre as coisas.

Por isso Platão, o metafísico das ideias, é o pai da metafísica da verdade, essencialmente teísta: Se existe a verdade, existe Deus; a verdade existe, logo Deus existe.

Desterrar as ideias como objeto imutável da mente é desterrar Deus do pensamento. Se a mente não conhece nada imutável e necessário, para ela não há nada inteligível ou verdadeiro: não há Deus.

Sciacca afirma ainda que Kant cometeu o erro de considerar a experiência sensível como o limite da razão, afirmação que se segue de redução das ideias ou verdades primeiras, intuídas pela mente e fundamento da veracidade de todo juízo, a formas a priori, a puras condições do conhecimento.

Kant, ao negar o saber intuitivo da inteligência, deve negar que se possa demonstrar a existência de Deus. Limitado o homem à sua cosmicidade, ele é feito prisioneiro do conhecimento racional e privado de Deus, que não é problema da razão, se antes não foi problema da inteligência. Assim, fica destruída qualquer possibilidade de demonstrar Deus, porque foram destruídas as ideias.

Para Kant, o "a priori" tem sua adequação no mundo na ordem natural: "o céu estrelado" e "a lei moral", em consequência, o mundo é sua finalidade suprema e então também é seu dado inicial.

Podemos ver, com isso, que Deus fica eliminado da ordem do pensamento e da ordem da realidade, e tampouco já se pode explicar como nascem da razão a existência de Deus e as ideias, o que não se justificam no sistema kantiano nem seguem como postulados da razão prática.

Locke é o primeiro sistemático e consciente destruidor da ideia no sentido do Idealismo objeto. Com efeito, como a palavra *ideia* indica sensações, imagem, percepções etc., tudo o que é conteúdo da consciência, a ideia não é mais o objeto inteligível, imagem a priori do inteligível em si, mas sim a imagem do sensível: a alma conquista as ideias da experiência. Para ele não existe a ideia como objeto da mente, não produzida mas só intuída por ela, nem obtida na experiência.

## O que é o tomismo?

O tomismo é o sistema filosófico e teológico de Tomás de Aquino, cuja influência ainda hoje se observa nos adeptos do neotomismo. Também denominado filosofia cristã e filosofia perene, o tomismo foi várias vezes proclamado como doutrina quase oficial da Igreja Católica. Distingue-se da escolástica, termo genérico que abrange as diversas escolas medievais, e traduz mais um método do que uma doutrina.

O tema fundamental das meditações de Aquino é o esclarecimento das relações entre a revelação e a filosofia, isto é, entre a fé e a razão. Segundo o filósofo, tais conceitos não se chocam nem se absorvem: permanecem íntegros em suas respectivas esferas, possibilitando assim a coexistência da filosofia e da teologia, que só entram em conflito quando a razão é usada incorretamente, ou seja, quando tenta, sem o auxílio da fé, compreender o mistériodogma religioso, inacessível em essência a quaisquer interpretações racionalistas, pois a razão deve ser apenas serva da fé.

Assim, Tomás de Aquino consegue estabelecer o equilíbrio entre a tradicional tendência mística e as novas diretrizes racionalistas. Síntese da essência e da existência, o *ser* de Santo Tomás está assim mais próximo da *Veritas* agostiniana do que da forma aristotélica; apenas, no *ser*, a existência não se identifica inteiramente com a essência, o que só ocorre em Deus.

Portanto, o *ser* não tem intuição imediata da verdade: seu conhecimento começa pela sensação. A capacidade de conhecer é, sem dúvida, anterior à experiência sensível, mas o conhecer, não. O entendimento é a sede das essências universais, que, segundo Aquino, se encontram nas coisas criadas, embora preexistam como formas ou modelos no pensamento divino. Para conhecê-las, é preciso que o ser abstraia das coisas, desmaterializando assim a essência universal.

Partindo dessas formulações, Tomás elabora sua teologia natural de que Deus é o princípio e o fim. Embora verdade revelada, a existência de Deus, ao contrário do que afirmava Agostinho, pode ser demonstrada racionalmente através de cinco argumentos que explicam a passagem do sensível ao absoluto inteligível (divino), e define Deus como: primeiro motor imóvel; causa primeira; ser necessário; ser perfeitíssimo e inteligência ordenadora.

As três primeiras provas, baseadas no princípio de casualidade, são também denominadas provas cosmológicas, enquanto as demais, por se fundarem no princípio de finalidade, chamam-se provas finalistas ou

teológicas.

O fim do homem, diz Aquino, é o aperfeiçoamento da própria natureza. Tal aperfeiçoamento, porém, só se cumpre em Deus, o que toma a última etapa do ser transcendente a ele. Para que a vontade seja boa, deve conformar-se com a lei moral, cujo fundamento metafísico é Deus. Sendo Deus incognoscível, o homem não pode conhecer a lei eterna, bastando para regular sua conduta o conhecimento da lei natural, ou seja, a norma da consciência humana.

Ao encerrar sua doutrina moral, Santo Tomás, coroando as quatro virtudes cardeais de Aristóteles — prudência, fortaleza, temperança e justiça — acrescenta-lhe as três virtudes teológicas do cristianismo: fé, esperança e amor.

## **O que vem a ser a ciência, no âmbito da filosofia, e o método usado para verificação da verdade?**

A ciência procura conhecer o como e o porquê das coisas. Objetivamente, é ela um conjunto de verdades logicamente encadeadas, formando um sistema. Subjetivamente, é um conhecimento certo pelas causas e pelas leis. O conhecimento vulgar é ocasional, assistemático e superficial, enquanto que o conhecimento científico é intencional, sistemático e metódico.

O conhecimento científico só se constituiu quando a inteligência humana se elevou acima do "pensamento místico" e do "pensamento utilitário" para organizar um saber positivo e desinteressado. No início, a filosofia era a ciência universal, a síntese de todo o saber. Embora seja uma forma autônoma de conhecimentos, a ciência depende, de certo modo, da filosofia. Os cientistas modernos procuram completar, com a interpretação filosófica, os resultados de suas investigações experimentais.

A ciência nos permite: 1) compreender e explicar as coisas; 2) prever os fenômenos; 3) agir sobre a natureza. Não existe, atualmente, uma ciência positiva universal, mas apenas ciências particulares, isto é, conjuntos de conhecimentos certos, gerais e metódicos sobre um determinado objeto.

As ciências podem ser classificadas mediante a determinação das relações que as unem, de maneira a mostrar sua posição natural no conjunto dos conhecimentos humanos.

A hierarquia das ciências é a ordem de subordinação dos diversos ramos do conhecimento, uns dos outros. Qualquer classificação das ciências pode ser aceita desde que respeite a natureza dos fenômenos e atenda à ordem e dignidade das ciências.

Quanto ao método científico, é este o conjunto de processos que o espírito humano deve empregar para a investigação e demonstração da verdade. Há três espécies fundamentais de método científico: métodos inventivos, métodos sistemáticos e métodos didáticos. Todo método deve atender a duas condições básicas: natureza do objeto a que vai ser aplicado, e o fim que se tem em vista.

Os métodos inventivos são empregados na investigação ou descobertas das verdades. Compreendem o método de autoridade e o método de razão. Os métodos sistemáticos são os que visam provar as verdades descobertas pelos métodos inventivos. São eles a definição e a classificação. E os métodos didáticos são os que visam ensinar as verdades ao educando. A finalidade desses métodos não é a transmissão das verdades ao educando, e sim fazer

com que este aprenda as verdades pela atividade de sua própria inteligência.

Além dos métodos particulares, existe um método geral cujos processos são aplicáveis a qualquer ordem de conhecimento. Descartes estabeleceu as regras gerais a que se deve subordinar qualquer investigação científica. As regras de Descartes, inspiradas pela matemática, mostram a influência que as concepções do mundo têm exercido sobre os métodos científicos.

É indiscutível o valor do método na investigação, exposição e demonstração da verdade. É um fator de precisão e segurança para a inteligência. Exclui da pesquisa científica o capricho e o acaso, e coloca a razão no caminho da verdade.

## Qual é a história da metafísica?

Ao conjunto de 14 livros filosóficos de Aristóteles, que vinha após a Física, e que tratam notadamente da origem do movimento e da causa primeira do mundo, deu-se o nome de Metafísica. Os livros de Aristóteles foram ordenados por Andrônico de Rodes no ano 50 a.C.. Nessa edição que Andrônico fez das obras de Aristóteles, colocou os livros que tratavam da "filosofia primeira" depois dos livros da física. E, desse modo, o que Aristóteles denominava de "filosofia primeira", passou a ser conhecido como metafísica. "O que está depois da física".

Aristóteles imaginava haver uma ciência que tivesse como meta primeira o estudo do "ser enquanto ser", e seus atributos essenciais. Essa ciência, que não seria similar a nenhuma outra das conhecidas "ciências particulares", seria a "filosofia primeira".

Enquanto as outras ciências enfatizariam, cada qual um aspecto particular do que existe — o ser enquanto físico, ou o ser enquanto móvel, ou o ser enquanto vivo, etc., a "filosofia primeira" inquiriria os primeiros princípios e as coisas mais elevadas da realidade, não se restringindo a uma determinação particularizadora do "ser", antes tentando compreender o "ser enquanto puramente ser".

Assim, dentro da tradução iniciada por Aristóteles, a metafísica possui uma posição privilegiada: seria um saber anterior a todos os outros saberes, e seu objetivo teria primazia sobre todos os demais objetos. Nesse sentido, a metafísica passou a ser considerada como fundamento de toda ciência, como também da própria filosofia.

Aristóteles sustentava, como tese última da "filosofia primeira", a doutrina do "primeiro motor", incorpóreo e móvel, responsável na condição de causa final, por todas as transformações ocorridas no Kosmos. Aristóteles determinava esse primordial "motor imóvel" de Deus, que deu à sua metafísica, em última instância, a característica de uma "teologia racional". O vínculo entre a Metafísica e a teologia foi ressaltado durante a Idade Média, paralelamente às discussões sobre as relações entre filosofia e religião, razão e fé.

São Tomás de Aquino deu grande impulso à metafísica na Idade Média, ao desenvolver as teses aristotélicas e adaptá-las aos dogmas e às exigências cristãs de então. Aquino concebeu a metafísica como sendo o estudo do "ente enquanto ente real", ou seja, como ciência do "ser enquanto ser", e não como

concebido ao modo do gênero supremo e, portanto, sob a espécie de mera abstração.

A conotação maior da construção tomista foi a distinção ontológica entre "essência e existência". Enquanto em Aristóteles "essência e existência" se distinguiram como modos diversos de se "indagar" ou de pensar sobre a realidade, em Aquino elas passam a ser distinções inerentes à própria realidade, e por isso, ontológicas.

Essa inovação introduzida por Aquino na metafísica aristotélica foi fundamental para a tentativa de conciliação entre "verdade natural" e "verdade revelada", entre "razão" e "fé", uma das metas centrais do pensamento tomista. No pensamento contemporâneo, a investigação metafísica adquiriu grande impulso na obra de Heidegger, que procura, através do pensar metafísico dos antigos gregos, recuperar a genuína concepção do ser.

## Qual a diferença entre a metafísica moderna e a medieval?

Ao contrário da metafísica medieval, que era uma especulação baseada na confiança no poder do intelecto, mas auxiliada pela fé, a metafísica moderna procura sustentar-se apenas em verdades garantidas pela razão.

A partir do cristianismo, a metafísica moderna desenvolveu-se principalmente em torno da análise da noção de substância, tendo como uma de suas sustentações a noção de ideias inatas (ideias que existiriam no intelecto humano, independentemente dos dados dos sentidos).

Spinoza e Leibniz discutiram sobre o problema da substância, assunto este que se tornou fundamental no interior do racionalismo moderno. Leibniz deu nova formulação ao inatismo, tentando conciliá-lo com o empirismo. Para ele, nada existiria no intelecto que antes não houvesse passado pelos sentidos, exceto o próprio intelecto.

O debate entre racionalismo e empirismo converge para a obra de Kant, que reformula completamente a posição da metafísica, reconhecendo o valor da crítica empirística à metafísica tradicional, sobretudo como esta se havia apresentado através de Leibniz e Wolff.

Em sua obra *Crítica da Razão Pura*, Kant procura verificar como é possível o conhecimento científico matemático e fisicamente, e examina se é possível o conhecimento das entidades metafísicas, como Deus, alma, mundo, etc.. Conclui que este conhecimento não é possível no nível da pura razão, pois todo conhecimento seria a síntese de dados dos sentidos com as condições "a priori" do sujeito e, no caso da metafísica, não haveria base empírica para a constituição de seus objetos.

O positivismo, por sua vez, critica severamente a metafísica. Para Augusto Comte, por exemplo, a metafísica representava simplesmente um modo de saber próprio de determinada época da humanidade, destinada a ser completamente superada pelo conhecimento científico, ou seja, o positivismo, baseado no estabelecimento de leis referentes aos dados da sensação. As referências antimetafísicas de origem positivista vão culminar, no início do século XX, no neopositivismo e no empirismo lógico.

Todas as ciências, inclusive a metafísica, estudam o ente; é o objeto material, comum a todas as ciências. Ora, neste objeto material cada ciência toma um ponto de vista especial, aquilo que os filósofos chamam de objeto formal. Só a metafísica pode estudar o ente enquanto ente. Portanto, o objeto

formal da metafísica é o ente enquanto ente.

René Descartes, vendo a universalidade do ente enquanto ente, mas não distinguindo o objeto formal da metafísica, pensou que ela absorvia todas as ciências. Logo, para ele, existe uma única ciência: a metafísica. Contudo, pelo contrário, atordoado pela transcendentalidade da metafísica e não distinguindo o objeto formal do objeto material, chegou à conclusão de que não existe metafísica, devorada que esta ficou pelas ciências.

A teoria dos três graus de abstração serve para explicar a noção da metafísica. No primeiro grau, próprio das ciências experimentais e da filosofia da natureza, a inteligência estuda o ente sensível, sem as propriedades individuais, mas com as qualidades sensíveis, como a cor, o som, o movimento local, etc..

## Quem foi Sartre?

Embora não sendo um teólogo, Jean Paul Sartre, considerado por muitos o maior filósofo francês contemporâneo, tem exercido poderosa influência sobre as correntes teológicas modernas. Por essa razão incluímos a seguinte análise de uma de suas obras, considerada a mais importante delas. (Jean-Paul Sartre, *A Náusea* [texto integral], Editora América-Europa, p. 18, 19.)

Sartre nasceu em Paris, a 21 de junho de 1905. Estudou na École Normale Supérieure, foi nomeado professor de filosofia no Lycée Pasteur, em Paris, em 1927, e de Le Havre, em 1931. Em 1940 caiu prisioneiro dos alemães. Libertado em 1941, voltou a lecionar em Paris, e participou da Resistência.

Em 1945, licenciou-se por tempo indeterminado, assumiu a chefia dos grupos existencialistas de St. Germain-des-Prés, fundou a revista político-literária *Os Tempos Modernos*. Em 1964 recusou o prêmio Nobel de Literatura, que lhe fora outorgado. Viveu em companhia da escritora Simone de Beauvoir e dedicou-se a diversas atividades políticas de esquerda. Faleceu em 1980.

Martin Heidegger, considerado por alguns como o maior filósofo alemão contemporâneo, e Edmund Husserl, também alemão, foram os pensadores que maior influência exerceram sobre o existencialismo filosófico-literário de Sartre.

O escritor francês Gustavo Flaubert e o pensador político africano Frantz Fanon também influenciaram Sartre: Flaubert, pela exposição de todas as ilusões religiosas da humanidade, retratação da estupidez humana e pela solidão em que viveu; Fanon, pelo estudo das torturas e elaboração de uma ideologia revolucionária que inspirou as revoluções argeliana e tunisiana.

Acerca do primeiro, o filósofo francês publicou, em 1971, os dois primeiros volumes de um estudo; quanto ao segundo, Sartre prefaciou-lhe a obra *Os condenados da terra*, em 1961. Neste prefácio, Sartre verbera o humanismo europeu e recomenda a violência revolucionária.

Em *A Náusea*, romance escrito em 1938, Sartre adentra-se na análise do problema da existência humana e procura revelar todos os temas da sua reflexão posterior.

A experiência fundamental do autor, equivale ao seu ponto de partida e que tem maior valor como revelação existencial, é a do tédio, do aborrecimento, da vida totalmente sem significado, sem sentido. O protagonista Antoine Roquentin, em seu diário íntimo, deixa claro que só o trapaceiro, que nega a

sua personalidade e o passado, entregando-se totalmente aos impulsos reprovados pela coletividade, é apto para receber a revelação.

Mas que tipo de revelação? A de que o "existente" existe sem qualquer motivo e sujeito a um sentimento de sufocação, que é a náusea, ou a angústia. Esta angústia fundamental parece ser, para Sartre, a própria realidade humana: "ao sair do Hotel Printania para ir à Biblioteca, quis apanhar um papel que estava no chão, e não pude. É tudo; nem isso constitui um acontecimento. Sim, mas, para dizer a verdade toda, fiquei profundamente impressionado: pensei que deixara de ser livre... Fiquei curvado um segundo; ainda li: Ditado — O Mocho Branco; depois endireitei-me, de braços caídos. Já não sou livre, já não posso fazer o que quero." (Sartre, Idem, p. 14.)

## Que tipo de filosofia ensinou Sartre?

Em *A Náusea* [texto integral], Editora América-Europa, Jean-Paul Sartre revela o princípio primordial da existência concreta, na qual duas atitudes podem ser tomadas: ou resistir aos impulsos reprovados pela sociedade, como o de apanhar objetos na rua — papéis sujos, por exemplo — ou deixar-se vencer pelos mesmos, ignorando as censuras da coletividade.

Assim, na opinião existencialista de Sartre o homem não é responsável pela sua própria responsabilidade. Fundamentalmente, ele é apenas o desejo de ser, e seu propósito é ser Deus. Por isso, na sua relação com o outro, nega a transcendência do outro para usá-lo ou tornar-se puro objeto para o outro, negando, neste caso, a sua própria transcendência.

A realidade humana, segundo Sartre, surge sempre do movimento *por-si-para-outrem*, sendo o corpo o objeto que nos coloca em relação aos outros: "Também estes, para existir, precisam de se reunir uns com os outros", referindo-se a um grupo de rapazes que se reuniam numa pensão de família para o almoço. "Mas o outro pode ser objeto para mim eu objeto para ele. Cada vez que a liberdade dele vem de encontro à minha, a minha transcendência é transcendida e nascerá a minha angústia". (Sartre, Id. p. 122.)

O passado é *em-si*, enquanto o presente é *por-si*. Afirma Sartre que tudo o que não era presente não existia. "O passado não existia. De modo nenhum. Nem muito tempo que eu tinha compreendido que o meu me tinha escapado. Mas julgava, até então, que se tinha simplesmente retirado do meu alcance.

"Para mim, o passado era apenas uma entrada na reforma: era outra maneira de existir um estado de férias e de inação; cada acontecimento que não findara o seu papel, se arrumava atinadamente, por si próprio, numa caixa e se tornava acontecimento honorário: tal é a dificuldade que se tem em imaginar o nada. Agora compreendia: as coisas são inteiramente o que parecem — e por trás delas... não há nada. (Sartre, Idem, p. 128, 129.)

O ser-em-si é o ser no sentido pleno da palavra, mas sem razão de ser: "Sou, existo, penso logo sou, sou porque penso, por que é que penso?" O futuro, nessa filosofia, é o por-si por essência.

Desabafa Sartre: "Na minha frente... vou andando ao rés do muro, existo ao longo do muro longo, em frente do muro, um passo, o muro existe na minha frente, um, dois, por trás de mim.. a existência é mole e rola e anda aos bordos, eu ando aos bordos entre as casas, sou, existo, penso logo ando aos bordos, sou, a existência é uma queda caída, não cairá, cairá, à janela o dedo

roça, a existência é uma imperfeição... Tem a Legião de Honra, os safados têm o direito de existir: "existo porque tenho esse direito." Tenho o direito de existir, logo tenho o direito de não pensar."

Como se vê, o ser existente é incriado e sem razão de ser, é o que é e nada mais. Lemos mais adiante: "A minha vida está toda atrás de mim... Comer, dormir. Dormir, comer. Existir lentamente, suavemente, como aquelas árvores, como uma poça de água, como o assento vermelho do elétrico... É um aborrecimento profundo, profundo, o coração profundo da existência, a própria matéria de que sou feito..." (Sartre, *Idem*, p. 196, 197.)

## CAPÍTULO 9 TIPOLOGIA

### **Que lições podemos tirar do Tabernáculo de Moisés para a nossa vida cristã hoje?**

**Caro leitor, o templo levantado por Moisés no deserto, segundo o modelo que lhe foi mostrado no Monte Sinai pelo próprio Deus, é o mais elo quente de todos os tipos rituais da Antiga Aliança.**

**Como uma prefiguração dos fatos do Novo Testamento, ele encontra como antítipos na Nova Aliança não somente Cristo e o cristão, mas também a Igreja no seu todo e mesmo o próprio Céu, uma vez que "Cristo não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro, e sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor".**

**O tipo bíblico é uma representação pré-ordenada, pela qual pessoas, eventos e instituições do Antigo Testamento prefiguram pessoas, eventos e instituições do Novo Testamento. São figuras, ou lições, pelas quais Deus tem ensinado seu povo acerca do seu plano redentor e de seus elevados propósitos para a vida cristã. São uma mostra de coisas vindouras e não a verdadeira imagem dessas coisas.**

**Todo o sistema mosaico, por exemplo, foi como um jardim de infância no qual o povo de Deus foi educado nas coisas divinas e ensinado a ver assim a realidade das coisas futuras.**

**O tipo é o objeto da lição, a revelação temporária de uma pessoa, um acontecimento ou uma instituição vindoura. O antítipo é o cumprimento daquilo que havia sido predito. São necessários um ou mais pontos de afinidade entre o tipo e o antítipo. O tipo precisa ser profético em todos os pontos de semelhança com o antítipo, e precisa verdadeiramente prefigurar as coisas vindouras.**

**O tipo é sempre terrestre, enquanto o antítipo pode ser tanto terrestre como celestial.**

**Desde que tipo e antítipo, ou seja, figura e cumprimento, necessitem ser pré-ordenados como parte de um mesmo plano divino, eles não podem ser escolhidos pelo homem. Por isso, a autoridade dos tipos e sua aplicação provêm unicamente da Bíblia, que exige o endosso de pelo menos três testemunhos para confirmar uma verdade.**

**O excepcional interesse demonstrado pelos que ouviram pelo menos um dos inúmeros estudos acerca desse interessante tema, que ministrei no Brasil e Exterior, animou-me a escrever o livro *O Tabernáculo e a Igreja*, editado pela CPAD, que recomendo ao leitor. Tanto em português como em espanhol, essa obra tem excelente aceitação. Alguns irmãos chegaram a confessar, depois de acompanhar os passos do nosso crescimento cristão, que nunca mais foram os mesmos crentes. Eles tiveram uma clara visão dos elevados propósitos divinos para a vida deles, e entraram assim numa nova dimensão espiritual.**

**É meu sincero desejo que o inesgotável manancial de inspiração e ensinamento, que é o Tabernáculo, sacie no leitor amigo a mais profunda sede de Deus, e lhe dê a necessária "intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus", e assim experimentar "toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo".**

## **Que significado têm na Bíblia os metais presentes no Tabernáculo de Moisés?**

Caro leitor, os metais do Tabernáculo são muito expressivos. Seguindo a ordem de entrada do pátio para o Lugar Santíssimo, encontramos as colunas revestidas de bronze e com suas bases de bronze, o grande altar todo revestido de bronze, situado logo após a porta do Tabernáculo, e a pia, ou lavatório, de bronze maciço.

O bronze, no Tabernáculo, significa o julgamento do pecado. Por isso todos os cravos usados no Santuário eram desse mesmo metal e apontavam para a crucificação de Jesus.

Por sua vez, a prata estava presente em todos os ganchos que ostentavam as cortinas do Tabernáculo e também formava os capitéis ou faixas que ornamentavam essas cortinas. Também todas as tábuas do Santuário estavam apoiadas em bases de prata. Ora, a Bíblia diz em Êxodo 30.12-16: "Quando fizeres a contagem dos israelitas, para que, ao serem recenseados, não os atinja alguma peste. Cada um que passar pelo censo dará cinco gramas de prata, segundo o peso padrão do santuário. Estes cinco gramas serão, pois, o tributo dado ao Senhor. Quem passar pelo recenseamento com mais de 20 anos, pagará o tributo ao Senhor.

O rico não dará mais nem o pobre menos do que cinco gramas ao pagar o tributo ao Senhor, como resgate de vossas vidas. O dinheiro deste resgate que receberes dos filhos de Israel, aplicarás no serviço da tenda da reunião. Servirá para os israelitas como lembrança diante do Senhor, do resgate de vossas vidas.

Também em Levítico 5.15: "A pessoa que cometer uma infidelidade e pecar com inadvertência, desviando alguma das coisas consagradas ao Senhor, levará, em sacrifício de reparação ao Senhor, um carneiro sem defeito, tirado do rebanho, avaliado em vinte gramas de prata, segundo o peso do santuário".

A prata é símbolo de resgate, e o mesmo preço seria pago por todo israelita alistado, independentemente de suas posses. Note que o rico não daria mais nem o pobre menos. O preço pago era um só e isso aponta para o sacrifício expiatório de Jesus, que nos comprou com o seu precioso sangue, pagando um preço único para o nosso resgate, e também mostra que todas as vidas têm

valor igual diante de Deus.

O tabernáculo possuía as cinco colunas de ouro, que sustentavam, com seus colchetes também de ouro, o cortinado da entrada. A mesa dos pães da proposição era toda revestida de ouro. O candelabro era todo feito de ouro batido.

Temos ainda, dentro do Lugar Santo, o altar do incenso, todo revestido de ouro, feito de madeira de acácia e todo revestido de ouro. Este altar era onde os sacerdotes queimavam o incenso sagrado, enquanto o povo orava a Deus. Isto acontecia todas as manhãs e tardes, ao serem apagadas ou acesas as lâmpadas do Tabernáculo.

Dentro do Lugar Santíssimo estava a Arca, revestida de ouro por dentro e por fora, e o propiciatório, com seus querubins, tudo de ouro batido.

## Qual o significado dos números 1 a 5 que aparecem no Tabernáculo?

Meu caro leitor, de uma maneira geral, os números que aparecem no Tabernáculo com mais frequência são: 3,4, 5, 6, 7, 8, 10, 11 e 12. Vamos tratar, aqui, os três primeiros, deixando os demais para outra ocasião.

Começemos com o três. Esse número corresponde às três principais divisões do Tabernáculo: o Pátio, o Santuário e o Santo dos Santos, e indica sempre *perfeição e completação divina*. No terceiro dia foi completada a obra dos fundamentos da Criação.

O quarto, o quinto e o sexto dia criativos são a contraparte e repetição do primeiro, segundo e terceiro dias.

Esse número também significa *ressurreição*, pois foi no terceiro dia que a terra surgiu do abismo, e que os frutos surgiram na face da terra. Por isso, também, Jesus ressurgiu no terceiro dia.

Vamos agora ao número quatro. Este número relaciona-se com a Terra e denota criação material no que diz respeito à Terra. Ele significa as coisas *que estão debaixo do sol*, ou seja, as coisas terrenas.

O quatro está presente nas colunas da entrada, no número de cores do Tabernáculo, no número de reinos mundial do profeta Daniel, no número de Evangelhos, e em expressões que significam a terra toda, como *os quatro cantos da terra*.

Finalmente, o número cinco. Este número está presente nas medidas do Tabernáculo e nas colunas revestidas de ouro da entrada do Lugar Santo. Ele indica sempre a graça divina, como nas cinco virgens prudentes de Mateus 25.2, nos cinco irmãos de Lucas 16.28, nos cinco maridos de João 4.18 e nas cinco palavras de 1 Coríntios 14.19.

A gematria, que é um sistema criptográfico que consiste em atribuir valor numérico às letras, dá à palavra hebraica *Ha'aretz* (a terra) o número 296, que é um múltiplo de quatro, e à palavra *Hashamayim* (os céus) o número 395, que é um múltiplo de cinco. O valor gemátrico de graça (*Charis*, no grego) é 725, que é também um múltiplo de cinco.

É interessante observar também que quando Deus mudou o nome de Abrão para Abraão, inseriu a quinta letra do hebraico, o *hê*, que é o símbolo do número cinco.

Essa mudança ocorreu em um momento importante da vida do patriarca, quando este foi chamado a andar diante de Deus de uma maneira muito

especial, o que só seria possível mediante a graça divina. Na mesma ocasião o Senhor se revela a Abraão como o El-Shadai, o Todo-abundante.

Finalmente, o santo azeite da unção, como símbolo da graça divina, era formado de cinco componentes, sendo quatro principais e mais o azeite de oliveira. Nos quatro elementos principais temos todas as quantidades em múltiplos de cinco: mirra, 500 siclos (5 x 100); canela aromática, 250 siclos (5 x 50); cálamo aromático, 250 siclos (5 x 50), e cássia, 500 siclos (5 x 100) (Êx 30.22-33)

O mesmo poderíamos dizer do incenso, que era composto de cinco elementos: bálsamo, ônica, gálbano, incenso puro e sal (Êx 30.34,35).

## Qual o significado dos números 6, 7, 8, 10, 11 e 12 que aparecem no Tabernáculo?

Meu caro leitor, vamos analisar o significado dos números mencionados acima.

Seis é o número do homem. Aparece nas fileiras de pães, no número de hastes que ladeiam a haste central do Candelabro, e, também, como múltiplo das 48 tábuas do Tabernáculo, das 96 bases das tábuas, e nas colunas do Tabernáculo, que eram 60.

Esse número aponta sempre para o homem, que tem os seus dias e horas sempre divididos em 6. Atalia usurpou o trono de Judá seis anos. Os grandes homens que se têm levantado contra Deus, como Golias, Nabucodonosor e, futuramente o Anticristo, todos eles são enfaticamente marcados por esse número.

Vejam agora o sete, que aponta para a perfeição espiritual ou plenitude espiritual. É o número que marca todas as obras do Espírito Santo. Como autor da Palavra de Deus, o Espírito Santo estampou essa marca através das páginas da Bíblia, como um fabricante estampa a sua marca de água num papel que não pode ser falsificado.

Ainda mais: o Espírito Santo é o doador da vida, e sete é o número que regula cada período de incubação e gestação em insetos, aves, animais e no homem. Por exemplo, o canário nasce aos 14 dias, a galinha aos 21, os patos e gansos aos 28, o ganso silvestre aos 35, e os papagaios e avestruzes aos 42 dias. A diferença entre um período e outro é sempre de sete dias.

No Tabernáculo, esse é o número das peças principais, e é também o número de lâmpadas do candelabro.

O oito é o número que denota ressurreição, regeneração, novo começo ou princípio. Jesus ressurgiu no oitavo dia, fazendo dele um *novo primeiro dia*. O valor numérico do nome *Jesus* na língua grega é 888, e esse número, ou seus múltiplos, aparecem sempre em conexão com os títulos, o povo e as obras de Jesus. Esse número está presente no Tabernáculo como múltiplo das tábuas (8x6).

O dez é o número que aparece como múltiplo das 60 colunas, e como múltiplo do comprimento e largura do Tabernáculo. Indica ordem perfeita e responsabilidade pessoal, como nos dez mandamentos, no dízimo, comprimento das tábuas, nas dez virgens, nas dez dracmas, no número de cortinas, etc..

O onze é o número das cortinas de pêlos de cabra (Êx 26.7-9), e representa a fidelidade. Após a traição de Judas Iscariotes, os remanescentes *onze* apóstolos permaneceram fiéis. É também o número da lealdade, conforme Atos 2.14, quando os onze apóstolos (incluindo Matias) se levantaram em apoio a Pedro.

Finalmente, o doze. Ele aparece no número de pães e, como múltiplo, nas tábuas, nas bases das tábuas e nas colunas do pátio do Tabernáculo. Ele sugere o perfeito viver, como número do povo de Deus: doze tribos de Israel e doze apóstolos do Cordeiro. Multiplicando o número da plenitude da terra pelo número 12, temos todo o povo de Deus, tanto o do Antigo como o do Novo Testamento.

## **Qual o significado das cores que aparecem no Tabernáculo?**

Caro leitor, as cores do Tabernáculo são bem significativas, pois revelam aspectos do caráter de Jesus que os quatro evangelistas nos deram:

Em primeiro lugar, a púrpura. Esta cor era obtida de um molusco gastrópode da família dos muricídeos. Por ser um produto caro, era utilizada pelos reis e pessoas ricas.

Por relacionar-se com a realeza, a púrpura aponta para o Evangelho de Mateus, que é o Evangelho do Rei. Mateus é o evangelista que mais enfatiza esse aspecto do caráter de Jesus. Quatorze vezes ele se refere a Jesus como Filho de Davi, o famoso rei de Israel cuja descendência Deus prometeu perpetuar no trono de Israel.

O Messias viria com Rei, conforme a profecia de Zacarias 9.9. Por isso Mateus registra a genealogia de Jesus, pois um Rei precisa provar a sua ascendência real.

Em segundo lugar, temos o carmesim. O Evangelho de Marcos está relacionado com essa cor do sangue, pois aponta para o servo sofredor, para o Messias na cruz, conforme a profecia de Isaías 42.1.

Um servo não precisa de genealogia, por isso Marcos não trata da ascendência do Senhor. Mateus, em seu Evangelho, focaliza a pessoa de Jesus do ponto de vista de sua realeza, e isto nos leva ao Lugar Santíssimo do Tabernáculo, onde Deus habitava sobre o Propiciatório, entre os querubins da glória.

Marcos, por sua vez, já apresenta os traços de Jesus do ponto de vista da cruz, como servo sofredor, e isto nos leva ao altar dos holocaustos. Percebemos esses pontos de vista em Mateus 13.23 e Marcos 4.8,20, respectivamente.

Nesses textos, a frutificação em Mateus é decrescente, enquanto em Marcos é crescente. Mateus diz: a 100, a 60 e a 30 por um, e Marcos registra: a 30, a 60 e a 100 por um, e isso conforme as três divisões do Tabernáculo: o Pátio, o Santuário e o Santo dos Santos.

Em terceiro lugar, temos o branco. No Evangelho de Lucas temos o linho branco apontando para o homem perfeito, para o caráter justo de Jesus. Esse evangelista apresenta a pessoa do Salvador como o Filho do homem. É o Evangelho do Filho do Homem.

E como todo homem perfeito precisa de uma genealogia, o médico Lucas

registra a ascendência de Jesus. O Senhor, em Lucas, cumpre Zacarias 6.12.

A cor azul era obtida de mexilhões azul-celeste, molusco bivalve da família dos mitilídeos. Era um produto caríssimo pelo fato de a sua extração exigir a morte de milhares de mexilhões. Segundo os pesquisadores, uns duzentos anos antes de Cristo um quilo de azul custava o equivalente hoje a oitenta mil dólares, preço que subiu para o dobro por volta de 300 d.C.

Essa cor, que adornava os palácios reais e as mansões dos milionários, indica sempre o Céu, ou aquilo que é celeste. Vemos em João, o Evangelho do Filho de Deus. Jesus, como Filho de Deus, cumpre a profecia de Isaías 40.9.

João não registra a genealogia de Jesus, pois Deus não tem genealogia.

## Qual o significado da cor azul na Bíblia?

Caro leitor, por ser a cor do céu, o azul aponta sempre para a divindade de Jesus e para o céu. Jesus foi apresentado como Deus: "Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém, ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas, e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus".

Dentre as referências ao azul no Antigo Testamento destaca-se à do cordão azul em Números 15.38-40 (ARA): "Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes que nos cantos das suas vestes façam borlas pelas suas gerações; e as borlas em cada canto presas por um cordão de azul. E as borlas vos serão para que, vendo-as, vos lembreis de todos os mandamentos do Senhor, e os cumprais; e não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos, após os quais andais adulterando. Para que vos lembreis de todos os meus mandamentos, e os cumprais, e santos sereis a vosso Deus".

Por ser um dos principais símbolos do céu, o azul revela o propósito profundo de Deus de conduzir o seu povo a uma constante atitude de comunhão com Ele, de quem deveriam receber graça e inspiração para uma vida santa, ou seja, de fidelidade aos seus elevados preceitos e, conseqüentemente, de separação das concupiscências mundanas. Note as palavras do Senhor: "não seguireis os desejos do vosso coração, nem os dos vossos olhos".

Assim, mediante o memorial das fitas azuis fixadas nas franjas das suas vestes, os israelitas deveriam lembrar-se da sua responsabilidade de obediência à Lei do Concerto do Sinai, e de sua chamada para ser o povo santo do Senhor.

Que preciosas lições espirituais nos dão esses filactérios! Se Israel deveria atentar para aquele memorial celestial do Concerto da Lei, a fim de ser o povo santo do Senhor, quanto mais nós devemos buscar "as coisas que são de cima" e pensar "nas coisas que são de cima"!

Nos nossos vestidos de salvação não deve faltar o memorial do corpo de Jesus oferecido por nós na cruz. Ele mesmo, ao instituir a ceia nos elementos do pão e do cálice, disse: "fazei isto em memória de mim".

O Senhor Jesus, ao referir-se às borlas usadas pelos judeus nos dias de seu ministério terreno, mostra até onde o egoísmo humano pode perverter uma instituição divina. Eles alargavam os seus filactérios e alongavam as suas

franjas, tudo com o fim de serem vistos pelos homens!

Assim como os israelitas foram além do mandamento divino, assim presentemente ocorre com o memorial da ceia do Senhor, criminosamente transformado por muitos em transubstanciação (transformação dos elementos no corpo, sangue, alma e divindade de Jesus, etc.), e por outros em consubstanciação (união de dois ou mais corpos numa mesma substância).

Assim como o memorial celestial dado aos israelitas transformou-se numa triste e egoísta profanação do sagrado, assim também o solene memorial instituído por Jesus foi por muitos convertido em orgulho religioso.

Cuidemos para não perdermos o verdadeiro sentido do mandamento divino e conservarmos dele apenas a sua forma exterior para nossa própria exaltação. Nossa divisa deve ser: "Santos sereis ao vosso Deus".

## **Em que evento bíblico aparece o nome de Deus como "O Senhor Proverá"?**

Caro leitor, esse nome foi dado por Abraão, quando Deus lhe pediu o sacrifício de Isaque. Eis parte do texto bíblico, extraído de Gênesis 22:

"Passado algum tempo, Deus pôs Abraão à prova, dizendo-lhe: 'Abraão!' Ele respondeu: 'Eis-me aqui'. Então disse Deus: 'Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei'.

"Na manhã seguinte, Abraão levantou-se e preparou o seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e Isaque, seu filho. Depois de cortar lenha para o holocausto, partiu em direção ao lugar que Deus lhe havia indicado.

"Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá pegá-lo, e o sacrificou como holocausto em lugar de seu filho".

Abraão estava disposto a obedecer, por isso levantou-se de madrugada e preparou-se para a longa viagem até o monte Moriá. Cada incidente, ao longo do caminho, reveste-se de profundo significado. Ao pé do monte, disse Abraão a seus moços: "Fiquem aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos".

O "tomaremos" indica a fé profunda do patriarca, para quem Deus era poderoso para substituir seu filho, ou mesmo ressuscitá-lo.

À pergunta natural de Isaque: "I saque disse a seu pai Abraão: 'Meu pai!' 'Sim, meu filho', respondeu Abraão. Isaque perguntou: 'As brasas e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto?'" (Gn 22.7). Abraão responde com convicção: "'Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho'. E os dois continuaram a caminhar juntos" (v. 8).

Deus o Pai, identificado neste texto como aquele que provê (Iawé-Jiré), honrou a fé nEle depositada, e proveu uma vítima substituta para Isaque, mas somente depois de Abraão haver ido até o fim na sua obediência à ordem do Senhor.

Assim como Isaque, que já não era uma criança, poderia facilmente ter evitado tomar-se uma vítima, assim também o outro Isaque, o Senhor Jesus Cristo, poderia, se o desejasse, ter evitado a cruz. Eis as suas palavras: "Dou a minha vida pelas ovelhas... Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo

a dou. Este mandamento recebi de meu Pai".

O autor da carta aos Hebreus afirma que Cristo orou com grande clamor e lágrimas àquele que podia livrá-lo da morte, mas voluntariamente submeteu-se à vontade do Pai, "sendo obediente até à morte, e morte de cruz".

Muito mais forte que o amor de Abraão por Isaque foi e ainda é o amor do Pai Celestial por seu Filho Jesus. Contudo, para nos salvar Deus o entregou à morte, provando o seu amor por nós, sendo nós ainda pecadores.

Abraão encontrou um substituto para Isaque, mas para Jesus não havia substituto. Sua oração para que, se possível, o amargo cálice do sofrimento e da morte lhe fosse tirado, teve de ser complementado por outra: "não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres".

## Qual o significado das tábuas, ou armações, do Tabernáculo?

Meu caro leitor, comecemos pela origem da madeira das armações. Ela veio da floresta, e representa o cristão. Como crentes, fomos cortados pela espada da Palavra e derrubados aos pés de Cristo pelo arrependimento. Depois de derrubados fomos trazidos para a Casa de Deus. Viemos da maneira como caímos, mas na Casa de Deus fomos trabalhados, conforme Efésios 2.1-3:

"Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência. Anteriormente, todos nós também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira".

Embora tenhamos sido trazidos para a Casa de Deus no estado bruto, passamos pelo despojamento. Para esse trabalho, o escultor, ou o carpinteiro, usa as ferramentas apropriadas para o desbaste da casca e dos nós. Tudo precisa ser despojado pelas afiadas ferramentas do hábil carpinteiro de Nazaré:

"Nele também vocês foram circuncidados, não com uma circuncisão feita por mãos humanas, mas com a circuncisão feita por Cristo, que é o despojar do corpo da carne... Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar. Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas".

A nova vida é como um bloco de pedra que deve ser trabalhado pelo escultor. Um pastor visitava uma oficina de escultura, onde também se fabricavam imagens religiosas, e deparou-se com uma pedra que estava recebendo os primeiros toques do artista. Ela ainda não tinha forma nem possuía qualquer semelhança com um ser humano, por isso o pastor perguntou o que era aquilo. O mestre respondeu prontamente: "Isto é um santo".

O ministro do evangelho ficou surpreso, pois estava diante de traços tão brutos e tão rudes! Entretanto, através de suas ferramentas próprias como o

cinzel e as ponteiros, o artista transformaria aquele bloco de mármore em um "santo"!

Deus faz o mesmo com a nossa vida. Ele nos tira da floresta do pecado, nos traz para sua Casa e, com a ferramenta da sua Palavra, faz o despojamento de inúmeras impurezas, tornando-nos homens e mulheres perfeitos em Cristo.

As armações foram cobertas de ouro, que fala de realeza e de glória. Aqui o crente, depois de despojado de todas as rugas do pecado, é glorificado com o ouro da glória de Deus, feito participante da realeza de Cristo e constituído rei e sacerdote.

Estas armações foram colocadas em bases de prata. Toda a nossa firmeza, toda nossa aparência real tem por base o resgate.

Outro interessante aspecto relacionado com as armações de madeira é que, embora as madeiras fossem muito diferentes entre si quando trazidas para o Tabernáculo, agora, depois de trabalhadas, ficaram todas iguais. Aos olhos de Deus não há uns melhores que outros. Deus não faz acepção de pessoas.

## Qual o significado das travessas e da cobertura do Tabernáculo?

As travessas, ou barras de madeira que mantinham as tábuas de pé e unidas, eram revestidas de ouro. Disse o Senhor Deus: "Faça também travessões de madeira de acácia: cinco para as armações de um lado do Tabernáculo, cinco para as do outro lado e cinco para as do lado ocidental, na parte de trás do Tabernáculo. O travessão central se estenderá de uma extremidade à outra entre as armações" (Êx 26.26-28).

Esses travessões apontam para a união espiritual descrita no Salmo 133 e em João 17.22,23. As travessas, por serem em grupos de cinco, apontam também para os ministérios descritos em 1 Coríntios 12.5 e Efésios 4.9-13: "E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo". "Ora, que quer dizer que subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as cousas.

"E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo". Esses ministérios sustentam a igreja.

Vejam agora a cobertura do Santuário. O texto que nos fala da cobertura está em Êxodo 26.1-14. Seguindo a ordem do exterior para o interior, temos as seguintes coberturas:

*Peles de golfinho.* Por serem rústicas, quem olhasse a Tenda estando do lado de fora do Tabernáculo nada veria de especial a chamar-lhe a atenção. Além de parecidas com o deserto — cuja areia elas retinham — eram simples e sem beleza. Esta primeira cobertura indica a pessoa de Jesus segundo Isaías 53, onde vemos que Jesus não tinha aparência nem formosura.

Os que olham para Cristo sem tê-lo antes conhecido e recebido como seu Salvador, nada veem de especial. Somente o cristão verdadeiro pode exclamar: "Vimos a sua glória, glória como do unigênito de Pai" (Jo 1.14).

*Peles de carneiro tintas de vermelho.* Esta cobertura simboliza a expiação,

pois o vermelho tipifica o sangue de Jesus derramado na cruz do Calvário e aponta para Ele como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo".

*Crina de cabras.* A terceira cobertura, de onze cortinas de crina de cabras não tingida, indica a pureza da justiça de Cristo. Jesus viveu uma vida santa, sem pecado.

*Linho fino.* Finalmente, a quarta cobertura do santuário era constituída de dez cortinas de linho fino branco, com bordados primorosos em azul. Mais uma vez nos deparamos aqui com o caráter celestial de Jesus, figurado na cor do Céu, de onde Ele veio e para onde vai nos levar, conforme a sua promessa.

## **Em que sentido o sacerdócio de Arão era um tipo do sacerdócio universal de todos os crentes?**

Notemos, em primeiro lugar, que *o sacerdócio vem antes da mediação*. Cristo não é sacerdote para o mundo, mas para a Igreja.

"Eu rogo por eles. Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus... Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles" (10 17.9,20).

Em segundo lugar, *os sacerdotes não se consagram a si mesmos*. Eles são consagrados por outrem. Devemos apenas apresentar nossos corpos (Rm 12.1).

Em terceiro lugar, *os sacerdotes tinham de ser lavados com água*. O texto de Êxodo 29:4 diz: "Depois traga Arão e seus filhos à entrada da Tenda do Encontro e mande-os lavar-se". A grande necessidade e a importância da pureza moral, ou santidade, podem ser avaliadas em Isaías 52.11; João 13.10 e 2 Coríntios 7.1.

Em quarto lugar, *a água é também símbolo do batismo*. Arão, como tipo de Cristo, não precisava de lavar-se. Jesus não necessitava do batismo de João, mas sujeitou-se a ele, cumprindo, assim, toda a Escritura.

Em quinto lugar, *Arão foi primeiramente lavado e depois ungido*. "Tomarás o óleo da unção e, derramando-o sobre a cabeça, o ungarás" (Êx 29.7). "Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele" (Mt 3.16).

Jesus, seguindo a ordem da consagração dos sacerdotes, foi primeiro batizado nas águas, e depois ungido com o Espírito Santo.

Em sexto lugar, *Arão, o sumo sacerdote, como tipo de Cristo, é ungido antes dos sacrifícios*. No caso dos sacerdotes, porém, como tipos dos crentes, o sangue precede a unção: "Unja-o com o óleo da unção, derramando-o sobre a cabeça de Arão. Traga os filhos dele, vista cada um com uma túnica" (Êx 29.7,8). "Derramou o óleo da unção sobre a cabeça de Arão para ungi-lo e consagrá-lo" (Lv 8.12).

Em sétimo lugar, *a unção do sumo sacerdote indicava que ele havia de estar cheio do Espírito Santo para edificação e alegria do povo*. Eis os textos bíblicos: "Não saiam da entrada da Tenda do Encontro, senão vocês

morrerão, porquanto o óleo da unção do SENHOR está sobre vocês". E eles fizeram conforme Moisés tinha ordenado" (Lv 10.7).

Um detalhe interessante na consagração do sacerdote é que o sacerdócio de Jesus é segundo a ordem de Melquisedeque e não segundo a de Arão. Somente o sacerdócio de Melquisedeque foi constituído com juramento. Diz a Bíblia: "O Senhor jurou e não se arrependerá: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4). "E isso não aconteceu sem juramento ! Outros se tomaram sacerdotes sem qualquer juramento, mas ele se tomou sacerdote com juramento, quando Deus lhe disse: "O Senhor jurou e não se arrependerá: 'Tu és sacerdote para sempre'" (Hb 7.20,21).

## Como é que os sacrifícios cerimoniais de consagração dos sacerdotes apontam para Jesus?

A ordem desses sacrifícios está em Êxodo 29, começando pelo versículo 10. Notemos os seguintes pontos:

*Primeiro, Jesus identificou-se conosco.* "Traga o novilho para a frente da Tenda do Encontro. Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça do novilho". O bezerro aponta para a pessoa de Jesus como o servo sofredor, cheio de mansidão. O fato de Arão e seus filhos porem as mãos sobre a vítima indica a sua identificação com ela.

*Segundo, Jesus sacrificou-se por nós.* "E você o sacrificará na presença do SENHOR, defronte da Tenda do Encontro. Com o dedo, coloque um pouco do sangue do novilho nas pontas do altar e derrame o resto do sangue na base do altar. Depois tire toda a gordura que cobre as vísceras, o lóbulo do fígado, e os dois rins com a gordura que os envolve, e queime-os no altar" (vv. 11-13).

*Terceiro, Jesus comprou-nos com o seu sangue.* O bezerro degolado, cujo sangue derramava-se à base do altar, aponta para Jesus (Is 53.12). *Quarto, Jesus deixou-se consumir por amor a nós.* As entranhas do animal eram queimadas sobre o altar, dentro do arraial. Jesus deixou-se gastar em favor do seu povo Israel.

*Quinto, Jesus morreu por todos os homens.* O restante do bezerro, como a carne, a pele, o esterco, etc., tudo deveria ser queimado fora do arraial, por ser oferta pelo pecado: "Mas queime a carne, o couro e o excremento do novilho fora do acampamento; é oferta pelo pecado" (Êx 29.14).

*Os carneiros da consagração.* Depois de imporem as mãos sobre o primeiro carneiro, que é um tipo de Cristo como ofertante, degolam-no, partem-no em pedaços, lavam-lhes as entranhas e pernas e em seguida queimam-no totalmente.

Diz a Bíblia: "Pegue depois o outro cordeiro. Arão e seus filhos colocarão as mãos sobre a cabeça do animal, e você o sacrificará. Pegue do sangue e coloque-o na ponta da orelha direita de Arão e dos seus filhos, no polegar da mão direita e do pé direito de cada um deles. Depois derrame o resto do sangue nos lados do altar.

"Pegue, então, um pouco do sangue do altar e um pouco do óleo da unção, e

faça aspersão com eles sobre Arão e suas vestes, sobre seus filhos e as vestes deles. Assim serão consagrados, ele e suas vestes, seus filhos e as vestes deles..." (Êx 29.19-22).

A orelha indica que os ouvidos dos sacerdotes estavam ungidos e prontos para ouvir a Palavra de Deus. Os polegares da mão direita de Arão e seus filhos indicam a prática do bem, as boas obras (Ef 2.10), e os polegares dos pés indicam preparação para caminhar pelo reto caminho (Sl 1.1).

Esta unção da orelha à ponta dos dedos dos pés, indicando as extremidades do corpo, nos ensina a entregarmos toda a nossa vida a serviço de Deus, como o fez Davi: "Bendiga o Senhor a minha alma! Bendiga o Senhor todo o meu ser! Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!" (Sl 103.1,2).

## Qual o significado das roupas do sumo sacerdote?

As roupas santas, usadas pelo sumo sacerdote, apontavam para a justiça de Cristo (Ap 19.8), e indicavam que os sacerdotes eram homens ativos e preparados para a obra de Deus. Vamos analisar aqui a túnica, a sobrepeliz e a estola.

*A túnica.* Esta é a primeira peça descrita em Êxodo 28.39: "Teça a túnica e o turbante com linho fino. O cinturão será feito por um bordador" .

A túnica de linho fino era uma peça interior, representando o evangelho, que não pode ser partido ou fragmentado.

*A sobrepeliz.* O manto do éfode, ou sobrepeliz, era uma peça curta, feita em azul. Possuía uma abertura para a cabeça e era bordada com romãs em azul, púrpura e carmesim. Havia também campainhas de ouro, entre uma romã e outra. A Bíblia a descreve desta maneira:

"Farás o manto do éfode todo de púrpura violácea. Terá no meio uma abertura para a cabeça, e esta abertura terá em toda a volta uma barra reforçada, como a orla do colete que não se rasga. Na parte inferior, ao redor de toda a orla, porás romãs de púrpura violácea, vermelha e carmesim, alternando com campainhas de ouro..." (Êx 28.31,35).

Os frutos só podem surgir de uma vida redimida (carmesim), santificada (fundo branco), glorificada (a púrpura), e assentada nas regiões celestiais (o azul). Estas cores correspondem ao estado do crente conforme Efésios 2.5,6.

As campainhas de ouro, que falam da adoração, ou glorificação, estão acompanhadas das romãs, um tipo da frutificação. O verdadeiro louvor e a verdadeira adoração só acontecem, só se tomam efetivos, quando há frutificação.

*A estola.* Também conhecida por éfode, a estola sacerdotal está descrita em Êxodo 28.6-12:

"Faça o colete sacerdotal de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho, trabalho artesanal. Terá duas ombreiras atadas às suas duas extremidades para uni-lo bem. O cinturão e o colete que por ele é preso serão feitos da mesma peça. O cinturão também será de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho.

"Grave em duas pedras de ônix os nomes dos filhos de Israel, por ordem de nascimento: seis nomes numa pedra e seis na outra. Grave os nomes dos filhos de Israel nas duas pedras como o lapidador grava um selo. Em seguida prenda-as com filigranas de ouro, costurando-as nas ombreiras do colete

sacerdotal, como pedras memoriais para os filhos de Israel.

"Assim Arão levará os nomes em seus ombros como memorial diante do SENHOR."

Esta peça dividia-se em duas partes: frente e costas, unidas por duas pedras de ônix, com os nomes das doze tribos que Arão levava diante do Senhor. Sobre seus ombros Jesus suporta, com o seu poder, todo o seu povo.

Notem também as cores desta peça: o ouro, o azul e o carmesim, que falam dos aspectos do caráter de Jesus.

## **Qual o significado do peitoral de decisões, usado pelo sumo sacerdote?**

Diferentemente da estola, onde Cristo suporta sobre seus próprios ombros o seu povo, no peitoral esse mesmo povo, agora representado por doze pedras, está no coração de seu Senhor e Salvador.

"Faça um peitoral de decisões, trabalho artesanal. Faça-o como o colete sacerdotal: de linho fino trançado, de fios de ouro e de fios de tecidos azul, roxo e vermelho. Será quadrado, com um palmo de comprimento e um palmo de largura, e dobrado em dois.

"Em seguida, fixe nele quatro fileiras de pedras preciosas. Na primeira fileira haverá um rubi, um topázio e um berilo; na segunda, uma turquesa, uma safira e um diamante; na terceira, um jacinto, uma ágata e uma ametista; na quarta, um crisólito, um ônix e um jaspe. Serão doze pedras, uma para cada um dos nomes dos filhos de Israel, cada uma gravada como um selo, com o nome de uma das doze tribos...

"Toda vez que Arão entrar no Lugar Santo, levará os nomes dos filhos de Israel sobre o seu coração no peitoral de decisões, como memorial permanente perante o SENHOR" (Êx 28.15-21,29).

Jesus disse: "Como o Pai me amou, assim eu os amei; permaneçam no meu amor" (Jo 15.9). Estando assim no coração de Cristo, podemos perguntar com Paulo: "Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?" (Rm 8.35).

A primeira lição que temos é a de que uma pedra preciosa possui a capacidade de refletir a luz que sobre ela incide.

Quanto maior for essa luz, tanto maior será o esplendor da pedra, de modo que esta jamais pode ser obscurecida pela luz, mas somente ter o seu brilho cada vez mais aumentado. Jesus disse: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarás em trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8.12).

A segunda lição que aprendemos dessas pedras é que todo o povo de Deus, tanto o menor como o maior, é levado à presença de Deus nos ombros e no peito de Jesus. Pela graça de Deus, cada cristão em particular, e toda a igreja em geral, resplandece em toda a sua formosura descansado no poder de Jesus, representado pelos ombros, e no amor de Jesus, representado pelo peito.

A terceira lição que as pedras nos ensina é que o mundo não pode perceber a glória que elas possuem, mas somente Deus. O mundo, ao olhar para nós, não pode ver nada além de nossas imperfeições e defeitos, e por isso o juízo

dele a nosso respeito é sempre falso e parcial. Mas Deus nos vê como joias brilhantes, de grande valor, uma vez que fomos comprados pelo preço incalculável do precioso sangue de Cristo.

Mas um dia o mundo descobrirá, tarde demais, a razão por que somos tão preciosos aos olhos de Deus, como este mesmo Deus afirma: "No dia em que eu agir", diz o SENHOR dos Exércitos, "eles serão o meu tesouro pessoal. Eu terei compaixão deles como um pai tem compaixão do filho que lhe obedece. Então vocês verão novamente a diferença entre o justo e o ímpio, entre os que servem a Deus e os que não o servem" (M13.17,18).

## **Qual o significado para a igreja, hoje, da festa do Pentecoste?**

Caro leitor, "pentecoste" é uma palavra grega que significa "cinquenta", pelo fato de a festa com esse nome ocorrer cinquenta dias depois da Páscoa. Seus outros nomes são: festa dos primeiros frutos, ou das primícias. A Bíblia descreve assim essa solenidade:

"A partir do dia seguinte ao sábado, o dia em que vocês trarão o feixe da oferta ritualmente movida, contem sete semanas completas. Contem cinquenta dias, até um dia depois do sétimo sábado, e então apresentem uma oferta de cereal novo ao SENHOR. Onde quer que morarem, tragam de casa dois pães feitos com dois jarros da melhor farinha, cozidos com fermento, como oferta movida dos primeiros frutos ao SENHOR.

"Junto com os pães apresentem sete cordeiros, cada um com um ano de idade e sem defeito, um novilho e dois carneiros. Eles serão um holocausto ao SENHOR, juntamente com as suas ofertas de cereal e ofertas derramadas; é oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao SENHOR.

"Depois sacrifiquem um bode como oferta pelo pecado e dois cordeiros, cada um com um ano de idade, como oferta de comunhão. O sacerdote moverá os dois cordeiros perante o SENHOR como gesto ritual de apresentação, juntamente com o pão dos primeiros frutos. São uma oferta sagrada ao SENHOR e pertencem ao sacerdote. Naquele mesmo dia vocês proclamarão uma reunião sagrada e não realizarão trabalho algum. Este é um decreto perpétuo para as suas gerações, onde quer que vocês morarem" (Lv 23.15-21).

Os sete cordeiros significam uma entrega perfeita, total e voluntária; o novilho é o símbolo da mansidão e do serviço, e os dois carneiros significam uma maior convicção do sacrificio substitutivo de Cristo na cruz do Calvário.

A partir do Novo Testamento, Pentecoste passou a significar unção, poder, capacitação. Jesus foi ungido com poder para o desempenho de sua missão, conforme anunciou o profeta.

"O Espírito do Soberano, o Senhor, está sobre mim, porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes" (Is 61.1,2).

Jesus, ao concluir sua obra, adverte os discípulos e promete: "Eu lhes envio a promessa de meu Pai; mas fiquem na cidade até serem revestidos do poder

do alto". "Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (Lc 24.49; At 1.8).

No Antigo Testamento o nome dessa celebração é Festa das Primícias, ou das primeiras colheitas. Por isso, em Jerusalém, no dia de Pentecoste, atendendo à pregação de Pedro, houve a primeira colheita de almas para Cristo, quando três mil pessoas se converteram.

## Qual a diferença entre os dois altares que havia no Tabernáculo?

O altar do incenso, meu caro leitor, pertencia de fato ao Santo dos Santos, mas foi colocado no Santo Lugar junto ao terceiro véu, que corresponde ao segundo véu da tenda da congregação. O sumo sacerdote não podia entrar no Santíssimo Lugar sem um incensário portátil, no qual o incenso sagrado estivesse sendo queimado com fogo trazido do altar de bronze (Êx 30.1-10,34-36). Veja a descrição desse altar em Êxodo 37.25-27.

Esse altar era lugar de adoração, de culto e louvor. Nenhum sacrifício era oferecido nele (Lc 1.9,10). Era feito de madeira de acácia coberta de ouro, que são tipos da humanidade e da divindade de Jesus. A sua posição em frente ao terceiro véu mostra Jesus como o nosso caminho de acesso ao Pai. "Pois por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (Ef 2.18).

Os chifres eram aspergidos com o sangue uma vez por ano, e falam do poder do sangue de Jesus, que nunca perde a sua eficácia (Êx 30.10; Hb 9.14). O incenso, tipo da oração e da adoração (Sl 141.2; Ap 5.8), era queimado continuamente (Ef 6.18).

Comparando os dois altares, o de bronze e o de ouro, vemos que, no primeiro, Cristo supre a necessidade do pecador, e no segundo ele supre a necessidade do crente. O fogo que queima o incenso vai do altar de bronze, porque o valor e o poder da oração dependem do sacrifício de Jesus na cruz. Se Jesus não morresse em nosso lugar, tampouco poderia ter intercedido por nós. O sacerdócio de Jesus vigora oficialmente desde a ressurreição.

É maravilhoso perceber que Jesus não só ora por nós, mas toma as nossas orações e as apresenta junto com as suas perante o trono do Pai (Ap 5.8; 8.3). A Bíblia diz que o Pai procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade, "porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito, e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.23,24).

O altar do incenso constituía o meio de ligação com o Lugar Santíssimo. Hebreus 9.3,4 afirma que "por trás do segundo véu se encontrava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos, ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso, e a Arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual

estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança" (Hb 9.3,4).

Ao construir o templo, Salomão "revestiu de ouro todo o interior do templo e também o altar que pertencia ao santuário interno" (1 Rs 6.22). A Moisés ordenou o Senhor: "Coloque o altar em frente do véu que se encontra diante da arca da aliança, diante da tampa que está sobre ele, onde me encontrarei com você" (Êx 30.6).

Destaca-se, no altar de ouro, o poder do louvor. O altar de ouro possuía uma ponta em cada um dos seus quatro cantos, significando que há grande poder no louvor, conforme exemplifica a própria Bíblia: "Quando começaram a cantar e a entoar louvores, o SENHOR preparou emboscadas contra os homens de Amom, de Moabe e dos montes de Seir, que estavam invadindo Judá, e eles foram derrotados" (2 Cr 20.22).

## O que nos ensina a composição do incenso sagrado?

A composição do incenso nos dá lições importantes para a nossa vida de adoração, de oração e de ação de graças. O texto bíblico de Êxodo 30.34-38 diz: "Disse ainda o SENHOR a Moisés: 'Junte as seguintes essências: bálsamo, ônica, gálbano e incenso puro, todos em quantidades iguais, e faça um incenso de mistura aromática, obra de perfumista. Levará sal e será puro e santo. Moa parte dele, até virar pó, e coloque-o diante das tábuas da aliança, na Tenda do Encontro, onde me encontrarei com você. O incenso lhes será santíssimo.

"Não façam nenhum outro incenso com a mesma composição para uso pessoal; considerem-no sagrado, reservado para o SENHOR. Quem fizer um incenso semelhante, para usufruir sua fragrância, será eliminado do seu povo".

A resina, que Almeida traduz por estoraque e a NVI por bálsamo, era extraída sem incisão, espontaneamente, de um arbusto do mesmo nome. O nosso louvor e adoração devem ser espontâneos. Deus fez exigências assim aos seus sacerdotes:

"Só eles entrarão em meu santuário e se aproximarão da minha mesa para ministrar diante de mim e realizar o meu serviço. Quando entrarem pelas portas do pátio interno, estejam vestindo roupas de linho; não usem nenhuma veste de lã enquanto estiverem ministrando junto às portas do pátio interno ou dentro do templo. Usarão turbantes de linho na cabeça e calções de linho na cintura. Não vestirão nada que os faça transpirar (Ez 44.16-18). O leitor deve notar a expressão "Não vestirão nada que os faça transpirar".

O outro elemento que entra na composição do incenso é a onicha (ônica, na NVI), ou âmbar, que a Bíblia de Jerusalém traduz por "craveiro". Extraído de um molusco marinho, ele nos ensina que a nossa oração ou louvor deve partir das profundezas da alma, como em Ana (1 Sm 1.9-18) e no salmista: "Das profundezas clamo a ti, Senhor" (Sl 130.1).

O terceiro elemento é o gálbano, um arbusto do deserto. Suas folhas deviam ser quebradas e moídas para extração do perfume. A adoração deve brotar de um coração quebrantado e contrito: "Os sacrifícios que agradam a Deus são um espírito quebrantado; um coração quebrantado e contrito, ó Deus, não desprezará" (Sl 51.17).

O quarto elemento é o incenso puro, que segundo a palavra hebraica *lebona*, é “uma goma que arde com resplendor”.

Por último vem o sal. O verbo “salgar”, “temperar com sal” aparece em Levítico 2.13 como o “sal da aliança do seu Deus”, e em Ezequiel 16.4 como o elemento que produz limpeza. Indica, portanto, purificação.

O incenso é, pois, um tipo de nossas orações, conforme Apocalipse 5.8: “Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos”.

João 4.23,24, afirma: “No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”.

## Qual o significado do propiciatório?

A Bíblia assim descreve essa peça:

“Faça uma tampa de ouro puro com um metro e dez centímetros de comprimento por setenta centímetros de largura, com dois querubins de ouro batido nas extremidades da tampa. Faça um querubim numa extremidade e o segundo na outra, formando uma só peça com a tampa. Os querubins devem ter suas asas estendidas para cima, cobrindo com elas a tampa. Ficarão de frente um para o outro, com o rosto voltado para a tampa.

“Coloque a tampa sobre a arca, e dentro dela as tábuas da aliança que darei a você. Ali, sobre a tampa, no meio dos dois querubins que se encontram sobre a arca da aliança, eu me encontrarei com você e lhe darei todos os meus mandamentos destinados aos israelitas” (Êx 25.17-22).

“Por trás do segundo véu havia a parte chamada Santo dos Santos, onde se encontravam o altar de ouro para o incenso e a arca da aliança, totalmente revestida de ouro. Nessa arca estavam o vaso de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu e as tábuas da aliança. Acima da arca estavam os querubins da glória, que com sua sombra cobriam a tampa da arca. A respeito dessas coisas não cabe agora falar detalhadamente” (Hb 9.3-5).

A importância dessa peça está em que ela *representa a Cristo*. A Bíblia afirma que Deus ofereceu a Jesus “como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo seu sangue, demonstrando a sua justiça. Em sua tolerância, havia deixado impunes os pecados anteriormente cometidos” (Rm 3.25).

*Deus aparecia sobre ela na nuvem.* “O SENHOR disse a Moisés: Diga a seu irmão Arão que não entre a toda hora no Lugar Santíssimo, atrás do véu, diante da tampa da arca, para que não morra; pois aparecerei na nuvem, acima da tampa” (Lv 16.2).

*Deus habitava acima dela.* “Escuta-nos, Pastor de Israel, tu, que conduzes José como um rebanho; tu, que tens o teu trono sobre os querubins, manifesta o teu esplendor” (Sl 80.1).

*Deus falava de cima dela.* “Ali, sobre a tampa, no meio dos dois querubins que se encontram sobre a arca da aliança, eu me encontrarei com você e lhe darei todos os meus mandamentos destinados aos israelitas”.

*O propiciatório estava coberto pela nuvem de incenso no Dia da Expição.* “Porá o incenso no fogo perante o SENHOR, e a fumaça do incenso cobrirá a tampa que está acima das tábuas da aliança...” (Lv 16.13).

O propiciatório foi *aspergido com sangue*. “Pegará um pouco do sangue do

novilho e com o dedo o aspergirá sobre a parte da frente da tampa; depois, com o dedo aspergirá o sangue sete vezes, diante da tampa” (Lv 16.14).

O propiciatório representa *o trono da graça*. “Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça...” (Hb 4.16).

Sobre ele *os querubins manifestavam a glória de Deus*. “E a glória do Deus de Israel levantou-se de cima do querubim, onde havia estado, e se moveu para a entrada do templo. E o SENHOR chamou o homem vestido de linho e que tinha o estojo de escrevente à cintura” (Ez 9.3).

## **Qual a diferença entre lei moral e lei cerimonial?**

O Decálogo é o esboço e a linha mestra da Lei de Moisés. Ele está registrado em Êxodo 20.1-17 e Deuteronômio 5.6-21. O termo vem de duas palavras gregas *deka* “dez”, *logos* “palavra”, usado na LXX (Septuaginta) para traduzir as expressões hebraicas *asseret hadevarim* “as dez palavras” (Êx 34.28; Dt 4.13; 10.4).

“As dez palavras”, nessas passagens, têm o sentido de “mandamento, pronunciamento, princípios”. Por essa razão, o Decálogo ficou conhecido universalmente como “os dez mandamentos” que Deus escreveu em pedras e entregou aos filhos de Israel, através de Moisés.

## **Os legalistas modernos dizem que a Lei de Deus é o Decálogo, e a de Moisés é a cerimonial, ou seja: os demais preceitos, que não são universais. O que diz a Bíblia?**

Em primeiro lugar, a Bíblia afirma que existe uma só lei. O que existe, na verdade, são preceitos morais, preceitos cerimoniais e preceitos civis. É chamada lei de Deus, porque teve sua origem nele. Lei de Moisés, porque foi Moisés o legislador que Deus escolheu para promulgar a Lei no Sinai.

Os preceitos, tanto do Decálogo como os fora dele, são chamados alternadamente de Lei de Deus ou do Senhor e Lei de Moisés (Lc 2.22,23; Hebreus 10.28). São, portanto, sinônimos e, por isso, não há distinção alguma (Ne 8.1,2,8,18).

Em segundo lugar, há princípios que são imutáveis e universais. Não há para eles a questão de transculturação. Onde quer que o evangelho for pregado, tais princípios fazem-se presentes; são os preceitos morais ou éticos.

Os dois maiores mandamentos são preceitos morais (Marcos 12.29-31). Entretanto, não constam do Decálogo; é uma combinação de Deuteronômio 6.4,5 com Levítico 19.18. Por outro lado, encontramos no Decálogo o quarto mandamento, que não é preceito moral. Jesus disse que o sacerdote podia violar o sábado e ficar sem culpa (Mt 12.5).

**Em terceiro lugar, o Senhor Jesus já cumpriu a lei (Mt 5.17).** O Concílio de Jerusalém determinou que os cristãos nada têm com a Lei (At 15.10,11).

O apóstolo Paulo comparou a liberdade cristã à lei do casamento (Rm 7.1-3). Se uma mulher for de outro homem, estando seu marido vivo, é adúltera. Isso porque está ligada à lei do marido. Por conseguinte, não podemos estar ligados à lei e a Cristo ao mesmo tempo. Por isso, estamos mortos para a lei (Rm 7.4). A função da lei foi revelar o pecado no homem. Mas ela não pode curar.

**Em quarto lugar, o apóstolo Paulo chamou a lei de ministério da morte gravado em pedras, e de ministério da condenação.** O Antigo Testamento já foi abolido por Cristo (2 Co 3.7,13,14). Buscar a salvação pela observância da Lei é desviar-se do cristianismo bíblico. Observe, porém, que Paulo não criticou a Lei. O que ele diz é que ela é impotente para salvar, pois sua função é outra.

## Quais são as crenças errôneas dos legalistas?

Caro leitor, por legalistas queremos significar aqui aqueles cristãos que tentam unir o evangelho da graça de Deus à lei de Moisés, como faziam os judaizantes dos tempos apostólicos. Eis aqui algumas das suas crenças errôneas:

Em primeiro lugar, eles dizem que o bode emissário, do Dia da Expição, representa Satanás. Assim colocam Satanás como co-autor da redenção. Moisés prescreveu que, no Dia da Expição, o sumo sacerdote apresentasse dois bodes para o sacrifício (Lv 16.5,10). Um deles seria imolado, e o outro enviado para o deserto — o bode emissário, **azazel**, em hebraico.

Convém lembrar que os dois bodes eram igualmente apresentados, e não apenas um. Isso representava o sacrifício de Jesus pela expiação de nossos pecados. A Bíblia diz que foi Jesus quem levou nossos pecados (Is 53.4-6).

Em segundo lugar, a questão da guarda do sábado. Não estamos mais debaixo da antiga Aliança (Hb 8.6-13). Ultimamente estão surgindo novos pseudocristãos que, entre outras coisas, ensinam a guarda da Lei e do sábado. Isso é retrocesso espiritual; é voltar às práticas antigas.

Em terceiro lugar, a Palavra profética previa a chegada da nova Aliança (Jr 31.31-33) e o fim do sábado (Os 2.11), que se cumpriu com Jesus (Cl 2.14-17). Por essa razão, o sábado não aparece nos quatro preceitos de Atos 15.20, 29. O texto de Colossenses 2.16,17 deita por terra todas as teses dos sabatistas.

O sábado cerimonial, ou anual, já está incluído na expressão “dias de festa”, que são as festas anuais, mensais e semanal, dos “sábados”. No versículo seguinte o apóstolo diz: “Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”. Isto é: são figuras das coisas futuras, que se cumpriram em Jesus. Foi por isso que Jesus afirmou ser senhor do sábado (Mc 2.28).

Em quarto lugar, afirmam os legalista que o imperador romano, Constantino, trocou o sábado pelo domingo. Isso não é verdade. A palavra “domingo”, por si só, significa “Dia do Senhor”. Porque foi nele que Jesus ressuscitou. O primeiro culto cristão aconteceu num domingo (Jo 20.19,20). Os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana (At 20.7).

Assim, essa prática foi se tornando comum, sem decreto e sem imposição. Foi algo espontâneo. Constantino apenas confirmou uma prática antiga dos cristãos. Concluimos, portanto, que para nós, cada dia é sábado, pois em Cristo repousamos todos os dias da semana (Hb 4.11). A palavra hebraica

para “domingo” é *Yom Rishon*, que significa “Dia Primeiro”.

Em quinto lugar, os legalistas negam ainda a existência do inferno e a imortalidade da alma. Dizem que Jesus se prevaleceu de ideias errôneas para ilustrar uma verdade, e que doutrinas não podem ser baseadas em parábolas.

Antes de mais nada, convém salientar que a nossa doutrina está baseada em toda a Bíblia, e não meramente numa ou mais parábolas. Por outro lado, Jesus jamais deixaria firmar-se em doutrinas errôneas. E, finalmente, a passagem bíblica do Rico e Lázaro (Lc 16.19-31) não se trata de uma parábola, mas de um fato real.

# CAPÍTULO 10

## HOMOSSEXUALISMO

### **Quais seriam as causas do homossexualismo?**

Caro leitor, no século treze, Alberto Magno, um religioso dominicano, depois de pesquisar em fontes árabes, sugeriu que um talco preparado à base de pêlo de hiena, aplicado no ânus, “curaria o paciente do desejo da sodomia”. (David F. Greenberg, *The Construction of Homosexuality* [A Construção da Homossexualidade], Chicago, The University of Chicago Press/Chicago & Londres, p. 278.) Mas seria o homossexualismo uma enfermidade?

Muito achegadas uma a outra desde os primeiros anos de vida, duas amigas entraram na adolescência sonhando com um casamento muito feliz. Então, na juventude, necessitaram de se separar. Ambas, entretanto, tiveram decepção tão profunda com os seus namorados que resolveram afastar-se dos rapazes.

Anos depois, ao se encontrarem e se abraçarem, as duas jovens perceberam que uma não podia viver sem a outra. Impedidas de desfrutar o amor do sexo oposto, elas mutuamente se amariam ao ponto de satisfazer sexualmente uma à outra. E iniciaram um relacionamento homossexual, ou lésbico. Mas seria o homossexualismo o sintoma de personalidades confusas e infelizes no amor?

Eis aqui outra história: A família, numerosa, de boas condições econômicas, residia num dos bons bairros da cidade. O chefe da casa era trabalhador, honesto, fiel à esposa, mas extremamente rigoroso na disciplina dos filhos. Estes, por causa de qualquer desobediência, eram às vezes amarrados e espancados até sangrar. Um dos filhos, ao atingir a adolescência, fugiu de casa e tornou-se homossexual declarado. Seria o homossexualismo consequência de uma educação deficiente?

São Francisco, na Califórnia, com um número de homossexuais estimado em 25% da população total da cidade, está entre os lugares de maior incidência dessa prática. (Frederick F. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, p. 9.) Por essa razão algumas

pessoas chegaram mesmo a considerar o terremoto de outubro de 1989, que destruiu parte da cidade, como juízo divino, à semelhança do que ocorreu há quatro mil anos às cidades de Sodoma e Gomorra. Mas seria o homossexualismo um pecado?

Segundo ensina a Bíblia Sagrada, Deus criou o sexo com o propósito de formar a família, que é a unidade básica da sociedade. Por essa razão toda união física fora do casamento e todo tipo de lascívia, pelo fato de enfraquecerem a instituição da família, constituem transgressão do mandamento divino. Quando a família se desintegra, desintegra-se a sociedade.

A prática homossexual, por ser desnatural e não levar em conta a família, é uma perversão condenada com veemência na Bíblia. Esta diz: “Se um homem se deitar com outro homem como quem se deita com uma mulher, ambos praticaram um ato repugnante. Terão que ser executados, pois merecem a morte” (Lv 20.13).

O Novo Testamento, ao descrever a situação pecaminosa da sociedade pagã, afirma: “Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão” (Rm 1.26,27).

## Como surgiu o homossexualismo?

Billy Graham, comentando o avanço do movimento de liberação sexual do início dos anos setentas, disse que a lei inmutável de semeadura e colheita não pode ser alterada, e que por isso os joios da indulgência ultrapassaram o trigo do comedimento moral. “Os nossos lares foram atingidos e o divórcio assumiu proporções epidêmicas. Quando a moral social está perturbada, a família é a primeira a sofrer. O lar é a unidade básica da nossa sociedade, e uma nação só logra ter a força que os seus lares possuem. A dissolução de um lar nem sempre constitui assunto para notícias da imprensa, mas devora, como gangrena, as estruturas da nação.” (*Novas de Alegria*, Lisboa, agosto de 1973.)

Embora não haja na Bíblia nenhuma referência direta ao lesbianismo, este, em analogia com o ato sexual entre homens, deve ser também enfaticamente condenado. Não encontra nenhum apoio na Bíblia a alegação de alguns autores modernos segundo a qual a amizade entre Jônatas e Davi, e entre Rute e Noemi, incluía relações sexuais. A mesma Bíblia que chama de repugnante ao ato homossexual, afirma que na cidade santa “jamais entrará algo impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso” (Ap 21.27).

O termo homossexual se aplica à colaboração entre duas pessoas do mesmo sexo com vistas à obtenção de prazer sexual, podendo estas pessoas ser entanto tanto homens como mulheres. Dentro do homossexualismo masculino está a pederastia, que é o contato sexual entre um homem e um rapaz bem jovem, e o uranismo, que se refere ao homossexualismo congénial, isto é, acomodado por natureza e índole. Urania era um dos epítetos de Afrodite, a deusa grega do amor.

Quando praticado exclusivamente entre pessoas do sexo feminino, o ato sexual é também conhecido como lesbianismo, ou safismo. Esses nomes derivam de Safo e Lesbos. Safo, escritor da antiga Grécia, menciona a ilha de Lesbos como o local onde as mulheres faziam amor entre si.

A sodomia refere-se ao intercuro anal entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. A palavra deriva de Sodoma, a corrupta cidade cananea destruída por Deus juntamente com Gomorra. Principalmente nos países de fala inglesa, o termo “gay” tem sido usado como sinônimo de “homossexual”. “Gay”, entretanto, adquiriu conotação política e psicológica nos últimos anos por causa do movimento de libertação dos homossexuais.

A realidade do homossexualismo nos nossos dias pode ser notada pela presença de lugares de encontro homossexuais. John Stamford, que vive em

Amsterdã, publica há vários anos um guia anual destinado a viajantes homossexuais. Esse guia relaciona, por país, os lugares de encontros entre homossexuais. Em 1983 o Brasil possuía 187 desses lugares, colocando-se, portanto, entre os países que possuem os maiores índices de homossexuais.

No guia de Stamford, denominado Guia Gay Spartacus Internacional, a Inglaterra, com 926 lugares destinados a encontros homossexuais, toma a dianteira de outras nações na tolerância a esse tipo de ato sexual. Em segundo lugar está a Alemanha Ocidental com 790, e, em terceiro, a França, com 521. A Itália, com 403, vem em quarto lugar, seguida da Espanha, com 244, da Holanda, com 239, e do Brasil.

## O que diz a Bíblia acerca da origem do homossexualismo?

Presente nas mais antigas sociedades, o homossexualismo é mencionado na Bíblia por ocasião da destruição das ímpias cidades de Sodoma e Gomorra, há cerca de quatro mil anos. A palavra “sodomia” deriva das práticas homossexuais dos homens de Sodoma.

Pesquisas históricas e antropológicas revelam a existência dessa prática no passado. Em vastas sociedades como a da Melanésia, da Amazônia, da África Central e de partes do Egito, era comum os homens manterem relações sexuais entre si durante certo período da sua vida. Nessas sociedades, a pederastia fazia parte da paternidade e do desenvolvimento. Sem esta socialização sexual, algumas sociedades melanesianas acreditavam que os seus filhos falhariam em ser homens crescidos, valorosos e robustos. (Barry D. Adam, *The Rise of a Gay and Lesbian Movement*, Boston, Twayne Publishers, 1987, p. 1.)

Nos tempos de Moisés, os sacerdotes egípcios mantinham relações sexuais no templo com os homens que vinham adorar a deusa Ísis. Essa pervertida adoração cerimonial foi espalhada por toda a vasta região do Mediterrâneo onde a mesma Ísis era conhecida pelos nomes de Istar, Milita, Afrodite, e Vênus. O mesmo tipo de sacerdócio estava presente também no culto a Apoio e a outras divindades do mundo antigo.

Extrapolando os templos pagãos, as práticas homossexuais eram comuns entre os egípcios, os heróis mitológicos, os filósofos gregos, e os imperadores romanos. Na antiga Grécia, a adolescência era o tempo em que os rapazes deixavam a casa dos pais e se tornavam amantes de homens adultos, pois o sexo fazia parte de um relacionamento afetivo e educacional no qual se pretendia ensinar aos jovens os caminhos da virilidade. São dessa mesma época os escritos de Safo, nos quais aparecem referências ao lesbianismo.

Por razões religiosas, muitos povos do passado mantinham relações homossexuais, e ainda hoje alguns as mantêm. A Bíblia denomina de rapazes escandalosos, prostitutas-cultuais masculinos ou sodomitas os adoradores e servidores dessas divindades pagãs, que mais particularmente em Israel eram conhecidas como ídolo do bosque, poste-ídolo ou Asera.

Presente em praticamente todas as sociedades desde os tempos mais remotos, práticas homossexuais ocorreram em toda a Europa medieval a despeito das pressões religiosas e civis.

Com a chegada da era dos descobrimentos, constatou-se a presença do homossexualismo religioso entre nativos da África Ocidental e da América do Norte.

Nos nossos dias, os atos homossexuais fazem parte de diversos cultos declaradamente satânicos e de muitas seitas falsas ou heréticas. Entre estas seitas está o agrupamento religioso liderado por David Berg e denominado “Os Meninos de Deus”, que promove orgias sexuais entre os seus adeptos, permite o sexo entre adulto e criança, considera correta a sodomia e o lesbianismo, estimula a masturbação e defende a prática do incesto.

O homossexualismo masculino, inclusive com o hábito de vestir-se como as mulheres, está presente ainda nos cultos brasileiros e haitianos derivados das religiões da África Ocidental.

## Como tem sido a repressão ao homossexualismo no mundo?

Desde a época renascentista, diversas nações europeias invocaram o castigo divino sobre Sodoma e Gomorra como bom motivo para reprimir o homossexualismo. Em 1458, as novas leis antissodomitas adotadas em Veneza tinham o propósito de libertar a cidade dos perigos de um julgamento divino.

Na Espanha, os reis Fernando de Aragão e Isabel de Castela mantiveram as leis do século treze, as quais condenavam à morte os homossexuais masculinos. Baseando-se em precedentes romanos, a execução dos condenados consistia de castração seguida de apedrejamento e queima em estaca.

Na Suíça dos tempos da Reforma Protestante, as pessoas apanhadas no ato homossexual eram esquartejadas vivas e assim deixadas durante uma semana, quando então eram queimadas. Penalidades igualmente severas ocorriam em outras nações da Europa, especialmente na França, na Itália e em Portugal.

Da Europa, os colonizadores trouxeram para as Américas as suas leis anti-homossexuais. Sob as leis francesas, a sodomia era considerada uma ofensa capital na Nova França (hoje Canadá). Na Nova Holanda (mais tarde Nova York), as leis holandesas condenavam à morte os homossexuais. Em 1521 os portugueses estenderam ao Brasil as suas leis antissodomitas, e em 1603 incluíram nelas os atos lésbicos. (David F. Greenberg, *The Construction of Homosexuality*, Chicago, The University of Chicago Press/Chicago & Londres, p. 302-304.) Em tempos mais recentes, tivemos em 1897, na Alemanha, o primeiro movimento social no sentido de reconhecer os direitos civis dos homossexuais. Entretanto, o movimento não logrou êxito, pois foi combatido tanto pelo comunismo, implantado na Rússia em 1917, como pelo fascismo italiano de Benito Mussolini e pelo nazismo alemão de Hitler.

Na Alemanha, por exemplo, durante a Segunda Grande Guerra, entre cinco mil e quinze mil homossexuais foram levados aos campos de concentração, marcados com um triângulo cor-de-rosa, e submetidos a trabalhos forçados com o mínimo de alimentação e quase nenhum cuidado médico. Milhares deles morreram.

O terror nazista destinou ainda muitos homossexuais aos notórios experimentos científicos a que milhares de outros prisioneiros eram submetidos. Eles receberam injeção de drogas, foram mutilados, queimados, congelados e mortos. Para o machismo dos nazistas, o homossexual

representava a vergonha da raça superior, destinada a dominar o mundo.

Nos países comunistas, o ato homossexual tem sido duramente reprimido como uma prática da burguesia decadente. Mas apesar da repressão, o número de homossexuais que desafiam as leis comunistas tem sido grande. Na década de 80, havia 67 locais de prática homossexual na Alemanha Oriental, 38 na Iugoslávia, 34 na Bulgária, 28 na União Soviética, 18 na Hungria, 12 na Romênia, 7 em Cuba, 7 no Vietnã e 3 na China. (Frederick L. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, p. 6, 7.) Em virtude do relaxamento da legislação anti-homossexual em muitos países, supõe-se que cerca de cinco por cento da população adulta em todo o mundo seja constituída de homossexuais, e entre estes, é maior a incidência de pessoas do sexo masculino.

## O que foi, ou ainda é, a chamada “revolução sexual”?

A revolução sexual, embora ensaiada antes da Segunda Grande Guerra, só alcançou a sua maior força nos anos sessentas. Ela teve como alguns dos seus maiores efeitos o relaxamento moral e a mudança das leis sobre o homossexualismo em muitos países, o movimento hippie, a libertinagem dos Beatles e a orgia do Rock’ n’ Roll. Mick Jagger, um dos componentes do “Rolling Stones”, declarou que a sua música “é sexo, e o público deve ser agredido com sexo”. (Jefferson M. Costa, Claudionor de Andrade, Gilberto Moreira e Geremias do Couto, *A Mensagem Oculta do Rock*, Rio de Janeiro, CPAD, 1986, p. 151.)

Os excessos da juventude, cometidos ou em afronta às leis ainda vigentes ou em decorrência da ausência dessas leis, alcançaram vastas regiões do mundo como um grito de revolta da nova geração contra os padrões morais estabelecidos. Sob a irresponsável filosofia *paz e amor*, não apenas as drogas eram livres; também o eram os atos sexuais sob as mais variadas formas.

Na década de 70, o instinto sexual pareceu libertar-se de todas as restrições. A mulher, liberta pela pílula anticoncepcional do receio da gravidez, estava a qualquer hora pronta para ter relações sexuais. Também o medo das doenças venéreas havia desaparecido graças aos novos antibióticos, e a gonorreia e a sífilis diminuía rapidamente. O sexo parecia seguro. Era comum encontrar jovens que haviam tido relações sexuais com mais de uma centena de parceiros.

Como se tudo isso não bastasse, a pornografia começou subtilmente a invadir a maioria dos países. A música, os filmes, as novelas, as revistas, quase todos os meios de comunicação social mudaram o seu ponto de vista a respeito do sexo. Muitos filmes, com as suas orgias e perversões sexuais, parecem aulas de patologia do sexo.

Fixando novos padrões amorais, a revolução sexual tem sido cada vez mais ousada. Além de defender incentivos legais ao divórcio, à contracepção e ao aborto, ela tem sugerido a formação de comunidades extrafamiliares ou transfamiliares para socialização do sexo, e defendido os casamentos grupais e experimentais.

A par desse movimento, psicólogos e sociólogos ocidentais começaram a pregar a decadência da família, favorecendo um tipo de vida egoísta e irresponsável. A taxa de divórcio, que subiu rapidamente e em alguns países

chegou a superar a metade dos casamentos, lançou às ruas, todas as noites, um exército de divorciados à procura de satisfação sexual.

O sexo também começou a adentrar os lares pelas portas e janelas, via televisão, e a marcar a sua presença nas escolas mediante uma educação sexual deficiente e a leitura obrigatória de livros pouco recomendáveis.

Como se tudo isso não bastasse, a revolução sexual chegou às seitas falsas e heréticas introduzindo nelas o sexo grupai e o homossexualismo, e penetrou até mesmo no seio de denominações protestantes tradicionais, que passaram e ordenar ministros homossexuais para igrejas constituídas de homossexuais.

No Brasil, atingido em cheio por essa revolução, o sexo tomou-se presença obrigatória nas cenas e nos enredos chocantes do cinema, do teatro e da novela televisionada.

## Como tem sido o avanço do homossexualismo no Brasil?

Trago ao leitor dois exemplos que dão boa ideia das conquistas da revolução sexual no Brasil:

Celso Curi, colunista num jornal diário de São Paulo, foi acusado judicialmente de violar a decência pública no Brasil pelo fato de haver divulgado notícias acerca da comunidade homossexual paulistana e de outros lugares. No dia 12 de março de 1979, o Juiz

Regis de Castilho Barbosa absolveu o jornalista sob a alegação de que, como no Brasil o homossexualismo não é crime, a divulgação de notícias sobre homossexuais não pode ser considerada contra a decência pública.

Em 1981, o ator Carlos Moreno, fazendo papel de um rapaz tímido e de trejeitos efeminados, tornou-se popular como propagandista dos produtos “Bom Bril” na televisão brasileira. Por causa das suas maneiras femininas ele foi dispensado do trabalho e substituído por um ator machão. Este, porém, não agradou as donas-de-casa, e a agência DPZ, responsável pelos anúncios, recebeu milhares de telefonemas exigindo a volta do antigo ator.

Em consequência de pressões de todo o Brasil, entre estas da Associação de Empregadas Domésticas de Porto Alegre, o ator Carlos Moreno voltou a fazer os comerciais da Bom Bril. (Frederick L. Whitam e Robin M. Mathy, *Male Homosexuality in Four Societies*, Nova York, Praeger, 1985, p. 139, 141.)

Outra prova eloquente do liberalismo sexual brasileiro é o fato de conhecidos travestis serem entrevistados como figuras importantes e famosas em programas de grande audiência, e de falarem abertamente dos seus relacionamentos homossexuais como coisas normais e decentes.

Por exemplo, Roberta Close, um elegante travesti que desenvolveu os seios mediante hormônios mas que conservou o pênis intato, recebeu enorme destaque nos meios de comunicação. No auge de toda essa promoção, alguns homens importantes disseram que, embora não fossem homossexuais, gostariam de manter relações sexuais com “ela”.

Ainda no Brasil, a revolução sexual praticamente eliminou a censura, de sorte que novelas com linguagem obscena, cenas imorais às vezes envolvendo homossexuais, antes só liberadas para depois das dez da noite, agora chegam aos lares no horário da tarde, quando mais as crianças vêem televisão.

Que efeito tudo isso pode causar na mente de crianças e adolescentes?

Bombardeadas diariamente pela acintosa pornografia presente até mesmo nos simples anúncios de cigarros, essas crianças de hoje por certo terão dificuldades em alcançar um equilibrado comportamento sexual ao atingirem a adolescência.

Todos esses avanços do erotismo têm aguçado o apetite sexual ao ponto de torná-lo tão irresistível como a fome e a sede, levando o sexo a ocupar papel relevante na vida de adolescentes e adultos. Assim estimuladas de todos os modos por intermédio de dos meios de comunicação de massa, as pessoas se deixam arrastar por esses apetites sensuais ao ponto de extrapolarem a prática sexual normal e incursionarem pelo terreno escorregadio do homossexualismo.

A proliferação das casas de sexo, especialmente na periferia das grandes cidades e às margens das rodovias, são a prova da rapidez com que avança a liberação do sexo.

## Quais os efeitos do homossexualismo na saúde?

O início da década de oitenta marcou o fim do otimismo que reinava entre os defensores da liberação sexual com o surgimento da AIDS e o retorno de perigosas doenças venéreas.

Em 1981, ano em que foi descoberta a “Acquired Immunodeficiency Syndrome” (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), registrou-se nos Estados Unidos 265 casos dessa doença, que é conhecida por AIDS nos países de língua inglesa e no Brasil, e por SIDA em Portugal e nos outros países latinos.

Em 1988 já havia mais de 52 mil casos dessa doença nos EUA . com mais de 29 mil mortes, e os serviços de saúde estimavam que no mesmo ano mais de um milhão e meio de norte-americanos estavam infectados com o vírus da AIDS.

A AIDS alastrou-se pelo mundo como, talvez, a mais séria epidemia já enfrentada pela medicina moderna. O Brasil foi de tal forma atingido por essa enfermidade que o Governo mobilizou todos os seus departamentos de saúde contra ela. Nos demais países latino-americanos o avanço é igualmente rápido. Na Europa, a AIDS está presente em todos os países, e as nações mais desenvolvidas são justamente as mais atingidas. As autoridades médicas da Suíça distribuem gratuitamente, aos viciados em drogas, seringas descartáveis, na tentativa de evitar o alastramento da temível enfermidade.

Na África, de seis a sete por cento de toda a população de Kinshasha, Zaire, uma cidade de quatro milhões de habitantes, está com AIDS. Em Nairobi, no Quênia, 67 por cento de todas as prostitutas estão com AIDS. A Organização Mundial de Saúde informou que até o ano 2000 mais de cinquenta milhões de africanos morreram de AIDS.

Embora ninguém esteja imune à AIDS, os dois maiores grupos atingidos pelo vírus são os homossexuais (66%), e os viciados em drogas (17%). (Sandra Smith & Donna Duel, *Clinical Nursing Skills*, Norwalk, Connecticut/San Mateo, Califórnia, Apleton & Lange, 1989, p. 618.)

Disse o Dr. McMillen que nos EUA os homossexuais representam 40% dos mais de 27.000 pacientes masculinos atacados de sífilis a cada ano. “A gonorreia e o herpes também são comuns entre os homossexuais. Seis em cada dez homens homossexuais foram contagiados pelos vírus potencialmente letal da hepatite.” (S. I. McMillen, *Nenhuma Enfermidade*, Miami, Editora Vida, 1986, p. 72, 73.)

Os frutos amargos da revolução sexual provocaram uma mudança significativa na sociedade ocidental. Muita gente reconheceu que as pílulas anticoncepcionais não eram assim tão eficazes e que a gravidez indesejada resultava ou num aborto provocado, que fere a consciência, ou num encargo difícil de suportar. As pessoas também perceberam que a gonorreia era incômoda e repugnante, e que a AIDS era mesmo mortal.

Se alguma coisa boa a revolução sexual produziu, foi uma ligeira baixa no índice de promiscuidade. Se era excitante ser avançado e aventurar-se nas orgias do sexo, experimentar uma dolorida morte prematura era coisa bem diferente. Muitos casais reconheceram novamente os benefícios da fidelidade, e os pais começaram a investigar de novo os amigos e as amigas dos filhos.

## Quais são as fases de expressão sexual por que passamos?

Segundo os médicos, todos nós passamos pelo menos por três fases distintas de expressão sexual no nosso desenvolvimento físico e mental.

Nos seus primeiros anos de vida, em geral até aos sete anos de idade, tanto o menino quanto a menina vivem a fase assexual. Nenhum dos dois sente qualquer atração sexual especial por qualquer pessoa ou grupo de pessoas dentro da mesma faixa de idade, independentemente do seu sexo.

Já entre os oito e os treze anos, o quadro apresenta contornos muito diferentes. Nessa idade os meninos tendem a se afastar das meninas e a se juntarem a outros meninos, formando turmas. Eles desejam brincar ou trabalhar em grupo, e é natural que desprezem as diversões e as inclinações das meninas pelo fato de não lhes parecerem coisas masculinas.

Outra característica dos meninos nessa faixa de idade é que, naquilo que fazem, não se interessam pela aprovação das meninas. Em geral eles têm como objeto da sua admiração um jovem de corpo atlético e bem disciplinado, que possua caráter masculino bem desenvolvido. Esse modelo de homem pode ser o pai, o irmão mais velho, ou o professor.

Dentro da mesma faixa de idade, as meninas também desejam brincar juntas, satisfazendo-se com divertimentos tipicamente femininos. Os seus brinquedos são as bonecas, os pequenos fogões e as pequeninas máquinas de costura. Enquanto brincam, elas não permitem nenhuma intrusão dos barulhentos meninos nas suas diversões. A maior admiração destas meninas pode ser uma jovem que lhes preencha o ideal de feminilidade e, de algum modo, lhes retribua o afeto que dispensam.

Assim, tanto os meninos como as meninas entre os oito e os treze anos vivem a idade homossexual. O termo “homossexual” empregado aqui, longe de possuir conotação pejorativa, explica a mútua e inocente atração existente entre crianças do mesmo sexo.

A última fase surge como consequência das transformações psíquicas e fisiológicas ligadas à maturação sexual que indicam a passagem progressiva da infância para a adolescência. A essas transformações, que chamamos puberdade, segue-se enorme mudança no comportamento. O rapaz, por exemplo, que até ao treze anos era ativamente arteiro e pouca importância dava à sua aparência pessoal, começará a se preocupar com as suas roupas, os seus calçados, o seu penteado ou corte de cabelo. Toda essa mudança tem o

propósito de obter a atenção e a aprovação do sexo oposto. Quando consegue essa aprovação, ele fica feliz.

O mesmo tipo de transformação ocorre com as meninas. Elas se afastam das bonecas, tornam-se exigentes em relação ao que vestir e calçar, passam longo tempo diante do espelho. Apreciam a companhia dos rapazes e, ao descobrirem que são atraentes aos olhos deles, sentem-se realizadas. Para ambos, moço e moça, começou a fase heterossexual!

Em linhas gerais, o desenvolvimento de toda pessoa deveria ser o de alcançar a fase heterossexual, namorar, noivar, casar e constituir família, ou então, caso deseje, permanecer solteira.

## Como pode o homossexual ser curado em seu comportamento?

Como a palavra “cura” na pergunta acima talvez sugira que o homossexualismo seja uma doença física ou mental, desejo salientar que a Associação Psiquiátrica Americana, que até 1974 considerava o homossexualismo como “uma desordem psiquiátrica”, naquele ano o removeu da sua lista como uma categoria diagnóstica. (Loretta M. Birckhead, *Psichiatric Mental Health, The Therapeutic Use of Self*, Filadélfia, J. B. Lippincott Company, 1989, p. 553.)

Essa decisão significa que os psiquiatras norte-americanos não mais reconhecem a inclinação homossexual como enfermidade. E se a tendência homossexual não se enquadra entre as enfermidades psiquiátricas, então não se enquadra em nenhuma outra área da medicina.

Embora algumas pessoas ainda encarem o homossexualismo como doença, discordando do posicionamento da Associação Psiquiátrica Americana ou desconhecendo-o, essa prática sexual anômala está cada vez mais sendo considerada como um desvio, um vício, uma perversão, um comportamento adquirido.

O Dr. McMillen afirma que “é abundante a evidência de que a orientação sexual é aprendida e não herdada”, e de que não tem fundamento científico a afirmação de alguns psicólogos de que uma vez homossexual, sempre homossexual. (S. I. McMillen, *Nenhuma Enfermidade*, Miami, Editora Vida, 1986, p. 73, 79.)

É possível que, a esta altura, você que me lê esteja perguntando por que razão os homossexuais declarados parecem sentir-se, como tais, tão à vontade. Respondo que o ser humano pode ser levado a gostar de qualquer vício, desde que o pratique repetidas vezes. Por que tanta gente fuma? Por que tantos ingerem cachaça? No caso dos primeiros homossexuais atacados pela AIDS, cada um deles havia tido mais de 1200 parceiros sexuais! (S. I. McMillen, *idem*, p. 72.)

Outra coisa que se deve levar em conta é que o viciado, depois de um certo tempo, arranja todo tipo de desculpas para justificar o seu ato e se recusa a reconhecer o próprio erro. Ouvi uma história engraçada de um médico que tentou ajudar um alcoólatra inveterado. Levando-o ao consultório, o doutor estalou um ovo e derramou cachaça sobre ele. Enquanto o ovo se desfazia sob o terrível efeito da bebida, o médico chamou a atenção do paciente para os

males daquele vício no corpo humano. Espantado, o alcoólatra exclamou: “Nunca mais como ovo!”

Um pastor e conselheiro cristão explica que, no caso do homossexual, a consciência, que lhe foi dada por Deus, “fica como que cauterizada, e o indivíduo faz do seu pecado um desafio ostensivo; e, em consequência disso, temos mais um 'defensor' do homossexualismo andando pelas ruas.” (Tim e Beverly LaHaye, *O Ato Conjugal*, Belo Horizonte, Editora Betânia, 1979, p. 242.)

Partindo, portanto, do princípio de que a relação homossexual é uma anormalidade que deve ser corrigida, este caderno tem quatro propósitos principais: conhecer as causas do homossexualismo, orientar os pais na educação dos filhos a fim de que estes desfrutem uma sexualidade sadia dentro do matrimônio, alertar os jovens acerca dos riscos que representam as práticas sexuais anormais, e ajudar as vítimas dessas práticas anormais a abandonar o seu comportamento pecaminoso.

## Quais seriam as principais causas do homossexualismo?

Alguns psicólogos sugerem que os homossexuais estão em busca do amor que eles não receberam dos seus pais do mesmo sexo, isto é, do pai em relação ao filho e da mãe em relação à filha.

Outros estudiosos do comportamento humano crêem que pais muito ciumentos, sedutores e superprotetores em relação aos filhos do sexo oposto, os empurram para o homossexualismo. Confusos, os filhos repudiam ou o pai ou a mãe por causa do comportamento dele ou dela, e, por associação, acabam repudiando também as pessoas do mesmo sexo desse pai ou dessa mãe.

De uma maneira geral, sociólogos, psiquiatras e psicólogos concordam em que a causa mais comum do homossexualismo é a anormal repulsa para com o sexo oposto, provocada nos filhos por uma mãe mandona e dominadora, ou por um pai fraco, que se deixa dominar pela mulher, ou indiferente, que nunca se importa com o filho.

Num lar assim, o rapaz poderá inconscientemente nutrir pela mãe um ódio tal que o impeça de sentir a natural atração por garotas da sua idade. Ou, em relação ao pai, o filho pode odiá-lo e temê-lo ao mesmo tempo. Mais de 80% dos pais de homossexuais masculinos, segundo revelou um estudo, “nunca estavam em casa ou passavam muito pouco tempo com os filhos”. (S. I. McMillen, *Nenhuma Enfermidade*, Miami, Editora Vida, 1986, p. 75.)

O lesbianismo decorre, às vezes, do fato de o pai rejeitar a filha ao ponto de forçá-la a uma vida de perversão.

Por outro lado, a falta de amor entre os cônjuges pode levar um deles a demonstrar exagerada e sufocante afeição por um dos filhos, o que por sua vez pode forçar a criança a aceitar o ato homossexual.

Exemplificando, quando um marido não dá à mulher o amor que ela deve receber dele, abre no coração dela um vazio que ela preencherá dando exagerado amor ao filho. Mesmo que essa mãe jamais pense em praticar alguma imoralidade com o filho, a extrema afeição dela produzirá complexos de culpa no rapaz, os quais inibirão o seu interesse natural pelo sexo oposto. O jovem, ao sentir-se interessado por uma jovem, inconscientemente se considerará um traidor do amor que sente pela mãe.

De modo semelhante, quando um pai, pelo fato de não receber o carinho da esposa, prodigaliza afeto a uma filha, pode levá-la a abafar o interesse por um jovem por causa do medo de magoar o ciumento pai.

Um conselheiro matrimonial tem repetido sempre que as crianças, embora necessitem de amor, devem compreender que estão sempre em segundo lugar na afeição dos pais. “Se pensarem que têm o primeiro lugar, terão dificuldade em ajustar-se normalmente ao relacionamento com o sexo oposto”. (Tim e Beverly LaHaye, *O Ato Conjugal*, B. Horizonte, Betânia, 1979, p. 242.)

Em alguns casos, a causa da tendência homossexual poderá também estar nas sucessivas decepções do rapaz com as suas namoradas, e da moça com os seus namorados.

## **Como podem os pais afastar de seus filhos o perigo do homossexualismo?**

Os estudiosos do homossexualismo são quase unânimes em afirmar que num lar onde os pais se movem num ambiente de amor um pelo outro, dificilmente os filhos terão reações amorosas anormais. Psicologicamente, quando os filhos constantemente vêem nos pais um genuíno amor, este amor lhes parece tão normal que adotam uma atitude natural para com as pessoas do sexo oposto.

Esses mesmos estudiosos sugerem que os pais, sem serem muito indiscretos diante dos filhos, devem demonstrar o afeto que os une não apenas através de palavras, mas de gestos, como um carinhoso abraço. Não é possível exagerar o importante papel dos pais no desenvolvimento do caráter dos filhos. De forma concisa, esse papel pode ser descrito em alguns passos:

Primeiro, formar a personalidade da criança. Os pais necessitam moldar a personalidade dos filhos inculcando neles sentimentos positivos de valor e de autoconsciência, além de uma forte identidade e uma saudável auto-imagem.

Segundo, comunicar valores absolutos. Apesar dos processos seculares de educação não admitirem a existência de valores absolutos, os pais têm o dever de ensinar aos filhos os valores absolutos de Deus, que transmitem segurança emocional para toda a vida.

Terceiro, fornecer treinamento espiritual. Esse treinamento deve incluir os propósitos divinos para o sexo e os princípios básicos que o regem. Esse tipo de treinamento protegerá o adolescente contra as seitas religiosas imorais que buscam aliciá-lo mediante apelos sexuais, como a dos Meninos de Deus. Que desgraça para os pais verem os seus filhos presos nas malhas de tal seita!

Especialmente na fase em que as crianças começam a desenvolver-se sexualmente e ainda se sentem muito atraídas por pessoas do seu próprio sexo, os pais devem ensiná-las que é correta e normal a atração pelo sexo oposto.

Quando bem orientados, moços e moças, ao adentrarem a ambivalente fase de transição entre a homossexualidade e a heterossexualidade, saberão vencê-la pelo discernimento do que é perigoso, do que é certo e do que é errado.

Quarto, ensinar os filhos a receberem e darem amor. Raramente, uma criança que cresce numa atmosfera de verdadeiro amor paternal e filial demonstra tendência para práticas sexuais anormais.

O Tim e Beverly LaHaye, depois de conhecerem a história de diversos homossexuais, disseram que todos eles seguem mais ou menos o mesmo

roteiro:

“Um menino com imensa carência afetiva encontrava um 'pregador' do homossexualismo que lhe proporcionava o afeto necessário, primeiramente de forma platônica, indo pescar com ele, praticando halterofilismo, ou simplesmente ficando em sua companhia. Mal sabia o pobre jovem que estava sendo 'cortejado' com os mesmos requintes com que um homem corteja uma moça.

“Depois, quando já se encontrava emocionalmente ligado ao outro, e este sugeria o ato homossexual, os primeiros impulsos de 'repugnância' eram postos de lado pelo temor de perder 'a única pessoa no mundo que realmente gostou de mim'. Mal sabia ele que estava trocando uma futura vida amorosa normal com uma esposa e a possibilidade de ter filhos, pela satisfação imediata de uma carência afetiva”. (LaHaye, *O Ato Conjugal*, B. Horizonte, Betânia, 1979, p. 243.)

## **Como podem os pais protegerem os filhos do perigo do homossexualismo?**

Caro leitor, é bom salientar que não são raros os casos de filhos se tornarem homossexuais, podendo surgir em lares onde menos se espera. Mas aqui estão quatro orientações úteis aos pais no sentido de evitarem que seus filhos se tornem homossexuais.

Primeiro, devem compreender e satisfazer as necessidades básicas dos filhos. Essas necessidades são a coerência, a disciplina positiva, o treinamento espiritual adequado, e a segurança de que os filhos são amados pelos pais, de que são úteis e de que pertencem a alguém.

Segundo, devem desenvolver nos filhos a habilidade de tomar decisões responsáveis. A cada nível de maturidade alcançado pelos filhos, cabe aos pais colocar perante eles decisões apropriadas e requerer deles que vivam conforme as decisões que tomaram.

Terceiro, devem ensinar os filhos a comunicarem com outros. Essa comunicação deve existir antes de tudo no lar, entre pais e filhos. Os pais que não têm tempo de comunicar com os filhos poderão, mais tarde, buscar com lágrimas e em vão esse contato, ao perceberem que os filhos são viciados nas drogas, no álcool, ou praticam o sexo antes do casamento.

Quarto, devem preparar os filhos para que enfrentem os problemas da vida. A vida, mesmo sendo um mar de rosas, possui os seus espinhos. Pressões de toda sorte exigirão dos filhos muita energia moral e espiritual. A doutora Elaine Cruz, uma das minhas filhas que de estudante numa das melhores universidades do Brasil de repente se viu madrugando sob a neve, trabalhando duro numa padaria, guiando um furgão e fazendo entregas sob temperaturas vinte graus abaixo de zero no norte dos Estados Unidos, disse-me mais tarde, no Brasil, que agradecia a Deus aquela fase em que foi preparada para enfrentar os grandes desafios da vida.

Quero dirigir-me diretamente a você, moço ou moça, que me lê. Caso você se encontra entre os que estão na fase dos grandes riscos e não conseguem entrar plenamente na fase da heterossexualidade, observe os seguintes conselhos:

Em primeiro lugar, analise a sua situação e reconheça os fatos o mais depressa possível. Algumas pessoas, seja por causa de certas tendências adquiridas ou por causa de uma criação deficiente, descobrem que as suas inclinações sexuais não são corretas. Essa anormalidade pode ser o resultado

de circunstâncias que põem tais pessoas em contato exclusivo com pessoas do mesmo sexo, como colégios internos, quartéis, e prisões.

Se você vive em tais ambientes, mantenha-se sob rigorosa vigilância e exerça o domínio próprio a fim de evitar quaisquer situações que acentuem as suas tendências homossexuais. Se percebe que as suas maneiras não correspondem perfeitamente ao seu sexo, esforce-se para obter esse ajustamento. Acima de tudo, assegure-se de manter em níveis saudáveis as suas afeições para com as pessoas do seu sexo, evitando toda intimidade física com elas.

Em segundo lugar, procure a ajuda de um bom médico cristão com experiências na área da psicologia, ou mesmo de um psicólogo crente. Muita coisa pode ser feita para ajudar uma pessoa com dificuldades sexuais.

## Que passos devem ser dados para abandonar o homossexualismo?

O primeiro deles é procurar um bom conselheiro cristão. Afirmando que o conselheiro deve ser cristão pelo fato de o conselho de muitos profissionais não crentes ser desastroso.

Uma das minhas filhas, quando estagiava como psicóloga na clínica da Universidade em que se formou, no Rio de Janeiro, conseguiu levar um jovem a quase abandonar o homossexualismo. Infelizmente, ela não pôde continuar as sessões com esse cliente, que foi então entregue aos cuidados de outra psicóloga. Como esta última psicóloga não via nada de anormal no comportamento do rapaz, aconselhou-o a que assumisse de vez a sua condição homossexual. E foi o que ele fez.

O segundo passo é ler a Bíblia Sagrada diariamente, e também bons livros cristãos sobre a juventude, o sexo e o casamento. Há material abundante e seguro sobre os problemas que talvez você esteja enfrentando.

O terceiro passo é pedir a ajuda de Deus em oração, e pedir também a cristãos sinceros que orem por você. A Bíblia diz que “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tiago 5:16).

Se você é homossexual e realmente deseja abandonar esse vício, tenho boas novas para você. O doutor Lee Birk, psiquiatra da Universidade de Harvard, aconselhou quatorze homens que desejavam sinceramente deixar o homossexualismo. Dos quatorze, dez abandonaram aquela prática anormal e contraíram “casamentos estáveis e aparentemente felizes”. (S. I. McMillen, *Nenhuma Enfermidade*, Miami, Editora Vida, 1986, p. 78.)

Eis aqui outras estatísticas animadoras:

“É de espantar que 64% dos homossexuais mais declarados têm experimentado o intercuro heterossexual; nove em dez desses homens tiveram êxito em atingir o orgasmo. Dos 20% dos homossexuais praticantes que se casaram, 78% praticaram sexo mais de uma vez por semana durante o seu primeiro ano de casamento. Cerca de metade desses homens tiveram filhos do primeiro casamento, e 43% haviam estado casados por mais de cinco anos.

“Uma cifra assombrosa de 57% deles classificaram o seu primeiro casamento de moderadamente a muito feliz, e só 20% das separações foram devidas à falta de interesse no intercuro heterossexual. Somente um de cada três homens recorria frequentemente a fantasias homossexuais durante o coito marital”. (S. I. McMillen, *idem*, p. 79.)

Entretanto, há, ainda, notícias mais animadoras. Como não há, nas estatísticas acima, nenhuma indicação de que o sucesso desses ex-homossexuais tenha sido devido ao Evangelho, supomos que eles venceram o seu vício tão somente em virtude da sua forte motivação. Quanto mais vencedores serão aqueles que juntam à sua motivação o poder de Deus!

Quando a Bíblia declara que o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16), evidentemente ela inclui as vítimas de aberrações sexuais, como o homossexualismo.

## CAPÍTULO 11 SUICÍDIO

### **Por que as pessoas se matam?**

Na grande e bela ponte “Braga”, que une as cidades de Fall River e Somerset, em Massachusetts, há diversos apelos aos candidatos ao suicídio para que não ponham fim à vida e chamem certo número de telefone.

Nas muitas vezes que cruzei essa ponte e li esses dizeres, no tempo em que vivi naquela histórica região, sempre me perguntei acerca dos motivos que levam tantas pessoas a se atirarem daquela grande altura às profundezas da baía e da morte.

As mesmas perguntas me vieram à mente quando visitava a Torre Eiffel, em Paris, e via a bela cidade luz espriar-se em todas as direções, com os seus jardins, palácios, museus, monumentos e os suaves meandros do famoso Sena.

Ao indagar dos amigos parisienses que me acompanhavam se a rede que envolvia aquela imensa estrutura metálica tinha o propósito de prevenir o suicídio, informaram-me que sim, acrescentando que centenas de pessoas já haviam saltado lá de cima e se espatifado no solo ou nas ferragens que formam a base da torre.

Pude imaginar o efeito dessas trágicas cenas no espírito de quem na ocasião estivesse visitando aquele ponto turístico, pois eu próprio já sentira emoções semelhantes no centro de São Paulo, quando um senhor entre sessenta e setenta anos de idade, em pleno dia, saltou de um dos últimos andares de um enorme arranha-céu. O choque do corpo sobre a marquise do prédio chamou a atenção dos transeuntes, que formaram próximo do local pequena e silenciosa multidão. Quando os bombeiros ergueram o corpo ensanguentado, este parecia uma massa totalmente informe.

Se os exemplos de Fall River, Paris e São Paulo fossem substituídos por outros de lugares como Nairobi, Hong-Kong ou Bogotá, não fariam

**nenhuma diferença, uma vez que os suicídios ocorrem em todo o mundo.**

**Talvez o leitor já se tenha sentido perplexo diante desse tão desagradável tipo de ocorrências, quem sabe tendo como vítima amigos, parentes ou conhecidos. Lembro-me particularmente do suicídio do presidente Getúlio Vargas, um dos maiores políticos brasileiros. Eu era ainda adolescente naquele tempo, mas não pude deixar de partilhar da dor de toda a nação, que não sabia como reparar a enorme perda.**

**Recordo-me, também, da estrela de cinema Marilyn Monroe, que pôs fim à vida no auge da fama, deixando perplexos seus incontáveis admiradores. Não é fácil responder às questões que o suicídio de pessoas tão célebres levanta. Quando tudo à nossa volta aponta o poder, a glória e a riqueza como os mais importantes alvos da vida, é difícil explicar a razão por que pessoas poderosas, famosas e ricas desistem de viver.**

**A história, tanto sagrada como profana, possui muitos relatos sobre o suicídio. Cerca de mil anos antes de Cristo, Aitofel, importante autoridade em Israel, ao ver que o conselho de Husai a Absalão havia sido aceito e o seu não, “selou seu jumento e foi para casa, para a sua cidade natal; pôs seus negócios em ordem e depois se enforcou” (2 Sm 17.23).**

## Como podemos definir o suicídio?

Segundo o sociólogo francês Emile Durkheim, suicídio é “toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato, positivo ou negativo, efetuado pela própria vítima, ciente de que a sua ação produziria esse resultado”. (Emile Durkheim, *El Suicidio*, Editorial Schapire, Buenos Aires, 1971.) Em outras palavras, é a consequência de uma ação em que agente e paciente são a mesma pessoa.

Durkheim divide o suicídio em três categorias: egoísta, altruísta e anômico.

1. *Egoísta*. O suicídio egoísta, segundo Durkheim, ocorre em virtude do excessivo individualismo, ou egoísmo, presente na maior parte das nações do Norte da Europa, daí a razão por que é tão elevado naquela região o número dos que põem fim à própria vida.

Quando as pessoas não se sentem presas a um grupo ou comunidade que exige a sua lealdade e participação, acham mais fácil deixar o mundo, de uma vez por todas, através do suicídio. O egoísmo explica também por que o índice de suicídios é mais elevado entre os solteiros do que entre os casados. Quanto mais filhos os pais tiverem e mais laços sociais possuírem, mais raramente eles se matarão.

2. *Altruísta*. O suicídio altruísta tem causa oposta à do suicídio egoísta, pois enquanto este decorre do individualismo, aquele se relaciona com excessivos compromissos comunitários.

Quando o grupo começa a ser mais importante do que o indivíduo e à vida em si mesma, e esse grupo corre perigo, a pessoa é levada a sacrificar-se em defesa desse grupo. Foi o caso de Sansão em Israel, de Cleópatra no Egito e de Getúlio Vargas no Brasil, que se mataram pelas suas pátrias.

Foi o caso dos *kamicases* (pilotos suicidas japoneses) da Segunda Grande Guerra, e é o caso, hoje, dos japoneses que praticam o *harakiri* (rasgando o ventre à faca ou a sabre) a fim de punirem a si próprios por crimes por eles cometidos e salvarem a sua família ou grupo da vergonha. É o caso, ainda, dos idosos esquimós que, ao se sentirem imprestáveis e um peso para a família, voluntariamente abandonam o iglu e põem fim à vida.

3. *Anômico*. O suicídio anômico recebe esse nome pelo fato de ocorrer principalmente em épocas de insegurança quanto ao futuro. O termo *anômico* vem de anomia, que é ausência de leis, de normas ou regras de organização.

Embora os sociólogos a princípio julgassem que o índice desse tipo de suicídio só se agravava em tempos de crise econômica, constatou-se o seu

aumento também em ocasiões de grande prosperidade material. Por isso concluiu-se que o rompimento do estilo de vida de um povo, para o pior pi para o melhor, causa estresse e, em consequência, o número de suicídios aumenta.

“Numa sociedade estável o povo sabe mais ou menos o que pode esperar da vida e ajusta as suas aspirações adequadamente. Entretanto, quando a economia se abre e flutua, esses limites desaparecem”. (Michael S. Bassis, Richard J. Gelles, Ann Levine, *Sociology, An Introduction*, 2ª edição, Nova York: Random House, 1984, p. 19.)

## **Que dizem as estatísticas de suicídio nas nações ricas e no Brasil?**

Estudos efetuados em vários países permitem supor que, a cada ano, cerca de vinte milhões de pessoas em todo o mundo tentam de alguma maneira pôr fim à própria existência. Desse número realmente impressionante aproximadamente 98% sobrevivem e, na sua maioria, lamentam o resto da vida a loucura que praticaram, ao passo que alguns desses sobreviventes acabam fazendo novas e mais eficientes tentativas de desistirem de viver, até que o conseguem.

Embora as estatísticas de que disponho sejam muito parciais pelo fato de não incluírem nações da África ou da Ásia, estudo comparativo dos primeiros anuários da Organização Mundial de Saúde da ONU nos anos oitenta revela que, das aproximadamente 370 mil pessoas que se suicidam cada ano em todo o mundo, a Suíça, a França e a Hungria apresentam os índices mais elevados proporcionais à população.

Outras nações com alto percentual de suicídios: Irlanda do Norte, Finlândia, Áustria, Dinamarca, Tchecoslováquia, Suécia, Bélgica, Estados Unidos e Alemanha.

No que se refere à Suíça, o suicídio representa aproximadamente 30% dos mortos na faixa de 20 a 34 anos de idade, e entre eles, com um número acima da média, estão os trabalhadores em construção civil, os açougueiros e os médicos. Quase metade dos que põem fim à própria vida na Suíça o fazem por meio de armas de fogo.

O elemento mais abalador nesses dados referentes à Suíça é o fato de tanta gente desistir de viver justamente no país que possui um dos mais elevados níveis de vida do mundo, além de invejável beleza natural.

Por ser o suicídio uma das mais frequentes causas de morte nos nossos dias, está agravando o problema de saúde pública. Depois de figurar, há algumas décadas, entre o quinto e décimo lugares no obituário mundial, o suicídio ultimamente vem ocupando o quarto e quinto lugares, principalmente na faixa etária entre quinze e cinquenta e cinco anos.

Em se tratando especificamente dos adolescentes, somente os acidentes matam mais do que o suicídio, o que confirma as palavras do Marquês de Maricá escritas há século e meio, de que o suicídio é muito raro nas pessoas idosas e achacadas, e ordinário na gente moça e de meia idade que goza de saúde vigorosa.

O Brasil vem apresentando elevado índice de suicídio nos últimos anos. A média, que na década de 70 esteve na casa dos quatro mil, chegou ao alarmante número de 50 mil em 1988, de acordo com o psiquiatra pediátrico Christian Gauderer, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que apurou os dados em ambulatórios e hospitais de todo o País.

A maior parte desses suicidas estava na faixa dos 12 aos 21 anos, e, como sempre ocorre, mais da metade deles pertencia ao sexo masculino. Os meios de suicídio mais comuns usados pelos brasileiros são o enforcamento, o estrangulamento, a sufocação, a precipitação de lugar elevado, as armas de fogo e explosivos, o envenenamento por sólidos e líquidos, e o afogamento.

## **Seria o pessimismo uma das causas do suicídio?**

É claro que sim. A rede oficial de televisão do Brasil, em documentário especial sobre a AIDS, entrevistou certa jovem portadora da doença e viciada em drogas. O encontro ocorreu à noite, num casarão abandonado da cidade de Santos, e a infeliz vítima não escondeu a sua decepção com a vida miserável que levava, admitindo mesmo que a qualquer hora uma superdose de heroína acabaria de vez com ela, o que talvez lhe fosse melhor.

Trago ainda na mente outras imagens tristes de moços e moças vencidos pelas drogas, olhos vermelhos e perdidos, apodrecendo-se nas praças de Paris, Amsterdã e Bruxelas, sem um futuro digno. Não é de admirar, portanto, que o índice de suicídios seja tão elevado entre a juventude.

Há alguns anos, em São Paulo, seis estudantes universitários ocupando um automóvel em altíssima velocidade avançaram um sinal vermelho e colidiram com enorme carreta. Todas as vítimas, cujos corpos moídos entre ferragens se misturaram uns aos outros, pertenciam a famílias tradicionais e possuidoras de muitos bens, e para todos sorriam invejável futuro.

Um amigo meu e cooperador na igreja que pastoreio lembra com tristeza de como muitos dos seus amigos desapareceram em sinistros acidentes automobilísticos por eles mesmos provocados. Enquanto morava na periferia de Nova York, uma das diversões preferidas desse meu amigo e seus colegas nas madrugadas dos fins de semana era pilotar potentes automóveis esportes a quase duzentos quilômetros por hora em ruas estreitas em que o limite máximo era de quarenta.

Porém, o que mais impressiona nesse relato não é o fato de alguém em plena juventude encontrar morte tão horrível, mas a atitude dos que sobrevivem, que não aprendem a dura lição e prosseguem nas mesmas loucuras até que um a um sejam ceifados violenta e prematuramente. Tanto nos jovens brasileiros como nos norte-americanos, e por certo em muitos outros em outras partes do Globo, cumpre-se a advertência das autoridades de tráfego brasileiras: “Não faça do seu carro uma arma; a vítima pode ser você”.

O que tem levado esses jovens à morte assim tão estúpida? Teria sido apenas a loucura de amigos drogados ou ligeiramente alcoolizados, numa farra? Ou teria sido suicídio premeditado?

Seja o que for, há uma causa comum para que os acidentes fatais e o suicídio ocupem respectivamente o primeiro e o segundo lugares no mundo como causa de mortes entre os jovens. A vida é um grande vazio, e a atitude

pessimista em relação a ela chegou mesmo a caracterizar de “transviada” a juventude. Quando a vida é tão sem sentido, por que tanto cuidado com ela?

Para as milhões de pessoas frustradas nos nossos dias, o poeta tinha razão ao escrever: “A vida passa efêmera e vazia; *um adiamento eterno que se espera*, numa eterna esperança que se adia”.

Quando o ser humano se sente pequena peça numa gigantesca engrenagem que o escraviza e da qual não consegue escapar; quando não vê em si mesmo nada mais do que aquilo que procede da natureza bruta, para a qual retornará, então não parece valer a pena viver.

## **Que nomes poderiam ser responsabilizados pelo aumento do índice de suicídios em nossos dias?**

Meu caro leitor, Darwin, Marx, Freud e Sartre podem ser postos entre os maiores responsáveis pela desvalorização da vida nos tempos modernos. Nos conceitos dessas ilustres personalidades acerca do ser humano — a sua origem e o seu futuro — não há praticamente nada de positivo. Em resumo, não passamos de simples animais trabalhadores ligeiramente evoluídos, destinados a fazer na sociedade um papel ridículo, sem nenhum propósito que justifique a existência.

Apenas para dar uma ideia do que ensinam os mestres do nosso tempo acerca do ser humano, destaco aqui alguns conceitos de Jean-Paul Sartre, considerado por muitos, até mesmo por teólogos, um dos maiores filósofos do século vinte. Diz esse pensador francês:

“Na minha frente... existo ao longo do muro longo, em frente do muro, um passo, o muro existe na minha frente, um dois, por trás de mim... a existência é mole e rola e anda aos bordos, eu ando aos bordos entre as casas, sou, existo, penso longo ando aos bordos, sou, a existência é uma queda caída, não cairá, cairá, à janela o dedo rola, a existência é uma imperfeição... “. (Jean-Paul Sartre, *A Náusea*, Rio de Janeiro, Editora América-Europa, s/data, p. 128, 129.)

Essas opiniões de que a existência é “uma queda caída” e uma “imperfeição”, aliadas a outras semelhantes, roubam do coração de muitos todo o significado que a vida possa oferecer. Embora em alguns países a liberdade e o sistema de governo atenuem esse pessimismo, em vastas regiões do Globo ele é esmagador.

Por exemplo, nas sociedades sujeitas a regimes totalitários, que glorificam conceitos evolucionistas e materialistas como verdades científicas, e proíbem toda a liberdade política ou religiosa, a vida chega a ser insuportável. O índice de suicídios nesses países é altíssimo.

Na China, por exemplo, após o massacre de estudantes em Beijim (antiga Pequim) em 1989 e em consequência da oposição do Governo às reformas pretendidas pelos manifestantes, foi grande o número dos que puseram fim à vida. As autoridades chinesas, a fim de acentuar o irrisório valor que davam à vida dos jovens fuzilados, cobrou dos pais deles, também com o propósito de humilhar a estes, o valor das balas gastas na execução.

A fim de contra-atacar as enormes ondas de pessimismo que assolam o

mundo moderno, necessitamos de boas doses de otimismo, pois se o pessimista senta-se, lastima e deprecia a vida, o otimista levanta-se, age e valoriza a vida.

Por outro lado, parece cada vez mais evidente que desequilibradas crenças religiosas exercem tremendo poder na mente das pessoas, levando-as mesmo ao extremo do suicídio. Entre as crenças, as de origem oriental estão entre as mais perigosas pelo fato de valorizarem o espírito em detrimento do corpo, assumindo assim posição contrária à dos materialistas, que só valorizam o corpo em virtude de nem sequer acreditarem na existência do espírito.

## Que relação há entre as seitas orientais e o suicídio?

Considerando o corpo algo inútil do qual almejam libertar-se, os adeptos da maioria das seitas orientais, além de se sujeitarem a prolongados jejuns e a duros castigos corporais, submetem-se a lavagens cerebrais e se transformam em “máquinas de rezar”. Os *hare-khrisnas*, por exemplo, segundo testemunhos de pessoas que conseguiram abandonar a seita, levantam-se de madrugada a fim de repetir milhares de vezes frases de louvor às suas divindades, e o fazem no frio e em completo jejum.

Visitei um templo hindu em Londres, e vi sacerdotisas, em pleno dia, oferecendo alimento à deusa Siva e instruindo crianças na adoração dessa divindade, cuja enorme e assustadora imagem estava rodeada de velas acesas e pratos contendo alimentos.

Porém, o que mais me perturbou o espírito nesse ambiente depressivo foi ver ali jovens ingleses que, seguindo algo parecido a um rosário, repetiam as suas rezas de maneira tão absorta que mal notavam a presença de visitantes.

O movimento da Nova Era, divulgado no Ocidente pela atriz Shirley MacLaine, tem a sua origem especialmente no hinduísmo, no bahaísmo e no espiritismo. Seguindo a filosofia de desprezo total ao corpo, os adeptos desse movimento são sugestionados à prática do suicídio quando em transe hipnótico.

Peretti, no seu romance *Este Mundo Tenebroso*, descreve como alguém sob controle mediúnico pode pôr fim à vida. Uma pessoa frustrada, com dificuldades financeiras e desajustes no lar, mergulha nas profundezas do seu ser e é guiada, através de longo túnel luminoso, por simpático e aperfeiçoado ser que lhe sugere desprender-se das amarras da matéria a fim de alcançar estágios mais elevados da existência no plano espiritual. É nesse momento que o paciente hipnotizado, em transe e sugestionado, pode matar-se a si próprio.

Adeptos do movimento da Nova Era, quando sob controle mediúnico, podem ser sugestionados à prática do suicídio mediante transe hipnótico.

Ao falarmos daqueles que cometeram grandes crimes contra a humanidade, costumamos dizer que agiram sob efeito de possessão de demônios. Além de levarem ao suicídio muitas das suas aterrorizadas vítimas, que fugiam assim de maiores sofrimentos temporais, diversas dessas feras humanas mataram a si próprias, como Nero César e Adolfo Hitler.

Quando o número de divórcios cresce em proporção ao de casamentos, e o

número de pais solteiros aumenta cada dia, o que se pode esperar da adolescência? Em diversos países do Primeiro Mundo metade dos casamentos acaba em divórcio e pelo menos 20% de todas as famílias são encabeçadas por pais solteiros. O Brasil está indo pelo mesmo caminho, com o agravante da miséria, que faz com que o número de menores abandonados ultrapasse a casa dos dezesseis milhões em todo o país.

Sem diálogo com os pais, e deixados à mercê da televisão, os adolescentes se sentem sem apoio num mundo em rápida mudança, daí a entrega de suas vidas ao crime, às drogas, ao álcool e finalmente ao suicídio. Um estudo feito em 133 casos de suicídio em San Diego, na Califórnia, revelou que 53% dos que se mataram eram viciados nas drogas e no álcool.

## Como foi a tragédia de Jonestown?

Considerando ainda a religião como causa de suicídio, permanece bem viva na mente de muitos as trágicas cenas de centenas de cadáveres em Jonestown, mostradas na televisão e na imprensa em fins de 1978. Jim Jones — pregador sem crença na religião, especulador imobiliário com visões marxistas, líder carismático que governava os seus seguidores com mão de ferro — estabeleceu a colônia agrícola da sua seita *Templo do Povo* nas selvas da Guiana em junho de 1977.

Em fins do ano seguinte, o deputado norte-americano Leo Ryan, acompanhado de quatro repórteres, visitou a Colônia a fim de investigar as atividades da seita em virtude de denúncias de espancamentos e aberrações sexuais praticadas por Jones. O deputado, três dos quatro repórteres e mais de uma dezena de religiosos que haviam conseguido permissão para deixar a Guiana foram assassinados.

No dia 18 de novembro, portanto logo depois desse crime, Jones convocou os seus seguidores para uma reunião no prédio central. Guardas armados postaram-se em volta deles. “O tempo de morrer chegou”, disse Jones ao seu povo. “O inimigo chegou e já não vale a pena viver. Morram com dignidade. As suas mortes serão ‘um suicídio revolucionário de protesto contra as condições desumanas do mundo’.” Enquanto isso, o médico da comunidade preparava um barril de refresco de uva ao qual adicionou lenitivos, tranquilizantes e cianamida.

“Depressa, depressa, meus filhos”, insistia Jones. De acordo com as poucas pessoas que escaparam, as crianças foram as primeiras a morrer. Com lágrimas escorrendo pela face, as mães viam a enfermeira esguichar veneno na boca dos seus filhos, e então elas mesmas bebiam a poção mortal. Mais de 900 pessoas pereceram.

Embora não se possa classificar de suicidas todas as vítimas de Jim Jones, pelo fato de terem sido física e psicologicamente coagidas, parece claro que centenas delas, talvez a maioria, seguisse cegamente as ordens do seu fanático guia espiritual.

Em se tratando das influências espirituais negativas, a Bíblia tem muito a dizer. Falando de seu filho terrivelmente oprimido por espírito mau, disse um aflito pai a Jesus que o demônio muitas vezes lançava o pobre menino “no fogo e na água, para o matar...”.

A Bíblia também menciona que Judas Iscariotes, ao deixar o cenáculo para

trair a seu Mestre, “entrou nele Satanás.” (Mc 9.22; Jo 13.27.) E todos sabemos que o fim dele foi o suicídio. Mas estaria a Bíblia afirmando que a pessoa põe fim à própria vida instigada pelo diabo e seus agentes?

Um amigo meu contou-me dois casos de suicídios ocorridos na sua cidade nos quais lhe pareceu clara a instigação demoníaca. No primeiro caso, a vítima caminhou com determinação rio adentro até aos poucos submergir nas águas. No outro, um homem que, dentro da sua própria casa, se enforcou com linha de pescar e morreu quase decepado. Como não havia altura suficiente, ele teve de ajoelhar-se para pender da linha.

## Onde estaria a solução do problema do suicídio?

Uma vez que os índices de suicídio são mais elevados justamente nos países mais desenvolvidos, a solução desse problema não está nem na estabilidade econômica nem no bem-estar social.

Também não está na educação, pois grande parcela dos que se suicidam constitui-se de estudantes de nível superior ou profissionais liberais formados. Tampouco encontraríamos solução nas religiões, pois todas elas, sem exceção, enfrentam o mesmo problema no seu próprio seio.

Quando afirmo que nenhuma religião possui resposta para o problema do suicídio não estou considerando o evangelho de Jesus uma "religião", pois de fato ele não o é. O verdadeiro cristianismo não é um sistema, mas uma pessoa: Cristo.

Embora o nosso Senhor tivesse encontrado aqui na terra boas religiões, ele próprio não se filiou a nenhuma delas nem as recomendou a seus discípulos. Ele disse: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas" (Mt 11.28,29).

Além do estresse que faz a vida tão vazia de sentido está o problema básico que de fato cansa e sobrecarrega as pessoas. É o pecado. A Bíblia estabelece respeito absoluto à vida humana criada por Deus, e afirma que só a ele compete tirá-la.

O "não matarás" do Decálogo não se refere apenas à vida alheia, mas também à própria existência. Portanto, o suicídio, como efeito do pecado, é contrário à lei de Deus. O alívio prometido por Jesus é o perdão dos pecados, e o descanso da alma o resultado da presença em nós do Espírito Santo, o Consolador, que de fato dá sentido e valor à vida.

O carcereiro de Filipos que, depois de ter sido impedido de suicidar-se perguntou ao apóstolo Paulo como poderia salvar-se, ouviu como resposta: "Creia no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa" (At 16.31).

Acredito que a principal causa do suicídio encontra-se na falta de significado para a vida, significado que nenhuma religião, filosofia ou ideologia pode dar, mas somente a pessoa do Salvador.

Quando Jesus prometeu aos seus ouvintes alívio dos pecados, do estresse e de tremendas dúvidas, não estava blefando. Milhões de pessoas, ao longo dos séculos, confiaram nele e provaram por si próprias serem verdadeiras todas as

palavras que ele pronunciou.

Uma dessas pessoas foi o jovem Rodolfo Schuricht, presidente de um clube da juventude comunista na antiga Alemanha Oriental. Ele havia sido criado no ateísmo e nunca ouvira acerca de Jesus Cristo, do evangelho ou de Deus, mas teve dramático encontro com o Cristo vivo e foi transformado.

Rodolfo resumiu a sua experiência de conversão numa linda frase que faço minha: “O cristianismo é uma vida para se viver aqui na terra, e a única vida para a qual vale a pena viver”. Para esse ex-comunista, o cristianismo não é religião, mas vida.

## Teria a música rock alguma influência no suicídio de adolescentes e jovens?

Meu caro leitor, entre as muitas causas do suicídio entre adolescentes e jovens destacam-se os lares desfeitos e a sugestão negativa do cinema e da música rock. A desagregação da família, a perda da capacidade de realização das aspirações dos jovens em função das dificuldades econômicas e o uso abusivo de drogas e tranquilizantes são também uma forma camuflada de suicídio juvenil.

A música *rock* tem sido fator decisivo no aumento do índice de suicídios entre os jovens. Eugene Belknap, de 18 anos, e o seu amigo James Vance, de 21, ouviram durante seis horas seguidas o disco *Classe Suja*, do grupo de rock Judas Priest, no dia 23 de dezembro de 1985. “Durante todo aquele tempo também estiveram fumando maconha e bebendo. Quando a mãe de Belknap voltou para casa, os dois jovens pularam a janela, levando um revólver consigo.

No *playground* de uma igreja próxima, Belknap pôs o revólver na cabeça e puxou o gatilho, morrendo instantaneamente. Vance tentou a mesma coisa, mas virou-se rápido no último momento. Estourou parte do rosto, mas viveu”. (John R. Throop, *Dealing with Suicide*, Elgin, Illinois, David C. Cook Publishing Co., 1989, p. 18.)

Músicas como *Adeus, Mundo Cruel*, do grupo Pink Floyd, aceitam o suicídio como algo de valor, como alternativa. Diz a letra:

“Adeus mundo cruel, estou te abandonando hoje, adeus,  
adeus, adeus, adeus a todos vocês;  
não há nada que possam fazer para fazer-me mudar de parecer;  
adeus, adeus, adeus...”

O teatro e o cinema entram com boa parcela de culpa no aumento do número de suicídios, ao mostrarem, como coisa honrosa, pessoas renunciando tragicamente à vida. Um desses espetáculos, *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, conta conhecida história de amor que termina com as comprometedoras cenas de duplo suicídio.

Não há dúvida de que essa mensagem exalta a prática do suicídio aos olhos de adolescentes inseguros cujo amor não é compreendido pelos pais, especialmente se já estiverem sobrecarregados com problemas relacionados com drogas, desajustes familiares e más influências espirituais.

Ainda com relação aos jovens, o número de tentativas de suicídio não

consumado é cerca de quinze vezes mais elevado do que entre os idosos. Enquanto que para cada suicídio entre estes últimos há cinco tentativas, para cada jovem que se mata há aproximadamente cem. Assim, entre os três milhões de norte-americanos que a cada ano tentam suicidar-se, quinhentos mil deles estão na faixa dos 15 aos 24 anos.

A mensagem desses números é a de que nem sempre esses jovens querem morrer. Na verdade, o que querem é não continuar vivendo tão infelizes. Talvez devamos ver nesses atentados um urgente pedido de socorro. Para que viver? Esta pode ser a angustiante pergunta desses jovens.

## Como ajudar pessoas com tendências ao suicídio?

Os sociólogos afirmam que 80% daqueles que põem fim à própria vida dão sinais da sua intenção semanas ou meses antes de cometerem o ato. Podemos perceber essa intenção em frases como: “Já perdi o gosto pela vida; para mim, morrer seria alívio.” “Não vou suportar esta vida chata por muito mais tempo.” “A qualquer hora ponho um ponto final nesta vida miserável.”

Embora algumas pessoas achem que, afinal de contas, cada um tem o direito de escolher entre continuar vivendo de modo infeliz e morrer, é dever de todos evitar que o seu semelhante cometa o suicídio.

Há, pelo menos, quatro maneiras de ajudar.

A primeira delas é não deixar a pessoa sozinha. A solidão, para quem está deprimido, pode ser fatal. Em cada cem pessoas que tentam suicidar-se, noventa se acham sob depressão. Se alguma pessoa conhecida sua revela tendências suicidas, descubra maneiras de aproximar-se dela, de telefonar-lhe sempre, mostrando simpatia e interesse. Esteja mais pronto a ouvir o que a falar. E se a pessoa desejar desabafar-se, assegure-lhe o seu interesse em ouvi-la e em partilhar do sofrimento dela.

A segunda maneira de socorrer o suicida em potencial é convencê-lo a ir com você a uma clínica de saúde mental, ou a consultar um bom psicólogo ou um conselheiro, de preferência cristão. Se a causa da tendência ao suicídio for depressão ou estresse, uma internação numa boa casa de repouso pode ajudar muito.

Em terceiro lugar, talvez a melhor maneira de ajudar uma pessoa com tendência ao suicídio seja assistir a família dela com bom aconselhamento. É o que se chama de terapia familiar. Muitas tentativas de suicídio ocorrem por causa de dificuldades no relacionamento familiar. A normalização do relacionamento entre os membros da família pode pôr fim à tendência suicida.

Finalmente, podemos socorrer a pessoa com alimento e dinheiro, se a falta dessas coisas essenciais for a causa da tendência suicida. Muitos, depois de perderem tudo o que possuíam numa mudança de regime político ou num desastre natural, preferem pôr fim à vida a tentar tudo de novo. A ajuda material nessas ocasiões pode salvar uma vida do suicídio.

Joaquim Nabuco escreveu que “há mais suicídios no mundo do que imaginamos, mas são suicídios parciais. Muita gente destrói as mais belas porções de si mesmo, e não a sua vida. O homem que põe termo à vida não é culpado da maior deformação própria. Destruir-se por inteiro, de um só golpe,

é respeitar mais o seu ser imortal do que seria mutilá-lo, em vida, das suas mais nobres faculdades e aspirações. Não há maior crime contra Deus que o suicídio, mas ninguém diga que seja a degradação máxima do ser humano.” (Citado por Paulo Rónai em *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985, p. 915.)

As palavras de Joaquim Nabuco, que dizem respeito às muitas pessoas que ainda novas desistem de *viver* para apenas arrastarem até à velhice uma existência vazia, trazem-me à memória o que alguém disse que deveria ser o epitáfio de alguns: “Morto aos trinta; enterrado aos setenta”.

## O que é a vida?

A vida, que na Escritura Sagrada tem como um dos seus símbolos a água, é com frequência chamada de eterna, o que determina uma qualidade divina pela qual ultrapassa o corpo e o tempo. Assim, essa realidade indefinível, ainda hoje objeto de tanta discussão e divergência nos meios acadêmicos, destaca-se tanto como a essência do ser e a afirmação do princípio último da personalidade, quanto como a expressão da própria existência e a manifestação-síntese da pessoa humana.

Jesus, como os seus contemporâneos judeus, não definiu a vida mediante conotações filosóficas ou científicas, mas afirmou que o Pai Celestial, Senhor absoluto da vida e comunicador desta na sua ação criadora, transmitiu o seu poder ao Filho, inclusive o de dar a vida eterna a todo aquele que nele crer. Por isso disse ele: “Eu sou... a vida” (Jo 11.25; 14.6).

Para Jesus, a vida é perene e amorosa comunhão com Deus, comunhão em que a vontade humana se harmoniza com o mais elevado propósito divino, conformando-se com as normas soberanas do Altíssimo. Essa vida eterna que se consumará na primeira ressurreição, é, então, não apenas a continuidade biológica do ser, mas também a identificação sobrenatural desse ser com o Senhor. Dessa forma, quando Jesus afirma ser ele a vida, quer frisar que a sua pessoa é a expressão máxima do relacionamento com o Pai, a plena conjugação de vontades e o padrão da existência que convém à criatura.

Portanto, embora na vida que Cristo dá aos que nele creem esteja implícita a continuidade ilimitada ou infinita do ser humano, esta não é a ênfase principal. O que Jesus salienta em todo o seu ensino é o aspecto qualitativo dessa vida, não a sua mera extensão. Eis as suas palavras: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva”. Em outra ocasião ele falou dessa mesma vida com outras palavras: “eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 7.38; 10.19).

Desses versos bíblicos quero extrair dois passos decisivos que conduzem à vida que realmente vale a pena viver. O primeiro passo é “crer” Talvez o leitor esteja-se perguntando o que vem a ser esse tipo de fé no Senhor Jesus. Repito que o alvo dessa fé que realmente muda o nosso mundo interior não é nem filosofia que alimente a nossa vaidade intelectual, nem sistema religioso que funcione como descargo da nossa consciência culpada, mas uma Pessoa verdadeiramente real. São claras as palavras de Jesus: quem crer em *mim*.

Por outro lado, Jesus revela que tipo de pessoa ele é ao afirmar que

necessitamos crer nele “como diz a Escritura”. Há muitas imagens distorcidas do Senhor Jesus no mundo, as quais não condizem com a revelada na Bíblia. Cada seita ou religião falsa vê a pessoa de Jesus de maneira diferente. Todavia, o Cristo em quem devemos firmar a nossa fé tem de ser aquele revelado na Escritura Sagrada.

# CAPÍTULO 12

## FAMÍLIA

### **Qual o verdadeiro papel da família na sociedade moderna?**

Meu caro leitor, é difícil exagerar a importância do lar em nossos dias. Todos os males da sociedade, sejam financeiros, políticos, trabalhistas, escolares ou religiosos, têm a sua origem no coração do homem natural, que a Bíblia descreve em Jeremias 17.9 e Romanos 3.10-23.

Ainda no jardim do Éden, Deus estabeleceu a família, juntando duas pessoas em uma unidade. O ambiente formado pelo amor entre os membros da família produz o que chamamos de “o lar”.

O lar é importante na vida humana por ser o berço de costumes, hábitos, caráter, crenças religiosas e princípios morais de cada ser humano, seja no contexto familiar, municipal, nacional e mundial. Podemos, então, dizer que, como vai o lar vai o mundo, e também que, o que é bom para a família é bom para o mundo.

Quando um homem e uma mulher se unem pelo casamento, o fazem porque desejam viver juntos pelo resto da vida, e isso na saúde, na doença, na riqueza, na pobreza, na alegria... até que a morte os separe. Lembra-se?

Entretanto, muitos casais, e principalmente as mulheres, se esquecem, quando chegam o filhos, de que são primeiramente esposas ou maridos e só depois mães ou pais. Os filhos vêm e vão, serão sempre partes de nós, levarão nosso nome e estenderão nossa memória. Serão sempre amados, porém irão crescer e formar suas próprias famílias. Mas o marido e a mulher permanecerão juntos.

A Dra. Elaine Cruz, em seu precioso livro *Crescendo em Família*, adverte:

“Muitos divórcios estão ocorrendo entre casais com cerca de vinte e cinco anos de matrimônio pelo simples fato de que, ao longo dos anos, a mulher cresceu como mãe e profissional, e o homem cresceu como obreiro,

profissional e pai, mas ambos se esqueceram de dar frutos como casal, de cuidar do crescimento do casamento. Assim, quando os filhos se vão, marido e mulher se encontram distantes, desconhecidos, e muito diferentes um do outro.

“É fundamental compreender que o primeiro papel que nos cabe quando nos casamos é ser marido e mulher. Deus nos torna uma nova família quando nos casamos; esta é a razão para a ordenança de deixar pai e mãe.

“A Bíblia é muito clara quando nos adverte que devemos honrar e amar nossos pais para termos vida longa e vivermos bem sobre a Terra todos os dias de nossa vida. Temos que amar, cuidar, zelar e viver com eles o melhor possível, mesmo depois que nos casarmos. Afinal, devemos a eles grande parte do que somos.

“Entretanto, a Bíblia também diz que devemos deixá-los, e o significado disto não é somente passar a morar em outro espaço físico. Implica, principalmente, *deixar muitos dos velhos costumes e hábitos apreendidos durante nossa estada com eles*, mesmo porque nosso cônjuge terá apreendido modos de se comportar totalmente diversos, e alguns até opostos dos nossos...”.

Voltaremos ao assunto em outra oportunidade.

## **Que papel deve exercer a família cristã na sociedade em que vivemos?**

Meu caro leitor, tendo em vista a realidade e influência do pecado, podemos afirmar que o lar, num sentido geral, não está cumprindo plenamente o propósito para o qual foi formado. Por isso, precisamos saber o que a Bíblia ensina sobre o lar, a fim de que este atinja o seu alvo planejado por Deus.

O matrimônio é de Deus. “Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á a sua mulher, e serão ambos uma carne”. Jesus defendeu e aprovou o casamento de Adão e Eva, como vindo de Deus. Foi o único exemplo que Jesus citou sobre o casamento. É um casamento “feito no céu” ou aprovado por Deus.

A época do primeiro casamento, não havia igreja nem nação nem cartório. Mas havia uma autoridade que não só estava de acordo com a existência da família, mas também era “responsável” pelo próprio casamento. Todo o casamento relatado na Bíblia foi feito na presença de autoridades existentes na época e/ou com a aprovação das famílias envolvidas.

O lar é muito mais do que o resultado de duas pessoas entrando numa união socialmente contratada. É algo misterioso e glorioso, criado por Deus, permanente, que se torna real somente dentro dos princípios de quem o instituiu, que é o próprio Deus. Como o casamento não é só acasalamento, o lar não é só ajuntamento de duas pessoas que consentem em viver juntas.

No início, Deus disse que não é bom que o homem esteja só, e a partir do homem ele instituiu a família como centro da comunidade humana. Através da transição de várias culturas, a família tem existido como uma sociedade natural que tem dado à alma de cada nação o seu perfil.

Deus quer ordem no lar. Deus criou um homem e uma mulher. Não foi um homem com duas ou mais mulheres, nem uma mulher com dois ou mais homens, nem homem com homem ou mulher com mulher. Deus fez um casal de um homem e uma mulher e deu um “uso natural” a cada um. De outro modo será “torpeza” ou “prostituição”. Cada privilégio tem o seu preço.

O casal abençoado vê o casamento como um meio de servir, adorar e dar glória a Deus. A felicidade dos cônjuges, embora seja o produto de uma vida vivida de acordo com a vontade de Deus, não é o alvo principal do lar. O lar deve glorificar a Deus e trazer felicidade a todos os membros da família. Concluo citando a Dra. Elaine Cruz, minha filha:

“Casamento implica unir duas pessoas diferentes e fazê-las uma só. Para tanto, precisamos deixar muito do que achamos que é o certo ‘porque mamãe me ensinou assim’, ou ‘eu aprendi desta forma com papai’. Precisamos ceder e aprender muita coisa com o outro, de modo a não conviver, mas *bem viver*... “Resumindo, deixar pai e mãe é morar em outro espaço sim, continuando a amá-los e a honrá-los, mas principalmente entender que nosso casamento é diferente do casamento de nossos pais, pelo simples fato de sermos outras pessoas, que têm vivências distintas. Se somos seres únicos, feitos diferentes por Deus, e se Ele nos uniu ao nosso cônjuge, é porque Ele sabe que, com o nosso esforço e ajuda dEle, podemos nos tomar um”. (*Crescendo em Família*. Rio de Janeiro: Editora Betei, 1996, p. 20, 21.)

## Seria o amor ágape aquele que deve existir no casamento?

Meu caro leitor, *ágape* significa amor no sentido sacrificial. E essa a palavra usada na maioria das vezes no Novo Testamento para descrever o amor de Deus por nós e o amor que Ele derrama em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado. Essa palavra é usada em João 3.16, em Romanos 5.5 e em 1 Coríntios 13 entre outros. A língua grega possui outras palavras para *amor*, mas com outros sentidos, como *phília*, amor entre membros da mesma família, e *eros*, amor no sentido sensual, carnal, de onde vem a palavra *erotismo*.

O conceito do amor que deve reinar no lar é aquele com o qual Cristo ama a sua igreja. Este amor é visto no seu sacrifício, pois a Bíblia diz que Ele “a si mesmo se entregou por ela”, e pelo resultado dessa entrega, fazendo-nos “membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos”.

O amor verdadeiro produz união e harmonia. “Serão dois numa carne” significa muito mais do que o ato do casamento. Mostra como o casal e filhos são unidos emocional, mental e espiritualmente (Ef 5.23).

O amor também realizou uma parte importante na obediência de José, marido de Maria, às instruções do anjo. O amor verdadeiro não é egoísta. Lamentavelmente, muita gente crê que o amor consiste em obter aquilo que o faz feliz. Sem dúvida, como a Bíblia o define, o amor *ágape* é completamente abnegado. Deus amou o mundo e deu seu Filho. José demonstrou grande amor ao levar Maria para casa com ele e assumir toda a responsabilidade pelo cuidado dela. Ele se casou com Maria pelo que podia fazer por ela, não pelo que ela podia fazer por ele ao fazê-lo feliz.

José tinha tanto respeito por Maria e o menino que iria nascer que não a conheceu como sua esposa até que ela desse à luz. A pessoa egoísta que se adere à definição equivocada do amor que existe hoje em dia, nunca poderia mostrar tal controle de si mesmo. É triste que a palavra *amor*, como se usa na sociedade moderna, se concentra só na parte física do relacionamento entre homem e mulher. Isso é pura sensualidade. Devemos chamá-lo por seu verdadeiro nome, em vez de dar-lhe uma dignidade falsa ao chamá-lo de amor.

José se casou com Maria. Depois de se casarem, eles viveram felizes como marido e mulher. Com o tempo, tiveram outros filhos. Dessa união nasceram pelo menos seis filhos. Mais adiante Mateus menciona quatro irmãos, e menciona pelo menos duas irmãs (13.55,56). A Bíblia não apresenta

evidências que apoiem o ensino de que Maria continuou sendo virgem. A Bíblia afirma que José não manteve relações sexuais com Maria *até* que ela deu à luz a Jesus. Depois do nascimento de Jesus, os dois tiveram uma vida conjugal perfeitamente normal.

Apesar dos detalhes muito limitados acerca de José, podemos vê-lo como um grande exemplo de atitude amorosa e obediente que todos devemos ter como servos de Deus. A obediência de José facilitou as primeiras etapas do ministério terreno de Jesus Cristo. Hoje podemos oferecer a todos a salvação que Cristo dá ao mundo. O ministério contínuo de Cristo para com a humanidade depende de pessoas como José e Maria, que se submetam completamente à vontade de Deus.

## Que responsabilidades têm marido e mulher para que o seu lar cumpra os propósitos de Deus?

Percebemos, meu caro leitor, que sendo Deus imutável, podemos já ver a necessidade de obediência aos princípios imutáveis com os quais Deus instituiu o casamento. O homem, ao submeter-se aos mandamentos de Deus, é abençoado e glorifica ao seu Criador, ao passo que, quando se rebela contra a vontade divina, traz sobre si e sobre os seus, traumas e problemas sérios.

Deus, no julgamento, vai ser glorificado mesmo assim. Essas bênçãos por causa da obediência, ou os traumas por causa da desobediência, existem onde quer que o homem esteja, atingindo, assim, boa parte de toda a sociedade.

Deus é amor, mas o homem não o é. Amar é um mandamento de Deus. O amor é essencial para um bom casamento. Um casamento dentro dos padrões bíblicos é estável e permanente, e nele pode crescer e amadurecer o amor. Em um bom casamento, os cônjuges são forçados a serem determinados a vencer em tempos de dificuldades, e a desenvolverem níveis novos de amor e entendimento.

Há três palavras distintas no Grego que são traduzidas pela única palavra *amor* em português popular. *Eros* significa amor no sentido de paixão, sentimento e desejo; nossa palavra “erótico” vem dessa palavra. Essa palavra no grego *nunca* aparece no Novo Testamento, mas é o significado que se dá para o amor na maioria das vezes no ambiente social.

*Philia* significa amor no sentido de afeição, amizade e consideração humana; nossa palavra “filantropia” e a expressão “calor humano” vêm dessa palavra, que é *raramente* usada no Novo Testamento. É traduzida por “amigos” e similares, mas *nunca* por “amor”. Esta palavra grega é usada no Novo Testamento em perto de vinte passagens.

No amor se vê só felicidade, mas no casamento se vê responsabilidade diante do mundo. Em uma pessoa, o amor é uma possessão particular, mas no casamento é mais que algo pessoal — é um status, um ofício.

O amor é a razão por que se deseja um lar; lar é uma responsabilidade assumida por causa do amor. O lar fornece um ambiente seguro para o amor amadurecer. Tudo isso opera para a glória de Deus.

*Sem o amor verdadeiro, pode haver uma família, mas não pode haver um lar.* O lar é o local em que o amor verdadeiro cresce. O amor é um servo do lar. Deus não manda um casal se amarem ou os filhos obedecerem aos pais para haver um lar. Ele dá os princípios de amor porque o lar já existe. Então,

o amor acha sua expressão madura por causa da existência do lar.

No lar é que se vê a necessidade das qualidades do amor. Esforços têm de ser feitos para que o amor seja verdadeiro, e o ambiente onde este amor verdadeiro é exercitado é o lar, que por sua vez requer o amadurecimento do amor verdadeiro, que logo fortalece ainda mais o lar, e assim continuamente, tudo crescendo para a glória de Deus e o bem da família.

Casando e tendo filhos pode-se ter uma família. Amado conforme a Bíblia, transforma-se a família num lar.

## Que tipo de autoridade Deus estipulou para o lar?

Meu caro leitor, Deus estipulou posições de autoridade para o lar. Essas posições foram dadas antes que o pecado entrasse no mundo. Depois da entrada do pecado, tais posições foram modificadas e ampliadas, mas não eliminadas.

As posições são perfeitas por serem ordenadas por Deus. Há paz, harmonia e bênçãos abundantes com Deus quando as posições são implantadas na prática do lar, mesmo hoje, com a presença do pecado.

Em primeiro lugar, Deus está na posição de autoridade. Só Ele é onisciente, onipotente, onipresente e juiz, e por tais atributos, Ele está além de qualquer outro. Ele, e só Ele, por ser o único Deus vivo e verdadeiro, deve ter o temor e obediência de todo o homem.

Em segundo lugar, Deus está na posição de ser louvado. Por ser Ele a primeira causa de tudo, Ele está na posição de ter todo “o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, honra e glória, e ações de graças... para todo o sempre” (Ap 5.12,13).

Em terceiro lugar, Deus está na posição de exemplo. Ele é o exemplo principal para todos em todas as instâncias, e isso inclui o ambiente do lar. No contexto bíblico de 1 Pedro 2.21 — 3.8 (NVI), em que Cristo padece por nós, temos instruções para o lar e a sociedade. “Do mesmo modo, mulheres” (3.1), “Do mesmo modo vocês, maridos” (3.7). “Quanto ao mais, tenham todos o mesmo modo de pensar, sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes” (3.8).

Em se tratando da posição do homem acima da mulher, a Bíblia diz que o homem é a imagem e glória de Deus, é o cabeça da mulher. Como Cristo é o cabeça da igreja, o homem o é do lar.

Na posição de exemplo, cabe ao homem exemplificar o amor no lar em todos os aspectos. Em Efésios 5.25 é usada a palavra grega *ágape*, que significa amor sacrificial. Então, o homem tem o mandamento e o exemplo de Cristo de amar sacrificialmente para o bem do lar.

Na posição de responsabilidade, o homem é quem foi responsabilizado pela desobediência no Éden, embora a mulher tenha primeiro comido do fruto proibido. 1 Timóteo 2.14 diz que “Adão não foi enganado, mas a mulher. E esta, sendo enganada, caiu em transgressão”. Mas em Romanos 5.12 é o homem que trouxe o pecado ao mundo.

A mulher pecou primeiro, mas foi o homem que levou a primeira

responsabilidade. Em 1 Samuel 3.13, Eli foi castigado pelos pecados dos filhos, o que mostra a responsabilidade do pai pelo lar.

O homem, antes do pecado, já trabalhava (Gn 2.15,19), mas depois do pecado ele passou a ter de trabalhar para poder comer. O trabalho tornou-se obrigatório. O trabalho não é pecado, mas a necessidade de trabalhar é consequência do pecado. O homem não reclamou do trabalho antes do pecado; só depois.

## O que vem a ser o casamento levirato, como o de Rute e Boaz?

Meu caro leitor, “levirato” era o casamento de uma viúva com o irmão do seu marido, no caso do cunhado morar na casa do pai, ou seja, o irmão mais moço ainda não casado. Esse casamento tinha o propósito de preservar o nome e a linhagem familiar do irmão falecido e prover sustento à sua viúva.

Esse tipo de casamento tem a sua origem e ilustração em Gênesis 38.8-10:

“Então Judá disse a Onã: Case-se com a mulher do seu irmão, cumpra as suas obrigações de cunhado para com ela e dê uma descendência a seu irmão.

“Mas Onã sabia que a descendência não seria sua; assim, toda vez que possuía a mulher do seu irmão, derramava o sêmen no chão para evitar que seu irmão tivesse descendência. O SENEIOR reprovou o que ele fazia, e por isso o matou também”.

Mais adiante, em Deuteronômio 25.5,6, o casamento levirato foi sancionado por Deus na aliança do Sinai: “Se dois irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem deixar filhos, a sua viúva não se casará com alguém de fora da família. O irmão do marido se casará com ela e cumprirá com ela o dever de cunhado. O primeiro filho que ela tiver levará o nome do irmão falecido, para que o seu nome não seja apagado de Israel.

“Se, todavia, ele não quiser casar-se com a mulher do seu irmão, ela irá aos líderes do lugar, à porta da cidade, e dirá: ‘O irmão do meu marido está se recusando a dar continuidade ao nome do seu irmão em Israel. Ele não quer cumprir para comigo o dever de cunhado’. “Os líderes da cidade o convocarão e conversarão com ele. Se ele insistir em dizer: ‘Não quero me casar com ela’, a viúva do seu irmão se aproximará dele, na presença dos líderes, tirará uma das sandálias dele, cuspirá no seu rosto e dirá: ‘E isso que se faz com o homem que não perpetua a descendência do seu irmão’. E a descendência daquele homem será conhecida em Israel como ‘a família do descalçado’”.

Em Levítico 25.25-27, está formulado o relacionamento do resgatador com o parente: “Se alguém do seu povo empobrecer e vender parte da sua propriedade, seu parente mais próximo virá e resgatará aquilo que o seu compatriota vendeu. Se, contudo, um homem não tiver quem lhe resgate a terra, mas ele mesmo prosperar e adquirir recursos para resgatá-la, calculará os anos desde que a vendeu e devolverá a diferença àquele a quem a vendeu; então poderá voltar para a sua propriedade”.

A Bíblia trata das responsabilidades do noivo parente-resgatador, dizendo que ele precisa (a) estar qualificado como parente legítimo e próximo; (b) estar qualificado como resgatador capaz de resgatar os débitos e a pobreza do morto endividado; (c) estar disposto a defender, proteger e ser mediador, e, finalmente, (d) estar disposto a ficar noivo e ser provedor daqueles que resgatou.

No caso de Rute e Boaz, aquela ouviu o conselho de sua sogra de deitar-se aos pés de Boaz, enquanto este dormia, como era costume fazer em Israel no caso do casamento levirato. Boaz, como homem sério, justo, religioso e temente a Deus, tudo fez para que o casamento se consumasse, o que de fato ocorreu.

Dessa maneira Rute, uma estrangeira, entrou na genealogia de Jesus.

## O que significa realmente deixar pai e mãe, em relação ao casamento?

Caro leitor, em seu pequeno mas precioso livro *Crescendo em Família*, minha filha, Dra. Elaine Cruz, responde sabiamente à sua pergunta. Vou passar a ela a palavra:

“Quando um homem e uma mulher se unem pelo casamento, o fazem porque desejam viver juntos pelo resto da vida na saúde, na doença, na riqueza, na pobreza, na alegria... até que a morte os separe. Lembra-se?”

“Entretanto, muitos casais, e principalmente as mulheres, se esquecem, quando chegam o filhos, de que são primeiramente esposas ou maridos e só depois mães ou pais. Os filhos vêm e vão, serão sempre partes de nós, levarão nosso nome e estenderão nossa memória. Serão sempre amados, porém irão crescer e formar suas próprias famílias. Mas o marido e a mulher permanecerão juntos.

“Muitos divórcios estão ocorrendo entre casais com cerca de vinte e cinco anos de matrimônio pelo simples fato de que, ao longo dos anos, a mulher cresceu como mãe e profissional, e o homem cresceu como obreiro, profissional e pai; mas ambos se esqueceram de dar frutos como casal, de cuidar do crescimento do casamento. Assim, quando os filhos se vão, marido e mulher se encontram distantes, desconhecidos, e muito diferentes um do outro.

“É fundamental compreender que o primeiro papel que nos cabe quando nos casamos é ser marido e mulher. Deus nos torna uma nova família quando nos casamos; esta é a razão para a ordenança de deixar pai e mãe.

“A Bíblia é muito clara quando nos adverte que devemos honrar e amar nossos pais para termos vida longa e vivermos bem sobre a Terra todos os dias de nossa vida. Temos que amar, cuidar, zelar e viver com eles o melhor possível, mesmo depois que nos casamos. Afinal, devemos a eles grande parte do que somos.

“Entretanto, a Bíblia também diz que devemos deixá-los, e o significado disto não é somente passar a morar em outro espaço físico. Implica, principalmente, *deixar muitos dos velhos costumes e hábitos apreendidos durante nossa estada com eles*, mesmo porque nosso cônjuge terá apreendido modos de se comportar totalmente diversos, e alguns até opostos dos nossos...

“Casamento implica unir duas pessoas diferentes e fazê-las uma só. Para tanto, precisamos deixar muito do que achamos que é o certo ‘porque mamãe me ensinou assim’, ou ‘eu aprendi desta forma com papai’. Precisamos ceder e

aprender muita coisa com o outro, de modo a não conviver, mas *bem viver...*

“Resumindo, deixar pai e mãe é morar em outro espaço sim, continuando a amá-los e a honrá-los, mas principalmente entender que nosso casamento é diferente do casamento de nossos pais, pelo simples fato de sermos outras pessoas, que têm vivências distintas. Se somos seres únicos, feitos diferentes por Deus, e se ele nos uniu ao nosso cônjuge, é porque ele sabe que, com o nosso esforço e ajuda dele, podemos nos tornar um”.

Concluo com dois pensamentos, o primeiro de André Maurois: “Um casamento feliz é uma longa conversação que sempre parece breve demais”; e o outro de Theodor Körner: “O bom casamento é um eterno noivado”.

# CAPÍTULO 13

## TESTEMUNHOS

### O que é a fé?

A. R. Buckland, depois de afirmar que “a simples fé implica disposição de alma para confiar noutra pessoa”, explica que a fé cristã “é completa confiança em Cristo, pela qual se realiza a união com o seu Espírito, havendo a vontade de viver a vida que ele aprovaria”. (*Dicionário Bíblico Universal*, Miami, Editora Vida. 1981, p. 158.)

Apoiada tanto sobre as promessas de Deus como na fidelidade dele em cumpri-las, fé é o ato segundo o qual o ser humano entrega a sua vida a Deus, reconhecendo-o como verdadeiro, bondoso e fonte única da salvação.

A fé cristã difere da credulidade, que, além de ser a aceitação cega e irracional de credices, alimenta-se de coisas irreais e é cultivada pela imaginação. Também difere da crença, por ser esta apenas aquiescência intelectual.

A fé em Cristo, mesmo quando transcende a razão, nunca lhe é contrária, pois se trata de confiança nascida do coração e baseada não apenas nos fatos passados da vida, da obra, do poder e da palavra de Cristo, mas também nos fatos presentes da sua obra em nós e nos nossos semelhantes, do seu poder operante hoje na igreja e por meio dela, e da fidelidade da sua palavra que se cumpre dia a dia.

Não sendo mera adesão intelectual, mas confiança viva mediante o Espírito Santo que habita em nós e testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus, a fé em Cristo é a condição indispensável da salvação. “Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus” (Ef 2.8).

O Novo Testamento diz que é na pessoa de Jesus que se deve crer e na mensagem do evangelho anunciado a princípio por ele e depois pelos apóstolos. Segundo esse evangelho, Jesus pagou o preço da reconciliação com o Pai, morrendo por nós na cruz. Mas o Pai o ressuscitou dentre os mortos, fez

dele Senhor e Cristo e oferece, por meio dele, vida eterna a todos os que nele crerem.

Sendo verdade de vida que engaja todo o ser numa união com Cristo e numa disposição de obedecer-lhe, a fé exclui toda autossuficiência e conta exclusivamente com Deus. A vida cristã, assim identificada com Deus, goza paz com Deus e possui a paz de Deus. É uma vida ativa, cheia de significado, vivida com os elevados propósitos de glorificar a Deus. Uma pessoa com essa qualidade de vida jamais pensa em matar-se a si própria.

Acompanhada pela esperança e pelo amor, a fé aguarda o tempo da realização de todas as promessas divinas, a começar pela redenção do nosso corpo na volta do Senhor. Em resumo, a Bíblia afirma:

“Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória”. “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é” (Cl 3.4; 1 Jo 3.2).

## O que significa “viver” a vida cristã?

O apóstolo Paulo, no quinto capítulo da carta aos Romanos, dá três razões pelas quais os cristãos devem expressar uma vida abundante de alegria:

“Agora que fomos aceitos por Deus por meio da fé, temos paz com ele por intermédio de Jesus Cristo, o nosso Senhor. Foi Cristo quem nos trouxe pela nossa fé, para a graça de Deus; e agora nós continuamos firmes nela. Portanto, nos *alegramos* na esperança de participarmos da glória de Deus. E também nos *alegramos* nos sofrimentos, pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, a paciência traz a aprovação de Deus, e esta aprovação cria a esperança.

“Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo... E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu... Não apenas isso, mas também nos gloriamos em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, mediante quem recebemos agora a reconciliação” (Rm 5.1-5, 11).

Em primeiro lugar, devo salientar que a vida cristã normal é alegre. Deus nos criou para a felicidade, e até mesmo os músculos faciais são muito mais propensos ao sorriso do que à tristeza e ao aborrecimento. Esses músculos, que se abrem naturalmente quando sorrimos, necessitam de grande esforço para se contraírem e expressarem tristeza ou ódio.

A alegria na esperança, entretanto, resulta da contemplação do bem-aventurado futuro em que o cristão estará glorificado juntamente com Cristo. “Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória” (Rm 8.17).

Essa promessa divina vai muito além da mera contemplação da glória de Deus; o crente entrará nessa glória divina e será participante dela. Foi isso o que Jesus prometeu aos seus discípulos. Onde há essa esperança, a vida sorri; e se a vida sorri, já não há lugar para o desespero e o suicídio.

Em segundo lugar, o sofrimento, tanto mental quanto físico, tem sido a causa de muitíssimos suicídios. Muitos presos, quando sob tortura, se matariam se pudessem, e aos condenados à morte, enquanto aguardam a execução, não é permitido o uso de talheres ou de outros objetos de metal, nem cinto ou peça de vestuário com que possam suicidar-se.

Um ex-detento milagrosamente liberto da prisão conta que, ao ser lançado

numa cela de morte da penitenciária, deparou-se com a palavra “Socorro”, escrita na parede com letras bem vivas por alguém que certamente não queria morrer às mãos dos carrascos, mas que não pôde evitá-lo.

Ao falar da alegria nos sofrimentos, a Bíblia acrescenta: “Pois sabemos que os sofrimentos produzem a paciência, a paciência traz a aprovação de Deus, e esta aprovação cria a esperança.” Quando somos alvos do insondável amor de Deus e sabemos que o nosso destino é glorioso, todas as coisas contribuem para o nosso bem, e nenhuma tragédia é grande demais ao ponto de nos roubar a paz interior e arrastar-nos ao suicídio.

## O que significa alegrar-se nas tribulações?

Uma das pessoas que mais sofreram por causa do evangelho, escreveu: “Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38,39).

Até mesmo em meio a tribulações o cristão pode regozijar-se no Senhor, pois o seu gozo interior não depende necessariamente das circunstâncias. Essa alegria, na forma de rios de água viva, brota do interior do coração que crê no Senhor Jesus Cristo.

Além de alegrar-se na esperança de um futuro radiante e de um presente de lutas em que todas as coisas contribuem para o seu próprio bem, o crente alegra-se num Deus infalível e imutável, que nas aflições dos seus filhos não os desampara em tempo algum. É por meio do nosso Senhor Jesus Cristo que nos alegamos em Deus. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” pergunta o apóstolo Paulo. Se Deus não poupou ao seu próprio Filho, “antes o entregou por todos nós, não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.31,32).

Ao dizer que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hb 13.8), a Bíblia salienta que nosso Salvador não perdeu nada do seu poder, do seu amor e do seu desejo de socorrer a todos os que nele confiam. Por isso a Bíblia nos ordena a lançar sobre ele toda a nossa ansiedade, porque ele tem cuidado de nós.

Aquele mesmo Jesus que se moveu de íntima compaixão diante do sofrimento humano, que fortaleceu os fracos, que animou os desanimados, que alegrou os tristes e que salvou os perdidos, ainda é o mesmo hoje.

Anos atrás, uma jovem senhora abandonada pelo marido, desempregada e com três crianças pequenas, resolveu pôr fim a todo o seu sofrimento e ao sombrio e incerto futuro que aguardava a ela e os filhos. Fechou bem a casa, vedou com roupas todas as frestas, pôs as crianças na cama, abriu todas as bocas de gás do fogão e deitou-se à espera da morte. Então ouviu o rádio, que esquecera ligado na sala, transmitir o conhecido hino:

“Em Jesus amigo temos mais chegado que um irmão;  
e nos manda que levemos tudo a Deus em oração...”

Tocada pelo Espírito Santo e certa de que poderia contar com Jesus, de um salto ela deixou a cama, fechou o gás e abriu portas e janelas para que o veneno dispersasse, e deu início a uma nova vida de fé. Essa senhora

encontrou no Senhor Jesus forças suficientes para vencer todos os obstáculos que antes lhe pareciam intransponíveis. Ela criou os filhos no temor de Deus, deu-lhes formação superior, viu-os bem casados, e viveu vida plena — alegre, útil e cheia de significado.

A experiência dessa senhora lembra as palavras de um ex-comunista de que o cristianismo é a única vida que realmente vale a pena viver, e recorda-nos que viver essa nova vida é muito mais do que simplesmente continuar vivendo. Todavia, para que a pessoa possua essa vida abundante é preciso renascer espiritualmente, começar tudo de novo.

## **Davi, como um homem segundo o coração de Deus, era perfeito?**

Davi não era perfeito, caro leitor, pois a mesma Bíblia não esconde suas muitas e graves faltas, nem seus correspondentes castigos.

Como e em que sentido foi o filho de Jessé um homem conforme o coração de Deus? Busquemos os paralelos. Deus disse: “Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração” (1 Sm 2.35). Tomando toda a passagem em consideração, percebemos que Davi, especialmente em sua qualidade de sacerdote-rei, procedería segundo o coração ou a vontade de Deus.

Esta ideia se encontra plenamente confirmada na passagem paralela do cap. 13.14, onde também verificamos que era em vista do rebelde Saul e contrário à sua má conduta como rei, que Davi seria homem segundo o coração de Deus.

Outro exemplo de paralelos de nomes próprios encontramos no relato de Balaão (Nm 22; 24), deixando-nos em dúvida quanto ao verdadeiro caráter de sua pessoa. Foi ele realmente profeta? E, em tal caso, qual foi a causa de sua queda?

Consultando os paralelos do Novo Testamento, verificamos em 2 Pedro, em Judas 2 e em Apocalipse 2.14 que ele foi um pretense profeta que atuava levado pela paixão da cobiça, e que, por suas instigações, Balaque fez que os israelitas caíssem em pecado tão grande que lhes custou a destruição de 24.000 pessoas.

Ao consultar-se esse tipo de paralelos convém proceder como segue: primeiramente buscar o paralelo, ou seja, a aclaração da palavra obscura no mesmo livro ou autor em que se encontra, depois nos demais da mesma época e, finalmente, em qualquer livro da Escritura. Isto é necessário porque, às vezes, varia o sentido de uma palavra conforme o autor que a usa, segundo a época em que se emprega, e ainda, segundo o texto em que ocorre no mesmo livro.

O procedimento com relação a ideias obscuras ou discutíveis é idêntico ao estudo de paralelos de palavras. Assim, para conseguir a ideia completa e exata do que ensina a Escritura em um determinado texto, talvez obscuro ou discutível, consulta-se não só as palavras paralelas, mas os ensinamentos, as narrativas e fatos contidos em textos ou passagens aclaratórios que se relacionem com o dito texto obscuro ou discutível. Tais textos ou passagens são o que chamamos de paralelos de ideias. Segue um bom exemplo:

Ao instituir a Santa Ceia, Jesus deu o cálice aos discípulos, dizendo: "Bebam dele todos". Isto significa que só os ministros da religião devem participar do vinho na ceia, excluindo a congregação? Que ideia nos proporcionam os paralelos?

Em 1 Coríntios 11.22-29, nada menos que seis versículos consecutivos nos apresentam o "comer do pão e beber do vinho" como fatos inseparáveis na ceia, destinando os elementos a todos os membros da igreja, sem distinção. Invenção humana, destituída de fundamento bíblico, é, pois, o fato de, na comunhão, uns participarem do pão, e outros do vinho.

## CAPÍTULO 14

### TEMAS DIVERSOS

#### **Quem foi Santo Tomás de Aquino?**

Meu caro leitor, Tomás de Aquino, teólogo e filósofo italiano, viveu de 1227 a 1274. Foi educado pelos monges beneditinos de Monte Cassino, mas tornou-se, tempos depois, dominicano. Foi discípulo de Santo Alberto Magno.

Considerado o mais brilhante filósofo da Idade Média e o maior pensador entre os católicos, Aquino restabeleceu o prestígio da filosofia aristotélica e determinou claramente a diferença entre a Filosofia e a Teologia. Tratou isoladamente de cada questão, mas deu a todas elas um corpo único, realizando uma síntese perfeita. Sua escola é a do realismo metafísico.

Aquino, a quem o catolicismo romano deu o título de Doutor Angélico, tem sido considerado, ainda hoje, o mestre incontestável dos católicos. Sua influência faz-se notar mesmo fora dos domínios da igreja romana. Os que o seguem, denominam-se tomistas. Deixou, entre outras, as obras *Suma Teológica* e *Suma contra os Gentios*.

O sistema filosófico e teológico do Doutor Angélico exerce ainda hoje muita influência nos adeptos do neotomismo. Também denominado filosofia cristã e filosofia perene, o tomismo foi várias vezes proclamado como doutrina quase oficial da Igreja Católica. Distingue-se da escolástica, termo genérico que abrange as diversas escolas medievais, e traduz mais um método do que uma doutrina.

O tema fundamental das meditações de Santo Tomás é o esclarecimento das relações entre a revelação e a filosofia, isto é, entre a fé e a razão. Segundo o filósofo, tais conceitos não se chocam nem se absorvem, mas permanecem íntegros em suas respectivas esferas, possibilitando assim a coexistência da filosofia e da teologia.

O conflito entre essas duas esferas só ocorre, de acordo com o teólogo, quando a razão é usada incorretamente, ou seja, quando tenta, sem o auxílio da fé, compreender o mistério-dogma religioso, inacessível em essência a

quaisquer interpretações racionalistas, pois a razão deve ser apenas serva da fé.

Assim, Tomás de Aquino consegue estabelecer o equilíbrio entre a tradicional tendência mística e as novas diretrizes racionalistas.

Seguindo os passos de Aristóteles, Aquino afirma que o fim do homem é o aperfeiçoamento da própria natureza, o que, porém, só se cumpre em Deus, o que torna a última etapa do ser transcendente a ele. Para que a vontade seja boa, deve conformar-se com a lei moral, cujo fundamento metafísico é Deus.

Sendo Deus incognoscível, o homem não pode conhecer a lei eterna, bastando para regular sua conduta o conhecimento da lei natural, ou seja, a norma da consciência humana.

Na teoria do conhecimento de Aquino, o filósofo se identifica com o ponto de vista do realismo, como aquele que aceita a existência de uma realidade independente do sujeito cognoscitivo. Ele define a verdade como uma adequação da coisa (que se conhece) com o intelecto (que conhece).

Há hoje um movimento teológico católico que tenta reinterpretar a Idade Média, fazendo que esse período deixe de ser conhecido como uma longa “noite de mil anos”.

## O que foi o movimento renascentista?

Caro leitor, em 1453, Maomé II toma Constantinopla; os sábios gregos emigram para a Itália com manuscritos de Platão, de Protino e de Aristóteles. Este é o ponto de partida, não só do humanismo e da ressurreição da literatura antiga, mas também, do ponto de vista filosófico, de um renascimento do platonismo, cuja influência será, de agora em diante, maior que a de Aristóteles.

A Reforma Protestante vem contestar a autoridade todo-poderosa da Igreja de Roma; ela transfere essa autoridade do Papa para a consciência de cada um; da tradição católica para as Sagradas Escrituras. Os encarniçados conflitos entre as igrejas contribuíram para dar à filosofia uma nova independência.

As grandes descobertas se acumulam. E não pensamos apenas, bem entendido, no descobrimento da América, mas sobretudo nas descobertas de caráter científico. Copérnico afirma o movimento da Terra em torno do Sol. Galileu confirma essa teoria e descobre as três leis do movimento dos planetas. Vesálio descobre a anatomia, enquanto Servet é o primeiro a conceber a ideia da circulação do sangue. Tartaglia resolve as equações de terceiro grau. Viète, antes de Descartes e Fermat, entrevê o princípio da aplicação da álgebra à geometria.

Se adicionarmos a tudo isso a invenção da imprensa e a difusão da cultura que resulta daí, compreenderemos a efervescência intelectual do Renascimento. Surge um novo desejo de felicidade e de liberdade no homem europeu.

Podemos citar a doutrina panteísta de Giordano Bruno e, antes dela a filosofia de Nicolau de Cusa, que sonha com a tolerância religiosa, a cultura de fundamento matemático e a transformação do mundo mediante técnicas racionais.

Três ideias-força do pensamento moderno surgem ou se desenvolvem no decorrer desse período: A necessidade da separação entre teologia e filosofia — com a autonomia desta última. A ideia de que as matemáticas são a escola da razão rigorosa por excelência. A ideia do método experimental e do conhecimento objetivo dos fatos da natureza.

O renascimento chamado cristão, segundo a maioria dos historiadores, não foi obra dos séculos XV e XVI, mas do século que se abre com Inocêncio III e se encerra com Dante. Esse mesmo período que viu Francisco de Assis e

Antônio de Lisboa, Domingos de Gusmão e Tomás de Aquino, também viu o progresso da obra de Pedro de Bruys e Pedro Waldo, que possuíam muitos adeptos em quase todos os países da Europa.

De acordo com historiadores da igreja, na Alemanha e na Itália homens e mulheres de todas as classes tinham seguido os seus ensinamentos e doutrinas evangélicas, desde os fidalgos até os camponeses, desde o abade de mitra até o monge de capuz; enquanto que na Lombardia existiam em tal quantidade que um deles declarou que podia viajar de Colônia a Milão recebendo todas as noites hospitalidade em casa de irmãos.

Na Renascença, a unidade real e potencial que já assimilara em si mesma os bens espirituais e ideais da civilização antiga, estava agora em condições de colher os bens da nova civilização.

## Que tipo de influência marxista sofreu a teologia da libertação?

Caro leitor, pelo fato de se tratar de um movimento multiforme e ainda sujeito a variações, não é tarefa fácil analisar o caráter da teologia da libertação.

Em linhas gerais, os seus propagadores defendiam a ideologia socialista e adotaram um programa revolucionário dentro de uma perspectiva marxista. Acreditavam que podiam unir-se em aliança estratégica com revolucionários e marxistas não dogmáticos, a fim de promover a revolução social na América Latina.

A teologia da libertação não usava o termo *teologia* no seu sentido clássico, tradicional e técnico, como *o estudo ou a ciência de Deus e o seu relacionamento com as suas criaturas*. Segundo um dos pioneiros desse movimento, nele o termo *teologia* adquire conotação bem distinta, como uma reflexão crítica da práxis cristã à luz da Palavra. Essa “práxis cristã”, entretanto, não é só ação separada do pensamento ou da teoria, mas ação guiada pelo pensamento e comprometida com uma reavaliação constante de atitudes e teorias, e uma recondução de ações com base nessa reavaliação.

Os liberacionistas, portanto, entendiam que esse novo sistema teológico, como tentativa de reflexão baseada tanto no Evangelho quanto nas experiências de homens e mulheres comprometidos com o processo da libertação dos oprimidos latino-americanos, nasceu da experiência de esforços comuns para abolir a atual situação injusta e criar uma sociedade diferente, mais livre e mais humana.

O cardeal alemão Joseph Ratzinger, na qualidade de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, disse que o que mais assusta na teologia da libertação é o fato de ela não se assemelhar a uma heresia. Como fenômeno universal que aparece em diferentes partes do mundo, o liberacionismo é a prova de que um erro é tanto mais perigoso quanto maior o núcleo de verdade que ele contenha. Mas, que verdade contém esse fenômeno?

Considerando a análise marxista da história como chave para se entender a doutrina cristã, os liberacionistas revelavam uma lógica quase invencível. Ratzinger diz que, embora seja difícil aceitar a possibilidade de que a realidade global do cristianismo possa ser esgotada num esquema sócio-político de libertação, muitos teólogos liberacionistas continuam usando a mesma linguagem ascética e dogmática da Igreja Católica.

Considerada, então, como uma reflexão sobre a prática libertadora dos grupos comprometidos na América Latina, esse movimento de finalidades libertadoras se origina nos cristãos engajados e comprometidos na promoção humana e na transformação da sociedade. O padre brasileiro Leonardo Boff salientou que a teologia da libertação quer refletir as implicações das práticas históricas, sociais e transformadoras no contexto da Igreja. “Tal teologia”, afirmou Boff, “não nasceu da cabeça de teólogos nem de cátedras e de universidades, mas das práticas de cristãos engajados, vivendo a contradição fundamental da nossa sociedade, que é a presença de grandes majorias muito pobres ao lado de pequenas minorias muito ricas”.

## **Se de acordo com a Bíblia o homem não é nada, onde está então a sua força?**

Teologicamente, a força do homem é nada. “Que é o homem mortal para que te lembres dele? A duração da nossa vida... passa rapidamente e nós voamos. Toda a glória do homem é como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor. Maldito o homem que confia no homem”.

A história da humanidade é o melancólico relato de seus próprios fracassos; fracassos de líderes e liderados. Já antes de nossa era, quanto mais o mundo se aproximava do advento de Cristo, mais se acentuava entre as nações a esperança messiânica, como a única forma de arrancar os povos do atoleiro moral e espiritual em que se achavam.

Jesus veio na hora certa — na plenitude dos tempos — e o cristianismo, tal como a poderosa ação do sal na preservação dos elementos, salvou o mundo de uma generalizada putrefação social.

Mas a solução para o mundo romano, que poderia salvar o nosso presente século, está hoje cada vez mais relegada a um plano inferior, em decorrência de forças deletérias, como o comunismo ateu, o sincretismo religioso e o neopaganismo, que cegam o entendimento dos incrédulos e preparam o terreno para o advento do Anticristo.

Assim, as nações em crise clamam por alguém capaz de resolver os problemas do mundo, mas desprezam a Jesus, o Homem de Nazaré, e a solução apontada pela Bíblia: “Feliz a nação cujo Deus é o Senhor”.

“Precisamos de um homem de estatura suficiente para garantir a liderança de todas as pessoas e para arrancar-nos do atoleiro econômico em que estamos mergulhados”, é o que dizem ter exclamado Henry SpaaK, um dos pioneiros da comunidade europeia, que acrescentou: “Que enviem um homem; seja ele Deus ou demônio, nós o receberemos.”

Na mesma Bíblia onde a fraqueza humana é revelada, deparamo-nos com a afirmação positiva de que a nossa força está no Todo-Poderoso. “O Senhor é a força da minha vida”, confessa Davi, infelizmente não imitados por muitos de nossos dias. O rei-poeta de Israel conhecia as limitações humanas. E sua humildade e dependência do poder divino fizeram dele o homem segundo o coração de Deus, que levou sua pátria à paz e ao progresso tão somente em virtude de sua confiança naquEle que “resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”.

Mil anos mais tarde, Saulo de Tarso, outro ilustre israelita, descobre-se a si

mesmo a caminho de Damasco, no encontro com o Cristo Vivo, ao ver cair por terra os méritos de sua religiosidade, cultura, cidadania romana, e ascendência genealógica. “Miserável homem que sou!”, exclama ele. Mas ergue os olhos a seu Salvador e canta: “Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”; “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”.

A experiência pessoal de Davi e Paulo, bem como a de incontáveis outros heróis da fé, é válida ainda hoje para todos os homens. Os grandes benfeitores da humanidade revelaram a nós o segredo da sua vitória: a fé que possuíam no Deus que tudo pode. Armados desse extraordinário recurso, marcaram com enobrecedoras realizações sua trajetória por este mundo, legando-nos luminoso e imorredouro exemplo.

## **Que tipo de poderio bélico há hoje no mundo?**

Caro leitor, o poderio bélico atual é assombroso. Ao simples apertar de um botão, podem partir como raios mísseis intercontinentais com cargas destrutivas equivalentes a um milhão e trezentas mil bombas do tipo daquela que arrasou Hiroshima. Também são fabricadas armas “inteligentes”, que são atraídas pelo alvo. Minas que “dormem” no fundo do mar e que “despertam” com a passagem de um submarino inimigo. Há bombas voadoras teleguiadas e obuses enriquecidos com urânio. Há aviões lentos, que funcionam como um verdadeiro canhão voador, e há caças super rápidos, capazes de voar a uma velocidade mais de duas vezes a velocidade do som sem perder as características de manejo.

E que falar da bomba de nêutrons, que mata as pessoas e preserva as presas da guerra? dos satélites equipados com armas atômicas? da guerra química? da guerra radiológica, que mata por dispersão de materiais radioativos, sem explosão? da arma biológica, que causa cem vezes mais estragos do que a nuclear e custa muito pouco? ou da guerra nas estrelas, que utiliza o poderoso raio laser da morte?

Que tais armas serão usadas num novo embate mundial é fora de dúvida para quem estuda a Bíblia. O apóstolo Pedro refere-se claramente a uma conflagração nuclear de enormes proporções quando afirma que “os céus e a terra que agora existem estão sendo guardados pela mesma ordem de Deus para serem destruídos pelo fogo. Estão sendo guardados para o Dia do Julgamento e da destruição das pessoas más... Naquele Dia os céus vão desaparecer com um barulho espantoso, e tudo o que há no universo será queimado” (2 Pe 3.7,10).

Enquanto aumentam as desilusões com os efêmeros e desacreditados tratados de paz e de limitação de armas, vão as nações acelerando o cumprimento das profecias bíblicas, ao prepararem as condições necessárias aos juízos apocalípticos que ainda hão de sobrevir à terra. E como não justificar o medo e a insegurança hoje reinantes no mundo, quando parte desse vasto poderio pode cair em mãos de governos ditatoriais, belicosos e ateus, com pouca ou nenhuma consideração pela vida humana, como infelizmente a história já tantas vezes tem demonstrado?

Com a queda da cortina de ferro e do estabelecimento do caos na antiga potência comunista, desapareceram daquele país pelo menos quatro bombas atômicas, de grande poder de destruição.

Esse tipo de arma pode ser transportado em uma mala de viagem, de tamanho médio, como aliás mostrou em documentário a televisão norte-americana. Onde estariam essas armas, e em poder de quem, é o que preocupa as autoridades do mundo todo.

Bom exemplo do que pode ocorrer foi o negro 11 de setembro de 2001, quando aviões comerciais foram usados por terroristas suicidas como mísseis contra as torres gêmeas, em Nova York, de cento e dez andares cada uma, e contra o poderosíssimo Pentágono, em Washington. A Casa Branca e o avião presidencial só não foram atingidos por um gigantesco 747 por que, segundo informou a imprensa, os passageiros reagiram ao ponto de evitar tal tragédia, lançando a aeronave contra um terreno desabitado, no estado da Pensilvânia.

## **Como foi a tragédia de 11 de setembro de 2001, nos EUA?**

Caro leitor, a magnitude de tal tragédia se pode ver pelos números apavorantes: milhares de vítimas fatais, todas inocentes, exceto os criminosos sequestradores. Mais gente pereceu nesses ataques do que no naufrágio do Titanic, em 1912, e do ataque-surpresa do Japão à base naval norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941.

Em termos materiais, o prejuízo foi de centenas de bilhões de dólares. Somente as torres haviam sido construídas, nos anos setenta, a um custo de 130 bilhões de dólares! A queda das duas torres, provocada pelo intenso calor de mais de uma centena de toneladas de combustível de altíssima octanagem, provocou um abalo do solo rochoso de Manhattan equivalente ao de um terremoto de mais de sete graus na escala Richter. A tragédia danificou cerca de 200 prédios na área, e dezenas deles foram condenados à demolição.

O peso das torres caindo foi avaliado como sendo muito superior a um milhão de toneladas.

Eu assistia ao noticiário pela TV quando vi diante dos meus olhos, ao vivo, o desabar do primeiro prédio atingido, que caiu por último. A repórter ficou com a voz embargada diante da dantesca cena. É impossível saber exatamente quantas pessoas foram evaporadas pelo calor, e quantas foram moídas sob centenas de milhares de toneladas de escombros descendo das alturas!

Além dos custos diretos do desastre, os norte-americanos estão arcando com despesas vultosas numa guerra difícil, prolongada, que tem produzido outras incontáveis vítimas inocentes em várias partes do mundo.

Diante da magnitude da tragédia, muitos perguntaram: Por que Deus o permitiu? Afirma a Bíblia que “Deus age por meio de todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Riu 8.28). Imediatamente após o fatídico 11 de setembro, as forças armadas dos EUA recrutaram dezenas de milhares de reservistas e se puseram de prontidão total. Nos exércitos de Deus não foi diferente! Os cristãos verdadeiros em todo o país foram sacudidos e também se puseram em estado de alerta!

Na Nova Inglaterra — região geralmente considerada cemitério dos pastores em virtude da indiferença espiritual do povo — milhares de jovens se reuniram numa das praças de Boston e durante doze horas oraram, pediram perdão a Deus e aos seus familiares, e se comprometeram a viver

comprometidamente a vida cristã. Em uma igreja bem próxima de minha casa, cerca de duzentas pessoas se converteram no domingo seguinte à tragédia.

O ocorrido no dia 11 de setembro foi permitido por Deus para sacudir a sua igreja nos EUA e em várias partes do mundo. Ao mencionar os sinais dos tempos que precederiam a sua volta, disse Jesus: “Quando começarem a acontecer estas coisas” (Lc 21.28). Somente Cristo, por sua triunfante intervenção nos destinos do mundo, vai impedir a total autodestruição da raça humana.

Nestes conturbados dias da nossa história, Cristo continua sendo a única esperança. Nele há refúgio, há certeza, há segurança, e há verdadeira paz, “ainda que a terra seja abalada e as montanhas caiam nas profundezas do oceano” (Sl 46.2). Diz ele: “Deixo com vocês a minha paz; a minha paz lhes dou, não como o mundo costuma dar (Jo 14.27).

## **Que relação existe entre as cidades de Babilônia, Pérgamo e Roma?**

Caro leitor, acerca da Babilônia lemos no último livro da Bíblia que todas as nações beberam do vinho da fúria da sua prostituição, e acerca de Pérgamo lemos também no mesmo livro que é onde está o trono de Satanás, e não a Babilônia (18.2; 2.12,13). Por quê? Temos de buscar as respostas nos rastros dessas duas famosas cidades.

Considerada a mais famosa cidade da Mísia, Pérgamo situava-se no vale do rio Caíco, a 25 quilômetros do mar Egeu, o que lhe conferia grande importância comercial e espiritual, e a 80 quilômetros ao norte de Esmirna. Era a capital oficial da província romana da Ásia, embora Éfeso e Esmirna fossem mais importantes do ponto de vista comercial. Hoje, a pequena cidade turca de Bergama, de 25 mil habitantes, ocupa o lugar da famosa cidade.

Pérgamo, também conhecida como Pérgamum, havia sido uma cidade-estado grega, doada ao império romano em 133 a.C. por Atallus III. Esta célebre cidade possuía a segunda mais importante biblioteca do mundo, com 200 mil volumes, que depois foram levados para Alexandria.

Quanto ao aspecto religioso, Pérgamo era considerada a cidade natal do deus Júpiter. Sob o domínio dos reis atálacos, a cidade encheu-se de templos, colégios e palácios reais. Um dos seus principais monumentos era um templo dedicado ao deus Esculápio, representado por uma serpente.

Pérgamo sediava ainda quatro dos maiores cultos aos deuses gregos: Zeus, Atena, Dionísio e Asclépio, e possuía também uma antiga forma de adoração ao diabo, e um antigo culto babilônico, além de ser um centro de propagação do culto ao imperador.

A influência de Babilônia na transformação de Pérgamo em “trono de Satanás”, e mais tarde na transformação de Roma em assento da “grande prostituta”, remonta ao ano 487 a.C.. Nesse ano, pelo fato de Xerxes haver tomado Babilônia, a hierarquia religiosa dessa cidade fugiu para Pérgamo.

De Pérgamo, o supremo pontífice da Ordem Babilônica legou como herança, por lei, toda a sua autoridade e domínio à hierarquia babilônica de Roma, e assim os Césares tornaram-se os soberanos pontífices dessa organização idólatra. Esses imperadores ostentaram tais títulos, com todas as suas cerimônias, ritos e dignidades, mesmo depois de nominalmente convertidos ao cristianismo.

O primeiro imperador romano a receber tal autoridade foi Júlio César. Ele

foi eleito pontífice em 74 a.C., e promovido a supremo pontífice em 63 a.C.. De Júlio César a Graciano todos os imperadores exerceram a autoridade babilônica, porém este último, em 376 d.C., achou que não convinha a um cristão ser pontífice da ímpia e idólatra Babilônia, e por isso renunciou ao título.

‘Não havia, naquela época, nenhum tribunal onde os pagãos pudessem ser julgados, e seguiu-se a confusão. Então a autoridade de Babilônia foi outorgada ao bispo de Roma, Dâmaso, no ano 378 d.C., e colocada sobre ele, que se tornou o supremo pontífice ou pontífice máximo. Assim, o poder papal realmente vem da Babilônia — do diabo”. (John Robert Stevens, *Princípios Elementares de Doutrina*, Sepulveda, Califórnia, 1959, p. 46.)

## Quem são os cristãos reformados?

Caro leitor, os reformados são os protestantes europeus que sofreram uma maior influência de Calvino, Farel e Knox. Na Grã-Bretanha e em outros países são eles denominados de “presbiterianos” pelo fato de seu governo ser exercido por “presbíteros”.

Esses mesmos reformados formam, na Itália, a tradicional igreja waldense. De um modo geral, eles rejeitam tudo o que lhes parece contrário às Escrituras, e só aceitam o que possua apoio bíblico. São simples em seu culto e em geral rigorosos em sua ética.

Podemos melhor apreender o conteúdo da doutrina básica de Calvino através das palavras cheias de autoridade da Confissão de Westminster, de 1647:

“Capítulo IX (da livre vontade), nº 3. O homem, pela sua queda em um estado de pecado, perdeu completamente toda capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação. Por causa disto, o homem natural, sendo adverso a esse Bem e, ao mesmo tempo, estando morto no pecado, não é capaz, por suas próprias forças, de converter-se ou de se preparar para isto.

“Capítulo III (da Eterna Finalidade de Deus), nº 3. Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros são predestinados à morte eterna.

“Nº 5 — Aqueles do gênero humano que estão predestinados à vida foram escolhidos para a glória com Cristo por Deus, antes de efetuada a criação do mundo, segundo sua finalidade eterna e imutável, e secreta deliberação e arbítrio de sua vontade, por manifestação de sua livre graça e amor, sem qualquer previsão de fé ou boas obras, ou de perseverança em ambas, ou qualquer outra coisa na criatura como condições ou causas que o levassem a isso, e tudo para louvor de sua gloriosa graça.

“Nº 7 — Foi do agrado de Deus que, de acordo com o insondável desígnio de sua própria vontade, pela qual ele distribui ou nega mercês, como lhe apraz, para a glória de seu soberano poder sobre as suas criaturas, dispensar o resto da humanidade, condená-la à desonra e à ira... para louvor de sua gloriosa justiça.

“Capítulo X (da vocação eficaz) Nº 1 — É do agrado de Deus efetivamente chamar para fora daquele estado de pecado e de morte no qual estão por natureza, na época por ele apontada e desejada, todos aqueles, e somente aqueles, que predestinou à vida, por sua palavra e espírito... tomando-lhes seu

coração de pedra e dando-lhes um coração de carne....

“Capítulo V — (da Providência) N° 6 — Para aqueles homens maus e sem Deus, a quem ele, como juiz imparcial, cegou e endureceu por antigos pecados, Deus não só negou sua graça... como também às vezes retirou os dons que tinham e... abandonou-os à própria luxúria...”.

Esta doutrina, que tem produzido não pequena controvérsia no seio evangélico, suscitou violenta repulsa do famoso poeta inglês, Milton, que disse: “Mesmo que possa ser mandado para o inferno por isto, tal vontade divina nunca receberá meu respeito”.

Conforme Mateus 19.17-19, onde Jesus manda guardar os mandamentos e cita o decálogo, que foi colocado dentro da arca, devemos nós, hoje, também guardar o decálogo? Há ainda Eclesiastes 12.13...

É interessante observar, meu caro leitor, que em Mateus 19.19, depois de citar alguns mandamentos contidos no decálogo, Jesus menciona um mandamento de Levítico 19.18, contido na parte da Lei colocada fora da arca. Se o decálogo deve ser guardado porque Jesus citou mandamentos dele, também o restante da Lei deve ser guardado, pois Jesus citou mandamentos que fazem parte dele.

Quanto aos mandamentos de Deus, que é dever de todo o homem guardar, conforme Eclesiastes 12.13, tais mandamentos não são o decálogo, mas sim a lei espiritual e perfeita, que se estende a todas as ações internas e às ações externas dos homens, e nunca poderá ser mudada nem aniquilada.

Esta Lei moral é aquela que revela a vontade de Deus no que diz respeito aos deveres dos homens para com o seu Criador e para com o seu semelhante, seu próximo, melhor do que o fazem os dez mandamentos. Ela está exemplificada em Lucas 10.33-37, e foi escrita inicialmente nos corações e nas consciências dos homens para que estes, pelo uso próprio das suas faculdades racionais e morais, pudessem chegar ao conhecimento de todo o seu dever.

Convém salientar, ainda, que antes da Lei já havia o pecado, e que o pecado existe onde a lei não é conhecida. Mas o conhecimento da lei torna o pecado especialmente virulento, apenas para condenar ainda mais o pecador. Diz o apóstolo: “Se, pois, faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa”.

Na maravilhosa dispensação da graça, Deus encerrou todo ser humano debaixo do pecado, para com todos usar de misericórdia. Agora, já não é mais a Lei que mostra a virulência do pecado, mas o Espírito Santo, que convence o mundo do pecado, e nos guia a toda a verdade”.

Concluimos esta resposta com as palavras de Scofield acerca da doutrina cristã da Lei. Por motivo de espaço, omitiremos dessa citação as muitas referências bíblicas:

A Lei está em contraste com a graça. Sob a graça, Deus confere a justiça que sob a Lei ele exigia. A Lei é em si mesma santa, justa, boa e espiritual. Perante a Lei, todo o mundo é culpável, e, portanto, a Lei é, necessariamente, um ministério de condenação, de morte, e de maldição divina.

Cristo levou a maldição da Lei, e redimiu o crente tanto da maldição como do domínio dela. A Lei não justifica o pecador, nem tampouco santifica o crente. O crente se encontra por sua vez morto para a lei e redimido dela; de maneira que não está “debaixo da lei, mas debaixo da graça”.

Sob a nova aliança da graça o princípio de obediência à vontade de Deus se opera no interior do crente. Longe de achar-se na anarquia da vontade própria, o crente está “na Lei de Cristo”, e a nova “Lei de Cristo” é seu deleite. Portanto, a justiça da Lei se cumpre em sua vida por meio do Espírito que habita dentro dele. Nas Escrituras distintamente cristãs, os mandamentos se usam para instrução em justiça.

## **É verdade que nós temos uma lei cerimonial que foi cumprida e outra lei, a divina, que deve ser estabelecida, conforme Efésios 2.15 e Romanos 3.31?**

Vejam estas passagens: “Anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz”. “Anulamos então a Lei pela fé? De maneira nenhuma! Ao contrário, confirmamos a Lei”.

Nestas passagens, caro leitor, o apóstolo Paulo argumenta que ninguém jamais tem guardado a Lei, nem os judeus, e que ninguém pode ser justificado pela “lei das obras”, mas pela “lei da fé”, Romanos 3.27. Paulo não afirma que estava sem lei pelo fato de a lei mosaica haver sido abolida por Cristo, pois encontrava-se debaixo de outra lei, a “lei de Cristo” (1 Coríntios 9.21).

Romanos 3:31 fala de uma Lei num sentido mais lato, ou seja, a grande Lei moral de Deus, que abrange muito mais que os princípios morais de toda a Lei de Moisés. Essa é a Lei estabelecida pela fé, porque uma fé sem Lei alguma é anarquismo. Mais adiante, referindo-se à Lei mosaica, Paulo diz que não estamos debaixo da Lei, mas estamos mortos para a Lei, e livres da Lei.

Em nenhum lugar da Bíblia se afirma a existência de duas leis: uma moral e outra cerimonial; uma abolida e outra não; uma cumprida por Cristo e outra a ser cumprida por nós *etc.* A confusão decorre da má interpretação do texto sagrado, interpretação que exalta uma parte da Lei em detrimento da outra, jogando perigosamente com palavras-chave como “moral” e “cerimonial”.

O cristão não está obrigado a guardar a Lei das duas tábuas de pedra, porque a sua Lei é Cristo, que cumpriu todas as exigências da Lei de Deus. Ao ser cravado na cruz, Jesus encravou ali também a lei, toda ela, dando-lhe plena e final satisfação, conforme suas próprias palavras de que nem um só jota nem um só til passariam da Lei sem que tudo fosse cumprido.

O professor Mesquita comenta: “É fútil pensar que Deus, sabendo que ninguém jamais tinha cumprido a Lei, e que nem mesmo a nação a quem ela foi dada a poderia cumprir, levasse o seu Filho a morrer no Calvário para satisfazer essa lei, que era a síntese de sua santidade, e depois de toda aquela tragédia do Calvário, a mais terrível de toda a história, ainda deixasse um pedaço para nós, miseráveis e incapazes pecadores, cumprirmos.

“Não. Isto não é razoável nem possível. Aberra de todo o bom senso, e

mistura o legalismo com a graça, deixando Deus responsável pela continuação de um estado de coisas que determinou a morte de Jesus mesmo. Não, mil vezes não. A lei moral, cerimonial e civil, não são três leis, mas uma só Lei, que foi encravada na cruz e lá morreu para toda a história da humanidade. O que sempre esteve e continua a estar de pé é o Concerto da Fé feito entre Deus e Abraão, mediante o qual aquele antigo varão foi feito amigo de Deus, e nós o seremos também crendo como ele creu.

“Qual será a coisa mais agradável a Deus? Olharmos para os dez mandamentos, procurando obedecer-lhes, ou olhar para Cristo e amá-lo e segui-lo? Qual terá mais valor para Deus e para nós: a Lei fria e inflexível, ou Cristo, todo amor e misericórdia?”

## **Se Cristo engrandeceu a Lei divina, conforme Isaías 42.21, e também mencionou que essa Lei seria cumprida até que o céu e a terra passem, conforme Mateus 5.18 e Lucas 16.17, não é nosso dever guardar a Lei?**

Afirma o texto bíblico de Isaías: “Foi do agrado do Senhor, por amor de sua retidão, tomar grande e gloriosa a sua lei”. A palavra “lei” aqui (*torá* no hebraico), não pode ser aplicada somente ao decálogo.

A palavra “lei”, nesse versículo, talvez signifique ensinamentos, incluindo também a palavra profética. Nenhuma referência se faz aqui exclusivamente ao decálogo. Portanto, a lei que Jesus engrandeceu mediante a sua própria justiça, ou seja, em outras palavras, pelo seu cumprimento, não pode ser restringida ao decálogo. E mais: Jesus tornou gloriosa essa Lei ao fazer-se maldição por nós a fim de resgatar-nos da maldição da Lei.

A pena de morte em Israel era sempre executada através do apedrejamento, como pouco tempo depois da morte de Jesus ocorreu com Estêvão. Como, porém, segundo a Lei dos judeus, a pessoa que fosse pendurada num madeiro — ou mediante a crucificação ou mediante o enforcamento — morria sob maldição divina (Gl 3.13, citando Dt 21.23), os líderes religiosos tudo fizeram para que Jesus sofresse o tipo de morte que o caracterizasse como maldito.

Os historiadores afirmam que na educada sociedade romana a palavra “cruz” era tão pejorativa e obscena que nunca era mencionada numa conversa. Até mesmo quando uma pessoa era condenada à morte por meio de tal suplício, usava-se uma fórmula antiga a fim de não pronunciar *crux* em latim.

Foi essa terrível forma de castigo que Jesus voluntariamente suportou por nós, transformando aquele vergonhoso instrumento de suplício e morte em algo digno do regozijo do apóstolo Paulo e de todo verdadeiro cristão. “Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

Tanto em Mateus como em Lucas a Bíblia afirma que a lei passaria logo que fosse cumprida. O que Jesus afirmou foi a certeza do cumprimento da Lei, e não o tempo que ela duraria. “A Lei e os profetas duraram até João”.

Ademais, se Mateus 5.17, 19 deve ser cumprido hoje, também o devem

todos os demais preceitos, porque aqui, como em todos os lugares, Lei significa todo o Pentateuco, uma vez que nessa mesma base de discussão Jesus fala de mandamentos considerados pelos legalistas como “cerimoniais”.

Jesus já cumpriu toda a Lei, inclusive o decálogo, que é parte da Lei, razão pela qual a obrigatoriedade da sua obediência já passou. “Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor” (Gl 3.25).

É incrível o modo como os legalistas torcem tão violentamente o sentido claro da Palavra de Deus. Infelizmente, tanto neles como em todos os judeus se cumpre esta passagem: “De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. Mas quando alguém se converte ao Senhor, o véu é retirado” (2 Co 3.15,16).

## **De acordo com Salmos 111.7,8 e Romanos 7.12, não é dever nosso guardar os Dez Mandamentos?**

Caro leitor, o texto do Salmo 111 não faz referência alguma do decálogo, mas a “todos os seus mandamentos”, isto é, a todos os mandamentos de Deus, o que inclui também os demais mandamentos de todo o Pentateuco, ou seja: de Gênesis a Deuteronômio.

Segundo o método correto de interpretação da Bíblia, como aliás preceitua a boa hermenêutica, o texto em apreço não pode ser aplicado ao decálogo exclusivamente. Por outro lado, em nenhum lugar as Escrituras afirmam que Deus revoga os seus mandamentos, pois a vontade de Deus é eternamente imutável: é para sempre.

Os israelitas, porém, aos quais a Lei foi dada, foram incapazes de cumpri-la, conforme Romanos 8.3, razão pela qual Cristo a cumpriu por eles”. Pelo fato de ninguém poder cumprir a Lei, por ela ninguém é justificado diante de Deus, e todos quantos são das obras da Lei, estão debaixo da maldição.

Os eternos preceitos de Deus, não somente os dez mandamentos, que nenhum homem jamais conseguiu até hoje guardar, foram cumpridos plenamente por Cristo e, então, postos de lado, para que a justiça que havia nesses preceitos se cumprisse em nós.

Quanto a Romanos 7.12, o apóstolo Paulo havia dito que não estava debaixo da Lei (Romanos 6.14), e ilustra este fato dizendo que a mulher está ligada ao marido pela Lei, mas morto este, ela “está livre da Lei do marido”.

É claro que Paulo fala aqui como judeu que era, uma vez que os não judeus jamais estiveram debaixo da Lei mediante a força de uma aliança, embora tivessem os princípios dessa Lei gravados em sua consciência. A lei do marido não deixa de ser boa depois que ele morre, mas a mulher já não está mais sujeita a ela. A Lei mosaica continua boa, santa e justa, só que não estamos mais sujeitos a ela em virtude de Jesus tê-la cumprido integralmente.

Em seu comentário do capítulo 3 de Gálatas, S. E. McNair cita Scroggie: “O argumento aqui é complexo e profundo. Todos os justificados o são pela fé (6—9). Por isso, ninguém pode ser justificado pela lei (10—12), mas a lei tem de ser satisfeita para que alguém possa ser justificado (13—14).

“A revelação da lei não pode de maneira nenhuma desfazer a promessa (15—18). Entre a promessa dada a Abraão e a lei dada a Moisés houve um período de 430 anos, de maneira que Abraão não poderia ter sido justificado pela lei, mas somente pela fé. Somos justificados somente por aquilo que

Cristo fez”.

O mesmo comentador cita ainda o que F. W. Grant afirmou acerca da lei:

“Como sistema de governo mundano — o governo de um povo terrestre — a lei, nas suas recompensas e apenas nelas, não ia além da terra. Ela nunca disse ao cumpridor dos mandamentos: “Irás para o céu”, nem ao transgressor convicto: “Irás para o inferno”. “A alma que pecar, essa morrerá”, e “o homem que as fizer viverá por elas”, era linguagem comum e compreensível aos homens, e assim o sentido da Lei é tão claro e inteligível como inegável o seu poder de condenar.”

## **Como explicar as palavras duras de Jesus dirigidas aos religiosos de seu tempo, enquanto era amigo de pecadores?**

Meu caro leitor, a Bíblia Sagrada ensina com muita clareza que a completa obra de Cristo — sua encarnação, seus ensinamentos, seus milagres, sua morte, sua ressurreição e sua ascensão ao céu — quebraram todos os grilhões que mantinham a raça humana em cativeiro, especialmente do cativeiro religioso. É precisamente neste aspecto que é impossível deixar de perceber que o empenho maior do Senhor Jesus foi o de livrar o povo do legalismo dos fariseus e de outros religiosos, não apenas de seu tempo, mas para todo o porvir.

É interessante ressaltar que Jesus, nos Evangelhos, nunca investiu contra as prostitutas, contra os ladrões, os bêbados e os odiados cobradores de impostos que constituíam — estes últimos — numa espécie de crime organizado em Israel. Na verdade, o que Jesus fez foi amar essas pessoas desprezadas, libertá-las, transformá-las, e fazer-se amigo delas. Essa identificação de Jesus com os pecadores, a quem ele veio buscar e salvar, se expressa no fato de ele não ter sido crucificado no templo, ou numa catedral, entre dois candelabros; mas numa cruz, entre dois criminosos.

É claro que Jesus amou os fariseus, os saduceus e outros religiosos, ao ponto de ter alguns destes entre os seus discípulos, mas percebe-se que o ministério integral do Filho de Deus foi praticamente uma cruzada inflexível contra os ensinamentos dos religiosos fariseus, ensinamentos que ele chamou de fermento.

Que tipo de sistema doutrinário era esse dos fariseus que atraía sobre si as palavras mais fortes e severas de Jesus?

O fato é que os fariseus orientavam as pessoas a buscar a aceitação da parte de Deus através de seus méritos pessoais, mencionando diante dele as boas obras que cada um tivesse praticado; era a mensagem da busca da benevolência divina mediante o desempenho pessoal.

Ora, coincidentemente, esta é a mensagem que se encontra no cume de todas as religiões, e é também o que deixa as pessoas exaustas em seus esforços no sentido de desempenhar seu papel de modo aceitável perante Deus.

Nos dias do apóstolo Paulo, os judaizantes que tentaram impor a lei judaica sobre os convertidos gentios de Paulo, nas igrejas da Galácia, davam a entender em seus ensinamentos que a morte de Cristo era praticamente ineficaz

(G12.21). Por isso o apóstolo os chama de inimigos da cruz, embora Paulo nada diga contra seus padrões morais.

De modo idêntico, ainda hoje a graça de Deus se torna vã para aqueles que continuam a viver sob a Lei ou sob parte da Lei, como os dez mandamentos, assim como também se torna vã para aqueles que pensam que devem permanecer “no pecado, para que a graça aumente” (Romanos 6:1).

Enquanto nos dias de Paulo a insistência maior dos judaizantes era quanto à prática da circuncisão, nos nossos dias os judaizantes modernos se ocupam muito mais com a guarda do sábado, que chega praticamente a ser a base da sua mensagem.

## **Por que a circuncisão ou a guarda do sábado vão de encontro à justificação pela graça de Deus?**

Meu caro leitor, a mensagem central do evangelho é que a graça de Deus é que justifica tanto judeus como gentios, de modo igual, mediante a fé em Cristo, sem necessidade alguma de qualquer exigência legal. Assim sendo, tanto a antiga insistência dos judaizantes na circuncisão como a moderna insistência dos legalistas na guarda do sábado representam um afastamento da graça.

A uma menina refugiada da Inglaterra bombardeada, durante a Segunda Guerra Mundial, os seus hospedeiros norte-americanos deram um copo cheio de leite, e ela perguntou emocionada: “Até quanto posso beber?” No cristianismo podemos beber o quanto quisermos da abundante graça divina. É tudo sem limites. Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10.10).

Agora, se a pessoa vive debaixo da Lei, ela se submete aos princípios da Lei, e um deles é: “olho por olho e dente por dente”. Dentro de qualquer espécie de legalismo — seja ele mosaico ou não — a pessoa só recebe da vida aquilo que dá à vida. Assim, a vida não passará de um dar e receber, uma barganha bem estrita.

Nesse insípido estilo de vida não há surpresas, não há progresso, e nenhuma saída para as margens do rio da vida espiritual, pois a graça não opera sob o legalismo. Tudo será assaz justo; tudo será essencialmente dependente, e tudo será muito mais do que frio e morto.

Nesse tipo de religião-de-mercado, a pessoa negocia com a vida, e a vida negocia com a pessoa. Nessas condições, o cristão — se é que podemos chamar a tal pessoa de cristã — fica presa. A mensagem que prega, ou em que se diz crer, não é mensagem de boas novas, porque não produz espontaneidade, nem alegria contagiante, nem liberdade, nem vida.

Um menino que visitava em companhia de seus pais as famosas cataratas de Niágara, encheu uma garrafa com aquela impetuosa e espumante água. Dias mais tarde, em casa, ao abrir a garrafa e despejar o seu líquido, exclamou: “Esta água morreu!”

O mesmo ocorre quando uma pessoa se submete ao legalismo. A água viva do evangelho morre.

Alguém definiu a fé legalista como um sistema que se cansa logo e nunca pode levantar vôo. O cristão aferrado ao legalismo suspira por algo mais

significativo, por assentar-se nos lugares celestiais em Cristo Jesus, e lamenta-se por não poder cantar o cântico da liberdade.

Esse tipo de religião se parece muito com a religião do irmão mais velho: “Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos” (Lc 15.29). “E como lhe teria sido isso possível, se ele estava vivendo na base do legalismo? Assim, quando desceram as cortinas, o irmão mais velho ficou de fora, vivendo na Lei, ao passo que o mais moço estava lá dentro, vivendo pelo Amor”. (E. Stanley Jones, *Conversão*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1984, p. 209.)

Caro leitor, a experiência religiosa de muitos cristãos não saiu ainda do terreno rançoso do legalismo, por isso a vida deles é seca e vazia. Falta a alegria que só a graça de Deus pode dar.

## O que significa a expressão “obediência da fé”?

Caro leitor, inconformados com os claros ensinamentos das Escrituras sobre a justificação mediante a fé, há os que torcem textos sagrados em defesa da obediência e das obras. “A fé sem obras é morta”, é versículo preferido de uns; “obedecer é melhor que sacrificar”, é passagem predileta de outros.

Com tais citações, pseudocristãos destes últimos tempos procuram induzir os crentes a guardar o decálogo da lei, particularmente o sábado, ou a encarar as obras humanas como possuidoras de algum mérito aos olhos de Deus.

Todavia, a Bíblia diz que estão separados de Cristo e caídos da graça os que se justificam pela Lei (Gl 5.4,7), e em Romanos 1.5 e 16.26, o mesmo apóstolo aos gentios fala da “obediência da fé”.

A expressão “obediência da fé”, como tem sido traduzida em português, implica a necessidade da fé antes da obediência. É a fé em Cristo que produz a obediência à verdade que esteve oculta no passado por muitos séculos, mas que agora, por ordem do Deus eterno, ela “se tomou conhecida em todas as nações, para que todos creiam e obedeçam” (Linguagem de Hoje).

A Bíblia Viva traz: “Agora, porém, tal como os profetas predisseram e conforme Deus ordena, esta mensagem está sendo pregada em toda a parte, para que todo o povo ao redor do mundo tenha fé em Cristo e lhe obedeça”.

A conclusão que Henriqueta C. Mears tira desse texto de Paulo não me convenceu. Escreveu ela: “Pouco podemos fazer para Deus antes de sermos salvos pela sua graça e transformados pelo seu amor”. Substituindo a palavra “pouco” por “nada”, a sentença fica correta: “Nada podemos fazer para Deus antes de sermos salvos pela sua graça e transformados pelo seu amor”, o que é exatamente o que Jesus ensinou no texto já referido de João 15.5.

É somente quando nos entregamos a Jesus Cristo e nos enchemos de seu amor que nos dispomos a obedecer aos mandamentos dele. Jesus deseja de cada um de seus discípulos um “sacrifício vivo”, e não um “sacrifício morto”.

Portanto, obediência, aqui, não é à letra que mata, ou a mandamentos legalistas já abolidos na cruz. mas à fé salvadora. O homem nascido de novo não mais procura estabelecer uma obediência pessoal fundada sobre as obras, mesmo que esteja em tudo imitando a pessoa perfeita de Jesus Cristo.

A obediência da fé é muito mais do que isso, pois significa que quem obedece está revestido da obediência do próprio Jesus Cristo. O apóstolo Paulo explica, em Romanos 6, de que maneira as pessoas desobedientes se tornam obedientes em Cristo. Ao ser mergulhado na morte de Jesus Cristo pelo

batismo, o velho homem desobediente morre, e a nova vida que então recebe é a vida obediente de Cristo, a qual lhe é outorgada gratuitamente.

Assim, é impossível a uma pessoa não regenerada obedecer a Deus, por mais que se esforce. Necessitamos, pois, em nós, da vida obediente de Jesus, e esta só podemos receber pela fé. É mediante a fé que recebemos o Espírito Santo, que nos guia em toda a verdade, produzindo em nós o seu fruto, prova final de que somos filhos amados de Deus, pois é este mesmo Espírito que testifica com o nosso espírito acerca dessa nossa condição privilegiada (Rm 8.16).

## O que ensina a Bíblia acerca de ressurreição e reencarnação?

Meu caro leitor, Jesus não deixa a menor dúvida sobre a falsidade da reencarnação e sobre a veracidade da ressurreição, quando diz:

“Os filhos desta era casam-se e são dados em casamento, mas os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos não se casarão nem serão dados em casamento [logo, ressurreição não pode ser reencarnação], e não podem mais morrer [o que não acontece na pretendida reencarnação], pois são como os anjos. São filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição” (Lc 20.34-36).

Com relação à Bíblia, usam os espíritas de dois pesos e duas medidas. Quando querem que suas conjeturas sejam confirmadas pela Bíblia, citam algum versículo isolado e dizem: “Está escrito”. Quando tomam alguma posição certos de que não podem basear-se na Bíblia, desprezam-na totalmente e apoiam-se na opinião do espírito de um suposto ilustre falecido.

Uma das escrituras mais conhecidas e citadas, e também mais torcidas pelos espíritas, é o diálogo entre Nicodemos e Cristo, acerca do novo nascimento. Jesus não trata ali do nascimento natural, mas do espiritual. Outra passagem igualmente torcida é a que afirma que João Batista foi a reencarnação de Elias, o que é absurdo. Como Elias poderia reencarnar-se se ele nunca se desencarnou?

Carlos Imbassahy definiu bem a posição do espiritismo em relação à Bíblia: “Gostamos pouco de discutir baseados na Bíblia, por que além de a conhecermos mal, encontramos nela, misturados com os mais santos e sábios ensinamentos, os mais descabidos e inaceitáveis absurdos” (O Espiritismo Analisado, citado em Heresiologia, EETAD, Campinas, São Paulo.)

Kardec diz que Jesus “veio completar as profecias que lhe anunciavam a vinda. A autoridade provinha-lhe da natureza excepcional do seu espírito e da sua divina missão; veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não existe na terra, mas no reino dos céus: veio mostrar-lhes o caminho que a eles conduz os meios de se reconciliarem com Deus e fazê-los pressentir a marcha das coisas futuras para cumprimento dos destinos humanos”. (Alan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.)

Analisemos as palavras de Kardec. O espírito de Cristo é de uma “natureza excepcional”. E por que não natureza divina? A autoridade provinha-lhe... da sua “divina missão”. A divina missão de Jesus foi salvar os pecadores e

morrer por eles. Veio ensinar aos homens que “a verdadeira vida não existe na terra mas no reino dos céus”.

Por que, então, os espíritas não crêem nos céus, esse reino feliz e glorioso onde todos os salvos vivem a verdadeira vida? Veio “mostrar-lhes o caminho que a eles conduz”. Por que, então, o espiritismo não aceita esse caminho que é, sem dúvida, o caminho que conduz ao céu, ao reino dos céus?

A Bíblia diz que Jesus é o Salvador, o médico divino, que veio buscar e salvar o perdido. O espiritismo esforça-se por ignorar completamente a obra redentora de Cristo, apresentando-o ao mundo como um grande filósofo, um grande sábio, um grande mártir. Sempre o chamam de Mestre e nunca de Senhor, porque nunca reconhecem o senhorio do Salvador.

## O que a Bíblia diz acerca da famosa cidade de Tiro?

Meu caro leitor, vamos examinar uma clara profecia acerca de Tiro no profeta Ezequiel: “Por essa razão assim diz o Soberano, o SENHOR: Estou contra você, ó Tiro, e trarei muitas nações contra você; virão como o mar quando eleva as suas ondas. Elas destruirão os muros de Tiro e derrubarão suas torres; eu espalharei o seu entulho e farei dela uma rocha nua. Fora, no mar, ela se tornará um local propício para estender redes de pesca, pois eu falei. Palavra do Soberano, o SENHOR. Ela se tornará despojo para as nações...

“Despojarão sua riqueza e saquearão seus suprimentos; derrubarão seus muros, demolirão suas lindas casas e lançarão ao mar as suas pedras, o seu madeiramento e todo o entulho... Farei de você uma rocha nua, e você se tornará um local propício para estender redes de pesca. Você jamais será reconstruída, pois eu, o SENHOR, falei. Palavra do Soberano, o SENHOR” (26.3-5,12,14).

Esta mensagem profética, dada cerca de 590 anos antes de Cristo, por sua clareza, eloquência e fiel cumprimento tem-se constituído num veemente desafio a todos os cétricos durante mais de 23 séculos. Tiro, a senhora dos mares, a rica, a bela, a culta, para onde afluía as riquezas de todo o mundo antigo, estava condenada ao completo desaparecimento.

A primeira parte da profecia começou a cumprir-se logo depois de Ezequiel a haver registrado. Nabucodonosor, o poderoso monarca de Babilônia, sitiou a cidade durante 13 anos, e, com grande esforço, tomou-a e destruiu-a completamente, vingando-se com dureza dos seus habitantes e dos próprios edificios. Contudo, além das ruínas permanecerem nos locais das suas respectivas edificações, uma nova cidade, com o mesmo nome, começou a nascer a meio quilômetro da praia, numa ilha.

Dois séculos e meio mais tarde, a fama de Alexandre espalhava-se por todo o Oriente, estremecendo a todos de terror. O conquistador macedônio caminhou veloz para a nova Tiro em 332, e seu plano de ataque foi elaborado cuidadosamente e executado com todo o vigor. Tomou todas as ruínas da antiga Tiro (muros, madeiras, pedras, torres) e com elas construiu um sólido dique para a nova Tiro, que foi arrasada. Até o próprio pó da antiga cidade foi raspado e lançado ao mar, tão grande era a necessidade de materiais.

A profecia dizia que seriam lançadas ao mar “as suas pedras, o seu

madeiramento e todo o entulho”.

Tiro ainda sobreviveu como uma importante cidade até 1291 d.C., quando foi definitivamente destruída pelos maometanos comandados pelo Sultão do Egito. Nas suas proximidades está hoje Es-Sur, uma pobre povoação. A antiga e poderosa Tiro nunca mais foi reconstruída, apesar de sua privilegiada localização junto a campos férteis e a milhões de litros de água potável que jorram de suas muitas fontes.

Hoje, ao visitarem o local onde outrora erguera-se imponente a poderosa Tiro, os viajantes não vêem lá uma só casa, mas apenas os pescadores enxugando nas praias suas redes, exatamente como anunciou o profeta!

## **Teria o domingo se tornado o “sábado cristão”?**

Caro leitor, as comunidades cristãs dos primeiros séculos do cristianismo tinham suas reuniões no domingo, embora não tivessem recebido nenhuma ordenança nesse sentido. Do mesmo modo como os hebreus e seus patriarcas começaram a seguir o exemplo de Deus, descansando no sétimo dia, assim fizeram os cristãos em relação ao primeiro dia da semana em virtude de nesse dia ter sido consumada a obra de redenção mediante a ressurreição de Cristo.

Entretanto, a observância do domingo como dia de descanso nunca foi imposta aos crentes como um mandamento de Cristo ou de seus apóstolos.

Nossos irmãos que viveram nos primeiros séculos entendiam que todos os dias deveriam ser dedicados ao Senhor, seguindo o ensino do apóstolo São Paulo aos Romanos (14.5,6) de que “um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz”.

Estudando atentamente o Novo Testamento, concluímos que os apóstolos frequentavam o templo e as sinagogas mais na qualidade de judeus que de cristãos. Como cristãos, reuniam-se noutros locais, e sempre no primeiro dia da semana. No templo e nas sinagogas eles se aproveitavam da própria liberdade que possuíam para dar testemunho da sua fé na pessoa do Senhor Jesus.

Lemos em Atos dos Apóstolos que Paulo e os que estavam com ele, ao chegarem em Antioquia da Pisídia, entraram “na sinagoga, num dia de sábado”, e assentaram-se. Mais adiante, os mesmos irmãos “chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga dos judeus. Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles, e por três sábados discutiu com eles sobre as Escrituras” (17.1,2).

Paulo dá uma das razões por que ele, em suas viagens missionárias, visitava as sinagogas aos sábados: “Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tomei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei” (1 Co 9.20,21).

Os que defendem a guarda do sétimo dia como essencial à salvação, alegam que os cristãos primitivos guardavam o sábado conforme o mandamento do decálogo, e que só passaram a guardar o domingo em decorrência de um

decreto imperial. Esse argumento não tem apoio nem na Bíblia nem na História.

O que a História registra é que Constantino Magno, no quarto século, promulgou um decreto favorável aos cristãos em 313 d.C. No entanto, há documentos muito anteriores àquela data que provam as afirmações do Novo Testamento de que os cristãos, sempre e em toda a parte, tinham suas reuniões no domingo, e não no sábado. Basta ler a “Didache”, cap. XIV: 1, e a Carta de Santo Inácio de Antioquia aos Magnésios”, cap. IX 19:21. São documentos bem anteriores a Constantino e à supremacia dos bispos de Roma.

Em resumo, a vida santificada pelo Espírito Santo, vivida em todos os dias da semana, é de valor incomparavelmente maior do que a guarda litúrgica de dias, meses e anos “santos”.

## Qual foi o resultado da explosão da bomba atômica em Hiroshima?

Caro leitor, são necessários bons nervos para acompanhar, no Museu Memorial da Paz, que visitei em 2004, os passos da tragédia que desabou sobre Hiroshima às 8h15 da manhã de 6 de agosto de 1945.

A bomba tinha cerca de três metros de comprimento e pesava quatro toneladas. Devido ao seu formato, foi ela apelidada de *Garotinho*. Ela explodiu a 580 metros acima do prédio da prefeitura, um imponente edifício cujas ruínas se conservam para demonstração do poder destrutivo da bomba. À explosão seguiu-se a formação de um imenso cogumelo, em parte constituído de terra e água. Cerca de meia hora mais tarde desceu do cogumelo uma chuva barrenta, escura e radioativa.

Numa área de vários quilômetros quadrados não houve sobreviventes. Um segundo após a detonação, a bola de fogo expandiu-se em um diâmetro máximo de 280 metros. A temperatura no centro excedeu a um milhão de graus celsius, equivalente ao calor da superfície do sol, e provocou violentos ciclones e rápidos incêndios, arrasando completamente uma grande área da cidade.

No momento da explosão foi criada uma pressão extremamente alta de várias centenas de milhares de atmosferas. O ar ao redor foi atirado violentamente para fora, produzindo uma explosão intensamente forte. Essa pressão, a 500 metros da hipocentro, chegou a 500 toneladas por metro quadrado, destruindo prédios e atirando pessoas ao ar.

Quilômetros distante do hipocentro, as pessoas se tornavam tochas humanas. Muitas delas atiraram-se no rio em busca de alívio, não sabendo que as águas do rio estavam quase em estado de ebulição em virtude do calor na superfície, que alcançou a temperatura de 5.000 graus centígrados. Os que morreram de imediato, mais os que vieram a falecer até o final de 1945 em decorrência da catástrofe, somaram 140 mil pessoas, somente em Hiroshima. E milhares de outras morreram nos anos seguintes, vítimas da radioatividade.

O museu mostra uma calçada de concreto em que estava uma pessoa que foi totalmente evaporada, restando dela apenas uma sombra escura.

Conhecendo *in loco* os efeitos da explosão atômica, veio-me à mente a passagem bíblica de 2 Pedro 3.10,11:

“O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o

que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor”.

Não há a menor dúvida de que o apóstolo Pedro se refere aos resultados de uma explosão nuclear.

Hiroshima tornou-se a cidade líder na luta pela paz e pelo desarmamento atômico. Para cada nação que realiza teste nuclear o prefeito de Hiroshima envia uma carta pedindo o fim dessas armas. Mas parece que tais apelos caem em ouvidos moucos, pois o poderio nuclear existente hoje em poder de várias nações é capaz de destruir toda a raça humana vinte e sete vezes!

## O que foi o Projeto Manhattan, dos EUA, na Segunda Grande Guerra?

Para construir a nova arma antes dos alemães, o governo norte-americano montou um programa altamente secreto e caríssimo, o Projeto Manhattan. Muitos dos principais físicos dos países aliados envolvidos no projeto passaram a morar e a trabalhar isolados do resto do mundo, em Los Alamos, Novo México, chefiados pelo físico norte-americano Julius Robert Oppenheimer (1904-1967).

A primeira bomba atômica é testada em 16 de julho de 1945 com uma explosão no deserto de Sonora, no estado do Novo México, EUA.

A bomba atômica baseia-se na fissão de núcleos atômicos, processo que consiste em “quebrar” núcleos de átomos pesados e instáveis, como o urânio-235, lançando contra eles partículas atômicas chamadas de nêutrons. Seu efeito destruidor é a radioatividade, propriedade de certos elementos químicos de emitir partículas ou radiação eletromagnética como resultado da instabilidade de seus núcleos.

O que torna a arma atômica especial é a enorme concentração de energia em pequenos volumes, que pode ser liberada com efeitos devastadores. Para medir a capacidade de uma arma nuclear são usados os termos “quiloton” e “megaton”. Um quiloton equivale à explosão de mil toneladas de TNT (nitroglicerina); um megaton equivale a um milhão de toneladas.

As duas únicas armas nucleares usadas em guerra até hoje foram lançadas contra o Japão pela Força Aérea Norte-Americana. Em 6 de agosto de 1945, uma bomba explodiu em Hiroshima, e em 9 de agosto, em Nagasaki, explodiu a segunda bomba. Elas fizeram dezenas de milhares de mortos imediatamente e ao longo dos anos seguintes. Em poucos segundos, 36 mil quilotons destruíram duas cidades japonesas.

Em 1945, Hiroshima era a segunda maior cidade japonesa, com uma população de 350 mil habitantes, e se destacava pelas boas escolas e grandes centros de treinamento militar que possuía. A cidade, poupada dos bombardeios aéreos que já haviam destruído a maioria das cidades japonesas, estava destinada a ser alvo da primeira bomba atômica.

“No decorrer de sua vida, Albert Einstein não procurou apenas descobrir a ordem do mundo natural, mas também promover a ordem no mundo humano”, disse Jimmy Carter numa reunião anual da Academia Nacional de Ciências dos EUA, em Washington. E acrescentou:

“Einstein, o humanitário, tem tanto a ensinar-nos como Einstein, o físico. Ele via a busca da ciência como boa em si mesma. Mas também via que as aplicações da ciência só são tão boas — ou tão más — como as opções morais e políticas que as determinam. Segundo Einstein, a preocupação com o próprio homem e seu destino deve ser sempre o principal interesse de todas as aspirações técnicas. Para que o ato criador seja bênção e não maldição.”

Nascido em 1879, na Alemanha, e falecido em 1955, nos EUA, o famoso autor da teoria dos *quanta* e da relatividade prestou contribuição de valor inestimável no campo da energia nuclear, pelo cálculo que fez da primeira bomba atômica.

## **É verdade que Einstein se sentiu frustrado pelo lançamento da bomba atômica sobre o Japão?**

Caro leitor, Einstein se preocupou com as ameaças representadas pelas novas armas e pelas crescentes manifestações de ódio e racismo no mundo. Pacifista impenitente, chegou a escrever várias cartas a altas autoridades japonesas, após a Segunda Grande Guerra, desculpando-se da desgraça atômica que se abateu sobre o Japão.

Sete anos após a destruição das cidades japonesas, pela primeira vez foram mostrados a Einstein alguns álbuns fotográficos da tragédia de Hiroshima. A cada página o horror aumentava de intensidade, pois ali estavam expostas não somente ruínas, mas fisionomias humanas “com as dimensões do inferno”.

O cientista alemão, tomado de tristeza, escreveu a uma editora de Tóquio: “Eu compreendi o terrível perigo que a bomba atômica representa para a humanidade... Creio que matar durante a guerra não é diferente dos homicídios comuns.”

O secretário de Einstein conta que o sábio perdia a confiança nos homens à medida que suas forças declinavam. Quando, em plena guerra, ele informou ao governo norte-americano que seus cálculos permitiriam a fabricação de bombas atômicas, elaborou um contrato no qual propunha:

“Assim que a primeira bomba estiver terminada e pronta para explodir, sugeria ele, reuni, numa ilha deserta do Pacífico, representantes da Alemanha e do Japão, observadores de países neutros e, naturalmente, os chefes dos Estados Maiores dos Quatro Grandes. Diante dessa plateia de especialistas, fazei explodir uma bomba atômica. Os resultados serão tamanhos que a capitulação dos inimigos seguirá fatalmente a essa experiência. Pouparemos, assim, um número incalculável de vidas humanas e entraremos, de mãos limpas, na cidade da paz.” (Fernand Gigon, *Apocalipse do Atomo*, Ibrassa-Instituição Brasileira de Difusão Cultural S/A, São Paulo, 1959, p. 6.)

Todavia, o governo que tudo prometeu a Einstein mudou de mãos presidenciais, e o Pentágono procurou, no coração do Japão, os alvos cujos nomes passaram para as enciclopédias e os dicionários.

Talvez o leitor gostaria de perguntar se o poderio nuclear hoje existente será usado, e quando. Duas passagens da Bíblia respondem. A primeira é 1 Tessalonicenses 5.3: “Quando disserem: ‘Paz e segurança’, a destruição virá sobre eles de repente... e de modo nenhum escaparão”. O outro texto é Ezequiel 39.6: “Mandarei fogo sobre Magogue e sobre aqueles que vivem em

segurança nas regiões costeiras, e eles saberão que eu sou o SENHOR”.

Acredito que o “quando” será após o rapto da igreja, e o “fogo” será a energia nuclear. O governante que se levantará como o salvador do mundo vai estabelecer uma falsa paz, simbolizada pelo cavalo branco de Apocalipse 6.2. A seguir, o uso de armas nucleares agravará o sofrimento da humanidade até ao nível indicado pelo profeta: “Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então” (Dn 12.1).

A igreja, entretanto, ausente deste mundo, estará protegida dessas calamidades, conforme as promessas de Deus.

O leitor possui essa esperança?

## Como é hoje o Japão, como ex-vítima da bomba atômica?

Por sua localização no extremo leste da Ásia, o Japão tornou-se conhecido como a terra do sol nascente. Com um território equivalente em tamanho ao do estado de São Paulo, o país é formado por quatro ilhas principais e três mil menores. Extremamente montanhoso, há 225 vulcões, dos quais mais de 60 ativos. Entre os inativos está o famoso Fuji, que teve a oportunidade de conhecer de perto.

Viajando da cidade de Toyota para Hiroshima, por uma boa autoestrada, fiquei impressionado com as dezenas de grandes túneis duplos, um de ida e outro de volta, praticamente perfurando toda uma região montanhosa. Os custos de tal rodovia devem ter sido imensos!

A topografia acidentada do país dificulta a agricultura e contribui para que 67% do território ainda seja coberto por florestas. A pequena quantidade de terra arável, aliada ao extenso litoral, leva ao desenvolvimento da maior indústria de pesca do mundo.

O país é também um dos mais competitivos fabricantes e exportadores de produtos eletrônicos e de automóveis, o que o transformou em segunda potência econômica, atrás apenas dos EUA. Sua renda *per capita* em 1997 foi de US\$38.160. (No mesmo ano a dos EUA foi de US\$29.080, e a do Brasil, em 1998, alcançou US\$4.802.) Com uma população atual bastante homogênea, de 130 milhões, os japoneses possuem a menor taxa de mortalidade infantil do mundo, pois apenas quatro crianças em cada mil morrem antes de completar um ano, e também se destacam pela longevidade, havendo no país cerca de nove mil pessoas centenárias. A mulher continua com um papel mais submisso que nas nações ocidentais.

No aspecto religioso, o xintoísmo (51,3%) e o budismo (38,3%) permanecem como religiões com o maior número de seguidores. O cristianismo conta 1,2% da população, e outras, 9,2% (1992).

Em se tratando dos efeitos catastróficos da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, e sobre todo o Japão, os sobreviventes de Hiroshima ficaram convictos de que a humanidade não pode coexistir com as armas nucleares. Arraijou-se na mente do povo de Hiroshima que o uso de tais armas não pode ser permitido de nenhuma maneira.

Imbuída desse espírito. Hiroshima assumiu a liderança da luta pela total abolição das armas nucleares e pela realização de uma paz mundial duradoura.

Dessa maneira, a cidade se voltou para o mundo e iniciou a sua jornada no caminho da paz.

Duas bombas atômicas, como armas de guerra, foram usadas contra o Japão. Para que tais armas não sejam usadas uma terceira vez, elas precisam ser totalmente eliminadas da face da terra.

Essa é a posição de Hiroshima. Cada vez que há um teste nuclear no mundo, o prefeito da cidade envia uma carta pedindo a supressão desse tipo de arma. Há centenas de cópias desse tipo de carta nas paredes do Museu Memorial da Paz, o que dá uma ideia dos numerosos testes que se tem feito em todo o mundo.

## **Que características especiais tinha a Palestina, para que Deus a desse ao povo de Israel?**

O nome *Palestina*, caro leitor, não era usado nos tempos bíblicos, pois derivou-se mais tarde do termo *filisteus*, que identificam os povos chamados de “Palaístinos” pelos gregos, e de “Palestinos” pelos romanos.

O nome bíblico para a área era “Canaã”, a terra onde Canaã, filho de Cam, se estabeleceu, e que tinha sido prometida pelo Senhor a Abraão (Gn 9.25; 10.6; 12.5-7). A terra de Canaã seria dada a Abraão. Embora Canaã designasse originalmente a terra a oeste do Jordão, Palestina passou a designar, mais tarde, a terra de ambas as margens do Jordão.

A terra da Palestina estende-se do elevado monte Hermom, ao norte, até o sul da região deserta do Mar Morto. Seu comprimento é de 240 km, de Dã a Berseba, e sua largura média é de 110 km, da costa do Mediterrâneo ao planalto oriental.

A Palestina é frequentemente descrita como quatro faixas paralelas no sentido norte-sul: (a) a planície marítima ao longo do Mediterrâneo; (b) a cordilheira central, cujas montanhas têm picos com mais de 900 metros de altitude; (c) o vale do Jordão até o Mar Morto, que está 387 metros abaixo do nível do Mediterrâneo; (d) a Palestina Oriental ou Transjordânia, um vasto planalto fértil numa altitude superior a 900 metros.

Com uma área quadrada de aproximadamente 28.500 km, a Palestina apresenta grandes contrastes na topografia.

Geologicamente, o vale do Jordão é formação das mais singulares.

Ele constitui parte da grande fenda que se estende da Síria, no norte, até o sul do Mar Morto. Supõe-se que há milhares de anos esse vale era coberto de água, formando um lago de 322 km de comprimento desde o norte da Galileia até 80 km para o sul do Mar Morto.

Nos tempos bíblicos, a área tinha três grandes massas de água: (a) lago Hulé (agora drenado), ao norte da Galileia; estava a 69 metros acima do nível do mar; (b) mar da Galileia (chamava-se a princípio mar de Quinerete), a 205 metros abaixo do nível do mar; (c) Mar Morto, a 387 metros abaixo do nível do mar.

Essas massas de água são unidas pelo rio Jordão, que desce rapidamente serpenteando uns 260 km para transpor os 105 km da Galileia até o Mar Morto (mar Salgado). O rio Jarmuque, vindo das regiões montanhosas a leste e com um volume de água semelhante ao do Jordão, junta-se a este 16 km abaixo da

Galileia.

Nos tempos antigos, a costa mediterrânea não tinha portos de embarque, o que obrigou Salomão a determinar que o embarque fosse feito em Eziom-Geber, na parte setentrional do golfo de Ácaba. Só há pouco tempo os portos de Haifa e Asdode passaram a operar comercialmente.

A principal característica geográfica da Palestina talvez seja a ponte que ela forma entre três continentes, e o fato de ser historicamente a ligação entre o Egito e a Mesopotâmia. Assim, sendo o centro das civilizações do mundo e o “centro da terra”, a Palestina estava destinada a ser palco de grandes eventos históricos.

Talvez por tais razões o Senhor escolheu a Palestina como a terra da sua aliança com o seu povo.

## Quais eram as condições de Canaã no tempo da sua conquista por Josué?

Meu caro leitor, geograficamente, a terra de “Canaã” compunha-se de toda a faixa ocidental desde Sidom, ao norte, até Gaza e Sodoma, no sul (Gn 10.19). O nome “Canaã” denominava, em geral, toda a área em que se estabeleceram os filhos de Canaã.

Esse território foi, mais tarde, chamado de “Palestina” pelos romanos (segundo Heródoto), nome esse que é a forma grega de “Philistia” (Palaistine). Os nativos eram chamados de “filisteus”.

Quanto à raça, a terra era ocupada por um grupo misto que parecia serem descendentes de Canaã, filho de Cão e neto de Noé (Gn 10.15-20). Há, na Bíblia, várias listas desses grupos (Gn 10; Dt 7.1; Js 3.10). Além disso, podem ser identificados pelas suas localidades:

Heteus — dos filhos de Hete, que se estabeleceram na Ásia Menor.

Girgaseus — da região ocidental do mar da Galileia.

Amorreus — povo montanhês dos planaltos ao oeste e leste do Mar Morto.

Cananeus — tecnicamente, da parte norte.

Ferezeus — associados com os cananeus no norte.

Heveus — os pacíficos gibeonitas perto de Jerusalém.

Jebuseus — tribo guerreira estabelecida em torno de Jerusalém.

Politicamente, Canaã tinha sido dominada desde 1468 a.C. pelo Egito, que estabeleceu postos militares e cidades reais por toda a terra, bem como príncipes nativos, educados no Egito, para governar como monarcas títeres.

Em 1400, entretanto, o poder estrangeiro egípcio se deteriorou, tornando a terra propícia à invasão efetuada pelos israelitas e posteriormente por outros povos. Mas as cidades de Canaã estavam bem fortificadas. Jerico, por exemplo, edificada sobre um outeiro, estava rodeada por dois muros de tijolos, um de 3,6 metros de largura e o outro de quase dois.

Religiosa e moralmente, a terra vivia infestada de idolatria, completamente degradada. Era o tempo predito por Deus em que a medida da injustiça dos amorreus estaria cheia (Gn 15.16).

Eis algumas das divindades de Canaã:

El era o deus supremo. Poemasugaríticos descrevem-no como um tirano cruel e sanguinário, de sensualidade incontrolável.

Baal era filho de El e o seu sucessor. Dominava o grupo cananeu e era

considerado o “Senhor do céu”. Era o deus da chuva e da vegetação.

Anate era irmã de Baal e uma das três deusas protetoras do sexo e da guerra. Concomitante com o culto da prostituição sagrada, havia o morticínio infantil.

Asterote (Astarte) e Aserá eram esposas de Baal e também deusas do sexo e da guerra.

Moloque e Milcom, de origem amonita, eram deuses da orgia, do mesmo modo que Camos era a divindade nacional dos moabitas.

Esses deuses de violência e perversão sexual refletem a crueldade e a corrupção do povo, que fez deuses parecidos com eles (Sl 115.8).

## **No caso das conquistas de Josué, como justificar que um povo escolhido por Deus se aposses da terra e massacre a população?**

Não há dúvida, caro ouvinte, que o livro de Josué salienta uma questão ética crucial. Esse problema moral está também em outros livros, como Números e 1 e 2 Samuel. Por que não foram enviados a Canaã como evangelistas em vez de carrascos? Há cinco razões que devem ser observadas do ponto de vista histórico:

A primeira, é que a religião de Canaã tinha-se tornado tremendamente abominável aos olhos de Deus e da própria moralidade. Escavações ugaríticas mostraram a extrema obscenidade da religião que tinha um panteão de deuses: El, o deus principal, é orgulhosamente apresentado como todo sensual, sórdido e sanguinário até consigo mesmo; as três deusas cananeias, enroladas em serpentes, são apresentadas em posturas vis e sensuais. O sistema prestava homenagem a serpentes, era totalmente depravado e estava fadado à destruição.

A segunda é que a adoração ao sexo demoníaco e aos ídolos de guerra refletiam uma sociedade permeada da mais grosseira imoralidade e violência. Escavações arqueológicas revelam que os seus templos eram centros de vício com sacerdotes sodomitas e sacerdotisas prostitutas. Queimar crianças vivas nos altares se tinha tomado ritual comum. A baixeza da idolatria de Canaã formava contraste com a idolatria do Egito e da Mesopotâmia, cuja moralidade não tinha caído em tão profunda vulgaridade e brutalidade. A cultura estava fadada à destruição (Lv 18.25).

A terceira razão é que o Senhor era o verdadeiro dono de Canaã e podia dá-la ou negá-la a quem quisesse, por razões nem sempre evidentes aos homens. O seu plano de cessão e período de experiência é observado diversas vezes muito antes de Moisés e Josué:

Através de Noé, Deus profetizou julgamento dos cananeus pela sua obscenidade (Gn 9.22-27).

Para Abraão e os seus descendentes o Senhor prometeu a terra de Canaã, a qual eles receberiam depois de cheia a medida da iniquidade dos amorreus (Gn 15.13-16).

Justamente como aconteceu com Sodoma antes da sua destruição, o Senhor deu aos cananeus muitas oportunidades de arrependimento (Gn 18.25; Rm

1.18-22). Deus esperou 400 anos.

A quarta, é que Israel não foi designado para ser apenas uma organização religiosa, mas um governo civil com obrigações da aliança perante o Senhor. Como tal, sua primeira comissão era executar o julgamento de uma sociedade corrupta e violenta de acordo com a aliança noeica (Gn 9.6).

Apesar de sempre reticente na execução daquele sórdido dever, Israel estava sob o comando específico do Senhor para tomar a terra, destruir os cananeus e receber a sua riqueza. Na realidade, os ataques de Israel eram quase sempre respostas aos ataques iniciais dos cananeus.

A quinta razão é que na aliança feita pelo Senhor com Abraão e Israel, a ocupação final da Palestina pelos israelitas estender-se-á do Rio Nilo ao Eufrates (Gn 15.8; Dt 1.7-8; 30.5). Antes daquela futura ocupação final, entretanto, o Senhor limpa a terra da vil idolatria e brutalidade introduzidas por um sistema religioso inspirado por Satanás (Ap 14.16ss.; 19.15).

## **Quais foram as causas que levaram o povo de Israel a viver de modo tão desordenado como no tempo dos juízes?**

Caro leitor, já que vamos nos referir ao comportamento da nação israelita durante o período dos juízes, convém trazer uma rápida introdução ao livro que descreve esses fatos.

O título do livro, “Juízes” (Shophetim), é devido aos líderes levantados intermitentemente por Deus, para que houvesse liderança em épocas de emergência durante o período que vai de Josué até o reinado de Saul. O nome “Juízes” descreve duas funções desses líderes: (a) Livrar o povo dos seus opressores, na função de líder militar, (b) Resolver disputas e defender a justiça, na função de líder civil.

O livro é anônimo, mas a tradição judaica o atribui a Samuel por diversas razões. Ele era escritor e educador (1 Sm 10.25). A ênfase dada à tribo de Benjamim sugere a época do rei Saul, quando Samuel ainda julgava, antes do nome da cidade de Jebus ter sido mudado para o de “Jerusalém” (Jz 1.21; 19.10).

A história coberta por Juízes vai de 1375 a 1075 a.C.. Juízes é o único livro que registra um longo período da história de Israel. Descreve três guerras civis, sete opressões de cinco inimigos, sete guerras de libertação, um número de magistraturas judiciais pacíficas e, finalmente, uma magistratura mal sucedida de Sansão, a qual quase terminou com os filisteus assumindo o controle.

Apesar de o período total de trégua e opressão chegar a 410 anos, o tempo envolvido foi de aproximadamente 300 anos até a morte de Sansão. O confronto entre as magistraturas provinciais e as relatadas em Juízes justificam essa diferença.

Após a morte de Josué, Israel ficou sem um líder nacional por mais de 300 anos. As tribos mostravam-se independentes e cada indivíduo era uma lei perante si próprio. Durante esse tempo o Senhor levantou juízes principalmente nas emergências para livrá-los dos inimigos invasores e defender a justiça civil.

Esse foi um período em que o Senhor testou a nação para ver como ela guardaria a sua aliança num ambiente pagão e idólatra (3.1-5). Os israelitas caíram em uma condição crônica de apostasia. Aceitavam entusiasticamente os

livramentos do Senhor, mas quando lhes faltava uma forte liderança, retomavam rapidamente às práticas pagãs que os rodeavam.

O estado espiritual da nação contrasta vivamente com o da época de Josué, quando há obediência, fé e vitória sob a liderança teocrática desse grande homem de Deus. Juízes, porém, é um livro que apresenta uma história de contínuo fracasso: “cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” (17.6).

Se não fosse pelas misericordiosas operações de livramento do Senhor durante esse período, a nação teria se afundado numa idolatria pagã irreversível. Mas é possível concluir esta resposta com uma nota positiva.

Profetas e reis também têm lugar no plano divino. Débora e o profeta sem nome, por exemplo, “demonstram que os profetas de Deus são intérpretes idôneos da Lei, transmissores dos eventos futuros divinamente revelados e mediadores meticolosos da vontade de Deus”. (Paul R. House, *Teologia do Antigo Testamento*, Editora Vida, São Paulo, 2005, p. 280-281.)

## **Como entender, no livro dos Reis, o estranho voto de Jefté e a vida desregrada de Sansão?**

Caro leitor, em Reis 11.29-40 está registrado que o Espírito do Senhor veio sobre quatro juízes (Otniel, Gideão, Jefté e Sansão). A história de Jefté é importante por três razões: sua designação, mesmo sendo um proscrito; seu argumento com os amonitas, reivindicando a Transjordânia como uma dádiva do Senhor; e seu voto de oferenda a Deus.

Ele realmente ofereceu a sua filha como “oferta de holocausto” (11.31)?

Deve-se observar que o seu voto permitia duas opções: aquilo que saísse de sua casa quando ele voltasse de Amom, 1) “será do Senhor” ou 2) “eu o oferecerei em holocausto”.

O fato de que a moça chorou dois meses em virtude da “sua virgindade” e que “ela jamais foi possuída por varão” é um forte indício de que Jefté escolheu a primeira alternativa — dá-la ao Senhor para o culto no templo.

Como Jefté não tinha outros filhos para continuar o nome da família, seu gesto representou um grande sacrifício. Sacrifícios humanos jamais foram realmente tolerados pelo Senhor (inclusive o de Isaque).

McNair, em sua Bíblia Explicada, diz que a palavra traduzida por holocausto no v. 31 não traz necessariamente a ideia de um sacrifício queimado. O sentido literal é “o que sobe”, e a subida pela qual Salomão ia à casa do Senhor, em 1 Reis 10.5, é escrita com a mesma palavra.

Já em se tratando de Sansão, em Juízes 13—16, foi ele o juiz mais singularmente dotado e o único nazireu identificado no Antigo Testamento. Como Isaque, Samuel, João Batista e Jesus, o seu nascimento foi predito por um anjo. Foi-lhe dada a grande dádiva da força especificamente para livrar Israel dos filisteus, que tinham devastado a nação israelita.

Possuidor do maior poder pessoal, Sansão foi o único juiz que falhou na sua missão e teve um fim trágico. Seu fracasso é atribuído a dois fatores:

Vivia pelas paixões, em vez de pelos princípios nazireus. Três mulheres filisteias o seduziram.

Evidentemente, suas façanhas libidinosas o fizeram perder de vista sua missão real para com o Senhor. Embora pela fé tenha fechado “bocas de leões” (Hb 11.32,33), ele só atacou os filisteus quando esses interferiram nos seus prazeres sexuais.

Acerca desse estranho libertador, escreveu McNair:

“Sansão, em certos sentidos, é um dos mais notáveis caracteres na Bíblia. É

robusto, abençoado e empregado por Deus, e contudo mau e desobediente. Quando lemos a estranha história que o Espírito de Deus assim nos revela, sentimos que o Senhor tem muito a nos ensinar com ela. Não sentimos repugnância pelo homem violento, apesar das suas notáveis fraquezas, porque reconhecemos alguma coisa semelhante em nossos próprios corações.

“Quem quererá a história dos seus próprios pensamentos escrita para todo o mundo ler? Tal história do coração não seria muito diferente da de Sansão. Que Deus pudesse usar um como ele não é nada estranho, porque muitos de nós podemos dizer: ‘Pois ele porventura não me tem usado a mim?’” (A Bíblia Explicada, CPAD, Rio de Janeiro, 17<sup>a</sup>. Edição, 2001, p. 93.)

## Como pôde a arca da aliança entre Deus e Israel ter sido tomada pelos filisteus?

Caro leitor, segundo o que encontramos em 1 Samuel 2.12-36, Eli simbolizou a condição em que se achava Israel naquela época: vivia em uma forma de piedade sem poder ou disciplina pessoal. Parte daquele texto afirma:

“Os filhos de Eli eram ímpios; não se importavam com o SENHOR nem cumpriam os deveres de sacerdotes para com o povo; sempre que alguém oferecia um sacrifício, o auxiliar do sacerdote vinha com um garfo de três dentes, e, enquanto a carne estava cozinhando, ele enfiava o garfo na panela, ou travessa, ou caldeirão, ou caçarola, e o sacerdote pegava para si tudo o que vinha no garfo. Assim faziam com todos os israelitas que iam a Siló.

“Mas, antes mesmo de queimarem a gordura, vinha o auxiliar do sacerdote e dizia ao homem que estava oferecendo o sacrifício: ‘Dê um pedaço desta carne para o sacerdote assar; ele não aceitará de você carne cozida, somente crua’. Se o homem lhe dissesse: ‘Deixe primeiro a gordura se queimar e então pegue o que quiser’, o auxiliar respondia: ‘Não. Entregue a carne agora. Se não, eu a tomarei à força’.

“O pecado desses jovens era muito grande à vista do SENHOR, pois eles estavam tratando com desprezo a oferta do SENHOR” (vv. 12-17).

O sacerdote-governante perdeu o sacerdócio por dois motivos, referentes à soberania de Deus e à responsabilidade do homem.

Quanto à soberania divina, o Senhor tinha dado o sumo sacerdócio a Fineias — filho de Eleazar — como sacerdócio perpétuo, e não à casa de Itamar à qual pertencia Eli (Nm 25.11-13).

Quanto ao motivo humano, entretanto, foi a falha de Eli em disciplinar seus filhos (1 Samuel 3:13), que tiravam proveito do sacerdócio para seu próprio lucro. O Senhor atribuiu parte da culpa a Eli (1 Sm 2.29). No seu lugar o Senhor iria levantar um sacerdote fiel, cuja casa seria duradoura. Esse sacerdote foi evidentemente Zadoque, da linhagem de Fineias.

Apesar de Abiatar, da casa de Eli, ter servido na época de Davi, por razões pessoais Salomão e Zadoque o afastaram e deixaram o sumo sacerdócio com a linhagem de Zadoque.

Eli e seus filhos trouxeram extremo opróbrio a Israel pelo uso supersticioso da arca no combate. Não somente foi perdida a batalha de Afeque, como a arca foi tomada pelos filisteus.

O nome dado ao neto de Eli “Icabô” (“Foi-se a glória de Israel”)

caracterizou muito bem a nação. Durante 75 anos a arca esteve separada do tabernáculo.

Durante os sete meses em que ficou na Filístia, entretanto, foi usada para ensinar aos filisteus algumas profundas lições sobre o Deus de Israel. Quando a colocaram no templo de Dagom, o deus filisteu caiu duas vezes por terra perante a arca, quase destruindo-se na segunda vez.

Ao ser a arca enviada às cinco cidades da Filístia, a enfermidade devastou o povo e o temor tomou conta da nação, mostrando aos filisteus o poder terrível da Palavra de Deus guardada na arca. Aquele povo guerreiro foi obrigado a ponderar sobre o grande poder do Deus de Israel, cuja mensagem os israelitas tinham deixado de lhes proclamar.

## **Qual foi a razão principal da vitória de Davi contra o gigante Golias?**

Os capítulos 16 e 17 de 1 Samuel revelam não apenas o contraste entre Davi e Golias, mas também o contraste entre o alto Saul e o pequeno Davi. No capítulo 16, Deus mesmo havia escolhido o jovem pastor para futuro rei de Israel, embora a sua própria família não o considerava um candidato a rei.

Nota-se a mesma ênfase no capítulo 17, quando Davi derrota o gigante que mantinha todo Israel acovardado. Tal coisa não foi feita com espada ou armadura, mas em o nome do “Senhor dos exércitos”.

A Bíblia assim descreve o gigante filisteu: “Os filisteus ocuparam uma colina e os israelitas outra, estando o vale entre eles. Um guerreiro chamado Golias, que era de Gate, veio do acampamento filisteu. Tinha dois metros e noventa centímetros de altura. Ele usava um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas de bronze que pesava sessenta quilos; nas pernas usava caneleiras de bronze e tinha um dardo de bronze pendurado nas costas. A haste de sua lança era parecida com uma lança de tecelão, e sua ponta de ferro pesava sete quilos e duzentos gramas. Seu escudeiro ia à frente dele” (17.4-7).

Tal era a confiança de Davi, que respondeu ao desafio de Golias dizendo que daria todo o exército dos filisteus às aves do céu e aos animais selvagens (v. 46). Em contraste com Saul, que ambicionava glória na batalha, Davi é mais tarde descrito como indagando de contínuo ao Senhor antes de entrar em combate.

Ao derrotar Golias, o maior problema de Davi não foi o gigante ou os filisteus, mas a dúvida e descrença no acampamento de Israel. Livrando-se da descrença, estava pronto a combater todo o exército filisteu. Sua fé contagiosa foi usada para inflamar a fé e o desempenho de Saul e suas tropas medrosas.

Talvez não haja na Bíblia um homem estimado em tão alto grau por Deus e pelos homens como Davi. Foi ele que estabeleceu o padrão pelo qual Deus avaliou todos os reis posteriores de Israel. O Senhor o usou não somente para estabelecer o reino, mas também para instruir a nação quanto à adoração e o louvor que lhe é devido.

Seus salmos têm provavelmente inspirado mais pessoas do que quaisquer outras composições literárias. Quais eram as chaves da grandeza de Davi? Aqui estão pelo menos seis delas:

Davi tinha um profundo amor por Deus e dedicação à sua obra; tinha confiança nas suas convicções e não se atemorizava com a descrença e o

negativismo ao seu redor; assumiu o trono real como um “servo do seu povo”, e não como senhor, como Saul havia feito.

No seu longo período de provação, Davi aprendeu a esperar no Senhor e a deixar por sua conta quaisquer vinganças pessoais; aprendeu a delegar responsabilidades e a dar crédito àqueles que serviam bem; apesar de não ser perfeito em muitas coisas, mostrou uma capacidade notável de aceitar a própria culpa e reagir positivamente ao castigo do Senhor; enquanto o castigo amargurou Saul e o levou à violência egoísta, em Davi produziu brandura e bondade de coração.

## **Que consequências para a família de Davi decorreram do pecado dele com Bate-Seba?**

Esse “caso”, narrado em 2 Samuel 11 e 12, no auge do reinado de Davi tornou-se um divisor de águas em sua vida. É o ponto que faz a divisão entre os seus triunfos e as suas dificuldades. O pecado em si aconteceu quase acidentalmente.

O fato de Davi olhar por acaso para a esposa do vizinho conduziu-o à cobiça e o arrastou ao adultério. Isso levou-o à falsidade e ao disfarce, ao roubo da esposa de um dos seus oficiais, e ao assassinato, numa conspiração contra um dos homens mais nobres do seu exército.

Esse assassinato foi disfarçado elegantemente como uma triste consequência da guerra. Contudo, a poderosa parábola do profeta Natã expôs o sórdido acontecimento.

Quatro foram as consequências desse pecado, duas condenatórias e duas compassivas:

A primeira delas foi o julgamento que atingiu o coração de Davi e a perda do filho recém-nascido.

A segunda foi o perdão do Senhor, quando Davi confessou o seu pecado (2 Sm 12.13).

A terceira foi a colheita do julgamento que Davi ceifou em sua família. Um escândalo sexual o atingiu pesadamente quando o seu filho mais velho Amnom seduziu sua filha Tamar. Davi colheu também o que semeara quando dois dos seus filhos foram assassinados por outros dois dos seus filhos. Colheu as consequências do roubo da esposa de um homem quando Absalão usurpou o reinado e envergonhou as suas concubinas em público. Apesar de ter recebido perdão imediato após sua confissão, as consequências humanas dos seus crimes renderam-lhe um alto preço a ser pago pelo o resto da sua vida.

A quarta consequência foi a graça de Deus para com Davi depois do seu profundo arrependimento, permitindo que Bate-Seba tivesse de Davi outro filho a quem o trono seria dado. Os salmos 32 e 51 revelam a grandeza de Davi ao confessar-se e humilhar-se, e a grandeza da sua reintegração ao serviço eficiente para o Senhor.

Davi teve doze esposas e pelo menos dez concubinas, vinte e um filhos e uma filha. Três dos seus filhos mais velhos sofreram o golpe de morte violenta (Amnom, Absalão e Adonias), quando cada um era um herdeiro em potencial do trono. O Senhor atribuiu parte da culpa por essas mortes violentas a Davi,

pela maneira compassiva com que ele conduzia seus filhos (1 Rs 1.6).

Essas tragédias na família piedosa de Davi são difíceis de explicar, mas lembram-nos de uma anomalia estranha nas famílias de quatro homens preeminentes de 1 e 2 Samuel. Está registrado que os três homens preeminentes de Deus (Eli, Samuel e Davi) deixaram de disciplinar os seus filhos e por esse motivo perderam o governo. Davi o perdeu temporariamente.

Todavia, o rei Saul, que não era piedoso, teve como filho um dos homens mais piedosos e nobres do livro: Jônatas. Essa estranha anomalia também será vista muitas vezes na família de reis posteriores.

## **Como o casamento de Oseias revela o amor de Deus por Israel?**

O profeta Oseias revela uma das imagens mais profundas do amor divino encontrado no Antigo Testamento. Embora forçado a divorciar-se de Israel e julgá-lo devido à sua prostituição (Os 2.2-5), o Senhor ainda confirmou o seu amor pela nação e sua intenção de cortejá-la e trazê-la de volta em justiça.

Deus comparou o relacionamento da sua aliança com Israel a uma união conjugal profunda e íntima. Kyle Yates refere-se ao grande extravasamento de amor divino: “A nada se iguala em toda a literatura. Somos arrebatados pela sua impetuosa avalanche de eloquência até conseguir divisar o grande amor que finalmente vence.”

Profundo e divino amor conjugal é a nota predominante não apenas em Oseias, mas em todos os Profetas Menores.

Oseias 14.9 é um desafio aos mais sábios e perspicazes para que esquadrinhem o singular poder do amor de Deus. Embora o amor divino por Israel parecesse fútil e infrutífero no tempo de Oseias, assim não aconteceria a longo prazo, pois “os caminhos do Senhor são retos”. Seu amor por Israel continuaria apesar da obstinação do povo e, no final, se justificaria numa colheita de justiça. Deus não faz maus investimentos.

A ordem que Oseias, o profeta, recebeu do Senhor para casar-se com uma prostituta é chocante e cria um dilema. De conformidade com a Lei de Moisés, Gomer deveria ser apedrejada como prostituta (Lv 20.10). Não se sabe se ela já era prostituta ao casar-se ou se tomou depois. Qualquer que seja o caso, os tempos de Oseias não eram normais, pois a terra estava cheia de prostituição, e os sacerdotes tinham-se tornado um bando de assassinos.

O adultério de Gomer, entretanto, alcançara tamanho grau de baixez que ela se tornara uma prostituta escrava. Mas a atitude de Oseias ao comprá-la tirando do mercado da prostituição não violou a Lei, pois foi ordenada por Deus e realizada sob a dispensação especial da graça divina.

O Senhor suspendeu o julgamento sobre Israel a fim de revelar aos judeus sua magnânima graça. Eles mereciam ser totalmente destruídos por se prostituírem, trocando o Senhor pelos deuses pagãos. Diz o profeta: “O SENHOR me disse: Vá, trate novamente com amor sua mulher, apesar de ela ser amada por outro e ser adúltera. Ame-a como o SENHOR ama os israelitas, apesar de eles se voltarem para outros deuses e de amarem os bolos sagrados de uvas passas” (3.1,2).

A analogia divina com a casamento humano aqui apresentada foi planejada e expressa divinamente, e não deve ser posta de lado. A grande lição que se tira desse fato é que aquela infidelidade sexual é devastadora para um casamento, provoca o julgamento de Deus e exige arrependimento, bem como renovação genuína dos votos matrimoniais para que haja restauração.

Apesar de a Lei proibir que a mulher fosse aceita pelo seu primeiro marido, após haver sido repudiada por este e ter-se casado com outro homem, e este tiver falecido, faz parte da graça oferecer misericórdia para a reconciliação numa genuína união renovada.

A mensagem prática de Oseias são os dividendos que tal graça retribui, conforme demonstrando profeticamente no livro.

## Como é a questão da posição de autoridade, na Bíblia?

As posições de autoridade, caro leitor, foram designadas por Deus ainda antes da entrada do pecado no mundo. Depois que o pecado entrou, tais posições foram modificadas e ampliadas, mas não eliminadas.

As posições são perfeitas por serem ordenadas por Deus. Há paz, harmonia e bênçãos abundantes com Deus quando as posições são implantadas na prática do lar, mesmo hoje, com a presença do pecado.

Em primeiro lugar, Deus está acima de todos pelo fato de tudo ter sido feito para a glória de Deus, Romanos 11:36; tudo vem de Deus; ele é a cabeça de Cristo, 1 Coríntios 11:3, 12, e Cristo é a cabeça de todo o homem.

Pelos seus atributos de onisciência, onipotência, onipresença e juízo, Deus está além de qualquer outro. Por ser ele, e só ele, o único Deus vivo e verdadeiro, deve ser temido e obedecido por todos (Ec 12:13,14).

Em segundo lugar, Deus está na posição de louvado. Por ser ele a primeira causa de tudo (Gn 1:1; Cl 1:17), ele está na posição de ter todo “o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, honra e glória, e ações de graças... para todo o sempre” (Ap 5:12,13).

Em terceiro lugar, Deus está na posição de exemplo. Deus é o exemplo principal para todos em todas as instâncias, e isso inclui o ambiente do lar. Efésios 5:25 diz que os maridos devem amar a suas mulheres.

Em 1 Pedro 2:21 a 3:8, no contexto de Cristo padecendo por nós, temos instruções para o lar e a sociedade. “Do mesmo modo, mulheres” (3:1), “Do mesmo modo vocês, maridos” (3:7). “Quanto ao mais, tenham todos o mesmo modo de pensar, sejam compassivos, amem-se fraternalmente, sejam misericordiosos e humildes” (3:8).

Quanto à posição do homem acima da mulher, afirma a Bíblia que o homem é a imagem e glória de Deus, 1 Coríntios 11:7; que o homem é o cabeça da mulher, 1 Coríntios 11:3; e que, como Cristo é o cabeça da igreja, assim é o homem o cabeça do lar.

Assim, cabe ao homem a posição primária de exemplificar o amor no lar em todos os aspectos, Efésios 5:25,26; 1 João 4:19. Em Efésios 5:25 é usada a palavra grega *agape*, que significa amor sacrificial. Então, o homem tem o mandamento e o exemplo de Cristo de amar sacrificialmente para o bem do lar.

Quando a mulher tomou e comeu o fruto proibido no jardim do Éden, o

homem é quem foi responsabilizado, por ser o responsável por ela (Gn 3.6). Diz o apóstolo Paulo (1 Tm 2.14) que Adão não foi enganado, mas sim a mulher que, ao ser enganada, caiu em transgressão”, mas o mesmo apóstolo afirma aos romanos (5.12) que foi o homem que trouxe o pecado ao mundo.

A mulher pecou primeiro, mas foi o homem que levou a primeira responsabilidade. Em 1 Samuel 3.13, Eli foi castigado pelos pecados dos filhos, o que mostra a responsabilidade do pai pelo lar.

O homem, antes do pecado, já trabalhava, mas depois do pecado ele passou a ter de trabalhar para poder comer. O trabalho tomou-se obrigatório. O trabalho não é pecado, mas a necessidade de trabalhar é consequência do pecado.

## **Seria a presença de Israel no mundo uma prova da existência de Deus?**

Querido leitor, nenhum estudo sério da escatologia bíblica pode ignorar o povo de Israel ou colocá-lo em plano secundário, tendo em vista o que Jesus afirmou: “Olhem para a figueira, e para todas as árvores” (Lc 21.29). Israel é como o relógio de Deus, a indicar o passar do tempo desta presente dispensação da graça de Deus.

Não se pode negar a influência de Israel no destino dos povos. A promessa feita por Deus a Abraão em Gênesis 12.3: “Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem” tem sido rigorosa e admiravelmente cumprida através dos séculos, até os nossos dias.

As nações que apoiam e protegem os israelitas são prósperas e abençoadas, ao passo que as que os perseguem são sempre castigadas: ou desaparecem, ou estagnam, ou são humilhadas, e, invariavelmente, perdem a bênção divina.

Israel é também uma afirmação viva de que um poder supremo, um poder inteligente, um poder que planeja, e cuida, e executa, dirige os destinos deste mundo. Certo imperador alemão, religioso, mas não crente; “protetor” da fé, mas não salvo, na sua hora de morte teve a presença de um pastor que procurava incutir-lhe na mente a fé salvadora. A esse religioso desafiou o imperador:

— Dá-me uma prova da existência de Deus.

— O povo judeu, Majestade! — respondeu sem vacilar o sacerdote.

Sim, Israel é uma prova concreta de que Deus existe. Apesar de humilhado, perseguido, banido, massacrado, quase destruído por vezes, e isso durante milênios, vive ainda Israel! E agora vive como nação poderosa e próspera. Israel vive ainda porque tem, dada por Deus, uma missão a cumprir nestes últimos tempos — não pode desaparecer.

Se Israel é uma prova irrefutável da existência de Deus; se Israel influi no destino das nações, quiçá no das pessoas, então é preciso estudar com profundidade a vida desse povo, mas estudá-la em todas as suas faces, para conhecer as mais estranhas e verdadeiras circunstâncias, que servem de roteiro para as pessoas e as nações.

Para enfrentar a diversificada era em que vivemos, o cidadão moderno necessita de ser uma pessoa bem informada, e hoje nenhuma educação se completa sem o estudo desse povo que constitui um verdadeiro milagre do nosso tempo — O Estado de Israel — um país com cerca de 6 milhões e meio

de habitantes cercado por mais de cem milhões de inimigos que, apesar de lhe moverem, há décadas, e com o indisfarçável apoio da maioria das nações, uma guerra contínua e cruel, não conseguem destruí-lo.

Esse Israel se firma como o inequívoco sinal dos tempos. A Bíblia avisa: “Quando verem acontecer estas coisas...” O prometido reinado messiânico sobre Israel se aproxima e o lugar do Messias está vago, pois, providencialmente, o atual governo de Israel não possui rei: eles, inconscientemente, aguardam o Rei Jesus, e para ele reservam o trono.

## **Em que estado moral e espiritual estava o mundo romano por ocasião do estabelecimento da dispensação da graça?**

Caro leitor, a Dispensação da Lei cobriu o longo período do Sinai ao Calvário, e nela todos os homens são condenados por haverem todos pecado. A nação de Israel não suportou as provas a que foi submetida debaixo da Lei, e quebrou seu compromisso de Êxodo 19.8, constante do seu solene juramento: “Tudo o que o Senhor falou, faremos”; que foi levado à presença de Deus: “E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo”.

Por isso vieram os juízos dos cativeiros assírio e babilônico.

O estabelecimento da Dispensação da Graça ocorreu na “*plenitude dos tempos*”, quando, por toda parte, era patente a falência da filosofia, da religião e da política em seus esforços para melhorar a vida humana. Um retrato dessa época nos é apresentado por Benjamin Scott. Abro aspas:

“É impossível descrever toda a miséria moral duma religião (pagã) cujos deuses eram debochados, bêbados, fraticidas, prostitutas e assassinos, e cujos templos eram lupanares e antros dos piores vícios, chegando alguns a só serem tolerados fora das cidades (Vitrúvio, 1.7).

“Seus espetáculos — as horríveis pugnas de gladiadores e cenas impuras — o Catão caserneiro não podia presenciar. Suas procissões eram cortejos de indecências. Seus altares não raro se tingiam de sangue humano.

“Suas festas, as célebres bacanais e saturnais: cujo ritual era o vício, e cujos sacerdotes e sacerdotisas... (temos de descer um véu para esconder suas simples funções sacerdotais).

“No tempo de Augusto, o casamento tinha caído em desuso. Se existia, era apenas para tornar a mulher escrava. A esposa tinha de trabalhar; as concubinas e cortesãs é que eram as amigas do seu senhor. Mas tudo isto não é ainda o mais negro do quadro.

“Não há um único dos vícios que provocaram a extinção dos cananeus ou que fizeram vir do Céu o fogo vingador sobre as cidades da planície, que não suje o retrato que a história registra de quase todos os imperadores, estadistas, poetas e filósofos da Roma Antiga e da Grécia Clássica.

“A lepra moral corrompia tudo e a todos. A crueldade campeava tanto quanto a sensualidade. A escravatura era universal. Sócrates era uma exceção. Fecho aspas (Benjamin Scott, *As Catacumbas de Roma*, Editora Progresso,

Porto, Portugal, 1923, p. 7.)

E nesse mundo tenebroso que Jesus se manifesta como o a luz do mundo, com a mais pura de todas as doutrinas: a fé cristã, anunciada com autoridade e confirmada com grandes sinais e prodígios.

O propósito divino nessa Dispensação da Graça é salvar todo aquele que crê em Jesus, tanto judeus como não judeus, e chamar para fora do mundo esse povo especial, formando a sua igreja. Afirmar a Bíblia: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna”. “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 3.16; 17.3).

## **Como é a condição do povo israelita durante a vigência da Dispensação da Graça?**

A Dispensação da Graça começou com a morte expiatória de Jesus (Jo 19.30), e terminará no Arrebatamento da Igreja. Em todo esse período, os israelitas, como nação, estão cortados, postos de lado, até que entre a plenitude dos gentios.

A causa da rejeição temporária de Israel foi a sua recusa em crer no Messias, embora tivessem sido preparados para a fé durante séculos. Por rejeitarem Jesus e perseguirem a Igreja, os judeus foram deixados de lado e as Boas-Novas de salvação proclamadas aos gentios (Mt 21.33-46).

A queda e a elevação de Israel foram profetizadas por Simeão: “Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus: Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição” (Lc 2.34).

Notem a ordem: ruína e soerguimento, diferente da história de outras nações, que segue a ordem inversa: soerguimento e queda. Assim foi com países como: Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma, Alemanha e muitos outros.

Considerando a situação atual do povo de Israel, destacamos, em primeiro lugar, os juízos divinos. Jesus, referindo-se à profecia da Pedra rejeitada pelos edificadores, disse que todo aquele que caísse sobre ela seria feito em pedaços (Mt 21.44).

Isso seria também o cumprimento de Daniel 9.26: “Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele. A cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas”, e também de Amós 9.9: “Pois darei a ordem, e sacudirei a nação de Israel entre todas as nações, tal como o trigo é abanado numa peneira, nem um grão cai na terra”.

Por haver rejeitado a João Batista, a Jesus e aos primeiros discípulos, Israel foi destruído como nação e disperso entre os povos. Isso ocorreu nas duas guerras contra os romanos, de 67 a 70 e de 132 a 135 d.C.

Em segundo lugar, temos que considerar a situação atual dos judeus. A Bíblia afirma com clareza que Deus não rejeitou Israel para sempre. Pela sua desobediência, esse povo foi endurecido. O mesmo sol que derrete a manteiga, endurece o barro. Ao opor-se Israel aos desígnios de Deus, foi então atirado

ao juízo divino. Deus se recusa àquele que o recusa. Leia Romanos 11.7-10.

O propósito primeiro de Deus, de trazer os gentios ao arrependimento, não poderia deixar de ser alcançado por culpa de Israel. Ao haver rejeitado o Evangelho, Israel se tornara num obstáculo ao plano divino, e por isso teve de ser removido. O apóstolo Paulo explica que, pela transgressão dos judeus, veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes. Leia Romanos 11.11.

Mas Deus, que por amor não quer excluir ninguém, pretende recolocar Israel no centro da sua soberana vontade, e isso ocorrerá quando o remanescente fiel converter-se ao Messias Jesus, no final da Grande Tribulação.

## Em que circunstâncias o povo de Israel rejeitou o Messias?

Caro leitor, o tema em apreço encontra-se amplamente analisado em *Israel, Gogue e o Anticristo*, editado pela CPAD, livro que recomendo a todos os interessados em muito mais detalhes acerca da dispersão dos israelitas e da sua presente restauração.

Poucas semanas após a morte de Jesus, Jerusalém, centro espiritual de todos os judeus da diáspora romana, abarrotava-se de peregrinos que ali compareciam anualmente, às centenas de milhares, por ocasião das festividades da Páscoa e do Pentecoste — pontos altos do culto judaico. O evangelista Lucas testifica este fato quando descreve a descida do Espírito Santo no Dia de Pentecoste:

“Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo... Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frigia e Panfília, Egito e das partes da Líbia, próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes...” (At 2.5, 9-11).

Semanas antes do Pentecoste, Jesus havia sido preso, julgado e crucificado numa atmosfera carregada de religiosidade e inflamada de um nacionalismo ardente e doentio. Foi assim, num momento de incontido ódio a Cristo e a sua mensagem, que os israelitas responderam a Pilatos: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27.25).

Conscientes ou não, os israelitas rejeitavam o Messias tão ansiosamente esperado, e atraíam sobre si e seus filhos as consequências terríveis de tão trágica escolha, como disse o Senhor a Moisés: “Levantarei do meio de seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar. Se alguém não ouvir as minhas palavras, que o profeta falará em meu nome, eu mesmo lhe pedirei contas” (Dt 18.18,19). Temos ainda outra ameaça divina:

“Espalharei vocês entre as nações e empunharei a espada contra vocês. Sua terra ficará desolada, e as suas cidades, em ruínas...” (Lv 26.33).

O advento do cristianismo não apagou a chama nacionalista dos judeus, que continuavam sua trama secreta e multiplicavam os atentados violentos contra seus dominadores, tornando impossível qualquer solução pacífica a partir de maio de 66. Então os romanos reagiram pelas armas na tentativa de sufocar a rebelião organizada, que pretendia assumir o controle de todo o país.

Nero mesmo planejou esmagar a revolta, depois que os rebeldes aniquilaram as guarnições romanas do Mar Morto e de Antônia. Várias e sangrentas batalhas travaram-se nas cidades de Galileia, com elevado número de baixas em ambos os lados, mas prevalecendo sempre a férrea Roma, cujas legiões lutavam bravamente sob o comando de Vespasiano.

Tito, que sucedeu a seu pai no comando da guerra, na Páscoa do ano 70 ordenou o início do cerco de Jerusalém, determinando a construção de uma muralha de estacas ao redor da cidade, de sete quilômetros de comprimento, levantada em apenas três dias, a fim de impedir a fuga dos sitiados e forçá-los à rendição. Cumpriam-se as palavras de Jesus Lucas 19.43,44.

## O que são as Boas-Novas?

As Boas-Novas são o eterno propósito de Deus de redimir um povo para ele mesmo. Esse propósito, que começou com Abraão, encontra a sua plenitude na Igreja. E a Igreja tem como missão evangelizar e servir, seguindo o exemplo de Cristo em Marcos 10.45 e João 8.37, onde ele diz que não veio para ser servido, mas para servir, e para dar testemunho da verdade.

Principalmente agora que o mundo em que vivemos está tão conturbado, com tantas injustiças sociais, tantos famintos, desamparados e marginalizados, precisamos fazer as duas coisas: testemunhar e servir. A Bíblia afirma que o homem só pode ser justificado diante de Deus pela fé (Ef 2.8,9) e que a fé só pode ser justificada diante dos homens pelas obras (Tg 2.26). Tiago ainda registra, pouco antes, no versículo 18: “Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”.

John Stott, ao tratar do papel da Igreja enviada ao mundo para servir, embora não sendo ela do mundo, afirma:

“Sempre tendemos a cair em extremos: ou estamos tão determinados a viver no mundo e manter contato com os não-cristãos, que chegamos a assimilar idéias e padrões não-cristãos, e então nos tornamos conformados com o mundo por nossa própria culpa (Rm 12.1,2) ou estamos tão determinados a não perder a nossa identidade cristã, que passamos a evitar contato com os não-cristãos no mundo, e, assim, nos isolamos demasiadamente por nossa própria culpa.

“A melhor maneira de evitarmos esses dois extremos — conformidade e afastamento — é nos engajarmos na missão. Pois se nos lembrarmos de que somos enviados ao mundo como representantes de Cristo, não poderemos nos conformar com o mundo (neste caso deixaríamos de ser representantes de Cristo), nem nos isolarmos do mundo (neste caso não haveria ninguém que pudesse representar a Cristo)”. (John Stott comenta o Pacto de Lausanne, ABU e Visão Mundial, p. 13, 14.)

Embora não pertencendo ao mundo, a Igreja tem por missão estar presente no mundo, testemunhando e servindo. Como organismo, a Igreja de Cristo é totalmente contrária à seita dos fariseus ou aos tipos mencionados na parábola do samaritano, o sacerdote e o levita, que fugiram à responsabilidade de socorrer o necessitado.

Para realizar a salvação planejada pelo Pai, Jesus Cristo ocupou-se em intenso treinamento de seus discípulos. A eles caberia o trabalho de levar

adiante o Evangelho.

Em nosso tempo, o Espírito Santo motiva os discípulos a trabalhar da mesma maneira como na época inicial, no primeiro século. Por meio do Espírito Santo, o Senhor continua liderando o movimento dos pregadores do evangelho. E todos os passos atrás mencionados continuam sendo, em seu conjunto, o plano mestre de evangelização. Portanto, o trabalho de evangelização compõe-se de: seleção, associação, consagração, transmissão, demonstração, delegação, supervisão e reprodução.

## **Quais seriam, hoje, os principais inimigos da evangelização bíblica?**

Creio que poderia apontar três inimigos da evangelização bíblica: o evangelho social, o ecumenismo e o proselitismo.

O primeiro deles apresenta ação definida e resoluta na solução dos problemas políticos, econômicos e sociais, deixando em plano secundário os interesses espirituais da pessoa. O seu apelo é por um mundo socialmente melhor, e não por um mundo redimido pelo sacrifício da cruz.

Este tipo de evangelho afirma que agora cabe executar o trabalho educacional e filantrópico, pois a mensagem social é mais oportuna que a mensagem propriamente evangelística.

O evangelho social também afirma que o homem é produto do meio, e que devemos estabelecer o reino de Deus entre os homens pela transformação do ambiente e pela ação social do evangelho. O evangelho social degrada o verdadeiro evangelho porque abole o sangue de Cristo, contradiz o arrependimento, e é apenas terrenal.

O evangelho social contradiz a escatologia, ao esperar um mundo com um fim glorioso por meio da ação social da igreja, esquecendo-se de que a Bíblia diz que o mundo será destruído por pestes, fomes e guerras. Esse evangelho também contradiz a doutrina do pecado ao afirmar que o mal que aflige o homem cessará com a mudança do meio. A Bíblia afirma que o grande mal que oprime as nações é o pecado, e que é no coração do homem que ele nasce (Lv 26.28; Jr 2.25).

Estamos cientes de que cada crente tem uma responsabilidade social, porém não devemos deixar de lado o nosso principal alvo.

O outro inimigo é o ecumenismo, que tem como objetivo estabelecer no mundo uma nova ordem religiosa e social através da união de todos os credos religiosos, como protestantes, católicos romanos, ortodoxo oriental, judaísmo, islamismo, budismo, etc., na tentativa de implantar o reino de Deus na terra. O Concílio Mundial de Igrejas (CMI) é seu grande defensor.

O CMI inclui em seu rol igrejas protestantes, modernistas em geral, e quase todos os ramos das igrejas católicas e ortodoxas orientais. Parece que a missão do CMI é levar os cristãos de volta às trevas de Roma. O seu alvo é uma igreja mundial única, na qual todas as igrejas da letra — protestantes, católicas romanas e ortodoxas e, finalmente, todas as religiões do mundo, venham a fundir-se. Em sua propaganda citam sempre João 17.21. Esse

ecumenismo romano esfria o evangelização.

O terceiro inimigo da evangelização é o proselitismo. Seus adeptos crêem que evangelizar é aumentar o número de membros e fazer crescer a denominação, não importando os meios empregados para alcançar o seu objetivo. Evangelizar, para eles, não é apenas ganhar pecadores para Cristo; é também ganhar membros de outras igrejas.

O proselitismo usa a visitação e os convites a pessoas crentes visando tirá-las de suas igrejas. As falhas das outras igrejas são salientadas, realçando o que há de bom na sua. Isso é falta de amor e respeito para com as igrejas irmãs; é falta de escrúpulo ministerial; não é a verdadeira evangelização.

## Quais seriam as características e os problemas do homem urbano?

A rapidez do crescimento das cidades é um dos mais tremendos aspectos de todo o processo social latino-americano. Estamos frente a um fenômeno cuja transcendência e dinamismo nos interessam porque nele estamos envolvidos.

A igreja precisa conhecer bem esse processo, assim como as condições em que se desenvolve a vida do homem urbano, tudo o que a condiciona, porque ainda que o homem seja o mesmo em sua essência e natureza, o moderno ambiente das cidades lhe acrescenta certos traços peculiares.

A luz de um melhor conhecimento dessa realidade, a igreja poderá compreender melhor o homem urbano, seus problemas, características e aspirações. Isso a tornará apta a realizar as mudanças que sejam necessárias em sua estrutura para enquadrar-se melhor nesse meio, cumprindo assim a sua missão de evangelização e serviço e, sobretudo, ministrando ao homem urbano de forma mais atualizada e eficiente.

Quanto às características do homem urbano, é este, psicologicamente, mais extrovertido, mais sujeito a tensões, mais agressivo, e vítima do anonimato e do isolamento.

Suas características sociais: Mais alienado, o que ocorre com os migrantes do campo. Mais dado ao consumo, devido aos meios de publicidade. Individualista, insensível aos problemas alheios. Maior interesse pelos grupos “secundários” — as associações — tomando o lugar dos grupos familiares.

Suas características morais e religiosas: Grande número de cristãos nominais: os que professam apenas ser cristãos. Moralmente mais flácido e mais secularizado. Confia mais em si mesmo, na ciência e na tecnologia. Fuga rumo ao irracional: loteria, horóscopos, espiritismo, *etc.*

Suas características cívicas e políticas: Maior consciência política. Politicamente mais ativo. Tendência para os grupos de pressão (movimentos sócio-políticos rurais ou urbanos, como CUT, MST, MAST, *etc.*

Os problemas do homem urbano decorrem do acelerado processo de urbanização por que tem passado a América Latina. Embora esse processo tenha trazido algumas vantagens em termos de conforto, ele tem sido a causa de muitos dos problemas que o homem urbano enfrenta, como baixo nível de vida, desemprego e subemprego, residência escassa e inadequada, transporte aglomerado e caótico, novas formas de comunidade.

Tais pressões agravam os problemas familiares, uma vez que a sociedade

urbana não oferece soluções para eles. Eis alguns desses problemas: Desadaptação familiar, família ampla substituída por família “nuclear”, desintegração familiar, tendência à infidelidade, má formação moral dos filhos. O homem urbano enfrenta também uma instabilidade emocional, tendência a traumas e outros transtornos, falta de higiene mental, *etc.* No campo cultural, torna-se receptível à “cultura de massa”, é dominado por estímulos externos e por espetáculos alienados, como futebol, cinema, corridas de cavalos.

Finalmente, no campo espiritual e moral, fica sujeito a ideologias e seitas religiosas alienantes, alcoolismo e drogas, pornografia e corrupção sexual.

## O que é a integração pós-evangelização?

Caro leitor, campanhas de evangelização são feitas dentro e fora dos templos. Convida-se bons pregadores, cantores e pessoas que tenham graça para ajuntar multidões. Porém, quando damos por encerrados esses trabalhos, os resultados deixados ou adquiridos pela igreja tem saldo negativo.

Mas os decididos não foram centenas ou até milhares? Então o que houve? Bem, o certo é que não houve preparo especial do recém decidido. Com a ida do pregador ou equipe que promoveu a campanha evangelística para outra cidade, o novo decidido deixou de ir ao templo. Aí começa a ser sentida a necessidade do trabalho de Integração.

O que é Integração? É tudo que se pode fazer para ajudar o novo decidido a adaptar-se à nova fé, à nova Igreja, ao novo ambiente por ele abraçado. O que é desintegração? É tudo que se faz deixando o novo decidido isolado, sem condições de adaptação ao seu novo ambiente.

Nos trabalhos normais e rotineiros da Igreja, esta deve manter um programa de integração normal. E quando fala-se em trabalho especial de integração, uma equipe especializada deverá encarregar-se dos novos decididos, tudo fazendo para que ele permaneça na Igreja tratando-o como recém nascido espiritualmente.

A criança no processo de crescimento, recebe reflexos de acordo com o ambiente certo e apropriado, para sua faixa etária; espiritualmente é a mesma coisa. O crente terá que receber um trato carinhoso a fim de assimilar o padrão espiritual da Igreja a que passou a pertencer.

A criança no processo de crescimento precisa de alimentação adequada, cuidados de higiene, observação de sua saúde, ajuda para começar a andar, para aprender a falar, e para alimentar-se. É preciso despertar sua vocação escolar e profissional. Observadas estas etapas, a criança tem um desenvolvimento satisfatório e marcha para a idade adulta normalmente. O mesmo acontecerá com o novo convertido.

O ser humano antes e depois da conversão: Antes comia as “bolotas” do pecado. Agora com leite racional (1 Pe 2.2). Antes, sem cuidado com a higiene. Agora é templo do Espírito (1 Co 3.17). Antes, sem cuidado com a saúde. Agora, quem andava por caminhos pecaminosos, estragando a saúde, encontrou um Novo e Vivo Caminho (Hb 10.19,20).

Antes da conversão o homem só dizia palavras desagradáveis. Agora só palavras boas (Ef 4.29). Antes na escola do mal. Agora, aprende as Sagradas

Letras (2 Tm 3.14,15). Antes, trabalhava para o mal. Agora é rei e sacerdote para Deus (Ap 1.5,6).

O novo convertido tem que aprender, saber e viver tudo diferente do que era antes de aceitar a Jesus. Ele precisa ser integrado à Igreja.

Sem o trabalho de integração realizado por Felipe, com o Eunuco da rainha de Candace, encontrado durante a viagem pela estrada de Gaza, sem dúvida que a história da Igreja seria outra. Felipe só deixou o novo crente após seu batismo (At 8.34-38). A partir daí, o Eunuco já podia continuar sua vida espiritual sozinho.

## **Que revelam as estatísticas acerca da violência no mundo?**

Caro leitor, em 16 de outubro de 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) fez um grave alerta através de um relatório detalhado. No mundo inteiro, a violência é a causa de cerca de um milhão e seiscentas mil mortes anualmente. Quase metade destas mortes ocorrem por suicídios. Já os homicídios representam perto de um terço da mortalidade, enquanto um quinto destas mortes se devem a guerras.

O estudo da OMS, realizado em 70 países, levou em consideração quase todas as formas de violência. Pelos dados do relatório, de 10% a 69% das mulheres, em 48 países estudados, de 1982 a 1991, foram vítimas de violência sexual do seu companheiro do sexo masculino em algum momento de sua vida, e mais de um terço dos adolescentes tiveram sua primeira relação sob pressão. O estudo ressalta ainda que em dez países do Caribe, 47,6% das mulheres e mais ou menos 32% dos homens foram vítimas de abusos sexuais em sua primeira relação.

Outro número assustador é que a cada dia, no mundo, 1.424 pessoas morrem assassinadas. Isso quer dizer praticamente uma pessoa por minuto. Deste total, 77% são homens, geralmente com idade entre 15 e 29 anos. O índice de homicídios contra jovens vem aumentando em todas as partes do mundo, especialmente entre aqueles na faixa etária de 10 a 24 anos.

Estudos realizados na Austrália, Canadá, Israel, África do Sul e Estados Unidos mostram que entre 40% a 70% dos assassinatos de mulheres são de autoria do marido ou companheiro. Para os homens, os números são diferentes. Nos Estados Unidos, por exemplo, somente 4% dos assassinatos de homens, de 1976 a 1996, foram perpetrados pela mulher, ex-esposa ou companheira da vítima. Na Austrália, essa percentagem alcançou 8,6%, de 1989 a 1996.

A OMS revela que, no mundo, 3% das mortes estão ligadas diretamente à violência, o que significa o mesmo percentual de mortos devido à tuberculose, e duas vezes menos que o número de mortos em razão da AIDS. Dois por cento das mortes violentas ocorrem nos países ricos e 3,2% nos países de renda média ou pobres, segundo o estudo. A OMS estima em 35 o número de pessoas que morrem, a cada hora, num conflito armado. No século XX, cerca de 191 milhões de pessoas morreram devido a guerras, direta ou indiretamente. A metade delas era civil. Mais de 60% dos suicídios envolvem

homens, sendo esta a quarta causa de mortes entre pessoas entre 15 e 44 anos, destaca o informe.

Antes de falecer em 1662, Blaise Pascal, matemático, filósofo e físico francês, previu para a nossa época o início de uma nova era na qual os homens buscariam automaticamente a perfeição, através de uma vivência baseada unicamente no cérebro e no bom sentimento.

O ilustre e bondoso sábio francês acertou quanto à supervalorização do cérebro em nossos dias, mas não poderia ter cometido maior engano quanto ao exercício generalizado do bom senso. O século vinte foi caracterizado mais pelo exercício dos baixos instintos, pela violência que está presente em toda a parte, do que pela afetividade. E o começo do século vinte e um tem sido muito pior do que o final do século precedente.

## **Teria sido o holocausto o maior ato de violência do século XX?**

Caro leitor, o extermínio de mais de seis milhões de judeus pelos nazistas, em pleno calor da Segunda Grande Guerra, não foi o maior ato de violência do século vinte. Afirmar-se que a implantação do comunismo custou o extermínio de 150 milhões de pessoas detrás da antiga cortina de ferro, e 30 milhões dentro da cortina de bambu.

Também em nossa moderna sociedade, quer seja esta capitalista ou socialista, milhões de adolescentes crescem num meio ambiente moralmente desmoralizado, recebendo as mais perniciosas influências. Em consequência, milhões de menores estão abandonados em todo o mundo, trazendo preocupações sérias a educadores, antropólogos, sociólogos, políticos e líderes religiosos. Quais as causas desse constrangedor estado de coisas?

Há alguns anos, num exame feito em quatrocentos filmes, constatou-se 310 assassinatos, 140 assaltos à mão armada, 74 chantagens, 34 incêndios voluntários, 624 malandragens, 180 testemunhos falsos, 165 roubos, 54 desvios de menores, 192 adultérios femininos e 213 adultérios masculinos.

Ao todo, 1986 crimes, ou seja, quase dois mil exemplos trágicos, levados principalmente à juventude através da televisão. A esse respeito o autor e comentarista de televisão inglês Alistair Cooke disse:

“Os produtores de TV estão sempre atentos àquilo que pode ajudar a vender um produto... se um filme com tiros e famílias neuróticas vender mais detergente do que um drama clássico ou comentários, então eles dar-nos-ão os tiros e as séries.”

Esta mesma autoridade afirmou que a televisão influenciou de tal maneira uma geração de crianças norte-americanas que está “perto do papel desempenhado pelos pais — e ultrapassa o da escola e da igreja”. Um adolescente, aos 15 anos de idade, já viu pela TV cerca de 35 mil assassinatos e outros 200 mil atos brutais.

Sem dúvida, a televisão tem sido a principal escola de violência e a verdadeira universidade do crime. As provas dos efeitos negativos de tais programas inescrupulosos estão diariamente nos jornais, tanto do Brasil como de outros países.

Na Grande São Paulo, por exemplo, novecentos homicídios ocorrem todo mês, e as autoridades não conseguem diminuir esse índice assustador. O mesmo ocorre em outras grandes cidades do Brasil.

Nos EUA, a cadeia de televisão NBC exibiu o filme “Inocência Ultrajada”, no qual a atriz Linda Blair é atacada e estuprada com um desentupidor de pia por quatro moças, no interior de um reformatório. Três dias depois, uma menina de 9 anos foi violentada em circunstâncias semelhantes numa praia de São Francisco por três moças e um rapaz. Presos, os criminosos declararam ter tido a ideia ao ver o filme. A NBC foi processada pela mãe da menor.

Principalmente na era da música *rock*, a violência entre a juventude aumentou em mais de dez mil por cento. Assim, nos EUA, a cada ano mais de cinco mil professores são atacados fisicamente e cerca de seis mil deles são assaltados com violência. Perto de 300 mil alunos jovens e crianças são atacados, e mais de cem mil deles são roubados mensalmente.

## Que diz a Bíblia acerca da violência do ser humano?

Após o massacre de estudantes numa escola do Texas, perguntou-se ao pastor Pat Robertson, do Clube 700, qual era a sua opinião acerca dos motivos da tragédia, e ele respondeu: “As autoridades tiraram a leitura da Bíblia e a oração da escola. O que esperam eles que aconteça agora?” A violência é a falta de Deus na vida das pessoas.

O autor do conhecido *Livrinho do Coração* conclui que o pecado destronou o homem do seu estado de inocência e santidade e o fez pior do que os animais irracionais, descendo mesmo abaixo do nível da criação bruta.

Mas não se pode lançar toda a culpa sobre os jovens e adolescentes. Os pais são, em grande parte, os principais responsáveis pelos atos dos filhos, quando os abandonam à própria sorte ou os trata de forma estúpida.

Na França, de acordo com Françoise Deito, decana dos psicanalistas de crianças naquele país, vinte mil menores, meninos e meninas, morrem anualmente vítimas da violência dos pais. São as “crianças mártires”, expressão dramática de uma agressão física e psicológica que atinge as crianças do mundo inteiro, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

No Brasil, mais de trinta milhões de menores estão abandonados, dos quais muitos milhares perambulam pelas ruas e praças das grandes cidades, cometendo toda espécie de delitos.

Havia nos EUA, nos anos setenta, um milionário sem amigos vivendo em companhia de serpentes e crocodilos. Dizia ele que preferia a amizade desses animais à dos homens, tantas foram as suas desilusões com os humanoides.

Os naturalistas, mesmo os céticos, reconhecem que o ser humano se tem comportado como um terrível depredador da natureza, destruindo impiedosamente sua flora e fauna, e que ele é o único animal que mata sem necessidade, inclusive o próprio semelhante. É grande a lista de animais em extinção por culpa do homem, e gravíssimos os desmatamentos provocados em várias partes do mundo, que colocam em risco a própria sobrevivência da vida neste planeta.

## **E que dizer das guerras, do ódio racial, da intolerância religiosa?**

As duas guerras mundiais do século vinte provocaram a morte de mais de cem milhões de pessoas e exterminaram outro tanto pelas doenças e fomes que originaram. Se recuarmos no tempo, veremos muito sangue inocente derramado em centenas de guerras estúpidas. Mas haveria alguma guerra não estúpida?

As cruzadas, por exemplo, que não levaram a nada, diminuíram a população da Europa, tantas foram as suas vítimas. Ao visitar a Fortaleza de Saladino, no Mar Vermelho, em 1999, disse eu aos demais brasileiros que comigo viajavam, que aquele comandante militar fora responsável por espalhar imensas ossadas de cruzados pelos desertos do Oriente Médio.

Ficaram famosos os jogos romanos. Calcula-se que os combates no Coliseu custavam cerca de trinta mil almas por mês, sem falar em milhares e milhares de animais lançados uns contra os outros depois de provocados a um excitação louco pelo medo, pela fome e pelas torturas, tudo para gáudio de um público ávido de sangue, que incluía desde o imperador até o mais humilde dos escravos.

## É possível ter uma ideia das vítimas do boxer?

Caro leitor, o coração do homem é enganoso e perverso, daí a sua preferência pelos filmes violentos e esportes baseados na luta corporal, resquícios do velho paganismo. Os “gladiadores” modernos, ídolos de grandes multidões, não matam com espadas ou lanças, mas com os próprios punhos, nos ringues, sob os aplausos de plateias inebriadas e realçados pelos lampejos de objetivas e clarões de câmaras de TV.

“Morre boxeador americano que estava em coma”, foi o título de uma notícia de um diário carioca. O texto dizia:

“RIO, 3 — O boxeador meio-pesado americano Beethavean Scotland morreu ontem em um hospital de Nova York em consequência de graves lesões cerebrais. O lutador, de 26 anos, foi nocauteado na semana passada no décimo assalto da luta contra seu compatriota George Khalid. Scotland recebeu uma série de golpes na cabeça, caindo na lona já em coma. Com um cartel de 20 vitórias em 29 lutas, Scotland foi operado duas vezes, mas não recuperou a consciência e acabou falecendo. O lutador tinha esposa e três filhos.

As informações são da agência DPA.” Assim tem sido o boxe, apesar das leis que o regem. Entre 1950 e 1984, nada menos que 335 pugilistas morreram vítimas dos “nocautes”, e alguns deles, em grande agonia, faleceram apenas minutos depois de terem sido “batidos” pelo adversário. E de 1984 para cá podemos juntar mais de uma centenas de novas vítimas.

Pelo fato de recusar-se a reconhecer a sua relação com Deus, o homem abusa de sua liberdade, desvia-se do Criador, perverte sua vida, leva uma existência sujeita ao pecado e deixa de ser autêntico. A luz do pecado desaparece o homem verdadeiro, bondoso, completo e livre, e em seu lugar vemos um ser profundamente alienado, decaído, cruel. Somente o evangelho pode recriar o homem, tornando-o uma nova criação em Cristo Jesus, por obra do Espírito Santo.

Outra notícia que chocou muita gente dizia respeito ao racismo de um guerrilheiro rodesiano, que afirmou: “Eu atiraria em Jesus”, interrogado acerca de sua declaração, esse guerrilheiro disse que assim faria pelo fato de Jesus ser “um homem branco”. Convém salientar que ninguém — nem mesmo Jesus — vivendo no clima palestino, poderia considerar-se um “homem branco”.

O preconceito racial nunca se ausentou da história humana. Sempre houve um povo que se julgasse superior aos outros. Os próprios germânicos, outrora considerados bárbaros pelos civilizados, incorreram no mesmo pecado de

orgulho nacional, ao tentarem, sob o nazismo, exterminar os que julgavam uma ameaça à pureza do seu sangue ariano.

As vítimas de tais preconceitos não se podem contar, tão grande é o seu número.

A Bíblia afirma que Jesus veio fazer a paz entre os homens, através da reconciliação deles com Deus, “porque para com Deus não há acepção de pessoas”. Jesus morreu por todos — brancos, amarelos, pretos, ricos, pobres, sábios e ignorantes — e, diante do trono do Cordeiro, João viu remidos de “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Rm 2.11; Ap 7.9).

## Que tipo de riscos há nas pesquisas genéticas?

Antes de ser lançada a missão Apoio 11, em 1969, os cientistas do programa espacial imaginaram a possibilidade de a tribulação trazer do espaço alguns microorganismos desconhecidos e talvez mortais. A NASA tomou precauções incríveis a fim de evitar essa ameaça, chegando mesmo a isolar os astronautas durante três semanas. Hoje, os cientistas ainda temem epidemias causadas por micróbios monstros, mas não os microorganismos da Lua, pois a nova ameaça está aqui na Terra e é chamada de engenharia genética.

Os engenheiros genéticos têm a capacidade técnica de extrair o DNA — a molécula principal da hereditariedade — de um organismo e misturá-lo com o DNA de outro organismo. De modo geral, isto torna possível a criação, da noite para o dia, de organismos híbridos que jamais existiram antes.

Um dos maiores receios relaciona-se às experiências com E. Coli, bactéria geralmente encontrada nos intestinos humanos e um microorganismo comum nos trabalhos de laboratório.

O que é possível com as novas técnicas de enxertos de genes é criar uma bactéria E. Coli que contenha o DNA de um animal (em uma experiência, o DNA de um sapo sul-africano foi introduzido na bactéria). Segundo os cientistas, isto poderia produzir uma bactéria causadora de câncer e, neste caso, uma bactéria habituada a viver dentro das vísceras dos seres humanos.

Outras experiências envolvem a introdução do traço de resistência a antibióticos em vírus. Se esses vírus escapassem de um laboratório, teríamos uma epidemia tipo Raça-Andrômada, difícil de controlar.

A fim de estabelecer diretrizes para as pesquisas na engenharia genética, 140 cientistas de 16 países se reuniram na Califórnia em 1976 e resolveram que experiências com certos organismos altamente contagiosos de doenças fatais eram demasiado perigosas para serem realizadas. Também começaram a estudar a criação de organismos de pesquisas que “se auto-destruíssem”, caso escapassem de um laboratório.

Mesmo assim, as diretrizes estabelecidas na conferência da Califórnia não podem, de forma alguma, controlar todas as pesquisas genéticas que estão em andamento no mundo. E há sempre a possibilidade de descuido em algum laboratório, em alguma data futura, desencadeando uma legião de micróbios mutantes.

Segundo a Bíblia Sagrada, nestes últimos tempos em que vivemos “os

homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se desses também” (2 Tm 3.1-5).

## Que dizem as estatísticas acerca do aborto em todo o mundo?

Meu caro leitor, as estatísticas recentes indicam a ocorrência de 4.257 abortos por dia nos EUA, o que ultrapassa a casa de um milhão e meio por ano. Para cada cinco nascimentos há dois abortos. Em todo o mundo, o total de abortos provocados é de 54 milhões por ano. Esse montante significa que a cada segundo mais de 16 preciosas vidas são ceifadas!

Esses impressionantes números revelam pelo menos três fatos: a irresponsabilidade de namorados que encaram o sexo como apenas uma diversão, a ignorância dos parceiros que não sabem evitar a gravidez não desejada (ou o descuido deles), e o esfriamento do amor, de que falou Jesus, que haveria de ocorrer no final dos tempos.

O que diria um indefeso feto, que não pediu para ser gerado, se pudesse falar? Talvez fosse este o diário dele:

Primeiro mês: Hoje comecei a viver. Hoje eu comecei a existir, como pessoa humana — imagem e semelhança de Deus. Apesar de que eu não entendo o que quer dizer tudo isto, mas eu sinto qualquer coisa.

Segundo mês: Nestes dias, pela primeira vez, sinto o ar de primavera. Minha mãezinha foi comigo, pela primeira vez, longe da cidade. Que diferença! Na escura cidade cheia de fumaça a gente quase se afoga, por isso a viagem de minha mãe para aspirar o ar puro do campo — onde também eu posso respirar o ar puro — para mim é uma graça de Deus.

Como deve ser lindo este mundo! A mamãe diz que as árvores estão se cobrindo de inocentes folhas verdes, a terra está sendo coberta por um belo tapete colorido de verde com diversas flores, o céu azul, e o sol brilhante anunciam a chegada do verão. Eu, impaciente, espero este momento, quando poderei ver estas maravilhas com os meus olhos, mas agora ainda devo estar paciente e bonzinho.

Terceiro mês: Sinto que cada dia me torno mais forte. Estou crescendo e cada vez mais pareço com minha mãe e meu pai. Enfim, como uma pessoa humana. Começo a entender melhor as coisas, que o mês passado nem podia imaginar. Sinto que dentro de mim começa a bater com maior força alguma coisa. A mamãe diz que é o coração.

Oh! Como eu amo a minha mãezinha que me carrega no ventre. Eu não sei como poderei agradecer-lhe por este grande dom — a vida. Quando chegar este belíssimo momento e eu puder ver este mundo, desejarei consagrar toda a

minha vida para o bem da humanidade, da qual sou um membro. Eu prometo ser sempre bom, não fazer mal a ninguém e não deixar ninguém triste.

Quarto mês: Hoje é o primeiro dia do mês. Eu escutei a voz da mamãe que ainda terei que esperar seis meses por este momento, quando Deus me chamará para a luz, mas meu pai não está concordando com isto! Escutei uma grande discussão entre os meus pais. Esta discussão está começando a perturbar-me. Seria eu o motivo do desentendimento deles?

Se eu sou o motivo, não entendo por que... Não pedi para vir a este mundo. Em todo o caso, ó Deus! Seja bom para eles, não mande castigo. Hoje minha mãe vai me matar...

## **Como tem sido a atuação do movimento ecumênico no Brasil?**

O movimento ecumênico internacional tem lançando suas raízes no Brasil através da circulação de publicações da fundação do Centro Ecumênico do Rio de Janeiro e de Curitiba, fundado em 1967, e da filiação direta ou indireta de várias entidades protestantes, como: Confederação Evangélica do Brasil, Sociedade Bíblica do Brasil, Centro Audiovisual Evangélico e Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos.

Posteriormente foi criado em São Paulo o Conselho Nacional de Igrejas, inicialmente constituído das denominações: Episcopal do Brasil, Luterana, Metodista do Brasil, Cristã Reformada, O Brasil para Cristo e Católica Romana. Esta entidade está vinculada ao CMI.

Como tem acontecido em todo o mundo, o ecumenismo continua exercendo cada vez maior influencia no meio evangélico brasileiro como decorrência natural do estado lastimável de algumas áreas do protestantismo. Essa decadência chegou ao ponto de fazer que alguns teólogos liberais se movimentassem na Europa no sentido de obterem do Papa o perdão para Martinho Lutero, pelo “crime” de ter-se afastado das doutrina romanistas e anunciado a mensagem bíblica da justificação pela fé.

O Conselho Nacional de Igrejas, que cumpriu planos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, responsável pelos estudos nesse sentido, tem a intenção de levar de volta ao seio romanista os “irmãos separados”, para usar a terminologia de João XXIII.

Antes de Lutero, Roma não dialogava com os cristãos dissidentes, mas fazia prevalecer a sua férrea autoridade. De 1200 a 1250 ela exterminou um milhão de albigenses. Depois queimou na fogueira Savonarola, Hus, Jerônimo de Praga e milhares de outros. Pouco depois do Concílio Tridentino, na noite de São Bartolomeu, 24 de agosto de 1572, o catolicismo exterminou da maneira mais selvagem cerca de cem mil protestantes franceses, ao ponto do rio Sena correr vermelho.

Da parte do Vaticano, nenhum passo foi dado em direção ao protestantismo, desde a Reforma. Pelo contrário, novas doutrinas, igualmente antibíblicas, foram incorporadas ao credo católico-romano.

Roma não mudou, e os que estudam de perto seus objetivos sabem muito bem que o ecumenismo por ela pregado tem certa ligação, por enquanto ainda indireta, com o CMI. O clero romano, por força da sua exegetica, arroga para

sua igreja o direito e o dever de um domínio político espiritual de âmbito mundial, segundo as pretensões dos papas Gregório III, Inocêncio IV e outros eclesiásticos dos séculos X a XII.

Embora doutrinariamente muitos protestantes liberais estejam cada vez mais propensos a se subordinarem à hierarquia romanista, a fragmentação existente no seio do protestantismo continua sendo um sério entrave aos objetivos católico-romanos. Somente aproximados, ou mesmo agrupados numa só organização (no caso o CMI), os evangélicos poderiam ser mais eficientemente influenciados por Roma, que astuciosamente lhes chama de “irmãos separados”.

## Como os evangélicos brasileiros têm reagido diante da pressão exercida pelos ecumenistas?

É interessante notar que os próprios líderes católicos romanos têm tomado a iniciativa de se aproximarem dos protestantes, principalmente através das chamadas semanas de oração pela unidade cristã. Quando uma dessas semanas se realizou no Rio de Janeiro, um dos oradores, o Rev. Kurt Klemann, da Igreja Episcopal, proferiu esta frase que se tomou preponderante durante a semana ecumênica: “É difícil ser cristão no século XX, sem ser ecumênico”.

Comentando esta frase, o Rev. S. Lyra afirmou: “Compactuando com esse ecumenismo espúrio que nada tem de ecumênico, é difícil ser cristão, no século XX, e ser ecumênico”.

Lamentavelmente, é esta a situação em que se encontram certos setores do evangelismo brasileiro. Mais lamentável ainda é o fato de esses ecumenistas protestantes não estarem percebendo o verdadeiro objetivo do Vaticano, que é o de submeter todos os “irmãos separados” à autoridade ditatorial do papa. Este, com toda a perspicácia que lhe é peculiar, está procurando ganhar a confiança e a liderança dos evangélicos de todo o mundo. Eis o que disse Paulo VI em 18 de janeiro de 1967:

“Somente ousamos enviar a todos os irmãos separados de boa vontade, um bom desejo com humilde e sincera palavra: não temais aquele que sabe se comportar como autêntico representante de Cristo.” (O Estado de São Paulo, edição de 19 de janeiro de 1967.)

As significativas palavras do rev. W. H. Guiton são bem adequadas aos ecumenistas do Brasil:

“Os líderes ecumênicos torna-se-ão brevemente escravos do Vaticano, já estão trabalhando em favor de Roma pelo fato de, a pedido do papa e da Cardeal Béa, estarem tentando unificar organicamente o protestantismo mundial. O papa sabe que sem um protestantismo unificado ele jamais governará a humanidade.

“O papa também está tentando dominar a Igreja Ortodoxa, com a ajuda, principalmente, do patriarca Atenágoras. (O Presbiteriano Bíblico, São Paulo, edição de fevereiro de 1966.)

Sob o título *João Paulo II acha escandalosa a divisão entre os cristãos*, um jornal brasileiro registrou: “O Papa João Paulo II declarou que as divisões entre os cristãos são “um escândalo intolerável,” e acrescentou: “Contudo, nossa presse em alcançar a unidade, nosso desejo de pôr um fim ao intolerável

escândalo, que são as divisões entre os cristãos, pedem que evitemos toda a precipitação e zelo imprudente que possam ameaçar o progresso da unidade.”

O Pontífice disse que era doloroso para os cristãos de diferentes denominações não poderem assistir juntos a uma missa ou participar da comunhão. No entanto, acrescentou: “Esse sofrimento deve servir de estímulo para que nos empenhemos em superar os obstáculos que nos impedem de reunirmos nossas comunidades divididas em uma comunidade e em um mesmo rito sacramental”. (*O Diário de Pernambuco*, edição de 19 de novembro de 1978.)

## O que é sincretismo religioso?

Na sua reunião em Nova Delhi, o Concílio Mundial de Igrejas foi bem mais além do que procurar uma fusão das igrejas chamadas cristãs. Ele acentuou a necessidade de uma só igreja para o mundo, e diversos líderes se manifestaram a favor do sincretismo. Esta palavra define "unão de crenças em conflitos, especialmente crenças religiosas".

A este respeito disse o bispo G. Noth, da Alemanha, membro da Comissão Central do CMI e da Comissão da Divisão de Ação Ecumênica, e também membro da Comissão da Juventude:

“Dentro da Igreja Cristã sempre se tem levantado o perigo de, ao procurar estabelecer ou proclamar o caráter único de seu Senhor, desprezar todas as outras luzes e depreciá-las.

“Não é esse o caminho de Jesus, de modo algum. Ele não considerou o mundo como sendo igualmente entenebrecido em todos os lugares... Existem luzes e no mundo, isso podemos dizer sem hesitação. E as pessoas que fazem qualquer coisa para combater as trevas do mundo como piedosos buscadores de Deus, como profundos pensadores, ou como poderosos modeladores da vida humana...

“Não podemos evitar a pedra de tropeço que isso pode levantar, fingindo que Ele é apenas uma luz entre outras. Ele não tem a intensão de competir com as luzes deste mundo.”

No mesmo sentido pronunciou-se Jürgem Moltman em agosto de 1972, perante o Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas, em Utrch:

“O caminho a ser tramado pelo movimento ecumênico parece bem claro: inicialmente levou do anátema ao diálogo e, em seguida, do diálogo à cooperação entre igrejas separadas em instituição ecumênicas. Agora, deverá levar da cooperação entre igrejas separadas à tolerância e à eliminação de diferenças, às diferenças em comunhão.

“O relacionamento conciliar não significa uma vida sem conflitos, mas sim uma vida que contém dentro de si contradições que suporta a luta por resolvê-las. Quando isto se realizar, estará aberto o caminho para a unidade da Igreja no seu credo, no sacramento e na ação política.” (Documento n.º. 47 do CEI — Centro Ecumênico de Informação, março de 1973.)

O pensamento do Motman assemelha-se o de Jonas Resende, pastor presbiteriano do Rio de Janeiro, autor do livro *Deus fora do Espelho*:

“Creio no Ecumenismo como podereosa força de transição. Vejo nele a

irreversibilidade do processo evolutivo e a verdade incontestada de que da polêmica ao diálogo, o passo é gigantesco e significativo. Não gosto do ecumenismo demagógico, ecumenismo oposto ao comunismo ou a qualquer outro tipo de força ateísta ou anticristã, uma vez que os ateus não existem e o próprio Cristianismo é apenas um caminho.

“Ainda assim, porém, ousou parafrasear Paulo: “Que importa que seja por contenda, vanglória, demagogia ou medo? Importa que o ecumenismo seja vivido. (Jornal *O Fluminense*, edição de 4 de junho de 1978.)

## Que tipo de caráter possuía a chamada teologia da libertação?

Em linhas gerais, os propagadores da teologia da libertação defendiam a ideologia socialista e adotavam um programa revolucionário dentro de uma perspectiva marxista. Acreditavam que podiam unir-se em “aliança estratégica” com revolucionários e marxistas não dogmáticos, a fim de promover a revolução social na América Latina.

A teologia da libertação não usava o termo *teologia* no seu sentido clássico. Segundo um dos pioneiros desse movimento, nele o termo *teologia* possuía conotação bem distinta, como “uma reflexão crítica da práxis cristã à luz da Palavra”. (G. Gutierrez, *A Theology of Liberation*, N.York, Orbis Books, 1973, p. 13.)

Essa “práxis cristã”, entretanto, não era só ação separada do pensamento ou da teoria, mas ação guiada pelo pensamento e comprometida com uma reavaliação constante de atitudes e teorias, e uma recondução de ações com base nessa reavaliação.

Os liberacionistas, entendendo esse novo sistema teológico como tentativa de reflexão baseada tanto no Evangelho quanto nas experiências de pessoas comprometidos com o processo da libertação dos oprimidos latino-americanos, nasceu “da experiência de esforços comuns para abolir a atual situação injusta e criar uma sociedade diferente, mais livre e mais humana”. (Idem, p. 9.)

Joseph Ratzinger, eleito papa Bento XVI em 2005, quando era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, disse que o que mais assusta na teologia da libertação é o fato de ela não se assemelhar a uma heresia. Como fenômeno universal que aparece em diferentes partes do mundo, o liberacionismo é a prova de que um erro é tanto mais perigoso quanto maior o núcleo de verdade que ele contenha. Mas, que verdade contém esse fenômeno?

Considerando a análise marxista da história como chave para se entender a doutrina cristã, os liberacionistas revelavam uma lógica quase invencível. Ratzinger disse que, embora seja difícil aceitar a possibilidade de que a realidade global do cristianismo possa ser esgotada num esquema sócio-político de libertação, muitos teólogos liberacionistas continuam usando a mesma linguagem ascética e dogmática da igreja católica.

Considerada, então, como uma reflexão sobre a prática libertadora dos grupos comprometidos na América Latina, esse movimento de finalidades

libertadoras se origina nos cristãos engajados e comprometidos na promoção humana e na transformação da sociedade.

Leonardo Boff salienta que a teologia da libertação quer refletir as implicações das práticas históricas, sociais e transformadoras no contexto da Igreja. “Tal teologia”, afirma Boff, “não nasceu da cabeça de teólogos nem de cátedras e de universidades, mas das práticas de cristãos engajados, vivendo a contradição fundamental da nossa sociedade, que é a presença de grandes maiorias muito pobres ao lado de pequenas minorias muito ricas... A teologia da libertação pretende criar uma prática teórica de reflexão e uma prática eclesial e política que ajude a elaborar uma alternativa para a atual sociedade em que vivemos”. (Diário de Pernambuco, Recife, 29 de outubro de 1978. O referido cardeal foi eleito Papa em substituição a João Paulo II.)

## Qual a origem do ovo de páscoa?

As antigas doutrinas babilônicas ensinam que Tamuz foi morto por um javali, e por isso se observavam quarenta dias de jejum e pranto até à festa de Istar, que corresponde à páscoa dos judeus e da cristandade. Ao fim da quaresma ocorre a ressurreição de Tamuz. Esta “ressurreição” era comemorada com frangos, ovos e coelhos. A páscoa moderna tem por símbolos aceitos em todo o mundo o ovo e o coelhinho.

Com o correr do tempo, muitas festas e tradições surgiram e chegaram até nós, através da cultura de muitos povos e países diferentes. A palavra “easter” (“páscoa”, em inglês), parece que vem da deusa anglo-saxônica da primavera, Eostre, derivada da Istar babilônica. Outros atribuem sua origem às festas de Eostur, que celebram a volta da primavera, também uma antiga tradição babilônica.

No hemisfério Norte esta festa corresponde ao princípio da primavera, e por isso esse dia é festejado de muitas maneiras e de acordo com os mais diferentes ritos pagãos. Muitos séculos atrás os sírios, troianos e nórdicos reuniam-se nos montes, ao amanhecer, a fim de celebrar a volta do sol da primavera.

O ovo, significando começo, origem de tudo, abriu o caminho para outras tradições. Ele está presente na mitologia antiga, nas religiões do Oriente, nas tradições populares e numa grande parte da cristandade. Segundo alguns, a tradição dos ovos na comemoração da páscoa chegou ao Ocidente vinda do antigo Egito e, segundo outros, através de povos germânicos da região do Báltico.

Na Idade Média, os europeus adotaram o costume chinês de enfeitar os ovos, que eram cozidos e coloridos, e davam-se aos amigos na Festa da Primavera, como lembrança de contínua renovação de vida. Colorir os ovos se tornou arte requintada. Eram cozidos com tintas vegetais até endurecer. A fruta do tojo fornecia a cor amarela, e a beterraba o vermelho.

No século XVIII, a Igreja Católica Romana adotou oficialmente o ovo como símbolo da ressurreição de Cristo, santificando-se desta maneira um uso originalmente pagão, e pilhas de ovos coloridos começaram a ser benzidas antes de distribuídos aos fiéis.

O coelho, como símbolo da fecundidade, apareceu por volta de 1215, na França, derivando-se também dos mistérios babilônicos. Uma mistura de mitologia pagã com a simbologia cristã paganizada.

A partir de 1928, quando o cacau começou a ser industrializado em larga escala, os enfeitados ovos de galinha foram substituídos pelos de chocolate, e assim continua o antigo costume pagão de presentear com ovos os amigos, na páscoa.

Em 1951, o papa Pio XII introduziu modificações na festa da páscoa numa tentativa de restituir-lhe o esplendor religioso, transferindo a missa que era celebrada no sábado de aleluia para a meia-noite, na passagem para o domingo. O sábado, como preparação para a páscoa, foi chamado de sábado santo. A partir do mês de novembro, o romanismo impõe ainda a seus fiéis, como preparação para a festa, uma série de ensinamentos sobre os sacramentos. A quaresma, através da penitência, é considerada de grande valia no preparo do povo.

# BIBLIOGRAFIA

**A Bíblia Explicada.** 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 93.

ADAM, Barry D. **The Rise of a Gay and Lesbian Movement.** Boston: Twayne Publishers, 1987, p. 1.

BASSIS, Michael S.; GELLES, Richard J., LEVINE, Ann. **Sociology: An Introduction**, 2nd Ed. Nova York: Random House, 1984, p. 19.

BENT, Charles. **O Movimento da Morte de Deus.** Lisboa: Moraes Editores, 1968, p. 296, 297.

COSTA, Jefferson M.; ANDRADE, Claudionor de; Moreira, Gilberto e COUTO, Geremias do. **A Mensagem Oculta do Rock.** Rio de Janeiro: CPAD, 1986, p. 151.

CRUZ, Elaine. **Crescendo em Família.** Rio de Janeiro: Betel, 1996.

GREENBERG, David F. **The Construction of Homosexuality.** Chicago, Tere University of Chicago Press/Chicago & Londres, p. 302-304.

Gutierrez, Gustavo. **Teología de la Liberación. Perspectivas.** Salamanca: Ediciones Sigueme, 1972, p. 196.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 280, 281.

JONES, E. Stanley. **Conversão.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1984, p. 209.

LIMA, Oliveira. **História da Civilização.** São Paulo: Editora Nacional.

MARTIN, Walter. **Como Entender a Nova Era.** São Paulo: Editora Vida.

RÓNAL, Paulo. **Dicionário Universal de Citações.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 434.

SCOTT, Benjamin. **As Catacumbas de Roma.** Porto, Portugal: Editora Progresso, 1923, p. 7.

STEVENS, John Robert. **Princípios Elementares de Doutrina.** Sepulveda: Califórnia, 1959, p. 46.

WHITAM, Frederick L. e MATHY, Robin M. **Male Homosexuality in Four Societies.** Nova York: Praeger, 1985, p. 9.

WHITAM, Frederick L. e MATHY, Robin M. **Male Homosexuality in Four Societies.** Nova York: Praeger, 1985, p. 139, 141.